

PÁSSARO DE PEDRA

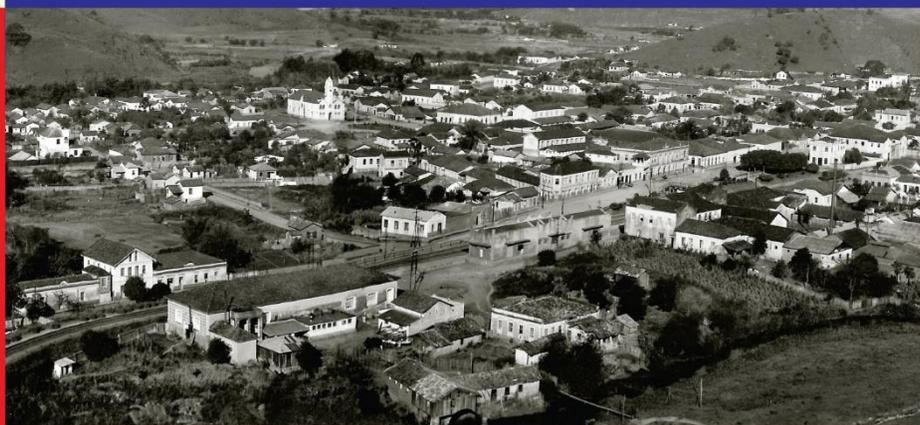
ITANHANDU

ROTEIRO LÍRICO

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

1923

2023



DILZA PINHO NILO

PÁSSARO DE PEDRA

ITANHANDU – ROTEIRO LÍRICO

DILZA PINHO NILO

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

1923 - 2023

Copyright @2023, Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo

Capa: Cláudio Rubens Pinho Nilo

Revisão: Luciano Pinho Nilo e Pedro Cunha Neto

Ilustração fotográfica e projeto gráfico: Pedro Cunha Neto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nilo, Dilza Pinho

Pássaro de pedra : Itanhandu : roteiro lírico /
Dilza Pinho Nilo. -- 2. ed. -- Itanhandu, MG :
Ed. da Autora, 2023.

ISBN 978-65-00-79198-3

1. Itanhandu (MG) - História I. Título.

23-170363

CDD-981.51

Índices para catálogo sistemático:

1. Itanhandu : Minas Gerais : Estado : História
981.51

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro foi impresso pela Gráfica Serra da Mantiqueira
Itanhandu – MG
2024

Todos os direitos reservados à
Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização da
Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.

Os cientistas dizem
que somos feitos de átomos.
Mas um passarinho me contou
que somos feitos de histórias.
(Eduardo Galeano)

Agradecimentos

Agradeço, em nome da família de Dilza Pinho Nilo, aos itanhanduenses, de nascimento e de coração, cujos nomes estão listados ao final deste livro, que patrocinaram esta 2ª Edição ilustrada do livro Pássaro de Pedra – Itanhandu – Roteiro Lírico, em comemoração ao Centenário do Município de Itanhandu e, coincidentemente, da Autora. Dilza Pinho Nilo nasceu no dia 7 de setembro de 1923, no exato dia em que a Vila de Itanhandu se emancipou, se tornou Município.

Agradeço à Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo, na pessoa de sua Presidente, Edna Villas Boas Scarpa, pelos eventos culturais que patrocinou em homenagem ao Centenário de Dilza Pinho Nilo e à própria Autora, como a realização do histórico desfile da Fundação no dia 7 de setembro de 2023.

Agradeço ao genial Pedro Cunha Neto pela ilustração fotográfica, projeto gráfico e doação de pequena parte do seu enorme acervo da história de Itanhandu. Mas agradeço, principalmente, a sua doação imaterial, como companheirismo, generosidade e empenho, além de inúmeras horas tiradas do descanso e do sono para o trabalho na edição do livro. Pedro se dedicou totalmente ao projeto e fez e faz tudo que está ao seu alcance quando o que está em jogo é o registro da história itanhanduense! Esse total desprendimento não tem preço.

Agradeço ao meu talentoso irmão Cláudio Rubens por seu excelente trabalho na confecção da capa do livro, pelas inúmeras sugestões na diagramação do livro e pela coordenação da arrecadação de contribuições espontâneas de amigos de Itanhandu, as quais tornaram possível a realização desse projeto, um sonho antigo.

Agradeço à minha amada filha Patrícia, que, com amor, se empenhou na garimpagem de várias fotos usadas neste livro, bem como pelo seu trabalho de restauração em muitas delas.

Agradeço aos queridos sobrinhos Carol e Conrado toda a sua dedicação na comemoração do centenário de sua avó, tudo feito com muito trabalho, criação e um carinho imenso.

Agradeço à Biblioteca Municipal Ênio de Souza Brito, nas pessoas de Dirceu Guedes da Cunha e Diego Círio Nogueira, pela presteza e boa vontade com que atenderam os pedidos de busca por fotografias antigas.

Aproveito para louvar a comunidade itanhanduense, exemplo ímpar de unidade e determinação, que sempre esteve à frente na construção de nossas grandes obras, como, em 1919, o Gymnásio Sul Mineiro, hoje Colégio Estadual Professor Sousa Nilo, iniciativa visionária de nossos líderes quando Itanhandu

nem era município, em 1943 a Santa Casa, hoje Casa de Caridade Dr. Rubens Nilo, e, em 1956, a nossa imponente e majestosa Igreja Matriz, entre outras tantas realizações.

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, prestaram seu auxílio e colaboração para que esta edição do livro Pássaro de Pedra pudesse existir, enriquecida com fotos históricas, cujos direitos autorais foram doados pela nossa família à Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.

A todos, o meu mais sincero muito obrigado.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Luciano Pinho Nilo', with a stylized flourish at the end.

Luciano Pinho Nilo

Caminhando com minha avó

Falar sobre a escritora Dilza Pinho Nilo, contabilizando datas e enumerando obras, não é tarefa difícil, os números se cristalizam e não se escondem ao pesquisá-los. Já falar de minha vó Dilza, tentando compor o inventário de suas atenções e carinhos, catalogando sentimentos, é tarefa complexa, a memória é fluida, furtiva, e a proximidade afetiva embaça um pouco a visão.

A escritora articulada, sensível e discreta, ampliou nossos mundos com sua escrita, valorizou a arte e a educação. Costurando palavras, contou a história da nossa cidade; unindo pessoas, incentivou o diálogo e participou ativamente da assistência aos mais pobres. Mas falemos um pouco de minha vó, ou antes, de minha avó em mim.

Eu passava a maior parte das férias em sua casa, era parte da agitação com os muitos primos e tios, todos recebidos com abraços, beijos e sorriso no rosto. Ela gostava da casa cheia, mas prezava seus momentos de quietude. As manhãs pareciam então mais claras; as risadas, mais altas; e o tempo, esquecido, se alargava para caber aquela alegria distraída.

Às vezes, ela gostava de me incluir em sua programação, e eu, orgulhosa e feliz, a acompanhava na missa ou em uma de suas visitas. Durante quase 12 anos de convívio, aprendi com ela a gostar de anjos e de palavras. As palavras me aproximaram da Comunicação, que tomei como meio de vida, e os anjos - que passei a colecionar como ela - me acercaram da fé e da presença de Deus no coração, uma benção para os dias difíceis. Também com ela testemunhei a tranquila força da união conjugal, seu papel decisivo no enfrentamento das lides da vida: sua relação com meu vô Rubens, homem de temperamento a um só tempo forte e amoroso, seu maior incentivador, conferia à paz doméstica a base de onde podia se lançar nos voos do pensamento.

Quando minha avó partiu, em 1990, não imaginava que ela ainda ocuparia um espaço tão importante, tão presente em minha vida. Por ocasião das várias homenagens pelo centenário de seu nascimento, em 2023, reli sua obra e mergulhei em seus diários, ainda inéditos. Nunca estivemos tão próximas! Durante as leituras, sentia como se conversássemos, um diálogo profundo que nos aproximava e que transformava o meu pensamento sobre a vida. Está lá, no seu livro 'Jeito de Amar': "Ponho-me a mim mesma nestas crônicas, que são um pouco do meu cotidiano, embrulho-me nelas para que cheguem como um presente ao

coração do outro, esse o meu válido pretexto”. Sentir a minha avó viva em minha vida foi o maior presente que ela me legou.

Agora adulta, ela me toma novamente pela mão, me ensinando a prestar atenção, a estar a serviço da atenção, a torná-la possível, a estar presente. Assim ela fazia, sempre atenta ao cotidiano e ao outro. Pelo fio invisível da sua escrita, minhas atitudes e minha relação com a cidade se transformaram. O gosto pelas palavras cresceu ainda mais, como também aumentou minha admiração pelo poder de sua transcendência.

Em um de seus diários, o registro: “Já me conscientizei que trabalho, para mim, significa algo que alcance o próximo, que se projete além da ação passageira, que saia de algum dom ou de alguma doação para ter uma ressonância mais fixa, mais durável. Será ousar muito?”. Não, vó. Seu trabalho ainda me impacta, ressoa em mim, toca muitas pessoas. A forma como viveu e narrou a vida me inspiram. Acompanhando as suas mensagens, vou modulando as minhas; lendo suas histórias, realinho o meu roteiro.

As sementes que plantou seguem viajando pelo espaço e pelo tempo, frutificando no ciclo bonito da vida. A reedição deste livro – 'O Pássaro de Pedra – Roteiro Lírico de Itanhandu', obra em que conta a história da nossa cidade, filtrada por sua sensibilidade, é uma dessas sementes, e esperamos que germine em muitos mais espíritos, mostrando com amor o nosso passado, buscando construir um futuro com respeito e carinho por quem veio antes de nós.

E, assim, lá vai Dilza Pinho Nilo, D. Dilza, minha vó Dilza, como leio em outro de seus diários: “Aqui vou com meus livros, poemas principalmente, os alheios aos meus. Eles me transportam a uma eternidade flutuante, etérea e desfruto de uma beleza solitária, elos de uma corrente que paira acima de nós. A criatividade é o amálgama do espírito com Deus. Se a canção não for composta, quem a cantará?”.

Obrigada por tudo e por tanto, vó Dilza, te amo infinitamente.



Caroline Nilo

Esculpir o tempo

Gostaria de começar dizendo que fui pego de surpresa com a incumbência de escrever um texto para esta nova edição, agora ilustrada, do livro *Pássaro de Pedra*, de minha Vó Dilza, mas não estaria sendo sincero, pois a verdade é que pedi para escrever e, neste momento, diante de tamanha responsabilidade, as palavras me fogem. Bem feito pra mim. Quem mandou ser bocudo? Mas, vamos lá.

Tenho poucas lembranças com minha avó, sou o neto caçula, mas, mesmo assim, Vó Dilza se faz tão presente em tantos momentos que, através de suas palavras e versos, a conheço muito bem, e tenho orgulho imenso de ter trabalhado por três anos na Fundação que leva o seu nome. Cresci rodeado, na casa dos meus avós, de fotos do mundo inteiro, lugares que eles haviam visitado durante a vida, Japão, Índia, China, Europa, África, Oceania, todas as Américas. Tenho essas imagens até hoje guardadas na memória como uma janela para o mundo a ser explorado por nós, netos e netas, e essa é a sensação que tenho ao retornar à minha infância através das lembranças daquele tempo na casa dos meus avós. Vivi ali os momentos mais felizes da minha vida em um lar esculpido ao longo do tempo com afeto e esmero, e as fotos nas paredes de viagens a lugares distantes eram como janelas para o mundo a nos dizer: “Aqui é o seu Lar e o Mundo é o seu Quintal. Voem!!!”. Não à toa nós voamos, Japão, Índia, Canadá, Alasca, China, Peru, Portugal, EUA, Irlanda, Colômbia, Alemanha, Espanha, incentivados a voar pela certeza do retorno ao berço, agarrados na segurança de ter um lugar de regresso. Estimulados pela descoberta do desconhecido, vamos esculpindo o tempo das nossas vidas, a exemplo de nossos avós.

Desta forma, se enxergarmos a vida como uma pergunta, o que fazemos dela é, então, a nossa resposta, a ser esculpida ao longo do tempo em forma de matéria viva. Vó Dilza apresentou sua resposta em verso e prosa, poeticamente, esculpindo seu tempo na delicadeza das palavras e na ternura de suas ações, movida pelo sentimento de amor ao próximo. Seus atos ao longo da vida deixaram um legado e uma lição de que, se quisermos mudar o mundo, devemos começar pela nossa terra, mudando a nossa realidade, criando e transformando a nossa vizinhança, e conhecer nossa história é parte fundamental nesta empreita.

Esse livro é um exemplo. Mesmo depois de tanto tempo de sua primeira publicação ainda se faz relevante e único, não só pela referência histórica que se tornou para pesquisas e estudos mas, também, pela poesia das palavras que, ao mesmo tempo que registra o passado e a história, o faz artisticamente, em um roteiro lírico, gerando, assim, uma nova obra de Arte, original. *Pássaro de Pedra* é

uma ode ao Lar, ao berço, às raízes, ao lugar de nascimento, é uma declaração de amor a Itanhandu e às nossas origens e, mais do que isso, fincada no exemplo daqueles pioneiros, é uma mensagem perene às futuras gerações, dizendo: Nosso Mundo a gente é quem faz!

A handwritten signature in black ink, reading "Conrado S. Nilo". The signature is written in a cursive, flowing style.

Conrado Scarpa Nilo, neto caçula.

DEDICATÓRIA

Para vocês, filhos e netos, noras e genros, que serão os continuadores destas raízes.
Para Rubens, pela viagem ao passado que muitas vezes encetamos juntos, pela sua colaboração e entusiasmo e pelo seu amor, que iluminou estas páginas.
Para os meus conterrâneos, agradecendo a compreensão de meus limites.

AGRADECIMENTOS

(1ª Edição)

Agradeço à Prefeitura Municipal, na pessoa de seu Prefeito, José Carlos da Silva Costa, pelo acesso à informação que aqui divulgo e pelo empenho na publicação deste livro.

Agradeço ao Ênio Costa Brito pelo acervo de jornais e fotografias que carinhosamente coleciona e que me permitiram ajudar a memória.

Agradeço à Sociedade Brasileira de Eubiose, na pessoa de seu Diretor do Departamento de Itanhandu, Tristão Alves Teixeira Neto, pelo estímulo, pela ideia deste trabalho e principalmente pela força de seus exemplos.

Agradeço à Maria José Turri Nicolliello por sua arte na confecção da capa.

Agradeço ao Sérgio Ribeiro da Luz Graça, professor da Escola de Artes da Fundação Itanhandu e aos seus alunos, pelos primorosos desenhos.

Agradeço ao Professor Domingos Paschoal Cegalla pelas orientações valiosas.

Agradeço aos que me trouxeram sua palavra de ânimo e de informações, nesta peregrinação que me propus.

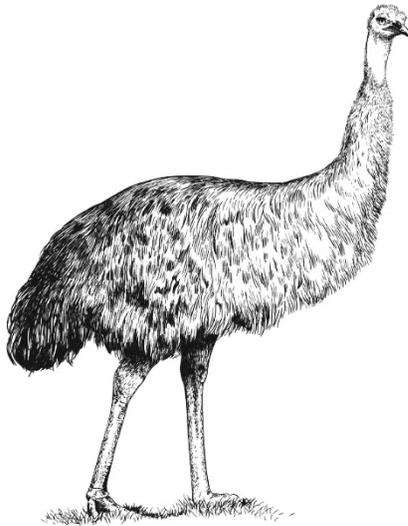
A todos, o meu mais terno reconhecimento.

Dilza Pinho Nilo

ETIMOLOGIA DA PALAVRA

Do Novo Dicionário Aurélio:

- Ita: Palavra tupi-guarani que entra na composição de muitos termos brasileiros e significa “pedra”.
- Ema: Ave reiforme da família Reidae, dos campos e cerrados do Brasil, de dorso bruno-cinza, parte inferior mais clara e com três dedos nos pés. Sinônimo: nhandu, nandu.



PREFÁCIO À EDIÇÃO DO CENTENÁRIO

Honrados com o convite para prefaciarmos a reedição do livro “Pássaro de Pedra”, o fizemos com muito orgulho, não apenas pelo valor desta obra no que diz respeito à memória de Itanhandu, nossa terra natal, mas também como forma de relembrar histórias e personagens de nossa infância.

Diante da folha em branco, para exprimir as primeiras ideias, concluímos que nossa memória nos levaria por caminhos que iriam além desta obra. Era necessário falar dela e de sua autora, posto serem um amálgama de letras e vida, de alguém que sabia se expressar com a clareza dos céus das manhãs do nosso inverno serrano, sem perder a precisão da racionalidade intelectual.

Em família, sempre se ouvia elogios ao casal Dr. Rubens e Dona Dilza. A competência do médico não escondia a luz própria da mulher, que, de certa forma, ajudava a iluminá-lo. Assim crescemos, admirando este casal, mas com a distância que impunha o respeito formal daqueles tempos.

Para cumprir a missão a que nos dispusemos, era necessário “entender” um pouco mais a autora: quais foram as condições em seu entorno, que a fizeram uma intelectual, longe das facilidades cosmopolitas?

Com ajuda das obras do nosso querido Pedro Cunha (“Itanhandu era assim” e “Gymnásio Sul-Mineiro- Farol que iluminou gerações”) e do baú de lembranças familiares, aos poucos fomos “entrando” no cotidiano de Dona Dilza. Naquele 7 de setembro de 1923, quando Itanhandu comemorava com muita festa sua emancipação política, a festa era maior na casa do Dr. Nenê e Dona Zazá pela chegada de sua primeira filha.

Era um momento especial, com muito dinamismo econômico, social e cultural. Itanhandu causava inveja às cidades da região, crescendo com taxas muito elevadas. O Gymnásio Sul-Mineiro, o Clube Recreativo (CRI), a nova igreja (em verdade, a antiga) e os novos casarões mostravam a capacidade de organização e criação de riquezas dessa sociedade, que trazia nas veias uma policromia de raças e culturas, como Dona Dilza, que do Motta Paes (lado que éramos parentes) trouxe a brasilidade dos que chegaram aqui no século XVI; do Rennó (do lado de sua mãe), a racionalidade científica dos alemães; do Pinho, a capacidade de aventurar-se em novas empreitadas.

Pelas páginas dos livros, já se via Dilza, menina nova, se apresentando no CRI, nas comemorações de nossa independência, ora tocando piano, ora declamando. E poucas páginas adiante já estava em um jogo de voleyball pela Escola Normal. Eclética e participativa. Vamos à Rua do Comércio, junto à casa do Cel. Delphim, seu avô. Lá estão elas, Dilza, irmãs e amigas, se preparando para o carnaval. Ou será para a festa da Santa Casa? Eram tantas as emoções de então, que não lhe faltavam assuntos, ideias, emoções. Soube ela guardá-las em suas

memórias e, mais tarde, dar-no-las de presente, através de seus livros, tão plenos de sentimentos.

Assim se fez, menina, moça, mulher. Dona Dilza era esposa, mãe, benemerita e escritora, além de possuir uma intensa e permanente preocupação social que a levou a dedicar-se, por toda a vida, aos necessitados, aos desvalidos, aos mais carentes. Esculpiu em letras muitas das histórias que ouvimos. Não viu nossas montanhas como limites, viu nelas o infinito de emoções e mistérios, nos quais se inspirou. Montanhesa, sim; provinciana, nunca.

“Pássaro de Pedra“ é uma coleção de sentimentos colocados em palavras, vidas e lugares que não devem ser esquecidos, pois nos trouxeram até aqui.

A reedição deste livro dará, principalmente aos jovens itanhanduenses de hoje, o privilégio que tivemos, se não do convívio presencial com Dona Dilza, mas do convívio com sua obra, e de encontrar nela uma parte de nossa história.

Homenagem dos irmãos itanhanduenses,



Alexandre Augusto Moreira Santos
Engenheiro Civil/UFGM; Mestre em
Ecologia e Doutor em Tecnologia
Ambiental e Recursos Hídricos/UNB;
Catedrático da Universidade Federal de
Itajubá. Prefeito Municipal de
Itamonte - 2017/2024.



Afonso Henriques Moreira Santos
Engenheiro eletricitista, Mestre, Doutor e
livre docência. Catedrático da
Universidade Federal de Itajubá.
Secretário de Energia do Ministério de
Minas e Energia e Diretor da Aneel. Autor
de vários livros na área de energia.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

“Graças à pena possuímos toda a História humana
Por ela, nos fazemos conscientes e livres.
Por ela, eternos são os pensamentos”.

Henrique José de Souza

Este livro é uma prodigiosa semente do concurso “Levantamento da História de Itanhandu”, promovido em 1982. Dilza Pinho Nilo participou do concurso com um valioso trabalho em versos.

Na ocasião, entendendo que muitos contribuíram para a história de sua cidade, que para ser narrada necessita de registro, com muito interesse e responsabilidade aceitou a árdua e edificante tarefa.

Em vez de desenvolver as suas pesquisas através da utilização única da razão científica, foi muito além. De maneira inusitada investigou os fatos com a mente concreta, sustentada pelo sensorial, num alcance lírico de épocas, homens e acontecimentos, de cuja história Dilza e sua família fizeram parte.

Escrito por pessoa da terra, de profundo valor histórico e literário, PÁSSARO DE PEDRA, tradução da palavra indígena ITANHANDU, é a maneira de reenxergar o passado e interpretar o presente. Documento precioso como testemunho pessoal sobre vários aspectos culturais de Itanhandu.

Com perfeito domínio das palavras, Dilza Pinho Nilo, preocupada com naturais omissões, escreveu textos em prosa e verso representativos de fatos e personagens de diversos períodos da história de Itanhandu.

A sucessão cronológica em que aparecem os textos não é necessariamente o ideal. O leitor é a pessoa mais apta a tal escolher.

O amor está presente em tudo e em todos, como querendo dizer que ninguém logrará alcançar DEUS, sem antes despertar no seu coração a chama do amor que arde em todas as coisas, refletindo a sua Eterna presença.

Sua eloquência se caracteriza por uma estilística verbal objetiva, correta, clara, que revela a segurança própria dos que têm consciência da justiça de suas mensagens. Refere-se apenas ao que viu e ouviu, pois muito bem entende que só a História através dos tempos pode emitir juízo definitivo.

A escritora relaciona-se de igual com seus leitores, propiciando uma atmosfera amena, de profunda comunicação e afeto, o que lhe permite transmitir tudo o que sabe, sem reservas e da forma mais interessada.

Em Dilza, há uma preocupação ininterrupta com o caso individual, com o ângulo do indivíduo, que é e será o seu modo de encarar a realidade.

Este livro não foi orientado apenas por uma perspectiva histórica. Preocupou-se a autora, também, com a motivação do leitor para a qual ela se dirige.

Isso se torna claro e notório na forma usada de prosa e verso, com profunda preocupação à estética, à beleza, à harmonia e, inclusive, à história na sobrevivência humana de seu povo, que só o contato com alguém nascido no local é capaz de proporcionar.

Com muita expressão à sua individualidade, Mulher consciente de seu DEUS interior, ama a todas as criaturas, sejam crianças, jovens, adultos ou velhos. Ela se faz mãe-avó de todas para contar a história de seus antepassados, filhos de Itanhandu.

Neste livro está caracterizada a continuidade da vida, através da transformação de existência para existência, das experiências, de tudo na história de um povo, na tentativa perene de um mundo melhor.

O trabalho de Dilza Pinho Nilo nos mostra que a única forma de se bem compreender a História é sem dúvida vivenciá-la, pois que esta vivência há de, por certo, tornar o ser consciente para que a humanidade atinja novas metas, adquirindo um estado de consciência melhor. Logo, cada um de nós deve cumprir o seu Dever, para consigo mesmo, para com a sociedade e para com DEUS.

Seja-nos, pois, permitido, não somente agradecer, mas também felicitar a autora desta bela obra, na qual se distingue a sua visão honesta do Homem e da Vida, com a finalidade principal de contribuir com a história de Itanhandu, evitando o distanciamento da história e o povo.

Parabéns, ITANHANDU, cidade de um povo de elevados valores tão bem expressos neste valioso livro!

Tristão A. Teixeira Neto

MINHA MÃE COMPANHEIRA

Eu bem que poderia, neste espaço, falar sobre a incondicionalidade do amor materno, certamente o mais sólido de todos, porque totalmente arraigado no que há de mais belo e puro no ser humano: o completo desprendimento; o dar sem pensar em receber.

Eu bem que poderia, ainda, falar de sua ternura, de seu colo aconchegante e de suas mãos delicadas a me acariciarem os cabelos, em tantas e tantas noites mal dormidas.

Enfim, falar daquele porto seguro no qual podemos ancorar tranquilos o barco de nossa alma aflita, que após as tempestades bravias precisa buscar a quase sempre merecida paz.



Luciano e Dilza Pinho Nilo



Aqui, porém, neste importante livro que grava e registra a história de nossa querida Itanhandu, antes escrita com o suor e as lágrimas de nossos antepassados, quero ir mais além.

Vou falar do sentimento profundo que une mais solidamente o coração de minha mãe ao meu: nossa sede de justiça social!

Humilde, no canto da sala da casa de meus pais, há uma pequenina e simples imagem de São Vicente de Paulo, santo que simboliza a caridade e dá nome à instituição da qual minha avó Zazá fez e minha mãe faz parte, o Dispensário São

Vicente de Paulo. É a cidadela de sua luta contra a miséria e a pobreza, que afligem e oprimem nossos irmãos.

Esse pequeno santo foi dado por minha avó, pouco antes de morrer, à minha mãe, com a recomendação de que, depois, fosse passado para mim, neto tido por ela como o mais preocupado com os problemas sociais de nossa terra.

Lembro-me bem de nossas conversas, na quais ela, invariavelmente, fazia o sinal da cruz quando eu falava em socialismo.

Minha mãe, contudo, tem outra trincheira importante nesta batalha que um dia será vitoriosa: seus livros.

Em um deles, que também são seus filhos e, portanto, meus irmãos, mercedores de todo meu amor, há uma poesia, Adventos, que bem espelha a indignação e a esperança da autora em relação à desigualdade social. Num trecho, ela diz:

*Não sou eu, com meu mísero balbuciar medroso
nem você, com seus pobres sonhos secretos
nem o próximo, ou o vizinho, que desfilam
as suas bandeiras tão esfarrapadas.
Mas somos todos nós, fortalecidos
Pelas fraquezas comuns, participadas.
... E as corruptas grades já tão frágeis
cairão ao clamor das correntezas.
E um hino de beleza nos encantarás
os ouvidos já cansados
dos inconformados trâmites dessa espera.*

Felizmente, minha mãe companheira, nós não fazemos parte do grupo dos indiferentes. Nossos caminhos e armas de luta são diversos, mas o futuro feliz que almejamos para o nosso povo é, seguramente, o mesmo.

Obrigado, mãe, muito obrigado por me haveres concebido com a capacidade de sentir e sofrer toda e qualquer injustiça praticada contra qualquer ser humano em qualquer parte do mundo!

Luciano Pinho Nilo

“Dor, eu te habitei
- Segmento a segmento –
e transpus teus domínios
para encontrar a pátria,
suas colinas,
a forma de meu tempo.
Tanto amor
só se forja
no convívio.
E é pátria!”

Carlos Nejar.

“Mas nunca o meu Brasil foi tão lindo como aqui...”

Henrique Beltrão, em 1941.

“O auriverde pendão de minha terra”
está balançando no pé de bananeira
e é lindo pendão de banana de ouro
prontinho para ser colhido.

Está na bola colorida, tão verde e amarela
na mão da criança que joga para o alto
o seu sol, como um astro amado,
um astro de esperanças.

“O auriverde pendão da minha terra”
se debruça em meu coração a toda hora
contemplando a cidade que estremeço.
Ele se agita sobre o bambual sombrio
que ao morro veste
contra o fogo do sol tombando no oeste.
E os auriverdes pendões de minha vida
se esparramam nestas páginas
que as brisas da saudade beijam e balançam...

RAZÕES

Quando tivemos a ideia de recuar ao passado e escrever sobre ele, não pensei na responsabilidade.

Seria, pensava eu, fazer uma viagem por dentro de mim mesma, nessa reminiscência descuidada da infância, como um veleiro que fosse navegando ao sabor do vento.

Apoiada em algumas folhas amareladas de jornais antigos, tiraria lá do fundo o que a memória reteve e o papel guardou.

Procuraria raízes, evocaria pessoas e confrontaria as mutações.

Minha expectativa não ia além do que o coração escolhesse, sem compromisso com estatísticas, mas com a verdade, no relato simples do testemunho de um tempo.

Passaria para o papel o que minha realidade ditasse, no conceito de subjetividade a que qualquer pessoa tem direito.

Poderia dar aos fatos os contornos que a distância e a morte estabelecem ou o tempo acentua.

Queria restaurar, se fosse possível, o clima ameno da amizade, do entusiasmo e da força que desfrutamos aqui, em momentos tão memoráveis.

Seriam páginas de tranquilo devaneio poético, cheias de um lirismo pessoal, provocado pelo envolvimento da emoção.

Desde que publiquei minha primeira crônica, a palavra responsabilidade me desafia.

Expor-se é entregar sentimentos. É abrir secretos esconderijos, é dissecar interpretações. E os leitores se apossam das palavras expostas para interpretá-las em liberdade.

A parte emocional de uma divagação, por mais inocente, mostra a alma, entre perigos.

É preciso, então, muita coragem e, nas mínimas parcelas da reconstituição do tempo, seguir uma trajetória de isenção.

Mas esta é totalmente impossível.

Estamos muito impregnadas da emoção da memória, inseridas na substância dos fatos e tememos que os laços da saudade nos prendam nos alçapões da sensibilidade.

Mas há um lado que me tranquiliza. Estamos entre irmãos que, embora também envolvidos por essa aura de passado que ressuscito, aceitarão minhas limitações e minhas falhas.

Testemunha de um pedaço de vida, vou elaborar um passado que vivemos dentro da moldura azulada desta serra.

Partilharemos momentos felizes.

Na dimensão da saudade, os desarmônicos acontecimentos me parecem desnecessários, embora eles, algumas vezes, brotem como cizânias, nos mais pacíficos campos de trigo.

Mas as intenções devem ser sempre compreendidas.

Parece-me que sou, de novo, a menina que um dia, aos quatro anos, pela mão de seu pai, jovem, formoso e idealista, caminhou em busca de um mundo novo, achando-o nas carteiras do Ginásio Sul Mineiro. Vou procurar novamente esse mundo.

Os fragmentos da saudade se dispersaram pelas páginas.

Não conto uma história. Os andaimes das construções eram muito frágeis e meus muros têm a substância da poesia.

Para os que esperam sólidos conhecimentos, merecerei um desapontado muxoxo.

Ao fim, lhes pedirei clemência.

Se cada um é dono de sua vida, ninguém comanda as marcas que ela deixa em si. Os caminhos que ela projeta, no coração e na mente, ousou dizer que são individuais e livres.

Somos uma fita virgem, onde as impressões vão sendo superpostas, independentes de preferências ou parcialidades.

Num mundo aparentemente sem memória, premido pelo peso da sobrevivência, os dias vão sendo sepultados no esquecimento.

Então, vou permitir que os mortos venham.

QUE OS MORTOS VENHAM

É natural, tão natural que os mortos venham
se vamos remexer cinzas
e se instalem em nosso pensamento
para uma permanência e assédio
se revivemos dentro de nós suas pegadas
e as marcas que deixaram em nossos caminhos.

É natural que os tenhamos presos no coração
e que lhes entreguemos o pedaço de chão
que para sempre lhes pertencerá
e nenhuma névoa apagará sua presença em nós.

Eles tiveram as mãos pesadas de sementes
e plantaram. Semearam com denodo, coragem
e de cada gesto sobrou a imagem
que nada destruirá.

É tempo, pois, de colher, colhamos
como frutos maduros que balançam, auriverdes,
pendentes e ondulantes, como o vento
e como meninos obedientes
seus conselhos sigamos.

Amor à terra? Nós bem o sabemos e quanto
a amaram e se entregaram tão completamente
que foram dormir em seu seio
eternamente. Não é belo?

Aqui estão os retratos, os bigodes
que varriam rostos austeros
e os colarinhos engomados e os ternos
e as correntes de ouro que se enrolavam nos coletes.



Fernando da Silva Costa, Delfim Pereira
Pinho e Olavo Gomes Pinto

Aqui estão três deles. Delfim, Olavo, Fernando, antepassados, como um dia também o seremos e nas árvores genealógicas estamos todos marcados com uma cruz.

Ser galho, ou ser flor, que importa?

Importa é germinar, é trazer vida, é agasalhar o fruto, é partilhar da chama imorredoura, embora por um minuto, e deixar um olho aqui, a boca além, o olhar, a alma.

Nessa corrente à qual se acrescenta um elo vibrará nossa voz passageira.

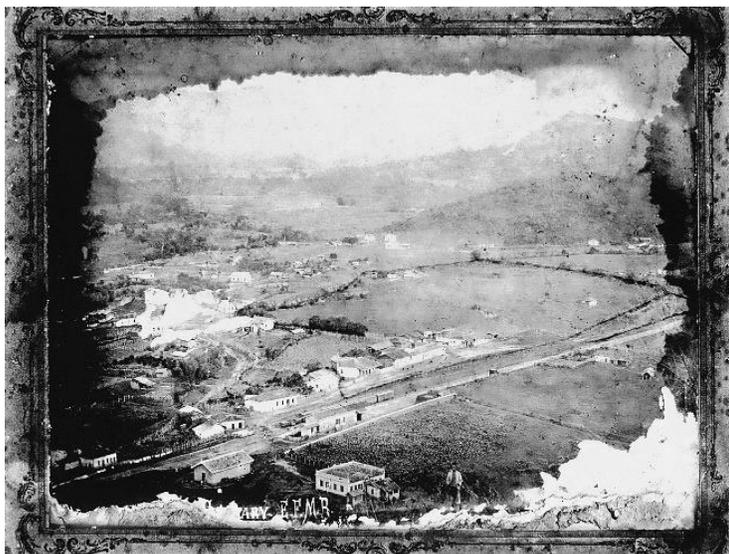
Estaremos nesse porto, numa viagem
não somos mais que pontos de uma espera.

Mas deixemos nossa voz cantar enquanto é tempo
de louvar, de lembrar, de dar ênfase ao fato
de enaltecer um evento ou um ato
que teceram uma história.

Que é um dia no calendário humano
ou um ano, ou mesmo um século?
Olhai as estrelas que permanecem
e enaltecem a noite em toda a sua glória.
E quando abrir a porta para que todos passem
será como abrir um cofre de tesouros...

Ah, fiquemos como as estrelas, perpetuadas num símbolo
apenas despertas quando a luz definha no horizonte
fiquemos com nosso pequeno tempo na algibeira
e louvemos a vida passageira,
cantará a alegria como uma fonte eterna
em nossa festa.

ASSIM COMEÇAMOS...



Vista panorâmica da Barra do Rio Verde - 1903

Escorre de meus dedos nestas teclas
a história que eu vivi em minha terra.
Também seus mortos revivem em meu peito
quando os relembro em lutas e em feitos

Até que se apague dentro em mim a chama
desta vida que aqui foi iniciada
hei de cantar mesmo sem voz meu chão.

Quero entregar aos filhos, pura e bela
esta pequena luz que em mim se inflama
cuidando em que não morram em nós lembranças
dos que cruzaram já inertes os braços.

É uma terra boa, muita mata
e vem lá da serra o vento e o frio
para acender estrelas, noites, dias.
Desce o vento em gritos e galopes
e vem se expandir nos verdes pagos.

Mas antes não havia Praça, casas, gentes
e só o campo inteiro à sua espera.

Em torno da **Fazenda da Barra**
que se aninhava aos pés da Mantiqueira
banhada pelos rios se cruzando
o Verde e o Passa Quatro de mãos dadas.
iniciou-se o povoado, a Sede primeira.

E o nome veio, sendo batizado
pelos que aqui foram chegando:
Barra do Rio Verde.

E eram os que aqui aportaram:
Monteiros, Caetanos, Almeida Campos,
Jacó Zaroni, Pedro Guedes,
José Carneiro Santiago, Nicolau Scarpa,
José Araújo Braga, José Lopes,
Brasiliano Midões e o velho Pereira Pinho
que era Delfim, então um jovem.
E não se julgou ele nunca um forasteiro
pois trouxe o coração como semente
para plantar aqui, junto à esperança.
E nos ares os seus suspiros fundos
de cansaço ou de alento, de ternura
e parecia até uma loucura
sonhar no campo, em pouco, uma cidade.
Mas essa chama ele abrigou no peito
e plantou sua gleba e elegeu seu chão
e no luzeiro do trabalho fez-se o pão.

Chamou-se depois **Estação do Capivari**
esta pequena povoação plantada ao pé da Serra
essa Mantiqueira incrustada em cada seio
com seu desenho ceva, seu mistério.

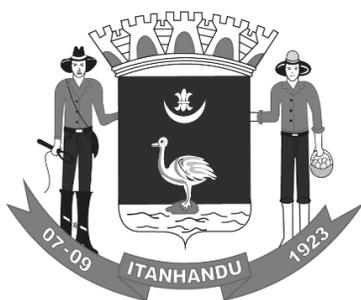
Nela dizem, a onça tem sua lura
e só o trem, a mágica figura

se aventurou a desafiar sua garra.

Em 1882 iniciou-se em glória
o Caminho de Ferro para o Rio
e entre pompas, festas e foguetes
o tráfego, em 1884, se abriu.
E nas rubras brasas se emitiu um canto
canto de progresso e de certezas
desse trem de fumaças, não quimeras
atravessando o peito dessa Serra
e lhe furando o ventre, antes escuro.

Também nele se plantaram esperanças
era o futuro que se enclausurava
nas cestas de vime em que “seu” Baptista
seus queijos frescos embarcava.

O trem ia e vinha em horas certas
e enfeitava de sons a madrugada
e os garotos, de infância descuidada,
desafio e coragem, se deitavam
nos fundos dos dormentes e esperavam,
dizia o pai, com riso tão brejeiro,
o quanto lhes doía essa espera.



Em 1904 chamou-se **Ita-nhandu**.
E a escolha desse nome se deveu
ao Ribeirão Itanhandu.
Ita era a pedra, onde se firma o lar,
e **Nhandu** a ema que, talvez, se viu.
E lá está em nossa bandeira
azul, branca e vermelha,
aquela pedra, um marco em cada face
e essa ema, que desafia o tempo.

E assim corria manso o ano de 1904.
Mas em 1911 eis, somos Distrito
vencendo certos entraves

mas sendo elevados nas esferas governamentais
a Pouso Alto pertencemos.

Lá vão os homens, vereadores,
vão labutar febris por seus direitos
e dão brilho às suas falas
e lustram o seu lugar, naquelas salas
do magnífico Fórum de Pouso Alto.

Trabalham pelo progresso de seu chão
brandindo vozes e o seu denodo.
E a Lei Estadual nº 843
de 23 de setembro de 1923
trouxe, raiando, alegrias em seu bojo:
era o Município que nascia
E que se subdividia em três Distritos:
São José do Picu e Alagoa.

Meu Deus, e quanta gente boa
morava e labutava por aqui
e votava, lutava: a terra crescia!

Com a Lei Estadual 1039
no dia 12 de setembro de 1953
ficamos sós, criou-se o Município
de Itamonte e Alagoa.
E nós somos cidade e damos
os primeiros passos adolescentes.

Pelo Decreto Lei número 148
de 17 de dezembro de 1938
O Município de Itanhandu adquiriu partes dos Municípios
de Pouso Alto e Passa Quatro.
Perdeu, todavia, para o Município de Itamonte
parte de seu território.
Assim, o Distrito – Sede é somente a cidade de Itanhandu.

Pelo Decreto Lei Estadual nº 148, como vimos,

foi criada a Comarca de Itanhandu
e os termos judiciários se formam
dos Municípios de Itamonte e deste
instituídos pelo supra Decreto-lei.

Vamos deixando a infância, enterramos os primeiros mortos
e os dias remotos vão passando
e a cidade vai sempre se firmando
e as estrelas contemplam, a cada dia,
essa gente valorosa e decidida.

Não, não morrerão de novo os meus mortos
se ainda posso rememorar seus feitos
e se em meu peito lhes der vida
para devolver a que me deram.

VILA DE ITANHANDU

Voltemos, em pensamento, ao passado
e vamos ressuscitar um momento. Vejamos, é 1923.

A pacata povoação descansava
no seu côncavo de taça e como um vinho
as aleluias da vitória se anunciavam.
Eram 11 horas da manhã, 28 de agosto
eis que chega um telegrama: a Vila foi criada!
Começam a espocar os foguetes nos céus. Viva!



Comemoração da elevação a Município de Itanhandu

Damo-nos as mãos, com certeza, e vamos para as ruas
velhos e jovens, moços e meninos
todos unidos num mesmo grito de euforia.
Cerram-se as portas do Comércio, das Escolas,
acha-se criada a **Vila de Itanhandu!**

Ei-la mocinha, faz medidas e é faceira
destrança os cabelos do rio, penteia as folhas das árvores
vamos dançar, vamos cantar,
a mocidade ensaia, os senhores pigarreiam, aleluia!

As casas regurgitam de sons alegres
pipocas estrugem nos fogões
e os brindes se alçam, alvissareiros.
É o progresso, gente, correndo ligeiro...

Aprontam-se os discursos e os instrumentos
O Jornal acorre, há grandes planos
e o sentimento é doce como o chão
comum como um pão repartido em devaneio...

À tarde fazem a passeata, marchemos!
A primeira exaltação cívica é para o Deputado Ribeiro da Luz
que lhes enviara, por telegrama, a auspiciosa notícia:
foi aprovado, em terceira discussão, no Senado
o nosso projeto enviado!

E vêm compassos marciais, dobrados, o Tiro de Guerra 663
com a bandeira desfraldada
pelos alunos do Ginásio Sul Mineiro.

Dirigem-se ao Largo da Matriz,
onde discursou o Dr. Delphim Pinho Filho
levantando-se ao compasso de seu entusiasmo
nas pontas dos pés, como fazia,
pronunciando palavras patrióticas
ninadas naquele coração sincero e grande.

A marcha prossegue, os maiorais, o povo todo
com seu melhor fato e o sorriso afivelado
e as mães comboiam os meninos de botinas engraxadas
e as meninas de laços de fita.

Deram o jantar às cinco, depressinha
e correram das cozinhas e apagaram o fogo.

- Salve, salve, D. Vila!

Daqui para cidade não falta mais que um passo
um rabisco e logo conseguiremos esse risco
essa assinatura caprichada, com formosura
para presentear à terra amada.

Vamos à Capital, tantas vezes
aquele Belo Horizonte tão longe, fim de mundo
um dia e uma noite de trem, frango com farofa
e até baralho também...

É boquinha da noite e a passeata já vem...

Entra pela rua Sete de Setembro e para em frente
do sobrado do Sr. Antônio Scarpa.

O redator do Jornal, “O Itanhandu”, H. da Costa Lima
exalta a infante, em seu nome:

- Povo desta terra... e o povo ouve, comovido.

Depois se dirige para a casa do Cel. João Baptista Scarpa
e aquela grande varanda se apinha de gente
e as crianças se empoleiram nas grades do jardim.

Aí fala, com muito aprumo, o Prof. Pedro Coutinho.

Depois vai a passeata à casa de Dr. Olavo Gomes Pinto
este ainda saudado pelo Dr. Delphim.

Em seguida a marcha cívica vai ao Cel. Delfim Pereira Pinho
que é saudado então por Ildefonso Mendes
e os baluartes da terra agradecem, também eles comovidos
as manifestações de carinho.

As fumaças sobem aos céus e os gritos expandem alegrias
que caem como estrelas

por sobre as cabeças triunfantes, entre vivas alegres:
Viva o Presidente da República!
Viva o Deputado Ribeiro da Luz!
Viva o Cel. Baptista!
Viva o Cel. Delfim!
Viva o Dr. Olavo Gomes Pinto!
Viva o Sr. Nico Scarpa!
Viva o presente e viva o futuro!
Viva Itanhandu!
Viva.a.a.a.a!

NUM FIM DE TARDE

Num fim de tarde, na voz da noite
as meninas seguiam o fio azul da linha férrea
e as paralelas as levavam ao limite de seu mundo.
Multiplicavam-se as estrelas, faíscas debaixo dos pés
e a luminosa tarde se desvanecia.
As ajuizadas pedras continham o seu ímpeto
e o sol, ao ir-se, lhes reproduzia
as últimas incandescências dos olhos e dos vultos.
Seria uma tarde qualquer?

Não, não morrerão de novo os mortos
hei de lembrá-los sempre aos que virão
hei de torná-los quase que presentes
aos que virão e aos que nos precederam
pois a vida é esta prece que eu afago
e foi nascida de um sopro antigo.
Hei de lembrar-me, na casa em que nasci
de todas as festas, dores e amores
e as escadas que foram as últimas
presas a entregar-se ao martelo.

A porta sempre aberta ao forasteiro
mas se fechada, a aldrava cantava
no seu brilho de bronze, que era belo.
Eu subia aquela escada, era pequena

mas para o passo tão miúdo
aquela era a porta de um mundo.
Quantos por ali terão entrado
com seu pedido e seu fardo
e o avô distribuía seu peito
sua mente, seu bom senso, sua vida.
Ali se formou meu pai, também Delphim
e nessa escola reta
sofreu os primeiros golpes do destino
que enterrou no coração desse menino
a perda inesquecível e tão narrada
de dois irmãos levados pela morte.
E quando ele contava havia a sombra
dessa tristeza que aos pais curvava os ombros.

Mas os compadres e as comadres
também viviam peripécias tristes
que repartiam em serões austeros:
as crianças morriam depressa
levadas por gripes ou por tosses
e aquele vento, ah, o vento traiçoeiro
lhes minava a saúde, o ano inteiro.
Mas, apesar dele, nós vivemos
no livro de Deus se escrevem todos os momentos
talvez fizesse parte de seus planos
que nós repartíssemos tais eventos.

Não sei, sei só que a angústia me perfura
quando recordo passos que se foram
e lembro abraços que “estes braços deram.”
Eles escreveram, sim, a sua história
e o silêncio fundo de agora
escrito com seu sangue e sofrimento
se estão distantes voltam no momento
em que os evoco com ternura.

Meu pai, Delphim Pinho filho, foi prefeito nomeado
e era no Estado Novo. Foi Prefeito 11 anos.

Mas o povo era sossegado
e aqui não protestava e parece, até gostava,
desse Prefeito operoso e tão pacato
que a ninguém desagradava.
Lidava com toda a gente
como se fosse um pai
a atender um descendente.
E tinha um jeito de segurar o fardo
e acolher o cansado
que até o depositava em seus ombros agigantados.

Sinto-me assim, sem cadência
pensando em anos tão duros
em que, por imposição do dever
nos envolvemos em políticas, em lutas.
Política sempre foi um prato
servido na casa paterna.
Mas meu pai e avô esgrimiam com maestria,
acostumados às lides, as suas dificuldades.
Agora, não fora assim, foi tempo muito cruel.
E Dr. Rubens Nilo foi Prefeito PSD
num governo de UDN. Mas apesar dos caminhos adversos
fez boa administração. Lutou e trabalhou muito
e enterrou nesta terra marcos e pegadas
muitas obras espalhadas.
Elas estão aí, servindo a toda a gente
alunos que se esclarecem, no Colégio, nos Grupos
água, luz, outras escolas
e junto de tudo muito sonho.
Mas o tempo e as lembranças doídas passaram
e à cidade estremecida entregamos nossa vida.

PREFEITOS

Muitos e grandes Prefeitos aqui serviram
e o exíguo do espaço me impede
de alongar seus feitos, apenas os nomeio
para lembrá-los em homenagem:

Dr. Olavo Gomes Pinto, de 1924 a 1927

Este despedia chispas tão doces
de uns olhos muito azuis
e conversava rouco e preocupado
sobre doenças ou política.

Sr. Fernando da Silva Costa, que morreu em seu cargo
na modesta cadeira da mesa da Prefeitura.

Tinha longos bigodes brancos, barriga grande
e bochechas cor de rosa.

Quanta bondade humana lhes completa estes vultos
que engrandecem esta cidade!

Vejo meu pai chorando os amigos pelos cantos
e o nome deles se cruzam em duas ruas,
as principais da cidade.

Veio depois Pedro Cunha, na vacância de Fernando Costa.

Era também um grande homem, de coração e tamanho.

Depois veio Delphim Pinho Filho, de 1935 a 1944.

Depois Benedito Lázaro Ribeiro, de 1944 a 1946.

Sempre serviu a esta terra com devotado amor.

Na Prefeitura trabalhou sempre, não só como Prefeito
mas como Secretário de Obras, de onde só se afastou
por imperiosa imposição de saúde, em 1982.

Depois José Capistrano de Paiva Filho, de 8 de abril de 47
a 16 de dezembro de 1947, nomeado pelo Gov. Milton Campos.

Serviu também a esta cidade como médico, ilustre e bondoso.

Depois João da Silva Costa, um gigante.

Carregava dentro de si um coração tão grande
que mal lhe cabia dentro do corpo.

Trabalhou no período de 1947 a 1951.

Depois Dr. José de Lourdes Salgado Scarpa
cuja grande característica foi o amor a esta terra.

Embora morando, por muitos anos, no Rio,

nunca esquecia seu pequenino berço natal
batalhando por seus problemas e progresso.
Depois veio Amador Guedes, de 55 a 1959.
Dono de uma Cerâmica, dividia seu tempo e sua inteligência
aos dois afazeres laboriosos
e, também, imprimiu as suas marcas
entre as quais a bela Praça.
Substituiu-o o Sr. Wenceslau Cunha Rennó
no período de janeiro de 59 a 63.
Depois dele veio o Dr. Rubens de Sousa Nilo
de janeiro de 63 a 1967.
Quanta luta, como disse, quanto amor
se dispendeu nesse tempo, mas que fica como um legado
à cidade que servimos.
Depois dele, novamente João da Silva Costa, de 67 a 1970.
É preciso muito amar o solo natal para servi-lo
no diuturno e exigente trabalho de uma Prefeitura!
Novamente Benedito Lázaro Ribeiro, de 71 a 1972.
Depois veio o Dr. Delfim Pinho Neto,
seguindo as pegadas do avô e do pai, com tão estremecido
amor e entusiasmo. Trabalhou com alegria e paciência
dividindo, com a medicina, o seu tempo e inteligência.
Substituiu-o o Dr. Aristófares Gomes Mendes
que enfeitou a cidade com luzes, árvores e flores
e terminou a Quadra de Esportes coberta
que hoje leva o seu nome.
Não terminou seu período, que deveria ser mais longo
e substitui-o o Sr. Sebastião Pereira Monteiro
que também trabalhou com muita dedicação
de abril de 1980 até janeiro de 1983.
Em 1º de Fevereiro de 1983 assumiu a Prefeitura
José Carlos da Silva Costa.
É o neto de Fernando Costa, e inicia uma bela administração.
Está sempre indo a Belo Horizonte, já agora pelo asfalto
de onde traz verbas, progressos, vitórias
para deixar também a sua marca
nesse caminho austero e duro
de uma Prefeitura!

HAVIA UMA PRAÇA

Vamos convidar o mundo para caminhar
ergamos as nossas rosas compreensivas
façamos dos frutos uma conquista de futuro
abracemos as causas difíceis
emprestemos a luz que possuímos.
Aos que caem, o compreensivo olhar
aos que lutam, a palavra entusiasta, repartida
é o alimento que, como hóstia, comungamos.
O afeto esparramado como um vinho nos inunde
amor é a nossa delicadeza, brindemos!
E uma prece comum como o alimento
nos proverá de coragem e sentimento.
Elevemos aos céus a nossa prece
por este batalhão abençoado que à terra
entregou o seu amor e seu suor de cada
dia e pagou, com as mãos em gloriosas
pelejas, o lugar que ocupou no seu
tempo!
Sonhamos todos um mundo melhor,
mais fagueiro, e nossas casas se abrem
coloridas para um novo dia, que virá
em glória e júbilo, se cada um de nós
fizer a sua parte!



Praça Getúlio Vargas com
igreja velha ao fundo.

Havia uma Praça...

Sempre há uma Praça da Matriz
nas cidades do interior.

A nossa, hoje, se chama Amador Guedes,
Foi o Prefeito que a reconstruiu.

Mas antes era uma Praça quase vazia, Praça Getúlio Vargas,
com o Cruzeiro plantado no meio
raiz invisível que começa numa cruz
e termina em nosso coração!

Havia casas ao redor, espiando tranquilas
como reunidas para o serão da noite.

Procissões de Corpus Christi
altares improvisados nos côncavos das portas
cortinados de filó, jarras equilibristas.
Flores e folhas de laranjeira cobrindo as ruas...
O velho Vigário, Padre Isidoro Varvello
a batina puída, ralos cabelos brancos,
balançando nas mãos um turíbulo modesto
e as bênçãos caíam como chuva
por sobre as cabeças baixas e contritas
nas tardes frias de junho.

Também na praça barraquinhas, as provisórias,
de lona ou de madeiras, nem sei,
naqueles idos de trinta...
Foguetes, algodões de açúcar
realejos e sortes
mascates exibindo latas de pó de arroz Lady
peixinhos coloridos de chocolate
e gritos na noite, buzo, dois, três ôio...
- Era assim?

No altar da Igrejinha velha
rebuscado de azul, rosa e dourado
um mundo colorido
onde o incenso abria as portas de um mistério: Deus!

E a voz rouca do velhinho pastor a clamar:
- Bendito seja Deus...
Bendito seja o Seu Santo nome...

Ah!, mil vezes bendito, nestes céus...



E no altar da Igreja nova
a mesma Virgem cruza os braços
e afaga o filho amado.
E bênçãos se esparramam desde que aqui veio
doadada por Joaquim de Almeida Campos.

E vem recebendo de gerações inteiras
as homenagens que a pureza encanta.
E como Padroeira e nossa Santa
faz deste lugar eterna primavera.
Vou fazer, para que vocês o sintam
nos olhos do coração, o retrato desta terra.
Situa-se o Município na Zona Sul do Estado.
É território montanhoso e da mais imponente,
a Serra da Mantiqueira, ainda vamos falar.
Sua área é de 143 quilômetros quadrados
e está a 893 metros de altitude.

LUGARZINHO MATREIRO

É um lugarzinho matreiro, neste solo Sul Mineiro.
Quem aqui pisa se aderna, se prende
quando ela sabe ser terna, quase sempre.

Tem montanhas circundantes
azuis e faiscantes
tem rios deslizantes, pedras rolantes, bambuais.
Tem fundamentos de esperança, parece sempre criança
espreita o futuro todo o dia, fantasia.

Juventude nos jardins, nas escolas
e o alarido constante da mocidade flutua
nos ares, sem paz das ruas.
Tem um patriotismo verdadeiro
nos berços, nos verdes, nos olhos
foi criado no passado tendo o sol por testemunha
e foi no cartório da esperança batizado.

Assim, as certidões mais lúcidas são tiradas
para quem assim o desejar.
Com selo de realidade, na amplidão se refugia
e a experiência da alegria multiplica ao passar.

Tem o produto mais belo, ovo ou sapato, manteiga,

doce ou roupa, queijo ou fruta,
para qualquer gosto ou carência.
Clemência ao desconhecido, o coração sempre aberto
e reconhece contrito que os mortos lhe guardam a casa
e lhe comandam a vida.
Tem jabuticaba em outubro e flores por todo o ano
muito frio no inverno, pouco calor no verão.
E tem Clube com piscina e ternura e paciência
e o frio esquece com tantos bares que tem.

Há prece na copa das árvores e na voz do sino à tardinha
fumaça ainda nas chaminés, das casas antigas ou das cerâmicas
mas que a enfeitam de cinza, embora sem poluição

Já não tem procissão como antes, dizem não se usar mais
as coisas ditas modernas vão também chegando
mas o ar é muito leve, é de todos
e a boa vontade e a ação refazem, a cada dia
no trabalho, na amizade, na ternura e oração
um caminho doce e certo
para chegar a qualquer coração.

O cobertor de neblina envolve
docemente a cidade
feita de casas simples
algumas mais destacadas.
Há algumas que ostentam
nas janelas de duas folhas
a data antiga e na porta
o nome do pertencente.
Acolhe ao que vem cansado
e ao que vem jubiloso
matar as suas saudades!

O sol tecia segredos de musgos nos muros
e coloria as montanhas, numa palheta generosa.
Gaiolas com pássaros medrosos
balançavam-se diante de olhos tão meninos.

Os retratos, em tons de sépia, nas molduras
e rendas engomadas circundavam as golas.
Aquelas mulheres aconteciam como velas
eretas e estéreis como lâmpadas velhas
e eram patéticas na eternidade das paredes.
E as outras, mulheres caladas na cozinha, sombras
e as das alcovas – caladas também elas –
alvejando lençóis pelas manhãs, balançando as cobertas
alisando as dobras ou compondo camas impecáveis
para seus senhores.
E os passos pressurosos dos maridos
por onde olhavam adivinhando desejos.
Muitas diziam – senhor – e abaixavam os olhos
porejados de rubor, como gazelas.
- Me foi contado, li ou conheci estas donzelas?
Eis que rosários repousam em fundos bolsos
e os aventais ostentam tais predicados
que não existem sequer identidades para enumerar.
Os olhos nem discerniam as idades
há um profundo cinza, um tempo difuso, um mistério
tão apagado como estampados em desbotados panos.
Na testa apenas exibiam os desenganos
e ficavam mergulhados nas tarefas
e honraria tais que aos que serviam
nem o corpo e a carne disputavam.
Aquele século sepultou donzelas
e tudo mais que o sexo e as mazelas
se revelaram plácidos e fáceis.

Mas hoje já se fizeram as grandes revoluções dos sexos.
É o século das mulheres e suas conquistas. Hoje elas têm voz
e desafiam as salas e curtem calças compridas
e usam desenvoltas seus poderes
e ousam disputar lugares.
Sítuamo-nos nos espaços destas auras
e andamos em cordas esticadas
de um século ao outro, desavisadas
formadas pelos preconceitos de outro século, outrora

mas enxergando as liberdades de agora.

Em nossas cabeças, naves siderais
e louras espigas nos trigais dos sonhos
e as raízes das canções mais puras
presas pelos liames das aventuras de outras saias.
Fogem pela aurora as cores da palheta
há um cinza fumaça, encobrendo arestas
e apenas ousou vislumbrar as frestas
que fugiram pelos rumores de umas festas
e um grande silêncio fertiliza os meus espaços.

É essa imaginação que me orienta e encanta
e faz daquela Santa, que no altar perdoa
uma testemunha de amor, de eternidade, de presença.



Vista panorâmica 1943

LUZES



A partir da esquerda, Delfim Pereira Pinho, Fernando da Silva Costa, padres Isidoro Varvelo e João Scotti, Sampaio Moreira, Engenheiro Rupp, Delphim Pinho Filho, José Martins Schimmelpfeng e Olavo Gomes Pinto.

Antes, era a escuridão. Lâmpioes de querosene,
lamparinas de óleo, velas de espermacete.
O burgo estremunha, a noite é uma assombração
os sapos coaxam dentro de seu bojo.
Mas os itanhanduenses trabalhavam pela iluminação
que veio através da Companhia Força e Luz
do Dr. José de Sampaio Moreira.
O retrato, à porta do Hotel Rio Verde, ainda nos mostra:
O dono da Empresa e seu sócio, o Engenheiro Rupp
e as pessoas gradas da Vila.
É 1929. No dia 31 de agosto teve lugar a inauguração.
Itanhandu se engalanou, radiante, importante.
Bailes, festas, foguetes, pomposos programas.
Disse-me uma testemunha que em casa de meu avô,
durante vários dias, prepararam doces e quitandas
para oferecer nas festanças...
Ah, agora a noite não virá mais assustadiça,
espantam-se os silêncios, os fantasmas.
As velas se apagam, enfurnam-se os lâmpioes.
As matronas fazem seus crochês sem perder malhas
sem bruxoleios que se desmanchavam em sombras.

Viva o solzinho particular que brilha e balança
no fio negro pendendo dos tetos. Que novidade!
Viva o progresso. O Dr. Sampaio Moreira! Viva Edson!

Mas, ao fim de muitos anos, as exigências aumentam
e a energia vai ficando pouca.
A cidade cresceu, tem muitas indústrias, os motores emperram
mais energia se faz necessária.
Começam a racioná-la. As fábricas trabalham parceladamente.
A noite fica mais longa, a luz é desligada.
E a população protesta e movimentos se iniciam.
Passeata de jovens, ofícios à Empresa, ao Governo
e a Prefeitura, então, encampa a Cia, mas não pode fazer milagres
As indústrias vêm marcando passo, nada pode fazer...

Mas vieram as eleições, em 1962, e o Prefeito, eleito,
Dr. Rubens de Sousa Nilo, começa a agir.
De início, consegue arregimentar 26 Prefeitos da região
e foram unidos, à Capital, pedir energia para o Sul.
Novas lutas, novas batalhas, novas esperanças.
São cartas, viagens, telefonemas
são promessas, são realidades, enfim...
1967. Hoje é a Cemig... Centrais Elétricas de Minas Gerais.
As lâmpadas se multiplicaram, as máquinas roem o silêncio
e fabricam empregos, progresso, futuro promissor.
Mais uma vez, fez-se a luz.
Viva o Prefeito Rubens de Sousa Nilo!
Na Praça, a mesma Praça, agora toda enfeitada
com palmeiras e até fonte luminosa
o alto-falante grita em sons entusiasmados
E exalta o Prefeito operoso que alegrou o povo.
Os postes serão de novo sentinelas da noite.

Era o radioso 22 de maio de 1967,
À noite, ilustres oradores elevavam palavras de congratulações
e agradeciam, na pessoa do representante da Cemig,
Dr. José Luiz Pinto Coelho, a nova energia
que alimentaria a cidade, e o sul de Minas Gerais!

A maravilhosa eletricidade moverá motores,
iluminará ruas, rostos, gentes.
E a luz agonizante dos postes antigos dizia adeus...

Ah! O filme dessa noite se desenrola em meu coração
e vejo o do Prefeito, meu marido, soluçante de alegria,
curtindo a imensa vitória.
Foram transpostos os obstáculos, as canseiras esquecidas
foram abertas novas portas,
a luz será o carro chefe do progresso.

E o retrato permanece nítido e belo na memória,
não mais pensaremos nas oposições descrentes,
nas decepções acrescentadas,
esqueceremos as glórias caminhadas
as palavras desmentidas e as falsidades.
Não, a luz aí está, e sua alma canta jubilosa.

E para todos disse a sua mensagem,
num palanque iluminado
onde a música era o próprio atavio das almas
Onde a alegria pintava em cada face um retrato de esperança
onde em cada canto brilhava uma estrela
e em cada ponto de luz uma conquista.
Alguma luz se acendeu dentro dele e
para todos, com a alma em prece, ele disse:
“Que seja a minha mensagem de agradecimento,
fé e esperança.
Agradecimento a todos os que apoiaram e lutaram
pela realização deste ideal!
Fé na pujança deste povo que trabalha
e quer progredir cada vez mais.
Esperança na união de todos os itanhanduenses
nas arrancadas para um futuro promissor,
à altura de nossas tradições.”

Hoje quem se se lembra ainda?
Ao acender uma lâmpada,

ligar o chuveiro para o banho,
a televisão para o programa
quem se lembra daquela luta insana?

Uma vez, disse num artigo, que o coração das cidades
é de pedra.

E o coração das pessoas também fica dessa forma
pelo esquecimento, pelo alheamento.

Por tudo isso quero levantar o véu do passado
para de algum modo relembrar as antigas lutas.
Mas é a vida e os homens, num momento de grandeza
dão sua vida pelos seus ideais,
depois passam.

Passam todos igualmente, grandes e pequenos,
egoístas e nobres, todos passam,
passam guerras e vitórias.

E me é grato lembrar, por um momento
glórias passadas, alegrias partilhadas
vitórias alcançadas
onde, num brado uníssono, dissemos comovidos:
Viva, viva Itanhandu!



Prédio da Empresa de Luz e Força de Itanhandu

PEDAÇOS DO PASSADO

De tudo vou saboreando, com a boca do coração
estes nacos de saudade, pedaços de passado
um bolo agridoce.

E lembro gente, gente transitando pela poeira, pelas ruas de pedras
gente que respirou alentadas primaveras em pulmões gulosos e jovens
gente que repartiu com o vento seus ais de fundos peitos.

Vou verdejando, pincel na ponta da mente,
esse quadro que se desenha.

O espírito se alegra ou chora:

vejo meu pai, chapéu de palha na cabeça, cobrindo-lhe os cabelos
para que o sol não os castigue demais.

Cuidava que não embranquecessem

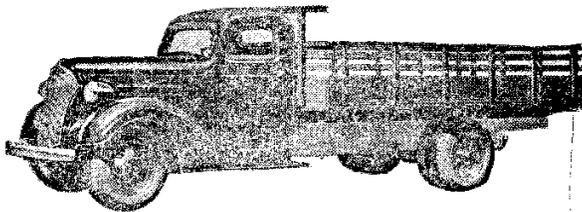
tinha vaidade, era danado de bonito

e quando chegaram os primeiros fios

nos deixava arrancá-los, tostão a dúzia, sedosos e castanhos.

O caminhão da Agência Chevrolet Mendes-Rebouças
o caminhão da Prefeitura carregando terra, areia e ele!

— MENDES REBOUÇAS & CIA —
Agencia CHEVROLET
Itanhandú Minas



**Completo Sortimento de Peças Genuínas e
Acessórios em Geral**

Quanta mocidade e entusiasmo!

Em casa, os problemas desfilando: vinham as Correias,
duas velhinhas que eram só queixas, tinham cercas e divisas
que nunca se esclareciam. Queixavam. Matreiras,

sentavam-se na beirada das cadeiras e desfiavam impropérios,
Deus me perdoe, mas fulano é desonesto, ora Virge!
Diziam delas que tinham dinheiro no Banco Itajubá
e que, de vez em quando, iam lá vê-lo e contá-lo.

E o caminhão ainda o leva às Goiabeiras, onde a professora
ensina crianças de lares tão pobres, mas a escolinha se engalanava
e o Prefeito sorria e acariciava
a cabeça arrepiada de um negrinho.
E as estradas socavam e os solavancos lhe atrapalhavam o sonho:
o orçamento era tão pequeno!
Ei-lo, ano de 1937, total da receita: 135 contos de réis!
Quanta poesia nestes contos de réis!
Nos tostões, vinténs, comprando tanto...
E aqui vamos ainda, imposto territorial urbano: 4 contos de réis!
- Quanto é isso, agora?
E os meninos, alguns, ainda falam em contos
e manejam contos com as bocas antepassadas
e desenterram contos de réis nos bolsos esfarrapados
com os míseros cruzeiros de hoje.

Mas embarcamos de novo no caminhão
da Agência Chevrolet, do Mendinho e do Barroso
e entramos na estradinha do Bom-Sucesso.
Ah, que curvas, ainda são as mesmas
e se descortina o sítio do Cel. Delfim, hoje do Ieie,
depois da bifurcação para o paiol, os Carvalhais, depois seu Luizinho
e Da. Ritinha, depois o Padre Jatobá.
E o caminhãozinho vai valente, pejado de poeira,
junta alegria nas saudações
e espalha confiança na buzina alegrinha...
Salve, Dr. Nenê, à boleia, cantando futuro
lá vai se aconselhar com Manoel Costa, doutor novo,
e a Fazenda se abre toda num sorriso, tanta criança chegando
os rebentos do Pai João.
E vinha Da. Marianinha e dizia:
- Como vai a comadre Ritinha? E a Zazá, por que não veio?
Meu olho criança espiava não sei de onde.

O TREM



Entre a bruma que se espalha devagar
pela serra que se desnuda
os olhos dimensionavam tanta beleza
e veem Deus, na paisagem muda.

Essa é a natureza, que desde muito marcou
sua forma, seu desenho, nos corações dos que cerca.
Serra saída com delicadeza das mãos do Criador
e feita, é verdade, só de amor.

Ó, Serra de nossa meninice, protegendo e desvendando
um mundo que ficava para lá, adivinhado!
Serra que virei, como bandeirante,
enjoando num Fordinho 29
para descobrir, tonta, o Rio de Janeiro.
Rio, Hotel Globo, onde a gaiolinha do elevador rangia
e me prendia fagueira.



Dr. Nenê e a filha Dilza no Rio de Janeiro - 1930

Pássaro assustado, olhando por entre as grades
e via as faces sorridentes e civilizadas
e só pensava, entristecida,
na tortura da volta!

Vomitando e socando pelas estradas poeirentas até nosso pequeno Burgo!

O estômago revirava até nos bondes, estes alegrinhos,
despejando as pessoas paradas
e os anúncios que meus cinco anos já permitiam ler:
Salvou-o o Rum Creosotado
Sim, o cavalheiro ao seu lado...

Melindrosas equilibravam chapéus na Avenida
e o avô me presenteando com um sapato de ouro!
A fada da história seria talvez minha avó Ritinha
que era tão baixinha e me presenteou com um broche
que, faceira, coloquei à lapela.
E o retrato que o biscateiro fotógrafo, de pano preto à cabeça
nos aprisionava em quadrinhos maravilhosos...

Era façanha conhecer então o Rio, que ficava tão além

das expectativas de qualquer criança.
Só mesmo bondade e coragem me levaram até lá.

Mas embrenhemo-nos na Serra, ainda.
Da janela do Ginásio o desenho era fantástico
e nos levava a longos devaneios
dos quais a voz do professor nos retirava em sustos:
- Prestem atenção!

Via a vida subindo pelas encostas
e o trem apitando nas curvas e desvendando cidades
que se escondiam debaixo desse sossego, como a nossa.
Cruzeiro! Como era então distante...
Cruzeiro onde, muito raramente, íamos de trem.
E a travessia do Túnel, que sufoco!
E as cestinhas de palha trançada, com amoras.
E a Serra ficando sempre verde, despedindo o azul useiro.
Ah, o trem era o nosso General.
Às sete e às cinco era o misto, às 11 e às 3 o expresso.
Ele comandava as horas, os encontros, os passeios.
Seu apito era esperado, conferido, respeitado.
O trem trazia cartas, embrulhos, fitas de cinema
trazia namorados e esperanças.
O trem trazia progresso, histórias, outros mundos
trazia e levava sonhos e fantasias
o trem trazia mistérios...

Hoje o trem é quase um ser desaparecido
embora ainda use as mesmas linhas.
A infância não tem tempo e nem interesse
nas suas ventas de fogo
os homens voam em suas próprias asas
e nada mais a espanta.

Nossa perspectiva é tão vária
mas como o mundo diminuiu!
O trem não é mais nosso relógio
ninguém ouve seus gemidos

em noites de lua
onde o caminho que se refazia
na memória e na rota de cada apito melancólico?

Está desfeita mais uma ilusão de antigamente.
O trem, meu General, vai sumindo
seu reino passou, como passam todos
e hoje, quem elabora inúteis pensamentos
apenas cumpre um destino, o de contar histórias...



OS PIONEIROS

As pessoas que aqui chegaram primeiro
neste burgo aninhado aos pés da Mantiqueira
são os responsáveis pela aura de poesia que restauro
com uma ânsia muito forte, muito alvissareira
de exaltar suas vidas que admiro.
Nada de muito relevante em nossa história
um punhado de homens que se apoderaram do segredo do amor
e engrandeceram sua permanência neste chão.
Um punhado de nomes que ficaram vagando pelos ares
ou talvez alguns enraizados em homenagens
que perpetuam suas imagens
num nome de rua, num prédio, num acontecimento.
Ou mesmo traços revividos em rostos descendentes
nos olhos, nos gestos, ou nos porões inconscientes.
Um punhado de sonhos que se tornaram realidade
e que se vai inscrevendo no próprio coração da cidade.
Desafios, vivências, lutas, testemunhos.
Famílias porfiadas nas esteiras dos livros no Cartório
nomes, datas, escrituras e, em nossa legislatura,
números e marcas, um céu de venturas.
Apesar de tudo e das políticas, nos entusiasmos
falam mais altos os sentimentos das raízes:
enternecidos patriotismos, estremecidos amores
vagares cismarentos, lúcidas cicatrizes.
Enclausuramos verdades para a posteridade
pois não julgamos atos nem pessoas
e guardo, no cofre das palavras ressuscitadas,
os momentos felizes e as coisas boas.
Tudo isso é meu pano de fundo, o lirismo da cidade.

Em tardes muito especiais olho a cidade que diviso
e aparecem-me tantos fantasmas, cujas pegadas ainda vibram
nas escuridões das calçadas.

Tantos vultos se agigantam, acenam-me na névoa da distância
e fazem um círculo intemporal do passado e do presente

e o que se pressente é um elo muito forte
que vai além da vida e além da morte.
Estou só com meus amigos mortos
estou só com meus amigos vivos.
Eu os coloco num só compartimento de afeto
e escuto rumores de passos que voltam, braços que lutam
adeuses que doeram muito, cumprimentos que confortam
palavras de sabedoria, experiências, saudades.
Tudo isso é a voz da cidade que me afaga.
As suas veias estão cheias de sangue do trabalho
as fábricas estalam nas madrugadas o seu sono metálico
as galinhas dormem em grades com esperanças em seu ventre fértil
as vacas apascentam seus bezerros nas campinas
e os campos se animam a cada verde que brota.

As porteiras de uma fazenda remota se escancaram para promessas
e os frutos repousam nas fruteiras antigas,
vindo de álacres quintais e restauram uma energia pródiga,
há um cheiro de pêssego, seu veludo e as bananas
vêm construindo crianças sadias.
Os carros de boi voltam em rangidos tão lúcidos.
Estou a postos, frente ao passado que volta
colho o mel e provo o sal, empunho a arma de esculpir as pedras
estou ávida de horizontes, quero realizar plantios
azeito os meus motores para a viagem íntima a que me propus.
O círculo ainda não se fechou.

ONTEM

Desta janela olho o tempo de ontem,
nós, meninos, nas árvores do quintal
da casa avoenga.

E esse homem, de pijama listado,
com alamares (palavra que me intrigava)
viaja por antigos mares e chega.
Segura em sua mão um copo de leite,
quem é ele?

Um ser de repente encontrado no alçapão da memória,
e esta hora é perigosa, ela traz muitos fantasmas:
seu Chiquinho, sorveteiro
seu Joaquim português
seu Araújo, a barriga redonda na sua frente
seu Joaquim Rosa, celeiro, músico, seresteiro
Seu Celico, santeiro, sacristão, que homem bom,
um terno azul marinho de listinhas
e os canudos de confeitos para os anjos,
seu Vicente, sapateiro, a remendar nossas solas
seu Dito, verdureiro, de pernas arqueadas
seu Pedro Turco, tanta coisa ele vendia
seu Chico carroceiro, preto alto de cabelo branco
seu Manoelzinho Carneiro, que infinita paciência
seu Zequinha Carneiro, que prosa boa e macia...

Ah, as cruzes cercam a cidade
e os muros se cruzam dentro das solidões.
Deste lado, as vozes que dizem coisas, contam segredos
do outro, as que se calaram para sempre.

E todo o silêncio que se faz ao seu redor.
Em que perigo me exponho ao desenterrar pessoas
e lhes solicitar testemunhos!
Esta cidade está com ares de grandeza
pretende uma Faculdade, tem casas belas
as ruas estão calçadas, há fábricas de calçados

doce de leite, granjas, butiques, joias,
moças bonitas transitando pelas ruas
carregando o seu futuro.
Mas em cada uma delas corre o sangue antepassado
ou é Guedes, é Pinho ou Carneiro
É Mendes, Scarpa, é Monteiro
É Gonçalves, Carvalho ou é Silva
É Caetano, ou Ferreira ou Santos
e nos perfis encontrareis traços mil, misturados.
São netos e bisnetos dos que primeiro vieram.

Não é lindo e ousado vir depor
no tribunal augusto das palavras
nas quais me prendo como em grades
e vou tirando sentenças a bel-prazer?
É preciso que um advogado judicioso
me requeira um habeas corpus antecipado?

GRUPO ESCOLAR FELIPE DOS SANTOS



Num pequenino artigo de José Penedo
vi o aniversário de nosso Grupo:
ele fazia dez anos e era 1937.

Nesse jornal modesto ele enaltecia o infante
que nascia em 1927.
E que festa naquele dia, 14 de julho, aqui então se fazia!

O Grupo, antes, me parecia longe e é tão perto!
É que então era deserto
aquele pedaço da cidade.

Ao lado, o Ginásio Sul Mineiro
e ao fundo, a Mantiqueira, imponente testemunho
a afirmar, com seu compromisso de terra,
tudo o que vamos contando.

E o sol, a cada manhã, iluminando
as crianças de maleta e uniforme
e as mestras, de coragem e paciência
a ministrarem ciência àquele bando.

Grupo querido, diz José, aqui passamos
as horas mais felizes da vida!

Deixem que eu me reporte a um dia qualquer
desse calendário de saudade.

Talvez um sete de setembro
ou outro dia importante, comemorativo.

Há um clarim que não se ouve,
é o que sai do peito jovem
criando o seu amanhã.

Rufam os tambores
e estão em festa os ares da manhã!

Outro dia, é hora da merenda, o sino toca em claros sons
e desembulhamos os pães com manteiga
ou bolinhos de fubá.

O pátio, as árvores antigas, salve Vinte e Um de Setembro!

E a voz de Da. Iaiá, enérgica, firme, poderosa: meninos, em fila!

E um vago e tênue calafrio pela espinha.

A Ave-Maria em conjunto e o Hino nacional.

Os versos da Pátria em tons desafinados.

D. Else, D. Nadir, D. Dita, D. Nazi, D. Estela, D. Nair

D. Vera, D. Renata, D. Negrinha, D. Cecília, D. Ruth, D. Nilda, D. Elza,

D. Gabi, D. Fifina, D. Ziloca, D. Júlia, D. Argemira, D. Nazinha,

D. Professora, tia, amiga.

Ah, que ramalhete bendito de Donas, tão heroicas,
que flores exóticas, mas belas, saem deste buquê.

A elas rendemos nossa homenagem, gratidão,
e lhes entregamos, enternecido, o coração.

Grupo Escolar Felipe dos Santos!

Era um cavalo baio no qual se amarrou o mártir
e ele rolou pelas ruas, pelas estradas,
abençoando-as com seu sangue.

Quantas vezes rememoramos as dores passadas!

E era o grito de D. Pedro
o cadafalso de Tiradentes
e eram os Inconfidentes
o suicida Cláudio Manoel
e D. Isabel, a venturosa
e D. João Sisudo
que queria tudo, o ouro, a terra e a glória
e toda a nossa história
desfilando por entre as páginas da infância
mesclando-as de fatos e de lendas.

E os anos passaram lentamente
tudo era sossegado, o dia, a hora do relógio
e a pancada do sino, clara e sonora!
Um ano era uma eternidade
que hoje passa num minuto...
A saia pregueada, o sapatinho preto
e os boletins, as notas dez
e o sorriso da mestra
com bondade em cada vez.

Um dia, sob o olhar de Nadir, então a Diretora
fui dar uma aula, como exame
que nó na garganta, que pedagogia difícil
ah, tão melhor ser aluna...

Querido Grupo Escolar, dizia o menino José
e a ele entreguei para o ensino três meninos também...
e que saíram sobraçando o seu primeiro diploma
o coração rebentando de felicidade.

As festas de formatura, os paraninfos
os discursinhos trôpegos, os papéis trêmulos nas mãos
as festinhas com datas marcadas
as flores das professoras
e os recados para os pais...
As Paradas, as roupas enfeitadas, as bandeiras agitadas
num longo varal de comemorações...

as palavras navegando num doce mar de esperanças
e as crianças, desenvoltas
crescendo e virando gente!

As carteiras rabiscadas
e os cromos tão simples
que enfeitavam cadernos...
E os portões da infância se abrem para uma realidade
mesclada de sonhos e mistérios
de um viver complicado
que ia sendo ensinado.

Os mingaus da Semiana
os crochês de D. Maricas
os trabalhos manuais de D. Guilhermina
os sustos da Carmen, da Honorina
e tantas mais que já nem lembro...

As primeiras letras trazendo um mundo fantástico
para dentro de cada um.
E D. Iaiá pondo medo e bondade tão dosadas
no bolso de cada um.
E os Hinos gloriosos pondo patriotismo
no coração de cada um.
E o tempo pondo saudade.
Cada um sou eu, é você, somos todos nós
que por ali passamos e guardamos
no fundo de nossas mentes...

Essa ternura tão pura de uma parede ditosa
que se pinta, hoje de azul, amanhã de rosa
ou de amarelo
mas que são tão venturosas
e constroem perenidades.
Colocam sabedorias
nas infâncias riosas.

Grupo Escolar Felipe dos Santos

que hoje se modernizou
e se chama
Escola Estadual Felipe dos Santos
e esse Felipe matreiro
se enrosca herói e mártir
na vida de cada um.

É a Caixa Escolar, sempre carente
são as valorosas mestras
socorrendo com sua caridade
aos que dela necessitam.
Cadernos e lápis, sopa de leite, carne e pão
e as proteínas e as letras constroem meninos
carne e espírito
corpo e alma, letra e pão

São Semanas da Comunidade
que ensinam solidariedade
a grande solidariedade da partilha
e do viver comum.

Associações de Mães de família
País e Mestres comungando juntos
à mesa da doação.
São jornaizinhos que nascem e morrem
e deixam pequenas estórias
espalhadas por aí
são retalhos nas gavetas
amarelos e apagados
que revivem num momento
a vida em procissão!

São aniversários que se comemoram
no “Itanhandu”, “O Torreano”,
são campos agrícolas, hortas comunitárias,
árvores centenárias
movimentos que retratam cuidados
de quem constrói o futuro.

São médicos que curam
são dentistas que trabalham
São visitas que entram e saem
são gerações que se revezam
nos portões escancarados.

Grupo Escolar Felipe dos Santos
é, enfim, uma colmeia de amor!...

GINÁSIO SUL MINEIRO

Dentro de mim o tempo já delira
nos que já se foram, trôpegos e jovens
nos que deixaram, vivas, as pegadas
para os que após viriam liderados.

Em quietas manhãs, nossos passos luz buscavam:
íamos ao Colégio, o velho Sul Mineiro
onde grandes mestres pontificavam.

Para o José da Costa Brito, o tio Zezinho,
eu precisaria um livro inteiro
para compor perfil tão altaneiro
e se este for povo justiceiro
há de contar comigo sua vida.
Nele o homem e o mestre se fundiram
e o fizeram tão completamente
como a natureza, o fruto e a semente.
Professor Souza Nilo, o diretor austero
com óculos no nariz e os olhos
estes perfuravam mais que as lentes.
E com voz severa e passos de veludo
seu diminuto tamanho, a severidade provia.
Havia Júlio dos Santos, poeta,
devassando da história guerras e acontecimentos
e na voz soturna dava de novo vida
aos heróis e seus descobrimentos.
Havia o Radi Gorski, figura paradoxal,



Radi Gorski

vindo não se sabe como parar por estas plagas
 e tinha um sítio onde as hortaliças
 medravam numa química misteriosa.
 Criava coelhos, comia alhos e garantia
 uma saúde de ferro. E ensinava coisas preciosas:
 como enviar uma carta e pregar selo.
 Havia o “seu” Beni e era um crânio
 a matemática vivia em sua roupa, em sua pele.
 Havia o latim ensinado
 pela candura tão saudosa de “seu” Brito.
 Rosa, rosae, ah, como o tempo voa
 e como a vida é boa!
 Havia Da. Pequetita para quem o livro
 foi marido, pai, rei e dono.
 Nas pegadas do mestre ela ajustou seu passo
 e o seguiu contrita pela vida toda.
 Havia tantos outros que se me embaralham
 no coração e na mente entristecidos
 por tanta ausência, tanta vida gasta.



Júlio dos Santos



Maria Benvinda Toledo Grillo
 (D. Pequetita)

Mas a máquina me diz: não basta!
 Temos que continuar nossa tarefa
 e desenterrar do fundo do passado
 estas pessoas que vêm para o futuro.
 É um caminho longo, mas é necessário
 e volto à página de hoje que já leio
 com saudade das páginas que passaram.
 Sou uma árvore em que a primavera
 deposita a cada ano a sua força
 e, embora podada, como a vida ordena
 me revisto de floradas, enquanto a seiva dure.
 É que este chão tem o poder e a graça
 de me prover de flor a cada espera
 e me embebeda a cada dia em sua taça
 para que, bêbeda de amor, lhe cante a jaça!

SERRA DA MANTIQUEIRA

Não é sem pejo que o digo, sincera,
fui escolhida para o que julgo privilégio
o de pegar a palavra e o fato soltos, no ar,
colocá-los em fila, para formar a paisagem antiga.
Essa ternura me afaga em cada curva da manhã
em sua beleza de entrega, rastro de luz, esplendor.
Vou escutar o canto da tarde abrindo as estrelas
e rasgando os trapos do dia.



Eu vou olhar minha Serra, a Serra da Mantiqueira
antes que a noite venha
e a agasalhe com sua negra máscara.
A Serra é tão doce nesta hora, repicada e cheia
de uma tristeza poderosa.
E tenho a mais absoluta certeza de que ela nos entende
e nos defende de males.
Ela é como noviça, esperando a fímbria do crepúsculo
onde o amor se celebrará numa boda imensa
e serão um só, corpo e alma.
Ela, engalanada como noiva espera a mensagem
de um amor tão forte como o de Jacob

onde o tempo é infinito.

O mundo ali se prende como grinalda do Altíssimo
em nuvens quase sempre cor de rosas.

Minha Serra é desprendida e, sem regateio, se oferece
ao primeiro olhar desvanecido, como em prece.

Minha Serra é sôfrega, com sede sentida à distância
e se esparrama no azul como numa paleta de pintor
Ela é como o voo do beija-flor, sempre belo e que vai,
por puro amor, em voo rasante, espicaçar uma flor.
Empolga-se de sua beleza como um deus minúsculo
que destrói para enaltecer.

Vou espiar uma vez e outra e quantas der jeito e confiança
pois a saudade dela me tange em longe pátria
e me toca de novo para ela como um carneirinho trânsfuga.
E pela delícia da volta me enleio.

Darei conta do que fiz, embriaguei-me,
pois me colocaste, Deus, em frente a ela
com seu pudor de Virgem e vendo-a despir-se, a cada manhã,
fico empolgada de sua presença, com os olhos prontos
mas não exaustos, para o testemunho, não para o repouso.

Serra da Mantiqueira, nas viagens de trem
de Lamartine, em lenta valsa
emoldurando essa cidade adormecida...



Dizia, um dia, um jornal: “mais distanciados da cidade
encontram-se os morros do Baptista, dos Correios, da Mata,
da Ponte Alta, todos cobertos por linda vegetação.

Um pouco mais além desses morros encontra-se,
com toda imponência, a majestosa Serra da Mantiqueira,
que constitui um abrigo contra as inclemências das estações
desfavoráveis.

O Pico das Agulhas Negras pode ser visto de Itanhandu”.

Em linhas materiais, está aí o seu retrato.
Mas o seu desenho é profundo e faz o mundo
de cada um, na sua geografia pessoal, muito mais amplo.
Eis porque, Serra Azul, és tudo isso e muito mais que isso.

UMA VISITA



Antigo prédio da Prefeitura Municipal

Fui à Prefeitura e saio sobraçando dois grandes volumes: são recortes de jornais, decretos, documentos xerocados, onde o Ênio aprisiona a história da cidade.

Estou emocionada por dois motivos: um, o de ali estar. Esse é um lugar que me traz sempre fundas recordações. Penso em meu pai, tantos anos naquele Gabinete, com seu jeito manso e amável, despachando papéis, recebendo pessoas, conversando com o Ary sobre problemas administrativos, o Bibi, sempre amigo, presente, com suas sugestões, seu trabalho e assiduidade.

Entra o João Costa, dizendo: “Nenê, o negócio está no papo, pode ficar sossegado, não tem perigo!” Com certeza referia-se às eleições, ele sempre otimista, confiando em todos, o coração aberto às promessas, mesmo as falsas, às quais dava o seu generoso aval.

Vem o Sebastião Satiro, ainda meninote e diz: “Padrinho, o Curso vai começar mais cedo, posso sair?” E papai dizendo: “Esse menino vai longe.”

Uma vez ali estive, como funcionária, por um mês, sem contrato, apenas para ajudar em papéis atrasados e dava uso à datilografia recém aprendida com D. Ursulina, uma senhora alta e calada, casada com Sr. Pedro D’ Angelo, que era baixo e gordo e tinham um belo menino de cabelos encacheados. E lá vou eu a praticar: asdfg, hjklç, asdfg, hjklç...

Quando me casei, papai ainda era o Prefeito, mas deixou a Prefeitura logo depois. E o cargo até nos parecia vitalício, sem honorarias, sem pretensões, apenas abnegação e trabalho, exercido em onze anos...

Depois, outra emoção. Foi a vez do Rubens. Em sua época, muito raramente ali compareci. Só para alguma cerimônia especial. Essa época nos

marcou tanto, ainda mexe com minha sensibilidade, quando o recorde nas lutas administrativas, a lutar contra uma oposição ferrenha.

Mas vejo-o numa caminhada resoluta, sem ver os obstáculos no caminho, as noites indormidas, mas vivendo a alegria do dever cumprido.

Depois ele se afastou completamente da política. Deu conta do recado, cumpriu a missão que lhe delegaram, mas não gostou desse prato que a alguns tanto atrai: a política. Não guardo desse tempo memórias ensolaradas, tudo é muito sombrio.

Quando Delfim, meu caro irmão, esteve exercendo o cargo de Prefeito, em 1973, ali fui algumas vezes, como Senhora de Caridade, para pedidos, algumas reuniões, cerimônias às vezes, e sempre me comoveu vê-lo no lugar de nosso pai, ele que tem o nome e tantas de suas qualidades.

Agora é o José Carlos que ali está. É um pouco filho, pois a longa convivência em família, e com amizade suscita esse clima de afeto, é meu genro, casado com Suely.

Mas também vou a serviço. Para pedidos especiais, cessão de caminhão para construção de casinhas, atestados para documentos, Casa da Amizade. Tudo oficial.

Ontem, ele nem estava lá. Mas pudemos ter acesso aos livros que, graças à ideia que tivemos, vão crescendo. Foram chegando documentos antigos, retratos, jornais, cartas, e há um enternecido acervo de memórias a registrar os eventos da cidade.

Manuseio estes livros e me quedo subjugada pelo peso da responsabilidade e de uma saudade comovida. Mas sou muito dispersiva. Sou poeta. Borboleio pelos fatos, tiro-lhes o mel passageiro, conto fatos de outra época sem a certeza do essencial. Que importa a data, o lugar exato, o fato que passou? A mim me toca o caminho que no coração ficou.

Vão ficar tão desapontados com os meus líricos eventos! Uma casa, uma colmeia de vida, a brandura de um olhar, uma professora a me pegar na pequenina mão, a candura da mãe a lutar pelos seus ideais, a revolução na alma pelos profundos sulcos da saudade, a revolver como um vento os amarelecidos papéis, jogando-os nas alturas!

Tenho em mãos documentos muito sérios. Mas não posso me restringir a datas, embora às vezes as marque, cato milho nas lembranças e, na máquina obediente, revivo momentos de antigamente com ternura, laços do passado, quase me desintegro num jardim de antigas sombras. Tenho os meus ídolos e os numero. Estou num labirinto de recordações, fundas!

Assim, tenho os meus recatos e estou envolvida nessa aura de passado para ressuscitar que, de uma simples ida à Prefeitura, faço sérias reflexões!

Seria mesmo a pessoa indicada para manusear estes livros na reconstituição do tempo?



Prédio da Prefeitura Municipal na década de 1980



Prédio atual da Prefeitura Municipal

A CRUZ DA MARIA CÂNDIDA



Maria Cândida com os filhos

É o trem sinistro, furando o desconhecido
é o trem da morte
que sobe a sinuosa montanha
em cadência monótona.

É o trilho cinzento, cinzento como minh'alma:
aqui perto ela dormirá para sempre
e eu estarei livre.

Essa voz, esse pensamento talvez,
acompanhava o ritmo do trem veloz: tec... tec...
Mas o ruído cadenciado também acaricia os sonhos
da jovem portuguesa:

- plantarei milho, feijão, alfacinha
haverá uva para o vinho
e trigo, talvez, para o pão.

Lindos tomates vermelhos, batatas, cebola, couve.

E assaremos o pão e comungaremos o silêncio!

E o trem inocente, cúmplice de um crime,
empresta sua melodia
aos pensamentos lúgubres ou nobres
tão diversos!

Eis o casal: ele, solícito, fazendo-lhes as últimas vontades
e ela, feliz, o companheiro tão terno.

Lá pelo Pé do Morro ele diz, voz macia:
- Prepara-te, é aqui perto.

Ela vislumbra a Serra, à distância
abrindo sua paz sobre o seu amor.
Ó Serra azul e bela, serás minha companheira
e afagarás meus sonhos, talvez meu sono.
Aqui está a minha nova terra
e o espaço de meu coração
será pequeno para guardar-te!

O trem chega, a estação está deserta, é noitinha
e o casal vaga ermo, toma um atalho...
- Ó terra, na qual pisei por um instante
não para a vida,
e que marquei para sempre
com a minha morte!
Aqui se extinguiu o meu alento
mas farei deste torrão, desde esse momento
um cantinho abençoado.

Clama por meu nome, nas várzeas ondulantes.
e aqui virei, invocada pela oração.
Clama pela visitante
que aqui para sempre ficarei.
- Ó Serra, que me vela o sono
sou aquela que teu vulto mirou por um momento
e que, sob o golpe de um cutelo
Na voz destas plagas feiticeiras

viveu um breve sonho de amor.
Ó, anjos, que me velareis por todo o sempre
voai sobre mim e levai a Deus
minh´alma pura!

Ela recebe o golpe fatal
e nesse lugar, fincou-se uma Cruz
tosca, pequena, escura
como o seu sangue
que tingiu esse lugar,
É a Cruz da Maria Cândida,
triste marco na cidade.

Nela peregrinam em busca de graças
e a moça morta faz milagres.
Há curas, promessas, juras.
No cemitério antigo, logo à entrada, se acendem velas
fazem votos
e pobres flores secas estão sempre ali
oferta dos devotos.

Mas ele, ele também teve uma Cruz em seu nome
fugiu, mas foi capturado
E expiou seu crime nas grades de Pouso Alto, a Comarca.
Expia.
Arrepende-se tão tarde.
Fabrica carrinhos de madeira para as crianças,
chama-as, mas elas fogem, com medo.

Isto me contava mamãe, criança que era então.

Depois, a pena cumprida, não quer mais a vida
e decide dá-la aos doentes.
trabalha na Santa Casa,
é o enfermeiro Cruz, paciente, bondoso, velho.

Hoje, a Cruz desapareceu
as crianças nem sabem onde existiu

lá para além do fim do mundo
numa curva da estrada
num atalho maldito...
Uma moça mal-amada morreu...
E quando o vento assoviava
e o apito do trem cantava
quem soube talvez se lembre
desta terra a triste história
por volta do ano da graça
de mil novecentos e quinze...



Este crime aconteceu lá pelos lados da Viúva Guedes, em 1915
Manoel Ferreira da Cruz era empregado, como enfermeiro, na cidade do Porto, em
1907.

Veio então trabalhar em São Paulo, no Instituto Paulista.

Quando a mulher veio em seu encalço, ele já tinha outra família.

Trouxe-a para cá, dizendo-lhe que tinha um sítio, onde viveriam,

E o crime ocorreu no dia 30 de julho de 1915.

No dia 12 de setembro de 1916 foi julgado pelo Tribunal do Júri de Pouso Alto e
condenado a 31 anos de prisão.

Funcionou como Juiz nesse processo o Dr. Leolino Teixeira e como

Promotor o Dr. Leonel Costa. Como advogado de Defesa o Dr. Fernando
Petronilho.

RAÍZES

Trouxeram-me fotografias, recortes de jornais
imagens que o tempo foi deixando ao passar.
Trouxeram-me palavras soltas, letras esparsas
num longo painel de lutas, de que hei participado.
E foi como se me entregassem o passado
embrulhado em pedaços de jornal.

Somos uma cidade pequena, dez mil habitantes
são poucas as ruas, mas têm suas características
sempre uma homenagem a um cidadão ilustre.
Isso não é original, mas o jeito delas é que tem graça
um modo de colocar a casa, um jardim ou uma rosa.
Ela tem um visgo, uma enleada melodia
que se espraia pela noite e pelo dia e nos acompanha
aninhada na mente, quando a gente se afasta.

Somos dez mil habitantes, pouca gente, mas quanta façanha:
há fábricas, comércio variado, tantos carros, quase mil
Bancos, Clubes, prédios novos, três Grupos Escolares
Felipe dos Santos, Nenê Garcia e D. Semiana
há crianças engrossando o censo a cada ano
e seus destinos vão compondo um mapa sentimental.

Vigiam-me descuidados lembrares e as alvoradas voltam
são Bandas de música em sutis dobrados
que nos reviram o coração pelo avesso!
Vejo meninos com trêmulas bandeirinhas nas mãos
e os mártires sendo reverenciados com emoção.
Rapazinhos de cáqui, Tiro de Guerra 663, muito longe!
“Seu” Henock comandando com a batuta
“Seu” Formiga soprando o baixo, o Sérgio batendo o bumbo
Sebastião Perroni escrevendo notas, Secretário batendo pratos.
Joaquim Rosa e o bombardino, tanta gente que sumiu...



Maestro Henock Nogueira e alunos de música do
Ginásio Sul Mineiro

Antigamente havia aqui duas bandas, a Lira e União
e havia rivalidade entre elas,
as primeiras da nossa terra.
À noite espionavam os ensaios e copiavam os dobrados
e os maestros competentes escreviam as notas roubadas.
Uma vez, contaram, “seu” Baptista escreve uma carta
e põe em relevo no envelope: “Sem reserva”.
À noite fizeram na praça a estreia, um dobrado lindo com esse nome.
E as Bandas vão passando, com seus instrumentos líricos e eternos
vultos permanecem nas esquinas vendo a Banda passar...
Mas uma delas ficou permanentemente comigo:
Luiz Paulo, menino, com seu instrumento, era requinta?
Tocou numa Semana Santa e foi a estrela das procissões.
Perdão, mas são contas de cristal, essas que me alimentam
e que dão o colorido aos vitrais da emoção...
Ah, conheci tantos heróis, viveram tão perto de mim
e encetaram tantas batalhas por este chão.
Heróis que, nas batalhas cotidianas, empunhavam espadas
empedernidos no sonho, o peito rebentando de futuro
e davam penadas em decretos firmes e sólidos
e aos quatro ventos espalhavam suas recônditas certezas.

Mas tudo se esboroa nesse vento frágil da memória
e o tempo vai me ajudando a desenterrar as raízes
amarelecidas pelo tempo, pelas cicatrizes...

AS IGREJAS

A igrejinha velha tinha o altar em rosa, azul e dourado, mas era altar muito amado.

Ao fundo as escadas, cheias de jarras e onde, vestidas de anjo, subíamos, num precário equilíbrio, camisolas compridas e, entre rosas e lírios, coroávamos Nossa Senhora.

Tinha somente uma torre, hoje são duas e desiguais, mas era ela alegrinha, contente de ser simples igrejinha de roça e dava testemunho de fé e tenacidade.

Nos anais da cidade, inscritos no livro do Tombo, consta que antes dessa Igreja, pronta e inaugurada em 1927, houve uma Capela, iniciada em 1906, com poucos metros quadrados

onde foi localizada a imagem de Nossa Senhora da Conceição,

vinda da Bahia, em 1889 e doada

por Joaquim de Almeida Campos, um português.

Hoje ela mesma está no altar de nossa terceira Igreja.

O largo da matriz foi aumentado por doação feita

por José de Araújo Braga e Francisco Caetano.

As principais festas realizadas para a construção da Igreja eram a de Santa Bárbara e a de São Sebastião.

Eram festas animadas, havia batizados solenes,

Semanas Santas concorridas e padres que vinham em Missões.

Os Bancos eram preservados para as famílias

os nomes, numa plaqueta de metal, eram respeitados.

E as famílias enfileiradas sentavam-se nesses bancos.

O altar dessa primeira Igreja foi doado por Ignácio Fortes Bustamante.

A Imagem de Nossa Senhora de Lourdes foi doada

pelo Capitão Franklin Lima da Fonseca

e a imagem de Santa Bárbara pelo Sr. Antônio Scarpa.



Fachada da Igreja velha

D. Hortência deu um paramento completo em roxo e outro veio das Obras do Tabernáculo do Rio de Janeiro, doado por Virgínia Pereira. A doação da Casa Paroquial foi feita em 1927 pelo Sr. João Baptista Scarpa, pois constroem para o futuro. Citarei agora Benedito Lázaro Ribeiro, seu realizador que fez desde o primeiro risco, com o esquadro e o sentimento de amor, com régua, cimento e suor.

Namorou cada canto e cada parede como se fosse uma canção de pedra crescendo de suas mãos.

Citemos ainda Alfredo Passos, o grande Tesoureiro que lidava com os números com tanta precisão e era uma caixa registradora móvel e disponível.

Pedro Cunha, Luiz Perroni, José Cunha e Careca, Astolfo Guimarães.

Armando Cunha, João Costa, Oscar e José Bustamante, Arlindo Passos e outros leiloeiros.

Pedro Scarpa e Francisco Gomes Pinto

Delphim Pinho Filho, Aguiar Dias, João Mendes, ah, tanta gente generosa, preciso enumerar quase toda a cidade que deu as mãos, radiosa, e elevou aos céus o seu templo maior.

E as mulheres, então?

Não caberiam numa lista aquelas heroínas guardando nos bolsos do avental todo o cansaço e construindo, passo a passo, tijolo a tijolo, essa Matriz imponente, que recebe toda a gente no seu bojo iluminado.

As longas noites dos jantares...

as prendas e os bingos, os pães no forno e as leitoas os frangos assados e os pudins, prendas para os leilões...

Lembrar? Ah, estão todos glorificados naquele baú que Deus guarda.

Mas essa obra majestosa é a prova



Benedito Lázaro Ribeiro
(Sr. Bibi)

da união de um povo que atravessa crises e obstáculos,
revezes e difíceis caminhadas
para marcar suas pegadas no caminho da oração.



Igreja Matriz de Itanhandu

Em fevereiro de 1961 a Igreja é sagrada e,
em cerimônia bela e inesquecível,
D. José Costa Campos, no mesmo dia, é sagrado Bispo.
Quem constrói para Deus não usufrui do fruto,
senão do trabalho e ele aí deixou “sua” Matriz.
Porque os caminhos de Deus assim dizem:
os homens usam cimento, ferro, barro e sonhos
e Deus usa os homens!

A primeira visita episcopal aqui realizada
foi feita por D. Silvério Gomes Pimenta.
Depois as visitas foram feitas por D. João Baptista Correia Nery,
em 1906. Em 1910 visitou-nos o primeiro Bispo da Diocese de Campanha,
D. João de Almeida Ferrão. Fez então 311 crismas.
Em maio de 1945, sob o comando de Pe. José Costa Campos
iniciaram-se os trabalhos para a construção de uma nova Matriz.

A primeira Igreja estava pequena e velha.
 Pe. Inácio Jansen Jatobá adquiriu mais terreno
 para torná-la maior.



Dom José Costa Campos

A 20 de maio de 1946 foi lançada a pedra fundamental.

Aqui veio para a solenidade D. Inocêncio Engelk, segundo Bispo da Diocese, que se hospedava em casa de meu avô.

As obras tiveram início no dia 2 de fevereiro de 1947, data histórica para a paróquia que, nesse dia, comemora a sua fundação, 2 de fevereiro de 1927.

As festas que se realizaram em prol desta construção ficaram para sempre nos anais da dedicação:

mulheres tão dedicadas, fritando pastéis e recheando empadas e os homens batalhando nos comandos,

construindo barracas espalhadas pela praça.

O povo ali se reunia e o dinheiro ia sendo arrecadado entre risos e alegria. E a arca vazia se enchia.



Primeira Semana Santa em 1º de abril de 1928

As campanhas surgiam: primeiro a das sapatas,
e dos tijolos, das telhas, dos vitrais e dos apóstolos
e por último, mais solene, a do altar.
Depois se fez mais uma para o final da construção.
Em 12 meses as paredes foram levantadas
e o telhado, vestido de “pão folheado”, as abrigou.
As paredes foram se vestindo de azulejos e
os vidros coloridos chegaram.
O altar de mármore maravilhou todo o povo
quando chegou, com seus enfeites dourados.
Os trabalhos e as canseiras foram para o livro de Ouro
que deve estar guardado nos baús de Deus.

Quantos nomes estão ali encerrados na
trajetória luminosa dessa gente valorosa,
que dá seu tempo, dinheiro e dedicação
com as caras mais alegres e festivas.



Imagem de Nossa Senhora Conceição do nicho frontal da
Igreja Matriz, doada pelo casal Walter e Zilah Figueiredo Motta.
Fotos da entronização da imagem em 15 de agosto de 1963.

COISAS...

Eis que o tempo se reveste de um obstinado cinza
e revolteiam folhas nesse vento cúmplice.
E a cidade se encolhe lá embaixo
e é uma criança a procurar o materno seio.
A chuva investe, grita, anseia
e as tempestades de ontem me voltam intactas:
chegamos molhados da escola e mamãe ali está
um copo com café e conhaque nas mãos,
algumas gotas que espantam o fantasma da doença.

Surgia essa garrafa não sei de onde
e trazia o fogão para dentro de nosso peito
queimava e ardia e ia embora o resfriado.

A chuva lambia as vidraças e rugia
mas estávamos tão seguros no ventre da casa,
um copo obscuro, a mão da mãe a deslizar pela infância
seu calor e seu amor...
Que falta nos faz agora!



As chuvas continuavam a escorrer pelas janelas
e a vida está amadurecida como um fruto.
Já esquentei tantos dorsos de crianças
alinhavi um alfabeto de lições
e quis passar a elas, do mesmo modo,
essa ternura de um frasco e suas gotas ardentes

para aliviar uma dor qualquer.
Mas havia em minha mãe um elemento, uma alquimia
que nunca aprendi.

Temíamos cachorros loucos
as gripes severas, o tifo e os tísicos
e olhávamos os morféticos por dentro das vidraças
e os víamos a comer pão e carne
com as mãos sem dedos, um medo enorme!

No anteparo da Serra o vento batia com força e raiva
mas a cidade nunca se intimidou.
Como se escreve a vida? Não sei...
são pingos de chuva
são gotas de amor
são risos lúdicos
são lembranças
são paisagens difusas
fantasmas de leprosos que passam em pacientes cavalos
são domésticas destilando sapiências sobrenaturais
e a imagem de um Deus tão defeituosa
a boca cheia de ameaças, dono dos não
A alegria de uma vidraça
lambida por uma chuva de antigamente...
o Cinema com letra maiúscula exibindo heróis
o frasco escuro e o líquido mágico
o colo doce
a maleta com a merenda e os deveres
as vozes das professoras unidas num murmúrio
como o rio canta em cantiga dolente
a casa do avô, o chilreio dos netos
a tristeza do sino
a roupa de anjo amarrotada e as asas soltas
as bênçãos dos tios, dos avós
o riso e a felicidade...
Ah, como se ensina a vida?

PRINCÍPIO

Queria reconstituir, como um desenho caprichosamente elaborado, o clima de antigamente, quando esta cidade era um arraial.

Nem ruas, nem eletricidade, nem água encanada. Exatamente como um novo mundo surgindo.

As longas distâncias a percorrer entre uma casa e outra, o campo imenso, o conforto difícil de um simples banheiro.

Todos numa simplicidade primitiva.

Mas não há papéis que possam devolver esse tempo, há a imaginação.

Tudo precário, as pequenas indústrias nascendo, a coragem para enfrentar desafios, perigos, a alavanca do futuro acionada.

Nossas avós, as longas saias, a nutrirem seus bebês em sua ameaçada sobrevivência, a cozinhar em grandes e escuros fogões, os homens na dura luta cotidiana, mas sinto-os tão fortes, tão firmes!

Conheci-os já mais velhos, estes homens pioneiros e eles sempre nos deram uma imagem de força, de segurança e de sabedoria.



Villa Elisa
Residência de Olavo e Vicentina Gomes Pinto

A casa do avô, com a sala cheia de portas. A casa do Dr. Olavo, com as letras carinhosas: Villa Elisa.

A casa de “seu” Ildefonso, branca e ruidosa.

A casa de “seu” Baptista, majestosa, o alpendre se bifurcando pela escada e o movimento de gente entrando e saindo.

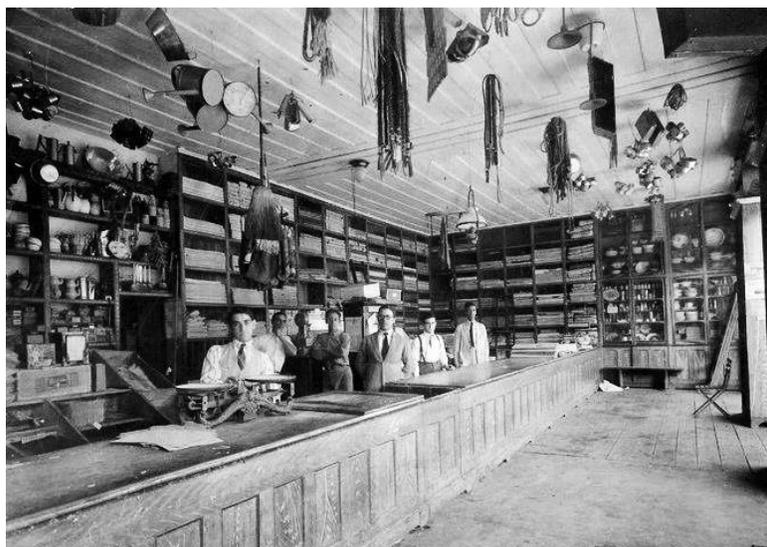


Villa Cadorna
Residência de João Baptista e Maria José Scarpa

Os sobrados dos Gomes Pinto e dos Moreira.

A casa que era o símbolo do acolhimento, de “seu” Pedro Scarpa.

“Seu” Ernesto indo para casa de negócios, na rua Sete e seu sócio, “seu” Mancilha.



Casa de comércio Mendes e Irmão, de Ernesto e Ildefonso Mendes

As casas dos esforços, dos homens bons, as casas que foram nascendo, as distantes, as da Vila Carneiro, os telhados surgindo, as cumieiras sendo brindadas com cerveja, as janelas enfeitadas de molduras, vidros coloridos, a terra revirada das argamassas, homens carregando latas, o compasso febril das construções e crianças criando os seus espaços.

E o Grupo Escolar Felipe dos Santos e o Ginásio Sul Mineiro, guardiães de cultura e esperanças novas, momentos alvissareiros das festas de formatura, mestres e discípulos envolvidos nos programas de ensino.

Ah, as casas aí estão, mas o espírito que as habitava já se refugiou nas sombras, deserdaram os ares de seu alento, o respeito e a reverência das presenças se distanciam e surgem novos e modernos modos de existir. Hoje são apenas casas...

As portas se abrem para os descendentes.

Encurtam-se os horizontes, o mundo desfalcado de certos valores que foram tão ciosamente preservados, a vida é truncada em suas aspirações mais legítimas, elas não vão além de um horizonte imediato.

Como que os homens perdem o significado da tradição.

Mas o canto que eu ressuscito é um canto de poesia a se evoluir das pessoas inertes.

Como as pinturas do pintor Tancredo a enfeitar as paredes com mensagens de esperança e futuro.

Álbuns de retratos vão surgindo e as saudades se acumulam e desaguam num fim de luta, no cemitério.

Porque a vida é luta. E revejo os homens com suas batalhas políticas, construtivas, vivências.

E há uma linha tênue a encobrir esse passado e a limitar a imaginação.

O momento atual é muito grave. Estamos entregando aos jovens um mundo que recebemos muito limpo, promissor.

E estamos entregando a eles um mundo defeituoso, frágil, nebuloso. O caminho de nossas pegadas será uma rota?

Aqui estamos, recheios de dois tempos, espremidos pelas contingências desse século onde houve duas guerras, onde as coisas aconteceram depressa, convulsamente desordenadas.

O mundo que eu queria reconstituir era manso e simples. Havia o pão farto e as alegrias da partilha.

Havia a firmeza da palavra empenhada e a certeza do amanhã.

E nós, podemos assegurar-lhes o dia seguinte?

OS ÍDOLOS

Disse o Homero que a luz não vinha
e era o menino deslumbrado namorando o seu quindim.
Também me vi naquele evento,
num canto de jardim.
Olhando os mesmos homens encasacados e os foguetes ruidosos
e a festa a rugir com estrondo nos corações ardorosos!

E é tão fácil imaginar: o que haveria por detrás de tudo isso?
Havia a mocidade, havia tudo!
E a pureza daquela gente que se entregava de corpo e alma
que lutava e dizia cada palavra com tanta fé
como se rezasse, em prece.

Um fio de barba marcava o documento, sólido,
e, também, as casas eram construídas como os homens.
de pedra!

A comunidade, - como se fosse uma colmeia –
eram rainhas e operárias que trabalhavam contentes
só me lembro dos risos, da calma, da certeza
de que sabiam o que fazer de cada hora.

Dinheiro era um bem a partilhar
ou um mal necessário?
Eram moedas que compravam tanto
ah, meus doces tostões, meus algodões!

Homero namorava o seu quindim e a luz era tanta
mas a doçura na garganta
foi o que ficou.
Engraçado, como se embrulha o passado
num pedaço açucarado!

Disse-me outra voz, não tão memória
que daquelas festas guardava o som e o cheiro
e das procissões o arrastar de passos

no silêncio e no respeito.
Como se misturavam nas almas as lembranças
são pinceladas de tempo aprisionadas...

Sempre fui meio borboleta e passo pelos
ares tirando o mel que posso das flores, das
faces, das palavras.

Não voo muito fundo ou muito longe,
tenho asas curtas.

Mas, na imaginação, tiro do coração
tantas figuras amadas, de quem com sua
ação, com seu passo – de quem sabe onde
ir e como ir – ficaram.

Aqui estou, revirando-me pelo avesso
certa de que me deram uma missão que
não mereço.

Mas contarei um segredo, tenho um jardim especial
cheio de ídolos, que cinzelei com meu acume.

Não importa a impetuosidade dos ventos,
nem do tempo no espaço de meu seletor
grupo, vou nomeá-los e nada poderá
destruí-los.

Diante de um público imaginário vou
apresentá-los:

Aqui está a Rafaela e quem diria que esta
moça tão ela, que anda depressa da
Escola à casa e da casa à Escola se
erigisse em estátua tão bela?

Em atos pequeninos, heroicos,
cotidianos, constrói seu marco paciente,
firme, doando-se aos pedaços,
na incansável rota de seus passos...

Outra pessoa ali está, a Nair, jovem
professora primária que alfabetizava com
mel e lágrimas e que o destilou até o fim,
entre filhos, alunos, parentes e amigos e
dentre eles, num alfabetizado de amor,
meu filho Luciano.



Rafaela Miguel



Nair Guedes



Vera de Souza da Costa Brito

E a prima Vera, doçura que se gasta entre irmãos e sobrinhos a velar o sono do pai cego, a mãe ternura, que fazia licor e balas de coco...

Vera, que herdou do pai as qualidades, e vejo-a esconder-se encabulada, por estar num pedestal.

Está certa que não merece o destaque, sorri.

Mas vem “seu” Brito e pede um aparte: - destaque é galicismo!

Mas concorda plenamente com a homenagem e volta ao seu mundo.

Ao seu lado, coloco Maria Angelina Moreira da Silva

de sangue luso, que já virou brasileiro
e seu coração inteiro doou tão generosa.

Dela veio a ideia de arregimentar o povo para a empreitada
da construção da Santa Casa, que tanta falta fazia.

Endereça uma carta ao patrício, Comendador Paulo Felisberto
Peixoto da Fonseca, de quem veio a primeira e vultosa doação.



Francisco Gomes Pinto

De seu sobrado ela assiste a multidão dos que buscam a Casa de Caridade. O alívio de suas dores e sua cura nas paredes por ela sonhadas e que se tornaram realidade.

Nessa luta tantos se entregaram, em serviços humildes, vendendo bilhetes, cantando, fazendo discursos, pincelando empadas.

Ah, as noites iluminadas com cantores nos palanques, gente que plantou sonhos, colheu certezas, gente que construiu a Igreja, com tochas de vitória nessa canção de amor ao próximo, em doação.

E vejo ainda vultos nesta praça que entardece comigo, “seu” Chico Pinto, carregando Deus, contrito, D. Alda, com

alunas de piano, uma coragem sem queixas, a menina doente,
Sílvia em seu lar que abriga tanta gente,

Vânia e Sueli arrumando seu lugarzinho, reformando a Santa Casa,
e os médicos que ali atuam, num espírito de amor,
e as Irmãs que não têm hora e escolha e a todos sorriem
com o calor de seu coração tão amplo.

Irmã Carvalho, distante, a abençoar a todos com seu sono.

E os professores que lustram as gerações,
que dão seu testemunho cotidiano de
saber e competência e enfeixam seus
ramalhetes no Ginásio e nos Grupos
Escolares.

Ao operário, que faz andar as máquinas,
que faz o pão, que trabalha o campo, que
planta sementes para as messes opimas,
os que fazem sapatos, que colhem ovos,
que adoçam as bocas com doces, os que
compram e vendem, os que constroem,
que enfeitam a cidade, os que lidam com
impostos, com pagamentos, são
mensageiros do dever, os que militam na
justiça, com discernimento e
consciência, os que oram pela
comunidade, que celebram as missas, e
que floresce em aulas, num canto de rua,
no inusitado silêncio?

Neste jardim vou colocando mais muita gente:

D. Dita, presente, com sua mão faz tudo, bondade sem tamanho
sua casa aberta e seu Pedrinho, que lhe completava a formosura.



Alda Pontes



Pedro e Noêmia Cunha

D. Elvira, seu João Mendes,
D. Noêmia e Pedro Cunha,
seu Batista, amando
Itanhandu com tanta garra,
Benedito Lázaro Ribeiro,
enfeitando obras da cidade,
cada prédio, cada rua, D.
Ritinha, seu Luizinho, nas
festas de Santa Casa,

Dr. Stephan, D. Júlia, Dr. Scarpa, com sua voz vibrante, entusiasmada
Alfredo passos, a lidar com números e rifas
papai e mamãe, no alvoroço das organizações, dos programas
todos chegam como se convocados fossem para uma nova festa.
Vão fazer pães folheados, pasteis fresquinhos
as mãos generosas se abrem para o trabalho, acolhem tarefas
e dão lições de amor e de coragem às gerações futuras.
Sentem-se à vontade, amigos meus, e contemplem esta praça
e vejam realmente como vai ficando bela!
Como reluzem estas joias, sempre polidas, sempre novas!
Vejo ainda, num lugarzinho ameno, a Neusa, minha doce amiga.
E lembro-me dela, aos quinze anos, só com o curso primário
a aprender português com o “seu” Brito, na ânsia de ir além
conquistar mais mundo, sair da prisão do cérebro.
D. Noêmia lhe arranjou, com seu filho José Cunha, um emprego
e lá foi a corajosa menina trabalhar em Manguinhos,
à noite fazia seu curso preparatório, ginásio, científico, faculdade.
Conseguiu o que quis. Hoje é feliz, o marido e os filhos o atestam.
Dá aulas de Medicina, faz pesquisas, escreve artigos científicos
e tem seu nome respeitado na cidade do Rio de Janeiro.
E se esconde, modesta, numa casa desta praça, que foi de sua mãe, Leonor,
moça que se finou muito cedo e criada pelos tios, o Chico do Cinema e D. Emília.
É fácil nomear estes valores, difícil é encontrar palavras
que os exaltem como merecem.
Mas há tanta gente mais, não posso dizer tanto nome!



Nadir Carneiro

Há tantas pessoas humildes, de vida
aparentemente sem importância
mas que são intimamente grandes!
Nas lides do Dispensário conhecemos tantas,
tantas vidas exemplares, gente que luta com
afinco e heroísmo, cria filhos e faz milagres com
seu afeto e seu saber empírico.
Chamo agora minha organizada amiga, Nadir
Carneiro, tão cheia de qualidades, modesta,
grande, que nos permitem a convivência radiosa
com nosso Deus de amor!

Os que se ilustram para o futuro, essas crianças que vencem o sono e o frio, e amanhecem nas escolas com seu alarido e sede de ciência.

Ah, era preciso que catalogasse tanta gente valorosa
e as dispusesse com riqueza de detalhes,
dando a cada um o seu precioso valor.

Quando abrir o meu íntimo as estátuas, imóveis pela permanência,
estarão eretas e completas, no seu sonho de homenagens, para amanhã.

- Perdão, seu Brito, detalhe também é galicismo?

Ou esqueci as lições?

FINADOS

Quanta gente cabia em nossa infância: pais, avós, tios, tias, primos, professores, colegas, amigos, vizinhos, conhecidos! E todos ficaram aqui enclausurados, um auscultando o peito, outro nos convidando para uma volta em seu automóvel, um regalo, naqueles tempos, outro me solicitando uma valsa ao piano, outros sorrindo de seu mundo no além...

E tudo vem vindo, passando por cima do tempo, pela moenda das lembranças, a música volta lenta, mais lenta, em sucessivos acordes abismais, há um dobrado marcial, a banda passa, as pessoas ressuscitam.

O Clube Itanhandu, com suas sacadinhas modestas e dali se espiando a Serra, que nos descobria um mundo além do nosso, virando aquelas curvas cotidianas, rodopios naquele salão, cadeiras ao redor, fantasmas, doces fantasmas se acomodando para um cálido serão.

Ah, quanta gente cabia em nossa infância, preparando-a para o “eu e nossas circunstâncias”, nossa personalíssima recordação. Luzes, pessoas, taças que se erguem em brindes, solenidades, palavras soltas e amigas, sorrisos, cumprimentos, comemorações, vida...

Quanta gente povoando estas ruas, cada qual dando conta de sua fatia de tempo, marcando sua pegada. E, um bordão repentino, alguém volta, são olhos azuis que esmaecem, rostos generosos que adormecem, palavras amigas que convidam, sonhos secretos que retornam. Rostos. Tenho imensa vontade de ir enumerando todos, alguns presos em placas de ruas, alguns em tanto esquecimento, e chego até o Cemitério, localizado na rua da Saudade (que ideia feliz) lá estão os nossos mortos em silêncio, irmanados todos por uma inexorabilidade comum e pacificada.

A cada dia vai para lá um novo morador. Às vezes tardes soleníssimas, quando se recebe um filho ilustre que retorna para seu sono eterno. A multidão, em contrito silêncio, ouve a missa de corpo presente, há um necrológio a afirmar qualidades, depois a procissão serpenteia, passa pelo Rio Verde, sobe a ladeira asfaltada em demanda da última morada.

Já vi enterrar tanta gente, presenciei tantos momentos de tristeza, partilhei tanta dor. Lá fomos levar avós, pais, parentes, tantos amigos. Tantas lágrimas, tanto pesar, o coração pesado de sofrimento.

Os velhos baluartes desta terra, os anos se sucedendo, também jovens se despedindo, ainda mais agudas as perplexidades.

Havia o velho cemitério, lá no fim da rua Professor Brito, que era um quadrado sinistro naquele morro. Da janela das salas de aula do Ginásio Sul

Mineiro olhávamos os túmulos e íamos construindo na mente esses caminhos sempre entrelaçados, os da vida e os da morte. Mas este, já cheio, foi, como dizem, desativado. Construído outro, lá na Estiva, para onde se levaram ossos e restos.

Hoje, no lugar do antigo, estão casas novas, os ossos que ficaram viraram pó mesmo ou se esfacelaram em alicerces de cimento.

Agora, o que foi novo, já está cheio e já se fez a ampliação, é um cemitério grande e amplo, ajardinado.

Os dados resumidos cabem numa folha, mas não me cabem no coração, e desdobrados em vidas encherão muitas páginas. O que é que eu faço das histórias?

Tantos juízes, cartórios, professores, política, esforços, realizações, sonhos, trabalhos, famílias, nascimentos, indústrias, casas se abrindo e fechando, formaturas, acontecimentos, esse miúdo e cotidiano alimento de uma cidade, que diz tudo.

Todavia, há coisas tão importantes e que não dizem nada! Entregam-me ossos limpos para a tarefa de recompô-los. Vesti-los de carne e vida para um momento de ressurreição. Destinos, pedaços de vidas, um tabuleiro de xadrez em que é tão difícil jogar.

As aventuras da vida, aqui desenroladas, foram fixadas por um “script” já delineado, a morte não permite retoques.

Mas o dia de finados é um momento de reflexão.

No cemitério, vemos desfilar mortos, na penumbra do pensamento e vemos os descendentes ali, flores nas mãos, que oram. Enfeitam os túmulos e o grande alarido que se ouve é uma evidência que a vida borbulha na morte.

São conhecidos que se reencontram, parentes que se reveem, cumprimentos, sorrisos, gente que retorna para essa caminhada de saudade, são pessoas enclausuradas que saem, naquele dia, de suas tocas, é toda a experiência e a exigência da morte que se fazem presentes.

Todavia, ali, ela é um acontecimento social. Por mais disfarçadas sejam as aparências e o motivo, a vida subjuga o dia com sua prepotência.

Esse não é um dia de paz costumeira, permanente. E os vivos, eles próprios, que ali reverenciam um momento, ou um remoto amor, tornam-se alvo de uma dicotomia irreversível.

Não percebem que o esboço de uma mesma estrada, pelos que os precederam, já os reveste de uma opaca e próxima parada.

CEMITÉRIO

Nas lápides estão escritos
aqueles nomes apagados
que ressuscitam uma vida
- entrada e saída.

Na voragem inflexível do tempo
o lugar reflete a inútil lida
e sacode a alma entontecida
entre sussurros de eternidade.

Apenas o vento como companhia
e o silêncio do sol a arder na pedra.

Uma flor seca jogada entre os seixos
na trilha dura e triste das alamedas.

Os retratos fixam com estranha nitidez
o tempo e o espaço sem medidas.

É o mundo de ontem habitado
onde infinita paciência se cristaliza
em líquida mudez.

O pensamento interroga o conteúdo
da longínqua caixa de madeira
e as roupas, as longas madeixas
se cobrem de retalhos de pó.

Por cima a pedra compassiva
que separa em intervalos consentidos
o antes e depois – eternamente.



Jazem desavisados e tontos, como sempre estiveram diante dessa verdade,
descuidados de um laço que os também alcançará.

Esquecem-se, portanto, que só o silêncio honra os mortos e os protege em sua
condição.

E apesar das reverências, das lágrimas e mesmo das preces, o dia se torna um
paradoxo. As flores coloridas, a fluidez desfigurada das saudades, os passos
rumorosos, intensificam-no.

E há, entretanto, a imperiosa necessidade de esquecer.

E cada qual descobre dentro de si uma espantada interrogação que lhe pede
uma trégua, o espaço dessa separação tão nítida requer uma leviandade absoluta,
pisa-se a morte, protege-se a vida.

A fronteira se acentua nesse dia especial e a morte é um estandarte no calendário anual.

Mas é a Saudade a rainha que dá o nome a essa rua triste.



CARNAVAIS

Dizem os saudosistas: os carnavais de antigamente eram diferentes. Claro, mais animados e infinitamente mais puros, carnavais de família! Vinham visitas e pela vizinhança os ecos da folia traziam participantes, surpresas repentinas.

Lembro-me do Carnaval chegando em minha casa: mamãe, à máquina, cortando e tecendo as fantasias e à tarde, todos os componentes dos blocos ensaiando as cantigas em volta do piano.
- Se você fosse sincera, ô ô ô Aurora...
Era alguém cantando docemente.
Fantasiaram-me de marinheira, de cigana, de pirata e num bloco, uma vez, ganhamos um cobiçado prêmio.
Ninguém cheirava o lança-perfume os vidrinhos de Rodo eram para agradar.
Confete, serpentina, a sacolinha no braço naquele Clube que balançava como um navio.

O melhor, todavia, eram os corsos na rua carros enfeitados com capotas arreadas onde se acomodavam as crianças comportadas. O carro Ford que meu pai comprou para a ocasião oscila por estas ruas, pesado de emoção. Para onde hoje esse carro nos leva com sua débil substância que me invade o sonho?

Se alguém bebia cerveja era discretamente no mais, o guaraná aplacava todas as sedes. Os blocos entravam no clube e iam para o salão, em cima tão cheios de animação, bonitos e todos se sentiam por um momento aflitos pela emoção das surpresas que surgiam.

Havia o bloco da Da. Noêmia, o do Ginásio o do pessoal de D. Hortência, os que me lembro

e tantas fantasias avulsas, caprichadas.



Bloco de carnaval organizado por Noêmia Cunha
1937

Mas os adultos foram desaparecendo do salão
e os jovens tomando todos os espaços
impondo suas novas leis, as novidades.

Os carnavais foram moldando novas faces
fantasias ousadas, bebidas em profusão
para que acontecessem certas liberdades.

O tempo não para, é uma roda que gira
e as mudanças vêm naturalmente.

Vejo rostos à distância, ruídos surdos de cantoria
e aquela porta escancarada para o passado
e dela saindo crianças, jovens e velhos.

Ando viajando inutilmente pelo tempo
revido pessoas, ah, onde estão elas no salão da vida?

Mas gostaria de restaurar aquele clima
de alegria completa, não de farra
onde o pai, a mãe, os filhos
iam à festa como iam à Igreja.

E essa festa de alegria e cores
que hoje se esfacela em aventuras
em momentos de desvario e de loucuras
como são diferentes – dizem os saudosistas -
dos lindos carnavais de antigamente!...



Bloco de carnaval

CINE THEATRO ITANHANDU



“Deve inaugurar-se, por estes poucos dias, o novo Cinema e Theatro. Construído sob os mais rigorosos preceitos de conforto e higiene alia ele a estas duas coisas a estética de sua construção e a sua ornamentação luxuosa. Com capacidade para 1.000 pessoas, 36 camarotes e sala de espera e um bem montado serviço de bar, acha-se apto a rivalizar com as mais modernas casas de diversão. Felicitamos, pois, Itanhandu, por este colossal passo dado no caminho do progresso”.

Foi assim, com essas palavras quase em versos, que a revista *Electrica*, em 1927, saudou o novo Cinema construído por Delfim Pereira Pinho na rua que se chamava Sete de Setembro e hoje se chama Dr. Olavo Gomes Pinto. Seu portão de ferro, sua sala de espera cheia de cartazes seus camarotes como portas de um mundo fantasioso

suas cadeiras duras, mas aconchegantes
fizeram parte intensa de nossas infâncias e mocidades.
E foi também muito importante na vida da cidade.
Não havia ainda nem rádio e nem televisão
e as novelas não faziam parte da trama de nossa vida
e as telas coloridas não roubavam o tempo dos serões.
Estes eram solenes, hospitaleiros, se serviam às visitas
requintados cafés com bolinhos, pipocas macias, biscoitos.
Veio o cinema e a tela era então uma janela
que se abria para um novo mundo encantado.
Vinham os astros comportados dentro das latas
e estas iam e vinham pelos trens, em horas certas,
o misto e o expresso.
Ia o José Cândido, Zequinha para os amigos, à procura delas
e tinham essas latas um cheiro de acetona ou celuloide
nos lembrando vagamente o cheiro dos bebês que levávamos ao colo.

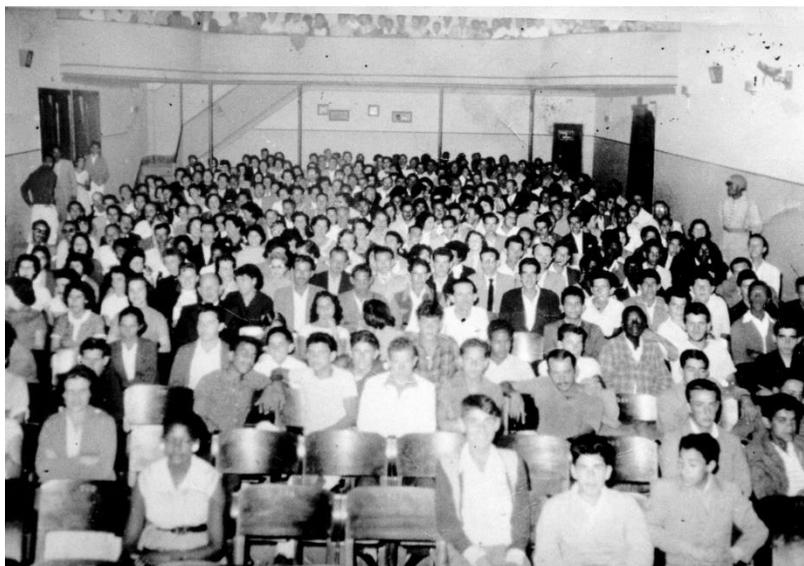
Via meu pai mexendo nessas fitas e compondo os anúncios
que iam para a Tipografia D. Bosco.
Ele usava os adjetivos mais pomposos, os primeiros que aprendi.
Depois os meninos os esparramavam nas ruas enlameadas
e as famílias esperavam as surpresas e os artistas favoritos.
E entre nós e eles se criavam elos de intimidade
e organizávamos os álbuns de retratos
e vivíamos os mesmos sonhos de amor.
Sabíamos os seus nomes, mesmo complicados
e nas penumbras do salão as fitas se sucediam
e se misturavam aos amores adolescentes.

Aos domingos, iam em fila ao cinema
os alunos do Ginásio, os internos.
E as garotas ficavam à espera dessa turma
que subia aos camarotes para assistir a sessão.
A longa sirena chama, faz o convite noturno
é o trem apitando na emoção, está na hora!
Todos se vestem com esmero e vão em frente
como se fosse um dever cívico prestigiar o filme.
E os heróis desfilavam em nossa mente em linhas misteriosas.

O pórtico do Cinema era desenhado em curvas, detalhes
mas acaba, esse prédio, de ir ao chão.

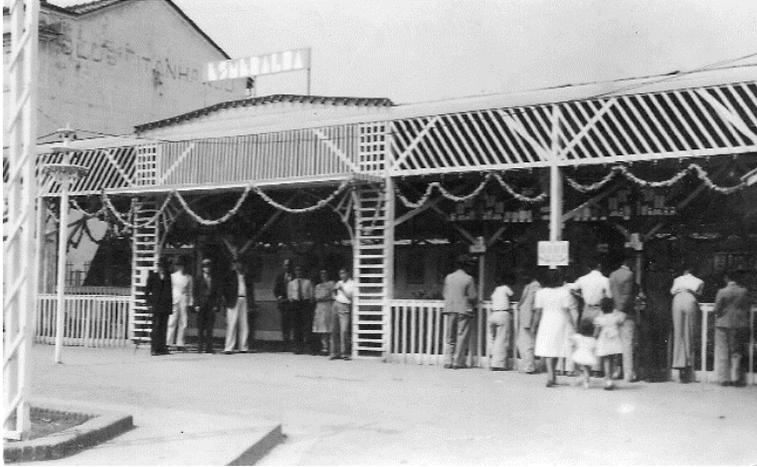
Já não vivem em seu bojo os heróis de antigamente
foram expulsos pelo progresso.

Hoje o Cinema é apenas uma notícia que extravasa
no amarelo de um jornal... em 1927...



Público em uma sessão do cinema
Década de 1960

FESTAS DA SANTA CASA



Barraca típica das Festas da Santa Casa
Década de 1940

Em determinadas épocas, reuniam-se as pessoas influentes da cidade e a Festa para a Casa de Caridade então se organizava. Discutiam-se programações, concursos, construções nomeavam-se pomposas comissões distribuíam-se tarefas que todos aceitavam alegremente.

E saíam a fazer a sua parte, como um bando a distribuir os programões coloridos, que enfeitavam paredes e as pessoas idealistas sabiam pedir, dar, multiplicar.

Dava-se a essa festa o importante nome de Festejos e um novo clima restaurava a cidade para uma arrancada comum.

Construíam-se, ao redor da Praça, as barracas e estas tinham nomes sugestivos:

Esmeralda e Rubi, Topázio e Turmalina.

A cada uma competia uma finalidade:

comidas e bebidas, danças e mafuás e rifas.

As pessoas convocadas se sentiam obrigadas a colaborar mas elas sabiam amar.

E esse amor era tão forte e tão preciso
que esqueciam o cansaço, o bem-estar.

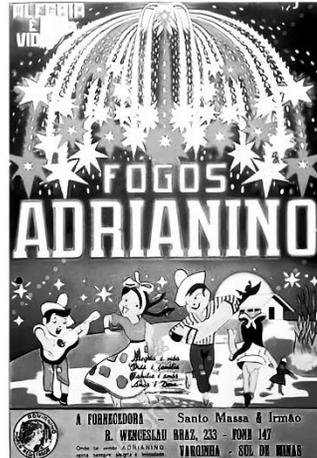
Sinto que preciso, ainda, dizer o nome de todas elas
em volta daquela praça, de mãos dadas
pessoas do além ou algumas que ainda estão por aqui.
Mas não posso. Navegar é preciso, diz o poeta
e navego em confusão, não posso citar nomes agora.
Foram muitos, foram anos de trabalho e abnegação.
E as obras, alinhadas, também aí estão.

Também a Matriz se construiu do mesmo modo
com alegria e coragem e muita generosidade.
Restam, nos vitrais coloridos, alguns nomes inscritos,
família tal e tal, mas o nome não faz diferença.
Importa o gesto, o exemplo, a memória e a presença.
Um lirismo talvez me confunda
e não vou ao labirinto à procura de nomes.

Vocês sabem como são essas festas
e algumas tiveram fogos de artifício, os
Fogos Adrianino, dados por seu dono,
Adriano Maurício.

Também tivemos banquetes, discursos,
aqueles inesquecíveis nas fazendas, muita
alegria, partilha, amor.

Mas hoje a minha canção é anônima
e vultos perambulam por essa festa eterna
que é o espírito comunitário a tecer os prédios
e a dignificar as participações.



Hoje convocamos o povo para as mesmas proposições:

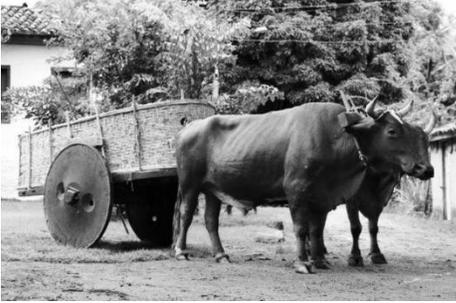
A Santa Casa precisa atender
há empregados a pagar
há paredes a levantar
há forros já velhos para trocar
há remédios para providenciar, aparelhos, raio X.
As contas batem à porta e os doentes também.
Não, não precisamos relembrar programas

precisamos é ressuscitar o espírito:
solidariedade nas possibilidades que o amor convida
e a energia salutar da boa vontade!



Senhoras quituteiras das Festas da Santa Casa
Zazá Rennó Pinho, Noêmia Cunha e Benedita Pinto Scarpa
No colo, a menina Laís Maria Pinho Scarpa

CARROS DE BOI



“Os carros subindo o morro
Cantavam – ou era um choro?
Mas isto foi noutra tempo”.
Henriqueta Lisboa

Leio num boletim, datado de 14 de julho de 1948, um decreto do prefeito João da Silva Costa, proibindo o trânsito, na cidade, dos veículos denominados carros de bois.

Assim é que se acabam, de um dia para o outro, as coisas da infância, esse canto magoado, essas rodas chorosas, esses bois sonolentos se arrastando pelas ruas.

Era infância se aboletar na traseira desses carros e dar o passeio de graça, se empoeirar na madeira, sujar a barra do vestido e tomar pito da mãe pela imprudência.

Era infância ver o carro parar em frente à casa, cheio de lenha e ver os homens, dois ou três, levarem-na para o quintal.

O carreiro descalço, a calça de brim riscadinho, a camisa de zuarte, o cigarro de palha, também de palha o chapéu.

- Quantos metros de lenha?

- Era infância o ajuste de contas, os mil reis que passavam de um bolso a outro, a conversa roceira na comprida manhã.

O homem dizia que esse ano ia dar muita goiaba, a chuva estava uma beleza, mas a rua, cheia de barro, não estava bonita.

Era infância as opiniões contra ou a favor do decreto do prefeito e o Ary Carneiro a dar explicações, eram os ruídos, ou as reclamações, sei lá...

Era infância ainda ouvir esse lamento moroso e os bois, com as cangas, a sacolejar a sua carga precária.

E os carros de boi passaram nas ruas da meninice.

O carreiro com sua vara onde tiniam na ponta as argolinhas, chamando ternamente: Ô Malhado, bamo... Ô Brioso, bamo, lerdo!

E o carro levando espigas de milho, sacos de farinha, lenha e crianças alvoroçadas.

Quarenta anos depois estou a comentar esse decreto, que decepcionou da paisagem esses elementos, embora concorde que tudo isso se faça em nome do progresso ou de necessárias medidas.

Mas os antigos tempos hoje voltaram, repentinamente.

Chegaram aqui uns bois para arar o terreno, vamos plantar milho e feijão.

Olho estes bois sonolentos e evoco seus antepassados, varando as ruas, o eixo do carro com sua melodia e os bois com seus olhos grandões, numa filosofia remota, dizendo em surdina: “ordem e progresso”.

E aqui voltam o Malhado e o Brioso.

Mas a infância, onde está?



Carro de boi atravessando o Rio Verde ao lado da Santa Casa

DAMAS DE CARIDADE



Atrás, Nadir Carneiro, Josefina Perroni Ribeiro (Fifina) e Maria José Soares Ferreira, Glória Lemos Jardim, Maria Aparecida Ferreira Pinto Mendes, Laís Pinho Scarpa, Maria Azevedo, Maria Stella Toledo Grillo, Sílvia Pinto, Dilza Pinho Nilo, Maria de Lourdes Mendes França, Rita Cunha Scarpa (Ziloca)

Assim nos chamam, na cidade, há muito tempo. Creio até que a comunidade acha que é um epíteto carinhoso. Entregam-nos os problemas e a tudo vamos dando conta, há vinte e oito anos.

Quase sempre são problemas materiais, pessoas que necessitam comida, abrigo, tratamento, outros que se enveredam por caminhos tortos, pedem-nos uma palavra de ânimo, outros querem trabalho, pedem emprego, etc.

E, na medida do possível, vamos atendendo. Se me quisesse ater aos números, à estatística, diria que somos uma Entidade Beneficente, católica, fundada em 1º de junho de 1958, denominada Associação das Senhoras de Caridade São Vicente de Paulo, cuja fundação se deu no Colégio Eucarístico, sob orientação da Revma. Irmã Brandão.

Nesta reunião de fundação, ela explicou as intenções da Associação, as obrigações que assumiríamos e eu a secretariei, fiz dela uma ata que manuseio agora, comovida, pois já parece distante, saudosa, há tantos nomes de pessoas queridas que já descansam em Deus e lhes vejo as assinaturas desenhadas:

A primeira diretoria assim se compôs:

Presidente	- Carmelinda Mendes Pinto
Vice	- Palmyra Figueiredo Guedes
Tesoureira	- Maria Aparecida Ferreira Mendes
Secretária	- Dilza Pinho Nilo

Se quisesse, ainda, poderia dizer o número do registro dos Estatutos, CGC, tudo está nas atas, nas pastas de documentos, etc., mas, como disse, esquecerei números e lembrarei pessoas e eventos.

As outras presidentes que se seguiram foram: Brulina Penedo Lara, Isaura Rennó Pinho, Palmyra Guedes, Glória Lemos Jardim, Odete Fernandes Lemos, Josefina Perroni Ribeiro, Rita Cunha Scarpa, Silvia Pinto Costa, Maria José Soares Ferreira, Stela Toledo Grillo, Dilza Pinho Nilo, Nadir Carneiro, Laís Rennó Pinho Scarpa, Zilah Costa Bustamante e presentemente Maria Aparecida Santos Fonseca. Várias destas senhoras assumiram a presidência por várias vezes.

Ah, eu poderia arrolar grandes relatórios de serviços, especiais e uniformes, falar da construção de 34 casas que abrigam as pessoas carentes da comunidade, a história árdua e feliz destas construções, falar do Clube de mães que mantemos há treze anos, das aulas promocionais que ministramos, de corte e costura, trabalhos manuais, etc.

Mas decidi fazer uma história lírica e isto exige que me solte numa ambivalência digna: equilibrar-me entre datas e sentimentos, entre números e vivências, na preponderância que o espírito exige.

Essa Associação se inseriu de tal forma em nossas vidas que é difícil separá-las num contexto de referências e posicionamentos. Nós não manipulamos relatórios ou estatísticas, embora tenhamos sempre que dar um caráter oficial às reuniões, pelas exigências burocráticas.

Mas elaboramos programas assistenciais, manipulamos vidas, realidades sociais. Nós vivemos emoções, nessa diária e constante convivência com carências, problemas, os mais prementes.

No início, organizamos os nossos trabalhos e apenas íamos, uma vez por semana, ao que se chamou Dispensário, uma casinha precária, em frente ao Colégio, para as distribuições de alimentos.

Era uma época de carências diminutas, de bolsas mais fartas, de facilidades mais amenas. Os pobres não eram tão pobres como agora e tão curtidos de necessidades pelos altos custos de vida que os esmagam presentemente. Nós lhe dávamos uma complementação de alimentos, pois havia então a Sociedade São

Vicente de Paulo, dirigida pelos Vicentinos. Mas aos poucos estes nos foram passando os encargos, premidos pelo reduzido número de ajudantes.

Hoje, com o desemprego e a inflação a corroer orçamentos, as nossas filas aumentam a cada dia e a generosidade do povo é testada e corresponde sempre às necessidades. Sempre acudimos aos carentes, ampliamos nossa assistência, não só material, enfim, Deus nos tem ajudado a merecer a confiança não só dos assistidos, mas da população que nos ajuda a ajudar.

Mas eu dizia das emoções que temos na Associação. É preciso sempre subir degraus de espiritualidade para sublimar a incômoda circunstância de dar. É preciso se inserir numa mística de trabalhos para elevá-lo, dar-lhe sentido.

As exigências dos cargos e da própria caridade cristã são muito mais sutis e relevantes de que posso descrever.

Essa vivência em grupo, todas com os mesmos interesses, voltadas para o sentimento profundo de amor ao semelhante, nos congrega, nos dá alegria de reunir, ternura a partilhar, amizade a repartir.

Abraçamos os problemas alheios e nos sentimos responsáveis pela sua resolução. Conversamos sobre pessoas, nomes e não problemas anônimos, vemos suas carências maiores, suas mazelas, manias, suas pobres vidas erradas, sem oportunidades e as mesclamos às nossas. Colocamos em nossos corações e tentamos, ao unificar nossa posição de irmãos, filhos de Deus, servi-los sem humilhações, atendê-los sem feri-los, animá-los sem recalques.

E esse viver paralelo, entre nós, as Damas, como nos chamam, nos dá uma profunda sensibilidade para o outro, uma identificação de propósitos, como se realizássemos um mundo à parte, onde entendemos o papel que nos cabe como uma distinção, vinda diretamente de Deus.

Não nos envaidecemos do trabalho feito, antes nos penitenciamos pela pouca coragem em resolver problemas cruciantes, em dar tão pouco tempo às coisas tão essenciais de assistir, em negligenciar tantas vezes.

E nos alegramos nessa caminhada que encetamos juntas, olhando para a mesma direção, sendo a voz dos que não sabem falar. Em nome dos pobres nos reunimos, fazemos nossos planos em relação a eles. Por eles clamamos das injustiças que sofrem. Em nome deles ansiamos dias melhores. Em seu nome pedimos. Em seu nome insistimos. Em seu nome vamos para as ruas, em campanhas, com mil e um estratégias para cumprir a missão que voluntariamente abraçamos.

Temos as nossas alegrias, sim. Nossas reuniões revestem-se de contentamento quando renunciamos ao conforto dos imediatismos e vamos vencendo barreiras, quando vemos vidas melhorarem, quando vamos levar o

carente para uma casinha nova, de tijolo, luz, banheiro, quando traduzimos o seu linguajar difícil em palavras simples de agradecer. Não bajulativas, mas aquelas que vêm do fundo do coração e que são bênçãos no caminho. Quando divisamos horizontes mais claros, educação aprimorada, vidas mais seguras, fomes aplacadas, feridas cicatrizadas.

Essa a imensa recompensa. Às quintas-feiras, quando vamos encher sacolas de alimentos e as provemos do arroz e do feijão, tão essenciais às sobrevivências, provamos o símbolo do amor e comungamos dessa taça amarga de contingências tão dolorosas, dos que dão e dos que recebem e a sensação de injustiça se faz uma desafiadora arma de luta.

Pedimos a Deus, que nos permite ser as mensageiras de um óbulo, perdão por mais esta imposição, que nos leva aos mais duros exames de consciência. Mas ali, como um paradoxo, temos a festa semanal dos grãos, uma páscoa, uma alvorada, que traduz a alegria de servir, a esperança de ajudar uma Pátria a semear o seu futuro, com trabalhos humildes de uma fome aplacada, um entendimento mais claro, um gesto mais fecundo.

Assim, em nossa Sede, à rua Oscar Guedes, nº 150, estamos a postos com toda essa vivência, as Damas, um punhado de senhoras confiantes.

OS VIGÁRIOS

Repicam os sinos, eles cantam
como o vento, com voz eterna.

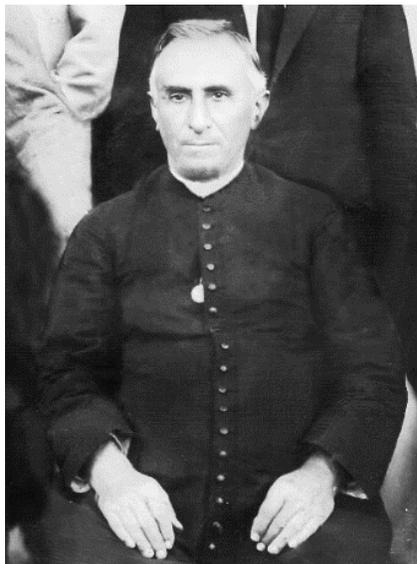
Chamam para as bodas,
batizados, funerais, vão
chamando, alguns acorrem,
outros não...

Mas nada disso importa,
celebramos uma comemoração é
a canção do tempo que se insinua
pelas ruas, acalantos para
adormecer infantes, “pois
meninos somos todos nós”, nestas
paragens.

Nascemos no mesmo berço,
agasalhados pelas mãos da
Padroeira, e há sempre meninos
retornando, com outros meninos
a quem distribuem os pedaços da
infância que restaram.

Aqui estão suas vidas soltas, suas pegadas
e eles as procuram, sôfregos, como se, por delicadeza da cidade
lhes fossem devolvidas.

E os ruídos chegam, numa longa procissão de vultos.
A voz forte de Padre Jatobá, veludosa e prepotente
mas que sorria, obediente, ao pedido da criança...
Amedrontava com o inferno, e dava aulas tão precisas
de Religião, Doutrina, ensinava o caminho árduo do Céu.
Fundou o Catecismo Paroquial e começamos a aprender Mistérios
como o da Santíssima Trindade e nos vestíamos de branco
para o Batalhão da Cruzada.
A fita branca e vermelha no pescoço, disciplina e inovação.
Nosso primeiro Vigário, Pe. Isidoro Varvello, italiano,
em 1906 era o pároco de Passa Quatro
à qual a paróquia foi anexada.
A 2 de outubro de 1911 foi o Pe. Isidoro nomeado nosso pároco.



Padre Isidoro Varvello
Primeiro pároco de Itanhandu

Era então pároco de Capivari, anexando a esta o Distrito de Itanhandu, com a necessária jurisdição.
Este nos presidiu a infância até que nos amedrontou com sua morte.
Foi velado na Igreja, envolvido de lágrimas e de espantos.
Morreu no dia 22 de março de 1937.
Para substituí-lo foi nomeado o Pe. Inácio Jansen Jatobá, em 30 de maio de 1937.
Pe Isidoro nos levou ao primeiro contato com a morte.
Pe. Jatobá nasceu num dia de Natal e comemorava com Jesus a sua festa natalina.
Morreu em Virgínia, numa sexta-feira santa deixando perplexos paroquianos, parentes e amigos.
Essa aura de mistério cercou as duas mortes dois personagens importantes da saudosa infância que os traz, envoltos na noite eterna sossegados e tristes, em sua perenidade.
Pe. Isidoro era humilde, falava baixinho com sotaque italiano. Tinha a barriga proeminente e fazia as homílias com as mãos cruzadas sobre ela.
Pe. Jatobá tinha a voz forte e macia, gestos elegantes, sorriso aberto e falava com sotaque nordestino.
Pe. Isidoro era um padre de roça
Pe. Jatobá era padre de cidade e cada qual plantou a sua seara que outros regam e colhem.
Depois de Pe. Jatobá veio para cá Pe. José Costa Campos nomeado em 23 de abril de 1945.
Dezesseis anos de construção, de elo, força e virtude.
Reuniões todas as noites, filhas de Maria. Zeladoras, cristãos de fato e de fita no pescoço, tão contritos!

Longas filas no confessionário e a palavra judiciosa distribuindo conselhos, orientações.
E Semanas Santas apinhadas, imagens caprichadas vestidas para o passeio nos andores.
Nossa Senhora com o punhal no peito caminhando ao encontro do Filho.

Pe. Ivo Bustamante aqui veio para ajudar na paróquia, em 1957.
Era um padre novinho, sua primeira paróquia
e absorveu de D. José sua força e seus exemplos
e se tornou um esteio na Diocese.
Andou formando padres novos, que lhe seguiram os passos
e ganha sempre enorme admiração.
Hoje está em São Gonçalo e estão ambos de parabéns.
Pe. Ivo de Sousa Bustamante aqui ficou até 1961
quatro anos e dez meses e foi para o Seminário Diocesano.
Em 1962 veio para cá, nomeado vigário, Pe. Luís Vieira Arantes.
Durante sua gestão o Sr. Bernardino Pinto Gonçalves
presenteou a Matriz com o relógio e o sino.
Em 1966 foi nomeado Vigário o Monsenhor Fausto Craveiro,
boníssima pessoa que esteve pouco tempo na paróquia.
Nos intervalos dessas nomeações estiveram aqui também
Pe. Geraldo Costa e o conterrâneo Antônio Scarpa.
Este foi ordenado em 20 de dezembro de 1964,
em Conceição do Rio Verde e celebrou a sua primeira missa solene,
em nossa Matriz, nesse mesmo dia.
Em 2 de março de 1968 foram nomeados vigários Pe. Oswaldo Costa
e Pe. Rogério Resende Vilela. Aqui vieram tão jovens,
suas primeiras paróquias, e repartiam responsabilidades,
construíram 22 casas para os pobres,
e deram os últimos retoques nos jardins da Matriz.
Pe. Oswaldo labutou por três anos e sete meses
e depois pediu dispensa, o que lhe foi concedido.
Pe. Rogério continua sua luta insana, cotidiana
a preparar almas, a ajudar os corpos
nos caminhos sem tréguas da salvação.
Construiu também a casa Paroquial.
A cada palavra, nas confissões comunitárias
suscita de Deus o perdão tão precioso para elas.
Tem ao seu encargo também as capelas
do Jardim e do Bom Sucesso, Mato Dentro e Posses.
Distribui pelas manhãs e tardes, nas missas paroquiais
as suas bênçãos mais pródigas.
Dá aulas no Ginásio, atende aos vizinhos
e à Diocese ainda dispensa seu tempo em vários cargos.

E aqui, como prêmio e homenagem,
o título de cidadão itanhanduense.
E a Igreja, construída por D. José Costa Campos,
que aqui veio Vigário e daqui saiu Bispo,
abriga toda essa história que contam os sinos
que repicam como os ventos
com vozes solenes e eternas!



Visita do Bispo Dom José Costa Campos a Itanhandu em 1964
A partir da esquerda, José Vicente Ferreira Costa, Luiz Paulo e
Rubens Sousa Nilo, Dom José Costa Campos, Agnelo e
Rosalina Ferreira Costa e Dilza Pinho Nilo

D. José, vai permitir-me que o chame de senhor, deixando de lado o cerimonioso tratamento a que tem direito, na expressão de minha palavra humilde e grata.

Deixei-a para depois das pompas de sua sagração porque eu sabia que a emoção daquele momento me ajudaria a dizer, com melhor exatidão, todo o sentimento que nos empolga pela honra de seu episcopado.

Foi através de um véu transparente de lágrimas que o vimos descer do altar, com o báculo recém entregue nas mãos e, pelo meio do povo, ir distribuindo as primícias de suas bênçãos. E fiquei pensando que aquele gesto era o símbolo do que tinha feito durante os dezesseis anos de pastor: dando sempre, abençoando sempre, distribuindo sempre.

A gente se acostuma a receber e não aquilata bem a grandeza das dádivas. Os dons da Igreja são exatamente como os dons miraculosos do amor materno, que se recebe sem pensar em retribuição. E, se os dons eram divinos, o cansaço era humano e era seu, as lutas eram suas, as obras eram suas.

Mas um dia se pesa e se percebe a enormidade dos presentes recebidos. Aquela dedicação usufruída todas as horas, os carinhos e as atenções do dia a dia, e sentimos a pequenez de nossa gratidão.

Um padre, que olhamos nas agruras de seu ministério, que admiramos na excelência de suas virtudes, que amamos na representação divina de sua pessoa, e nas confortadoras distribuições de compreensão e afeto, é muito mais que um amigo, é mesmo um pai. E ele está sempre amalhando amigos, por onde passa e os vai espalhando, como sementes, ao longo dos caminhos, para que eles se ergam e, na glória da amizade, rendam graças ao Pai que o enviou.

O padre é um pouco de Deus que chega aos homens e lhes traz, na fragilidade de seus atos e palavras, a imensa verdade que representa. Sua vida é um espelho que reflete a grandeza e a robustez da fé. O padre é de todos e não é de ninguém.

Tivemos a ventura de merecer um grande vigário, sob todos os aspectos: zeloso, bom, trabalhador, apostólico, virtuoso, dinâmico. E ainda tontos com a surpresa que a notícia de seu bispado nos colheu, cuidamos de preparar-lhe uma festa que também era nossa, para que ela lhe mostrasse o quanto éramos sinceros na manifestação de nosso agradecimento.

Planejamos com ternura e alegria esse momento, como um pai prepara as núpcias de uma filha: quer dar-lhe pompas, conforto, luzes, presentes e flores, mas o coração mais se lhe confrange, quanto mais perto chega o minuto de ela os desfrutar. Porque a festa traduz uma despedida. E assim foi. Participamos da honra de seu episcopado com um sentimento machucado de pesar pelo amigo e pastor que perdemos. O senhor não sabe, D. José, com que vaidosa tristeza foi olhado!

Nós, que recebemos mais de perto os benefícios de sua santidade, cultura e dedicação, nas saudosas reuniões da Ação Católica, quanto lhe devemos em luzes e orientações!

Com quanto carinho as dirigia, dando-lhe o máximo de atenção, de solicitude, esquecendo doenças, canseiras, dando exemplo de tão edificante doação!

Mas os laços poderosos que o zelo construiu, que suas virtudes solidificaram e o tempo firmou, não se perderão. Continuarão a dar frutos esperados, semeados que foram com tanto devotamento.

Sabemos, os itanhanduenses, que teremos sempre o nosso lugar em seu coração. Que no seu palácio episcopal, apesar das inúmeras atribuições de seu ministério, seremos recebidos com esse seu sorriso bom, puro e cordial, com que sempre nos acolheu em sua humilde casa paroquial. Casa que nos lembra uma

concha, que abrigou, na sua obscuridade, a pérola de alto valor, que Deus veio buscar.

Dom José, quantas vezes o senhor saía para suas viagens! Ficava um mês, dois, longe de nós.

E nos alegrávamos com as notícias de seus sucessos espirituais, seus trabalhos apostólicos, porque sabíamos que voltaria.

De repente o senhor chega e enfeita a cidade com sua voz saudosa e firme, ao microfone. Sentíamos, então, aquele leve e doce bem-estar ouvindo-a, desfrutando de novo a sua presença.

Agora, mesmo que volte aqui, vai ser tão diferente! O senhor não é mais o nosso Padre José.

Estamos vendo-o ao altar, nas últimas semanas de seu pastoreio. O senhor deve estar também sentindo as emoções dos atos que se praticam pela última vez. Num dia tão próximo vai fechar a mala e partir. Olhará esta cidade, lá de cima, talvez adormecida numa madrugada tranquila, antes que acorde com os sinos, que, tantas vezes, o senhor mesmo bateu.

Verá aquele pequenino amontoado de casas, onde há tanto calor de amizade e paz.

Dormem todos, não permaneceram em vigília, apesar da tristeza que os aflige. Os que o senhor tornou filhos de Deus, pelo Batismo. Os que, sob as suas bênçãos, se deram em Matrimônio. Os que, impregnados pelo seu exemplo, irão um dia formar nas heroicas fileiras do sacerdócio.

Os que estão em paz, absolvidos os seus pecados, por suas palavras poderosas.

Os que, mais além, libertos pela Extrema Unção, não vão mais acordar.

Todos, todos receberam tanto de suas mãos que deram sem limites e o estimam e saúdam, na tranquilidade de seu sono.

O senhor verá, comovido, os contornos melancólicos da serra, que nos guarda, envoltos na ternura da última vez.

E, como despedida, olhará as torres do templo, que sua coragem, fé e dedicação tornaram realidade, como mãos da cidade, erguidas ao alto, num último aceno.

E o senhor sairá de leve com o seu cajado.

A ALMA DAS RUAS...

Venho caminhando pela Avenida Professor Brito
e vou conversando com a alma das casas e da rua
como se falasse com o vento carregando vozes.
O Ginásio e o Grupo – que grande passado! –
que multidão, infância, mocidade, maturidade
saindo pelos portões...
E todas as pessoas que por estas calçadas transitaram
vão me agregando em manso silêncio
os seus adeuses, seus destinos, vivências.



A rua começa com a casinha de João Carvalho
entretido com seu mel, a cultivar abelhas.
Depois me lembro dos Irmãos Belo, os portugueses
um deles era Carlos, a morar por aqui muito antigamente...
Havia uma casinha em frente ao Ginásio, que já não existe
lá morava, só, um grande mestre, Dr. William Goetz,
um dos maiores filólogos vivos, na época, isso contado
e lembrado por Crispim Olavo.
Era alemão e ensinava essa língua e o inglês,
embora soubesse também outras mais, como o grego.

Na casa ao lado morou sempre José da Costa Neto

e na esquina, onde há a casa de João e Maria Alice,
casa que foi de seus pais, José Lopes e D. Chiquinha,
que já se despediram há tanto tempo
morou um pastor protestante, Sr. Jacob.
Este ensinava inglês, em aulas particulares
e me ficou sempre essa figura guardada, na sombria sala
a desvendar-me o sentido das complicadas palavras.

Depois vem a grande casa de “seu” Alexandre Nora
sua mulher magra, sempre vestida de negro, d. Geraldina,
e aquela foice, que colhe moços e velhos,
a visitá-la tantas vezes.



Essa casa foi construída pelo Sr. Henrique Scarpa
e tem amplas salas e uma enorme cozinha, varanda enfeitada
com grades de madeira bordada, resistentes.
Lá viveu Honório Nora, marido de D. Helena,
que me conta, saudosa. O primeiro alto-falante da Igreja
foi doado por ele, assim como o aparelho de som.
Era para que, às tardes, na hora da Ave-Maria,
quando ela gostava de ouvir, fosse o som repartido com todos
numa partilha de prece e de comunicação.
Embarcou ele para o Rio e o comprou, na Casa Sucena,
assim como a imagem de Santa Terezinha do Menino Jesus
que era padroeira do Catecismo local.
Há muito tempo ele morreu, mas seu exemplo, seu presente

é uma delicadeza que me agrada evocar.
É um gesto de amor que permanece no coração da cidade.

Depois lembramos Aluísio Lopes e Betina, com seu menino morto
tão chorado pela cidade. Ele, alto e de voz potente
conversando animado em seu cartório, com toda gente
e doído pela política. Ela hoje inda na lida
a conviver com filhos, netos e parentes
e a dizer sorridente: é a vida...

Nas casas seguintes a ausência de Benjamim Graça e Maria Alzira,
em casas construídas por ele.

Na esquina, a casa de Manoel e Marielisa
sua construção, os filhos que chegaram
e um muito especial, o José Carlos, que se tornou nosso filho
e hoje ocupa, na Prefeitura, o lugar que um dia o avô deixou vago...



Depois Maria e Mendinho, num amor tão doce
como doces eram seus pratos domingueiros.
Este um itanhanduense tão baírrista, tão orgulhoso de sua terra
lugar onde sempre sonhou voltar para morar.
Lembro-o em nossas festas, arregimentando prendas
e vindo, nas eleições, entusiasmado, dar seu voto.
Lembro-o nos carros antigos, na sua agência
e nas suas serenatas feitas com vitrola
e nas histórias de amor que o enleavam.
Lembro-o, sua bondade imensa, a ir e vir, com alegria

com aquele coração de menino a sorrir pela boca...

A casa de Dr. Stephan e D. Júlia e seu menino Otto estrangeiros que se integraram tão completamente à cidade participando dos movimentos, festas e cujos sentimentos ainda hoje permanecem florindo à distância.

A casa ainda guarda sua imagem nas arcadas e nas cores febris das azaléas...

Seu Joaquim Fonseca, o amigo dedicado de nossa família consciencioso e competente guarda-livros, tão precioso. Sua família grande, professores, gente que fala baixo e manso como devem falar também os netos e bisnetos...



Vejo “seu” Ildefonso e D. Silvia, sua voz forte criando toda a sua turma, tantos rapazes e a casa imponente, hoje, pintada de branco nos lembra lutos e festas, entradas e saídas. Ele fazia discursos inflamados e se empolgava e com amor espontâneo a cidade ele amava, embora viesse de Alagoa.

As Paivas, três senhoras que andavam sempre unidas, donas Maricas, Ormindia e Matilde, e os descendentes que ainda moram na mesma rua.

Na esquina, uma casa onde morou tanta gente, uma tia, Isolina, com um punhado de garotos tão levados, depois Olavo e Aline, hoje ali mora o seu próprio dono, Jonas,

casado com dona Conceição, também Paiva.



Ah, quantos destinos se cruzam pelas paredes, pelas casas
e vou apertando o passo, pressurosa
em pouco estarei na minha rua da infância
hoje tão desfalcada de pessoas que dormem sossegadas
mais além, naquela planície vaga...



Pintura de Maria Inês Schimmelpfeng Mendes

“Seu” Pedro e D. Noêmia e as meninas
seu filho José, o médico que trouxe tanto benefício à terra
militando na Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro,
e no Ministério da Saúde também.

Nossa infância mesclada, risos e brincadeiras,
idas para o Ginásio, passeios de carro, o Clube
e as tardes ensolaradas onde as mães teciam os seus tricôs
e nos vigiavam com o rabo dos olhos, sorridentes...

Na esquina, a casa de D. Maria e “seu” Chico Macota
e uma velhinha arrastando o seu chinelo, Donana,
parece que vou encontrá-la, seu coque no alto da cabeça
chamando os netos para os afazeres.

“Seu” Guida, Felício, e D. Maria, sempre presentes
criando seus pimpolhos com ternura e ela, tão pura
com a cabecinha toda branca ainda distribuindo bênçãos
por entre a família numerosa, toda radiosa.
Hercílio Cunha e Ditinha, a tipografia D. Bosco
e seu menino Álvaro, o nome do avô, menino grande e louro
que a acompanhou outro dia, pesaroso,
sua dedicada mãe, à última morada.
Lembro-me da máquina a trabalhar por altas horas
fabricando famosos Boletins, que saíam quentinhos
e iam satisfazer os apetites políticos de tanta gente.

Olímpio Satiro e d. Virgínia, hoje noutra rua
e na mesma casa, os Alemães, altos e louros, os irmãos Khön
e uma doce velhinha que bordava e que fazia preguinhas
nos linhos que a gente ali levava.
E eles, nas oficinas, consertando coisas.
D. Nenê, que ensinava piano, seus filhos doentes
e os bemóis e sustentidos eram tão sentidos...
Washington e Angélica, nos seus trabalhos de agulha na Alfaiataria
e a filha Nely, um dia foi sadia, mas tomada pela paralisia
dava aulas de alegria...

Dr. Paiva e a doce Maninha, criatura inesquecível
de palavras delicadas, gestos de ternura
e ele nas lides médicas, apressado e sorridente.



Vem também minha comadre Josefina
com a casa cheia de meninas, entre as quais uma afilhada.
D. Raquel, uma italiana gorda e clara
a quem nós, crianças, admiradas
víamos organizar enormes macarronadas.
Desdobrava a massa com mãos tão hábeis
que os anéis dourados ficavam enfeitando o dia.
Era irmã de José Prota, que com D. Terezinha
nesta rua iniciaram sua família tão numerosa
naquela casa grande, hoje de Alexandre Costa.
Ali já foi um dia a Escola Normal Fernando Costa e o internato fervilhava de
moças domingueiras sob a
autoridade nunca discutida de
“Siá” Dita. José Prota possuía fábrica
de fumo em corda e nos presenteava
com umas latinhas azuis e douradas
que pareciam arcas de tesouro...



Ah, crianças de ontem passam misturadas às trêfegas de hoje.
Tudo é tão simples, na alquimia do tempo, essa mistura
de passado e presente, rostos variados e amigos
as imagens que surgem e que somem
engolfadas por uma saudade que se desdobra em cumprimentos – bom dia!
E lá vou eu carregando essas sombras em pinceladas de ternura:
passai, passai, crianças, jovens e velhos
vivos e mortos, fantasmas, passai todos
que o retrato está pronto na retina
para a passeata da memória.
E a alma das casas e das ruas permanece à tona da memória
e vêm se banhar nas pequeninas e cotidianas curvas do caminho
que nossos olhos às vezes surpreendem...

Se dividimos o tempo, o pão e a hora
é que a oportunidade, agora, me trouxe intacta essa rua antiga
e, numa doce cantiga eterna, vibramos o violino da saudade
e retornamos.

TEATROS

Entre as evocações, vamos pesando valores. Os homens, à distância, crescem, em seu limitado tempo, pela sua visão e coragem.

Fundaram ginásios, indústrias, bancos, organizaram fazendas, dotaram a cidade do que ela precisava, riscaram-lhe ruas, prédios e fizeram um cinema-teatro.

Hão de pensar que o palco seria, como o do ginásio e, posteriormente, o do Colégio Coração Eucarístico, para festas de formatura, cívicas ou eventos municipais.

Mas não, ali se exibiam peças de teatro profissional e vinham por aqui as companhias famosas.

Os atores vinham vestidos em sua própria pele e rostos e não pelos latões de filmes, nos trens da Rede Sul-Mineira, como para o espetáculo do cinema.

Meu pai fazia os anúncios, contratava os artistas, construía os programas. No palco, os cenários esperavam.

Algumas companhias traziam os seus cenários próprios e era uma alegria vê-las montando-os, ensaiando, etc.

Embaixo do palco (é preciso contar, pois já não existem mais nem ele, nem o cinema e depois nem haverá quem se lembre) um espaço para os músicos, cercado por uma grade torneada de madeira.

Ali havia um piano e muitas vezes acompanhei cantores em suas apresentações, tocando as canções e faturando um dinheiro extra, sempre muito bem-vindo. Era pequena, mas havia aprendido piano desde cedo e acompanhava as valsinhas, fáceis e melodiosas, cançonetas, etc.

No dia aprazado, chegavam os componentes da Companhia, que se hospedavam no Hotel dos Viajantes.

Aqui estiveram, na década de 40, Dercy Gonçalves, Eva Todor, Margarida Rey, Procópio Ferreira, etc.

Mas no Ginásio, onde também havia um palco, as peças eram representadas pelos alunos. Esse palco se localizava no refeitório, que se engalanava para as festas, onde aumentavam as cadeiras. Encimando o palco, as palavras latinas: “*Ridendo dicere verum quid vetat*”.

Que importa que a verdade seja dita num palco, entre sorrisos, ou envolvida em cálida saudade?

Mas no palco do cinema, também se apresentavam os amadores, com ótimas “performances”.

Entre eles, podemos citar Lauro Scarpa, dentista que aqui residiu por muitos anos e depois mudou-se para São José dos Campos, Nenê Toledo, Stela, Ruth Costa, José Laurelli e tantos outros que se revelavam verdadeiros talentos artísticos.



GRUPO DE TEATRO AMADOR

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| 1. Egídio Bonanni Guida | 7. Vera Scarpa |
| 2. José JoãoRibeiro | 8. Ari Pereira |
| 3. Ruth Costa | 9. Hélio Nora |
| 4. Eufrásia Scarpa | 10. Zezinho Antunes |
| 5. Nenê Toledo | 11. Chico Tarcísio |
| 6. Damaris Ferreira | 12. Cyro Oswaldo Scarpa |

Por ocasião da permanência do Pe. Ivo de Sousa Bustamante aqui, também ele iniciou uma turma nas artes representativas e nos brindava com ótimas peças teatrais.

No Ginásio, nas festas pelo aniversário de D. Mindoca, nos famosos 12 de setembro, também apresentavam números variados, sketches, etc.

Houve também representações de valor no Colégio Coração Eucarístico. Algumas peças notáveis, das quais se fazem referências nas rodas das recordações.

Agora esses eventos são realizados em outros locais, pois os dois mais antigos palcos que evoco já são ruínas e dormem no bojo do passado.

REVOLUÇÕES DE 30 E DE 32

Tenho uma vaga lembrança de que foi “seu” Guida que, de madrugada, bateu à janela e disse: Nenê, arrebitou a revolução...”

E uns vagos, estremunhados arrepios, um vozerio estranho, palavras desconhecidas, ameaças veladas, um medo adivinhado, gente chegando, conversas. E o dia atazanado. Plano de proteção, indagadores sustos.

Resolveram levar as famílias para fora da cidade e fomos para um sítio de meu avô, no Jardim. À noite, estendiam colchões por todos os cômodos, havia muita gente, alarido, de vez em quando rumores esquisitos, diziam que eram os canhões, na Mantiqueira. Olhávamos para o lado indicado e temíamos que chegassem soldados portando bombas, armas.

Nós, crianças, víamos as mulheres fritando bolinhos na cozinha, havia sempre panelas fervendo, enormes caldeirões de sopa. Deixavam-nos com as brincadeiras, estávamos num Paraíso, nenhuma “vigiação”, lentas tardes escorrendo em lazeres, os adultos se ocupando de outras providências.

Meu pai vinha para a cidade em busca de alimentos, pão, doces, roupas e era esperado com ansiedade, temiam pela sua segurança. Ele chegava com notícias frescas da frente da batalha.

Lutavam por direitos que pareciam nossos, mas nós nos deixávamos ficar desatentos em nossa infância descuidada.

À noite nos agasalhavam em frente aos lampiões e contavam novidades. De outra feita, lembro-me de muitas pessoas, na cidade, em nossa casa, fazendo sanduíches de mortadela e pão, que seriam entregues aos soldados que passariam de trem.

E as pessoas na Estação, os vagões cheios de rapazes sorridentes e as cestas sendo entregues com ternura.

Meu irmão Delfim a dar-lhes vivas em sua engrolada língua:

- Viva a Puca puca mineua...

Tradução: Viva a Força Pública Mineira...

Lembro-me de um discursinho que fiz. Era para o Capitão Praxedes, herói da revolução, no Clube Itanhandu. Acho que fiz a minha estreia naquele dia. De camisola azul, com babadinhos no ombro e o papel tremido nas mãos. Tinha seis anos e meu pai me iniciava na oratória. Tempo perdido, não dei oradora. Uma menina, ao meu lado, creio que era a Bebê, com um buquê de flores, que entregava ao Capitão. E ouço o seu agradecimento:

- Comovido pela palavra da criancinha...

Senti-me um pouco ofendida, mas papai e mamãe estavam sorridentes e orgulhosos.

Ainda os bailes dos quais se ouvia dizer. As moças animadas por causa dos oficiais que batalhavam no túnel e vinham aqui dançar. Entre eles estava o médico Juscelino Kubitschek de Oliveira.



Juscelino Kubitschek, capitão médico da Força Pública Mineira, com companheiros na frente de batalha da Revolução de 1932

Esses eventos foram lembrados por ele quando nos visitou, em 1952, quando era Governador de Minas, numa festa que lhe oferecemos.

Quando o Dr. José de Lourdes Salgado Scarpa o convidou, sua resposta foi a seguinte: “Terei muito prazer em comparecer a Itanhandu, Scarpa, pois foi precisamente lá que comecei a minha vida pública”.

Estas palavras foram relatadas pelo Dr. Scarpa em belíssimo discurso de saudação a Juscelino, no dia 24 de agosto de 1952.

Assim ele disse: “Assim se expressando, V. Excia recordava naquele instante os dias tortuosos da Revolução de 32, onde era oficial médico da Força Pública do Estado, marcando-o como ponto inicial de sua rútila carreira político administrativa.

Reproduzindo aqui, nesta hora feliz da vida de minha terra, neste mesmo evocático salão, estamos transmitindo aos meus conterrâneos e nossos amigos, assistentes dessa trajetória de 20 anos, um pouco de emoção que a ambos nos domina. Paralelamente, Itanhandu seguia atenta e jubilosa a fulgurante carreira

de seu hóspede da Revolução Constitucionalista, para honrar-se em receber V. Excia, excelso chefe do governo de Minas Gerais..”

Também meu pai, Delphim Pinho Filho, saudando Juscelino, dizia: “Homem público moderno, que não sucumbe às peias danosas das quatro paredes do Gabinete burocrático, para alçar-se aos quatro setores do quadrante estadual, afim de auscultar, como cintilante médico, as necessidades dos municípios, não estranha V. Excia. que a linguagem do povo não se molde sempre no mesmo diapasão laudatório e que, mais sincera, mais amiga, mais íntima, mais cordial, traduza a realidade amargurada a solicitar a terapêutica apropriada aos seus males”.

E é então porta-voz das reivindicações justas e necessárias do povo. Assim, essas revoluções, que começaram para nós com um anúncio na janela, na calada madrugada de outubro de 1930, e que teve tantas repercussões históricas no País, mudanças de regime, ascensões e quedas de tantos homens, etc., deixaram aqui íntimas recordações.

São saudades explosivas de um tempo, são soldados cantando hinos com emoção, num trem repleto, são moças na Estação a sorrir estaticamente, estátuas de uma ilusão que era trêfega, descuidada, ingênua.

Saudades de crianças brincando em arredores verdes, estrondos de canhões perpetuando perigos, mas remotos, pois as crianças estavam tão seguras sob os olhares paternos.

Vejo-me no meio da noite, um aperto precoce no coração, desperta pelos homens com vincos de preocupação nas faces, numa palavra que hoje é tão corriqueira. Revolução.

Acompanhando a história da cidade, estou sacudida por um frêmito, revejo meu pai, moço, num carro de boi, acenando de longe, vai buscar numa cidade notícias, alimento, numa coragem que nunca lhe faltou!...

Essa é a crônica da Revolução que me ficou na memória. Mas, revendo um velho jornal, “O Itanhandu”, num número especial, em novembro de 1930, vejo tantos artigos sobre ela que julgo oportuno acrescentar. Muitos corroboraram as minhas lembranças, em detalhes que guardei. Outras revelam as verdadeiras ocorrências, como aconteceram.

Num deles, que não vem assinado, vemos o seguinte:

“O nosso 3 de outubro foi no dia 4. Chegou atrasado. Felício Guida, o nosso coletor federal, amigo de toda hora, mineiro da gema, sentiu ferver o seu sangue de brasileiro livre (que vivia sufocado, amordaçado pelas ameaças prestistas) quando, indo para Cruzeiro, de madrugada, soube da nova alegre e voltou a Itanhandu, num espalhafato, esmurrando as janelas dos amigos:

- Acorda, rebentou a Revolução! Viva!

5 horas da manhã do dia 4. Desde 5 horas da tarde de 3 que o Rio Grande irradiara a senha: Bento Gonçalves!

O país todo lutava, impávido e esperançoso. Em Porto Alegre já os federais caíam. Em Belo Horizonte o 12º entrava em fogo. Em Recife e Paraíba combatia-se.

Pulamos da cama, contentes, dando vivas à Revolução. Obrigado, Guida! Itanhandu agradece a você a notícia magnífica. Um coletor federal anunciando revolução contra o Presidente. Vida nova!

Foi assim que o funcionário (que votara com o governo sob intimidação, envergonhado e contrafeito com os amigos, todos aliancistas) pode tirar a desforra.

E ficou sempre pronto a tudo, na delegacia de emergência, nos serviços revolucionários, motorista permanente do vice-presidente da Câmara, torcendo pela nossa vitória, que era também a sua, até a aproximação do inimigo, ocupando Passa Quatro.

Dia 3 de outubro! Dia feliz para os revolucionários vermelhos.

Data memorável para a nossa pátria nova e livre. Salve!”

Outro artigo, este assinado por Álvaro:

“Em 1889, o povo brasileiro, patriota como sempre, sonhando com um Brasil melhor, tendo à frente Deodoro, Benjamim, Ruy, Silva Jardim, Floriano e outros, destrona o bondoso imperador Pedro II, proclamando a República. Mas, coitados, com tanto amor pelo Brasil, que república fundaram? A de Washington Luís ou outra igual.

Como fazer, então? As urnas? Mas que vale uma urna tendo ao lado uma ata falsa?

Às armas!

E, em 22, ouviu-se o primeiro estampido contra a prepotência dos déspotas. Fraco ainda, mas todo o brasileiro escutou e armou-se.

E, em 24, novamente se ouviu o estouro de uma reação: a liberdade entrava mesmo na terra de Santa Cruz. Novo fracasso, pois Isidoro fora traído por um Joaquim Silvério dos Reis: o Potyguara.

Em 1º de março de 1930, o ano da vitória, Minas, Rio Grande do Sul, Parahiba e os bons brasileiros, comandados por Antônio Carlos, o homem que abreviou nossa vitória – tentaram a regeneração da pátria pelas urnas. Esse dia, então, todo o patriota, satisfeito, desejoso por ver um Brasil melhor, levantou-se cedo para, com o seu voto sagrado, evitar que o país caísse em mãos do filho mais velho do Sr. Washington Luís.

Mas que surpresa! Outro fracasso! (Também os defuntos tinham votado na chapa Prestes!)

Um grande povo, porém, não pode ser governado por homens pequenos. 1930 teria que ser, como foi mesmo, o ano da vitória.

E a luta por um Brasil melhor foi linda. Em todo o Brasil, armados, os homens abandonaram mulheres, filhos, mães, noivas, para, de arma em punho, matar, morrer. Liberdade ou morte!

O brasileiro exige os seus direitos. O solo pátrio avermelhava-se cada vez mais, era o sangue. Mas que importa? Pois o sangue é assim: é derramando-o por uma causa justa que mostra o seu valor.

E quanto sangue não se derramaria ainda se não fosse o civilizado povo carioca?

- Getúlio, Antônio Carlos, Juarez, Isidoro, Olegário, brasileiros do Brasil novo, eu vos agradeço pelo orgulho com que me enchestes o coração, provando o civismo e a coragem da minha gente.

Aqui tendes uma terra grande e boa, um povo grande e bom, para fazerdes uma República liberta, enorme, um Brasil melhor, como sonharam Tiradentes, Deodoro, Ruy, Nilo Peçanha, Siqueira Campos, João Pessoa e outros, como merece o novo brasileiro.”

Agora alguns artigos sobre a Revolução em Itanhandu. A comissão organizadora do jornal vem assinada por: Dr. Olavo Gomes Pinto, Heitor Alves, Júlio dos Santos, Pedro Scarpa, Idelfonso Mendes, Francisco Gomes Pinto e Pedro Coutinho. Supomos que os artigos, não assinados, tenham sido escritos por alguns destes nomes.

“Tropas Mineiras

Palmas, muitas palmas têm recebido no Rio a galharda força mineira, expressão perfeita da alma montanhesa.

Os soldados mineiros da coluna leste foram os primeiros a chegar ao Rio, depois de uma jornada gloriosa pelo Espírito Santo, Campos, etc., comandados pelos coronéis Barcelos, Feio, Seroa e Amaral.

Logo depois vieram os de Juiz de Fora, onde era chefe o coronel Aristarco Pessoa, irmão de herói, forte como eles.

E para a parada de 15, luzidamente se apresentou, com os primeiros, numa apoteose de ouro pelo Brasil novo, a coluna Fonseca – Marques – Praxedes, a vitoriosa coluna libertadora de Belo Horizonte, Três Corações, Itanhandu, Passa Quatro, etc. que só não chegou a Cruzeiro porque o dia 24 raiou felizmente para nós, cessando a luta fratricida.

Palmas, muitas palmas recebeu a força de Minas do bravo e cavalheiresco povo carioca, pela sua glória, linha de conduta e eficiência militar.

Vimos entre os mesmos soldados vários moços do Sul Mineiro, que em Itanhandu fizeram os seus estudos: José de Aguiar Dias, Vicente Salles, Acyr, José Pinto Rennó, entre os promovidos por atos de valor”.

A Noite Preta – este artigo vem assinado somente por H.

“16 de outubro, Itanhandu não pode dormir, com medo de um assalto noturno.

O inimigo parecia forte, no combate do dia, ocupando Tronqueiras e avançando até Pé do Morro, para onde nossa tropa o atraía a cair... no buraco. 4 quilômetros da Vila. Tentara o assalto de Bom Sucesso (a 2.000 metros) com mal sucesso e perdas.

O boato tinha medo do coronel Marques, mas vinha, em surdina:

- Cortam a retirada nossa em Pouso Alto. É melhor saírem todos...

E o pessoal foi sando, quietinho, amarelo, azulando...

- Um aeroplano, lá longe! Vem de Virgínia. A luz se apagou.



Prefeito Fernando da Silva Costa com um oficial da Força Pública Mineira e cidadãos, no local onde foi improvisada uma pista de pouso para pequenos aviões durante a revolução de 1932. Ficava nos arredores da antiga Cerâmica Colina.

Os binóculos do capitão Praxedes e outros oficiais mineiros brilhavam no escuro, como olhos de gatos.

Só temos 300 homens... e os paulistas? 800?

O agente guardou o macaco, mudou-se pro carro. O engenheiro foi dormir fora. Quando saímos, à procura do “nosso Homem”, esbarrei no escuro da noite

preta com os soldados, sentinelas, armados, em guarda – Alto! É proibido paisanos...

O nosso chefe, cansado, fora levado quase à força pelos irmãos, para fora, tentar dormir um pouco. – Olavo... o delegado também:

- Volto cedo.

Quase todos tinham saído. Chovia. 11 horas. Lá fora a noite ainda mais preta...

- Ficarei com a tropa. Não saio! A estas horas! A pé?

- Pereira, uma cama!

No hotel, pouca gente: o Beny, o Manoelzinho, o Palombini, o Nelico Aires e Urias, o Júlio, o Delfim Moura...

O Hipólito e o Moreira dormiam no negócio (Loja). O Nicolau escovava o título de suplente...

Ninguém mais em todo o grande Itanhandu!

A perspectiva apertada de um cerco. A noite escura e chuvosa barrando a saída... Hora séria.

(- Ah! Sairemos, na última hora, pela ponte de arame...)

Da lista negra, só eu e o Prota, imprudentes, ficáramos, num desafio vermelho:

- Vocês não virão, Prestistas!

E não vieram! E de manhã, chegou o coronel Fonseca com mais 600 soldados escolhidos e bravos.

- Itanhandu será sempre nossa! Vão ver!”.

Há também um interessante artigo transcrito do “O Jornal” do Rio, de uma entrevista concedida pelo eminente chefe civil da Revolução, Dr. Djalma Pinheiro Chagas, sobre o mais sangrento combate da Revolução em Minas. Ei-lo: “O combate de Itanhandu.

Enquanto se desenvolviam essas operações, uma outra coluna federal composta também de polícia paulista e Exército e forte de 740 homens, operava a invasão por Cruzeiro, tendo ocupado Passa Quatro, durante a luta em Três Corações.

Posto em fuga o inimigo em Campanha, nossa coluna se fraccionou: parte foi em perseguição da coluna vinda de Pouso Alegre e o restante voltou rapidamente sobre Itanhandu, onde se feriu a refrega mais séria da atual campanha em Minas.

A coluna inimiga, composta de 700 homens, sob o comando do Major Newton Cavalcanti, um dos mais brilhantes oficiais do nosso Exército, tomara

posições convenientes em Itanhandu, na expectativa dos acontecimentos, pronta, porém, a prosseguir a invasão, com o objetivo da ocupação de Soledade.

Nessa emergência chegaram as nossas forças, as quais, em lugar de manter-se na defensiva, deliberaram assumir a ofensiva, executando uma operação tão feliz que, dentro de algumas horas, o inimigo, ladeado pelos dois flancos, recebia em cheio o fogo das nossas metralhadoras, dirigindo de plano superior, em tais condições, que o próprio Posto de comando foi atingido, ficando ferido o Major Cavalcanti e morto o subchefe do comando.

O pânico foi indescritível, seguindo-se a fuga desordenada dos adversários, dos quais 200 conseguiram embarcar em Passa Quatro para São Paulo e Rio, e os restantes mortos, feridos ou dispersados.

O material que apreendemos, constante de metralhadoras, fuzis, munição bélica, trens de cozinha, aparelhamento sanitário e fardamento foi abundantíssimo.

Após esse fracasso do inimigo, o meu objetivo era demandar Cruzeiro, a fim de cortar as comunicações Rio-São Paulo. O alcance dessa manobra parecia mais seguro, porque estabeleceria o pânico naquela cidade e isso apressaria o desfecho da luta.



Soldados entrincheirados no alto da Mantiqueira, em defesa do território mineiro.

Mas o Estado Maior, considerando a ação intensiva desenvolvida pela coluna, opinou que seria demasiado exigir-lhe mais este esforço desaconselhando a operação”.

Sobre a festa para o Capitão Praxedes, da qual me lembro, darei uns tópicos:

“O 3 de novembro em Itanhandu.

A melhor festa é ainda a de improviso. O Capitão Praxedes – o bravo e culto defensor de Itanhandu – de passagem, disse que voltaria à noite à Vila.

Heitor Alves, o nosso poeta da Revolução, autor do poema Siqueira Campos, do Cântico Vermelho da Revolução, divulgado entre a tropa, nos dias de combate, convida-o para uma festa em sua homenagem.

O Dr. Olavo, o baluarte de Itanhandu, que não afastou pé da cidade, mesmo nas horas amargas, anima os amigos e promove um chá no Clube às pressas, convida-se a música, as famílias, o povo, que exulta de alegria.

E quando o nosso amigo Capitão Praxedes chega, acompanhado pelos valorosos coronéis Marques e Apolíneo e oficiais da Polícia Mineira, valente e digna, encontra Itanhandu em festa, ao som de foguetes e vivas eloquentes. Os dobrados vibram.

No Clube, repleto, espocam os hinos João Pessoa, Aliança Liberal (este de nosso maestro Belmiro). E erguem-se as vozes animadas da senhorita Professora Jaira Guedes, Heitor Alves, Professor Pedro Coutinho, Delphim Pinho Filho e sua galante filhinha Dilza.

Todos repetindo os agradecimentos da população local pelos heróis de sua defesa, que infligiram aos inimigos a maior derrota da Revolução. O combate de Angaturama (Pé do Morro) levou Itanhandu, pela sua resistência heroica e bravura cívica de alguns de seus filhos que se imiscuíram com a tropa, para uma das primeiras páginas da história mineira. Depois dos agradecimentos do Capitão Marques, já eram 11 horas e o Teatro ainda os esperava com a récita do “O Guarany”, pela Cia. Frou-Frou.

O povo, vibrando, levou-os pelas ruas, festivo.

Foi assim que Itanhandu saudou a posse do grande Presidente Getúlio Vargas, dia 3, no Rio, como a vitória definitiva da Revolução Brasileira”.

Num artigo, vejo o seguinte:

“- Este maldito cavaignac!

Era o ardoroso Dr. Delphim Pinho Filho, o orador dos comícios da Aliança, que verberava em nome dos filhos da terra:

- Se às vezes daqui saímos, era apenas para consolar o coração da família, abrigada no mato, com medo da sanha invasora: Mas voltávamos logo, confiantes”.

“Como bons mineiros, foram cantar na Igreja, onde o padre Isidoro, liberal rubro, entoou o hino:

- Minha alegria é a Santa Cruz”.

“Na estação, onde o telégrafo palpitava como um coração em febre, Dias, o telegrafista insone, deitou o verbo paulista-democrático:

- Abaixo o barbado!

E Júlio dos Santos, primo de Távora, cearense mais ardente que a terra do sol, incendiava a massa:

- Não basta a redenção, é preciso o castigo!”

E quando Heitor Alves, num cântico à bandeira vermelha – (a única bandeira digna de um país liberto, porque sofreu e viveu o sonho de seu povo) pôs o viva final na alegria do feriado, ainda o Prota, mais vermelho que seu lenço, gritava:

- À Revolução!”

E assim, pelas palavras que o jornal nos trouxe, podemos evocar aquele clima festivo, patriótico e perigoso que veio povoar esta terra, nos idos de 30, nessa Revolução que hoje nos parece o início de novos tempos, de novas lutas, de novas esperanças.

Hoje, com o nosso presidente morto, Tancredo Neves, restauramos esse clima, ao pisar o caminho de uma Nova República que ele construiu e modelou, mas que não pode realizar.

Mas vemos que a História fica reverberando nas consciências as palavras corajosas, as atitudes generosas e a certeza inabalável de que o patriotismo constrói e assegura a pátria livre e nossa!

JUSCELINO



Visita de Juscelino Kubitschek a Itanhandu em 1952
À frente, Manoel Costa, Negrão de Lima, Juscelino e José de Lourdes Scarpa

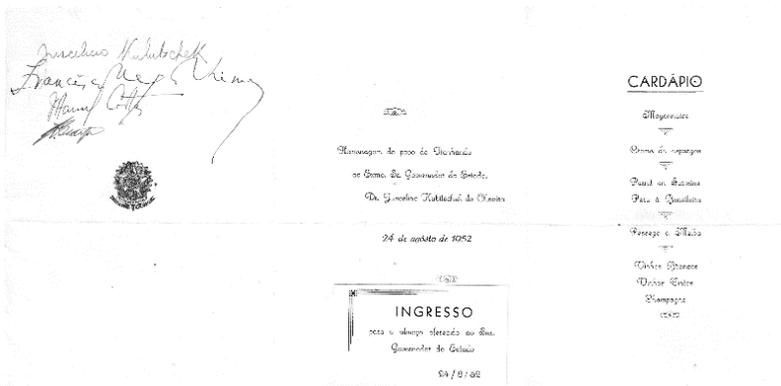
Eu sonhei com Juscelino, peixe vivo
navegando em mares nada amenos.
Ele estava triste e severo, mas assim mesmo
eu lhe apresentei, um a um, muitos problemas
e ele dava uma palavra de esperança, uma resposta
com aquela facilidade e coragem
com que construiu Brasília.

Falei-lhe de meu pai, seu grande amigo
a quem ele visitara em Belo Horizonte
onde convalescia.
E deu-lhe, eu lhe dizia, tanta alegria essa visita
que parece que, depois que ele saiu
uma aura de melhora circundou a sua vida.

Mas agora Juscelino estava triste
tão triste que me incomodava. O que seria?
Já saímos da ditadura, eu contava eufórica
e nesta data histórica
ocupa a presidência seu amigo Tancredo Neves.
Temos esperança novamente e seu correligionário

saberá dar ao Brasil, como você deu
um exemplo de administração progressista.
Mas alguma coisa perturbava a sua vista
e ele perdia um trem que passava em disparada.

Que haverá neste sonho, que não devasse
e tenho medo de entrar em seu mistério?
Lembro-me de Juscelino, como Governador
inaugurando um baile, em nosso claro salão.
Houve uma festa sem igual, músicas e foguetes
e discursos primorosos.



Convite para homenagem a Juscelino Kubitschek no CRI.
Assinam o convite: Juscelino, Negrão de Lima,
Manoel Costa e João Baptista Scarpa

As memórias da Revolução de trinta
e ele lembrando o seu quartel general provisório,
o Hotel dos Viajantes.
Lembro-me de suas vitórias retumbantes
dos anos de esplendor.
Depois, o ocaso, quase o exílio
e a tristeza que a todos nós doeu pela injustiça.

Levamos-lhe, em Nova York, uma goiabada mineira
que ele apreciou com delicadeza.

E mais nada?

Mas nas páginas da memória revivi ainda
as aventuras políticas que nos serões paternos vivera.
E Juscelino presente na história, alegre, alvissareiro
e era um grande mineiro, papai sempre repisava.

Será este o trem de antigamente?
E a tristeza seria a saudade
que na de meu pai ou do tempo eu misturava?
Não sei...

Poema escrito em fevereiro de 1985...



Recepção a Juscelino Kubitschek no CRI em 24 de agosto de 1952

ESCOLAS MUNICIPAIS E RURAIS

Chega o menino, a sua pequena e acanhada vivência, para o aprendizado. A roupa está limpa, a camisinha de xadrez alisada, o lápis é uma nova arma, o caderno espera ansioso o primeiro rabisco. A Cartilha é um mundo em perspectiva, uma caverna, onde se escondem os Ali-Babás do mistério.

Letras, pequeninos pontos que suscitam a imaginação, são fantasmas poderosos. Como dominá-los?

A professora é sempre uma abnegada pessoa. Tem uma filosofia especial para desempenhar a contento o cargo espinhoso. A Escola é sempre desguarnecida. Pobre. Tudo rústico, essas Escolas são o verdadeiro Brasil, rude e primitivo, engatinhando como as primeiras letras. E daí, dessas carteiras de roça é que começaremos a nossa caminhada para o amanhã. Para o almejado futuro e progresso. Dalí, desses bancos modestos, sairão os agricultores mais preparados a conquista modernas, melhor armados para as lutas da sobrevivência e da educação.

Como são importantes estes aprendizados e estas mestras!

Por meio delas vamos acabar com os analfabetos, dominados pelas conjunturas errôneas de um país subjugado. Por elas vamos chegar a homens mais lúcidos, aprimorar as inteligências que apodrecem como raízes inúteis.

Em Itanhandu temos oito Escolas rurais. A das Goiabeiras, que se chama hoje D. Pequetita. E fico pensando na sua encabulação ao inaugurá-la. Qualquer homenagem perturbaria o seu modesto espírito. Mestreira durante toda a vida, abnegada e culta, ela se entregou completamente ao magistério, seguindo a trilha delineada pelo seu modelo, o Professor Brito.

Mas ela ficaria também contente de ver seu nome nessa escola pobre, entusiasmada com as filas de garotos descalços, em busca de letras, fome por ela nunca suficientemente saciada.

Essa luta cotidiana que ela corajosamente abraçou. Seria mais uma lutadora, naqueles bancos toscos, por um Brasil mais forte e grande.

Depois vem a Escola Zequinha Felix, no bairro do Mato Dentro. Um homem também do campo, que compreendeu o valor da instrução e que, pela honestidade de seus exemplos, mereceu essa homenagem do povo.

E agora a Escola Zazá Rennó, do Bairro do Moinho. Esse é o nome da minha mãe, embora incompleto. Minha mãe era Isaura, mas tinha esse apelido. É seu nome de solteira, pois, ao se casar, tornou-se Pinho. Não importa, talvez, essa grafia, o que importa é a intenção. Não conheço essa Escola que carrega o seu nome tão caro para nós, mas vejo-a feliz, olhando os pimpolhos lá de sua estrela, acompanhando-os num terno olhar maternal.

Vejo-a a encorajá-los, como fazia conosco, olhando livros e cadernos. Vejo-a a lamentar suas merendas pobres, ela que se esmerava em melhorar as nossas, fazendo doces, bolinhos, sucos de laranja. Penso em que estará querendo ajeitar essas vidas incipientes, com o calor de sua maternidade abrangente, com o poder de seu amor tão forte. Penso ainda em seu entusiasmo a seguir a voz da mestra, a dar-lhe o seu sorriso de estímulo, a carregar em seu coração as dificuldades todas que surgem, ao tentar dar um jeito, nesse peculiar afeto de participação.

Essa homenagem nos toca, porque é uma simples lembrança de sinceridade, um carinho honesto de premiar, um louvor afetuoso.

Depois vem a Escola da Serra dos Noronhas. Ali se vive em ar puro, e as frutas e plantações são exemplos dignificantes de trabalho. As crianças são sadias, alimentam-se de puros tributos dessa terra dadivosa e perpetuam nesse nome um bairro de progresso.

Outra é a Escola Presidente Vargas, na Fazenda do Jardim. O nome do grande Presidente se associou a essa Fazenda, desde que aqui ele veio passar seu aniversário e ali permaneceu dois dias. Ele comemorou com os colonos, perguntando sobre colheitas, sobre o gado. Perambulou pelas cercanias em passeios a cavalo, sonhou dias mais amenos para seu Governo, descansou em nossa Serra seu cansaço, suas desilusões crescentes, viu as imensas necessidades do povo que amava, teve intenções muito firmes de atendê-las, enfim, mereceu essa homenagem.

É um nome do qual se honra essa pequena Escola.

Vem depois a Escola do Condado. E os meninos saem em fila, nesse aprendizado de vida, munidos de seus petrechos de escola, arrebanhados para um destino melhor, ajudados pela professora que os assiste.

O Bairro se orgulha de sua escola, e lhe dá prestígio pois sabe que dela dependem as condições de melhoria nessa sofrida vida de roça.

Pelas encostas da terra, pelos caminhos de terra, buscam os meninos aquela luzinha que brilha naquela casa. E dali saem mais lúcidos, mais armados para as lutas diuturnas da vida.

Temos a Escola Renata Nogueira, na Ponte Alta. Essa tem o nome de uma professora que alfabetizou tantas crianças, um batalhão enorme, que nutriu de seus ensinamentos, no velho Grupo Escolar Felipe dos Santos.

Era uma pessoa inteiramente voltada para o ensino, dele fez sua família, pois nem mesmo se casou. Abraçou o ideal do magistério como prioridade, como imorredouro privilégio, levando aos alunos o chama de seu entusiasmo.

Já velhinha, dizem que ansiava por notícias alvissareiras em matéria de educação. Viveu e morreu aqui, no caminho do ensino e do trabalho.

Escola do Cafundão é mais uma delas, nesse Bairro.

Depois a Escola das Posses, nesse Bairro, também uma escola na Serra, entre os verdes desta terra, entre plantações, lides, trabalho. Deste bairro vêm as batatas para o alimento da redondeza e também abastecimento de Rio e São Paulo. Em suas fazendas, o homem do campo vai afanoso plantar suas áreas e lá bem perto do céu, respirando puros ares, vão os meninos aprender suas primeiras luzes, num clima de paz.

Estas Escolas são mantidas pela Prefeitura, que ajuda também na manutenção da merenda escolar, alimentando crianças carentes e pobres.

E volto-me a essas cartilhas que se abrem para o futuro, em cujas páginas o abc da simplicidade é uma cantiga de progresso, na esperança em dias melhores, um luminoso porvir.

Nessas primeiras letras vai toda uma canção alvissareira: salve, salve, Brasil, e suas professorinhas de roça, na prece da educação e do trabalho, em tons de verde e amarelo da Bandeira Nacional.

Vivam, vivam vocês!

INCÊNDIO

Foi um impacto na cidade:

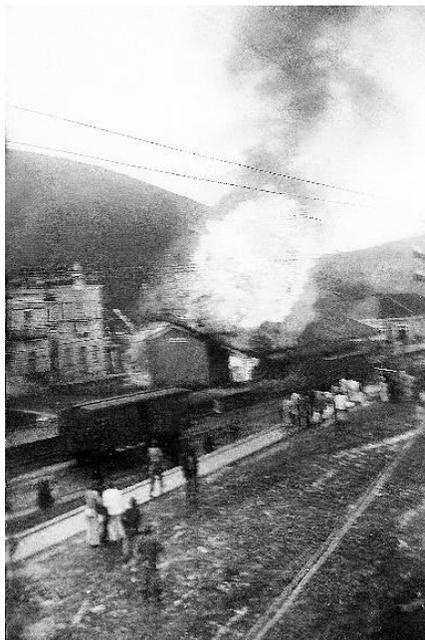
- Incêndio na Estação!

A notícia correu depressa, chegou ao Ginásio Sul Mineiro, ao Grupo Escolar Felipe dos Santos, às fábricas e todos acorreram ao local.

O reflexo do fogo pintando as caras! O medo e o susto rompendo barreiras de incredulidade e assombro!

As pessoas apinhadas sobre o viaduto, gente em volta, diante do espetáculo inédito.

As chamas ruidosas lambiam o dorso de tijolinhos e mastigavam o telhado. O armazém, de mercadorias diversas, era um fogão, cozinhando seu próprio corpo.



Nós, crianças, olhávamos as labaredas altas e aquela incandescência, de origem inexplicável, nos marcava um momento.

Até hoje o fogo me assusta, mesmo na televisão. Voltam-me, de pronto, aqueles momentos de sobressalto:

- Incêndio na Estação!

A Estação da Rede Mineira de Viação não era então, como hoje, um simples lugar para os embarques de trem.

Era um passeio requintado e usufruído com prazer.

As horas certas dos trens, o Zé Mudo estendendo a mão aos viajantes, o prá-lá-prá-cá das moças, as malas do Correio, as encomendas, fitas de cinema e os felizes passageiros...

Era o prediozinho modesto compondo uma paisagem familiar.

De repente, talvez pelas 10 horas da manhã, em 1935, irrompe o grande incêndio.

Eram fagulhas luminosas por todos os lados, como um São João festejado tardiamente.

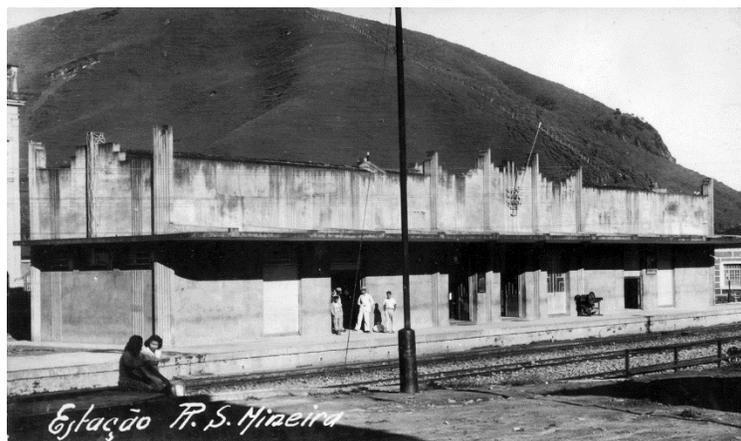
Depois, a carcaça triste e negra, enfeando a cidade.



Lembro-me de meu pai, em esforços ingentes, viagens e pedidos, para a reconstrução.

Conseguida, dois anos depois, há uma grande festa para a inauguração do prédio feito de cimento e mica, brilhando ao sol.

E a estrutura cinzenta deu nova imponência aos passeios que voltaram, inocentes prazeres de uma época simples e remota.



MESTRES

Passo em frente ao prédio
que hoje se chama Colégio Estadual Professor Souza Nilo
e vejo uma alma antiga dentro desse corpo novo.

Vejo sua alma perambulando pelas salas
que já não existem: Gymnasio Sul Mineiro

Pedra a pedra, tijolo a tijolo
uma derrubada, outro vindo à tona.
O diretor, Sousa Nilo, com passos de veludo
entrando no Gabinete,
lugar muito temido
onde se iam ajustar as contas...
E que contas!...

E o olhar austero, vindo por detrás dos óculos,
na ponta do nariz,
vem do fundo do tempo e ainda nos olha...

Vejo o janelão quadrado, com vidros quebrados
e o Cemitério onde diziam que à noite
as almas saíam a passeio...
E a gente acreditava!

Vejo um raminho de violetas nas mãos de um menino
ofertado pela namorada... (que tempos!...)
Vejo a voz macia de Júlio dos Santos,
misturada a heróis gregos
poemas florestais, épicos, majestosos...
O sapato de borracha do Dr. Caetano
que ninguém adivinhava onde surgiria.

Dr. Elpídio Costa, o sorriso amplo, grande, bom
e a cerimônia com que se tratava os fiscais
e seus ternos escuros
e aquelas provas parciais

que nos faziam rezar a Todos os Santos
longos terços manuais...

E a voz amiga me chamando para tirar o ponto,
o que era uma deferência especial
- Pronto, estou aqui!
Ainda estou aqui sorteando momentos
e relembrando eventos
que dormem...
Ainda estou decorando cartilhas, aprendendo da vida
sábias lições.
Como menina obediente estudando
e desencavando do peito missões
que me foram entregues
por uma voz inesquecível...

Eis a pedra, o número.
Eis a rua, as portas que se abrem para o
infinito...
São fios que nos enlaçam e prendem à
vida.
É essa alma que canta, através de gargantas
já caladas.

Silêncio, as sombras que chegam:
Heitor Alves, versos redivivos
José da Costa Brito, que, num
paradoxo, quanto mais humilde,
mais crescia...
Ele veste este Colégio de sua eternidade,
sua risada mansa e querida
e pela mão carinhosa nos convida
para as profundezas da Língua.

Ele nos puxa ainda para as belezas dos velhos alfarrábios.
Ele nos convida para as delícias de um Castelo.
Entremos... estão todos ali, não veem?
Eles confabulam...



Heitor Moreira Alves

Que notas darão ao Ênio, afundando
em suas pesquisas desenterrando os
mortos?

Que notas darão às alunas de boina xadrez
que dispensaram seus saberes
entre carteiras lustrosas
e despertaram belas vocações?

Que nota ao menino
que saiu daqui moleque e voltou doutor?

Que nota ao bacharel que dita sentenças
a torto e a Direito
e se debruça, às madrugadas,
chorando suas responsabilidades?

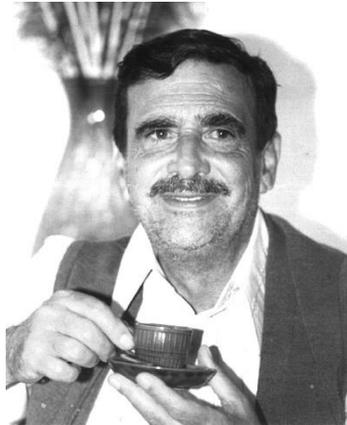
Que nota àquele que maneja o bisturi e salva vidas
e passa noites indormidas às cabeceiras febris?

Que nota a essas meninas que são mães e avós
e que dispensam tanta ternura
nas aventuras de procriar?

Que nota ao trabalhador braçal que apenas roçou pelos livros
e preferiu a liberdade de lavar a terra
e planta suas letras com sementes de fartura?

Que notas esperam essas almas que aqui buscaram luzes?
Elas aqui vieram e esparramaram destinos diversos
por esses brasis afora
e escreveram lides patrióticas
com judiciosos nomes imortais?

Outro dia, foram cinquenta anos.
Agora, serão sessenta, nem sei.
(Que contadora de histórias!)



Ênio de Souza da Costa Brito

Ainda há olhos indagadores e perguntas tolas
por toda parte
ninguém sabe responder a elas.

Há mistérios se evolvendo dessas almas de pedra, dessas casas sólidas
que se chamam Escolas, onde guardam sabedorias.

Não aquelas, somente, que escapam dos livros
mas sobretudo as que dispõem das almas
e são guardadas como tesouros
para serem partilhadas.
Há mistérios, sim, corpos ainda boiam na piscina
corpos de antigamente
em longos haustos de tranquilidade, em águas infinitas.
São naufragos de uma perplexidade perante o tempo
e sua inexorabilidade os desafia a cada dia.

Mas nas árvores, centenárias quase, os pássaros cantam mocidades
e espreitam borbulhantes cascatas de risos
naquele Prédio
de tijolinhos vermelhos.
Os mestres acodem: onde estão vocês?
Ah, as imensas lições de viver que ainda não aprendemos!...



Professor Sousa Nilo, primeiro em pé à esquerda,
com professores do Ginásio Sul Mineiro

BAILES DE CHITA



Av. Ribeiro da Luz com prédio do Club Recreativo Itanhandu à direita

Dia 29 de junho de 1932.

É um baile de arromba, um estrondo de bombas na praça
porque festejamos São Pedro, com muitas pompas.

Este santo empresta seu nome ao presidente,
o querido “seu” Pedro Cunha.

E esse prédio foi também propriedade de outro Pedro,
“seu” Pedrinho Scarpa, que, no andar térreo, tinha a Casa de Fumos.
Mas hoje é um baile de chita que se vai comemorar.

A orquestra está a postos, com sambas, marchas e fox-trots.

Canções alusivas puxam vozes:

“meu balão vai subindo
vem caindo a garoa
o céu é tão lindo
e a noite é tão boa...”

E as moças, vestidas de longos vestidos de chita
e tão enfeitadas de fitas, cantam:

“cai, cai, balão, dentro do meu coração...”

A esse baile eu não assisti, era criança, mas posso evocá-lo
em muitos outros posteriores, vou contá-lo:
ficavam as pessoas sentadas, em cadeiras, em volta do salão.

Não havia mesas, nem garçons, só o salão enorme
e as senhoras sorridentes ofereciam as filhas com os olhos.
Os rapazes chegavam e convidavam polidamente: “vamos dançar?”
Se o pretendente não agradava, dava-se uma desculpa
e os outros caçoavam: “levou tábua”.
Ele procurava então outra vítima.
Outros, que dançavam bem, eram requisitados, também com os olhos.
O baile tinha início às nove horas da noite.
O salão estava enfeitado de balões, papel crepom.
No palco, uma fogueira artificial crepitava.
De vez em quando, a orquestra descansava
e os músicos iam comer pastéis e bebiam guaraná
A doçura da bebida afagava os corações.
- E a pressa, onde está?
A manhã ainda vinha longe e a noite era longa e linda
Nem se sentia o frio, os passos esquentavam o corpo e a alma
e uma lua calma passeava lá nos céus.
Na rua os transeuntes escutavam os sons dolentes
e vibravam contentes no seio da cidade colorida
toda enfeitada de fita, no meio de seus balões...
E nem desconfiávamos que a mocidade era curta e pouca
e aquele Clube que balançava conosco brincava também...

Um dia foi preciso derrubá-lo e outro surgiu, no mesmo lugar.
Este é de cimento armado, prédio para durar.
Tem teto de zinco quente, vidros “fumés”, modernidades.
Vão ficando no passado as sacadinhas de ferro
penduradas no coração da gente em enormes balancês...
Balancê, balancê, quero dançar com você...
num imenso baile de chita, com vestido de babado
feito das peças que saíam das lojas abarrotadas.
Quero dançar com você, num salão iluminado
fogueirinhas de mentira, felicidade e oração...

E fico pensando que esse Clube é importante em nossas vidas
ele preside aos atos históricos, a um passado tocante
e vale a pena evocar os seus dados:
no início, o prédio foi alugado, depois adquirido pela sociedade

e reformado muitas vezes.

Numa delas, em 1937, foi reinaugurado com grandes pompas num 31 de dezembro, com baile e festa esportiva.

Tinha uma quadra de Esportes, onde havia muitos jogos: basquete e vôlei, futebol de salão.

As disputas eram renhidas, animadas

e a sociedade vibrava com seus jogadores adestrados.

Nessa época, era ali o ponto de reunião da mocidade.

Sadia, vibrante e animada, lutando por suas vitórias.

Os bailes eram frequentes, sempre com muita gente

os meninos pondo, aos 14 anos, suas primeiras gravatas

e as meninas adolescentes em seus primeiros vestidos longos.

Depois o Clube foi cedendo, cansado

e foi então derrubado.

O novo foi idealizado por João Bosco Teixeira Dias

e a planta feita por Alexandre Costa Neto.

E aí está, novo e amplo, com suas janelas largas

suas amplas salas sociais.

Por ali perambulavam as almas dos antigos presidentes

homens sempre dedicados

entre os quais o primeiro

que fazia de sua casa o prolongamento desse Clube

tão familiares e sadias as reuniões que organizava.

Por ali perpassam infâncias, bailes de carnaval

que se renovam em faces, rostos sorridentes

e fazem parte da vida de tanta gente.

Ali se realizam eventos importantes

visitas, almoços, jantares,

posses, solenidades e é, como dizem, nossa sala de visitas.

Houve ali, uma vez, uma Missa solene, celebrada por Pe. André,

uma das mais bonitas a que me foi dado assistir.

Vejo-me ali abrigada, na infância e mocidade

também na maturidade

e por aquelas paredes passa o tempo incólume,

só ele permanece.

E a gente nunca se esquece, flores para as festas,

papéis coloridos para os carnavais

bailes de chita, bailes de saudade.
A mesma lua nos espreita, pensativa
e verá os jovens nos seus “jeans”
e terá saudades também
dos românticos vestidos de chita
nos formosos salões,
e dos dias tão faustosos
que eles assistem e guardam
no bojo resplendente desse navio
que singra pelas nossas noites iluminadas...

ESTATÍSTICAS

Dizia eu, numa aluada página, de nossos produtos
misturando Clubes com ternuras, piscinas com nossos bares.
Mas compreendo que, de vez em quando, preciso pôr os pés na terra
e contar nossos progressos reais. Números atuais:
temos 620 aparelhos telefônicos, ligados ao DDD
que nos levam e trazem o coração aos amigos.
Também pelos fios os negócios transitam, por esse meio
ou pela agência do Correio ou dos Telégrafos.
Temos 40 horários de ônibus, para sair ou ficar
dez empresas de transportes de cargas.
Temos iluminação pública, calçamento, redes de esgoto,
Estádio Municipal, Quadra de Esportes coberta, e moderno matadouro
em cujo bojo podem ser sacrificadas
até 100 reses diárias. Há o Mercado Municipal
e também uma feira livre do produtor rural.
Há estação de tratamento e rede de abastecimento de água
muito pura e tratada, assim como convém.

São, profissionais liberais, assim classificados:
quase trinta advogados, dez médicos aqui trabalham.
E mais 4 engenheiros, dois arquitetos, três psicólogos.
São também 9 dentistas, 2 agrônomos e 1 contador.
19 técnicos em contabilidade, 3 construtores
3 projetistas, 1 protético e 5 químicos.

A Rede escolar conta com 17 unidades de 1º grau, 4 de 2º grau,
uma Escola Superior em instalação, uma especializada na APAE,
3 Bibliotecas, 3 Associações Culturais, duas desportivas
1 Escola Agrícola da FEBEM, um museu em instalação.
Há, como disse anteriormente, vinte e cinco bares
- Quanta sede tem meu povo!
Há 775 focos de iluminação pública, 1650 ligações elétricas
domiciliares, 1824 prédios, 3 praças e 59 ruas.

Existem na cidade 2 Clubes de serviço, o Rotary e o Lyons
um Hospital, a Casa de Caridade, com 61 leitos

um Posto de Saúde, três Farmácias e Administração Fazendária.
Posto do IBGE, escritório do Funrural, Emater, Sindicato Rural,
Escritório do INPS e a subárea da CERFAMIG.
A frota automobilística é de 771 automóveis,
são 102 caminhões, 69 Pick-ups e Jeeps e 115 motos.

A religião é difundida por 4 templos católicos e 3 de outras seitas.
Temos o nosso Foro, o município é Sede de Comarca de 2ª entrância
englobando também os municípios de Itamonte, Virgínia e Alagoa.
Temos o Clube Campestre Vicente Portas, centro de lazer,
Clube fundado em 1960 por um grupo de homens de coragem
liderados pelo Dr. Rubens Nilo, seu presidente nos dois primeiros anos
Temos 2 hotéis, o Casarão e o Camping, 5 pensões e 5 restaurantes.
No dia 8 de dezembro festejamos a Festa da Padroeira,
Nossa Senhora da Conceição.
Temos um animado carnaval e frias festas juninas.

Estes são os dados frios de uma cidade comum
mas desse cocktail de números fazemos uma alquimia manhosa
e, como um mágico de cartola, vamos tirando para a história
coisas maravilhosas desse pequeno povoado ao pé da Serra
que se conta em poucas páginas
mas que se vive em muitas vidas
pois as vidas são pequenas
para cantar tanto amor...

PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS



José de Lourdes Scarpa, Israel Pinheiro, Benedito Valadares, Getúlio Vargas e João Baptista Scarpa na Fazenda Jardim, em abril de 1941.

Em 1941, ser Presidente da República era coisa muito importante.

Havia a Hora do Brasil, ouvida pelo rádio, que começava:

“Trabalhadores do Brasil...”

Voz imponente, melodiosa, respeitosa.

E os trabalhadores do Brasil ouviam contritos a mensagem.

Era um amigo, o dono daquela voz.

Ela penetrava nos lares com desenvoltura e dava o seu recado.

De repente, a voz tornou-se sólida

e a notícia veio alvissareira:

“O Dr. Getúlio Vargas vai passar o seu aniversário

neste abril muito jubiloso

na Fazenda Jardim.”

Seu Baptista ficou então mais importante

sua casa se abriria para o chefe da nação!

Casemiro, o cozinheiro da Fazenda, preto vivo, caprichava o menu.

E escolhia os leitões, e do Rio vinham os vinhos, as bebidas,

as frutas, os doces, tudo que houvesse de melhor e fino!

Comentavam-se, na cidade, os preparativos.

Haveria luz em profusão, as lâmpadas foram até trocadas

os pintores acorreram, os tapetes se desenrolaram,

os lustres brilhavam, o chão resplandecia, os linhos alvos foram engomados, as rendas ressuscitaram.
Que alvoroço, a cidade inteira esperava o hóspede ilustre!
O Prefeito, Delphim Pinho Filho, brunia o seu discurso.
E nós espiávamos a azáfama com caprichosa curiosidade.
As crianças, formadas em fila, em frente ao Grupo e ao Ginásio, agitariam bandeirinhas do Brasil, que beleza!
E no peito haveria uma chama de genuíno entusiasmo:
Viva o 19 de abril!
O Dr. Getúlio es-co-lhe-ra Itanhandu para passar seu aniversário!
Toda gente tinha repiques interiores de um sininho particular para, muito penhoradamente, brindar este aniversário.
E lembro-me então, do carro preto apontando na Av. Ribeiro da Luz, hoje Professor Brito.
Foguetes, gritos, palmas, cores, vibrações.
E o carro preto passou sem parar, desaponto!
As bandeirinhas descansaram ao longo dos bracinhos inertes.
As crianças mal viram o sorriso, o famoso sorriso.
E a comitiva seguiu pela poeirenta estrada do Jardim.
Depois papai chegou contando das pompas, do almoço e do que ele dissera, do fundo do peito, ao Chefe da Nação.
Ah, como essa saudação brotou sincera e convicta era a palavra de um amigo de verdade.
Seu Baptista caprichou na hospedagem e as crianças ouviam dos maiores as novidades.
Logo depois foi anunciado, por Boletim, que ele faria uma visita aos Laticínios e à Prefeitura.
Mas, por motivos amplamente “conhecidos e divulgados”, como disseram, a visita não se fez.
De tudo restou um desaponto que perdurou.
- Por que não passar devagarinho e acenar?
Seria tão mais justo, tão mais bonito, tão mais certo!
As crianças foram dormir com sua bandeirinha desfeita e no coração uma feridinha que não era nada, que passaria depressa, como tudo passa!

Muitos anos depois, esses sininhos teriam dobres fúnebres:

- Quem adivinharia o fim tão triste?

Se dissessem aos meninos:

- Sabem como vai morrer este grande homem?

Quem abrigaria em seu coração um prestígio tão sinistro?

Foram dormir, então, esses moços, em 1954, com uma grande tristeza no coração:

Dr. Getúlio passara em suas vidas sem parar,

Sem adeuses, sem comemorações, sem compreensões.

E aquela mesma voz diria: “Saio da vida para entrar na história...”

Era uma vez, ah, era uma vez um Presidente...

JORNAL DO BRASIL

ESTADO NOVO
50
ANOS



Parece que foi hontem

- *Hontem, dia 19 de abril do ano da graça de 1941, o país comemorou os 58 anos de Getúlio Vargas.*
- *No Rio, o ministério participou, au grand complet, da sessão magna, presidida pelo ministro da Justiça, Francisco Campos, em homenagem ao pai da Nação.*

- *A noite foi especialmente animada no Cassino da Urca, onde o crême de la crême da sociedade carioca dançou até o amanhecer.*

- *A pacata estância mineral de São Lourenço, em Minas Gerais, estremeceu com as rumbas tocadas pela orquestra cubana Lecuona e, perto dali, na fazenda Jardim, de propriedade do coronel João Scarpa, Vargas celebrou a data repousando em companhia do interventor Benedito Valadares.*

- *Logo cedo, porém, quarenta aviões da Força Aérea Brasileira sobrevoaram o casarão, cobrindo-o de flores.*

* * *

- *Se a coluna existisse em 19 de abril de 1941, essa notícia seria inevitável ou, quem sabe, obrigatória.*
- *É só ler as páginas de hoje do BEspecial.*

VAMOS DEVISSAR OUTRA RUA...



Antigamente o matadouro se localizava pelos lados da Casa de Caridade e era alcançado do lado esquerdo da ponte, escondido pelo bambual.

Desde 1976 ele funciona depois do bairro dos Figueiredo e é um prédio moderno, com capacidade para abate de 100 reses diárias. Foi construído na gestão do Dr. Delfim Pinho Neto.

Dali se vem andando, numa estradinha estreita e se vê o Sítio Santa Terezinha

onde, muitos anos atrás, moravam Felipe Loredó e sua família.

Depois de algumas casas menores vem a moderna casa do Juarez, e chega-se ao miolo do que sempre se chamou: os Figueiredo.

Este e sua mulher, D. Maria, eram portugueses.

Ele era alto e forte, andava ereto e vagaroso, vestido num terno marrom, gravata, talvez chapéu e bengala.

Ela era risonha, gorda e clara, tinha lindas filhas altas, de fala mansa e sorrisos doces:

Preciosa, Palmira, Olímpia, Isabel e Beatriz.

Cada filha tinha o seu sobrado que se ia provendo de netos e embaixo e ao lado, o grande armazém de fumo em corda.



Joaquim e Maricota Figueiredo

O sobrado dos pais, com rendas de ferro na varanda
comandava essa cidadezinha particular.
Em frente a ele, uma grande árvore, magnólia,
onde em tardes amenas a família se reunia.
Hoje D. Olímpia está só, remanescente
embora muitos descendentes vivam
sob os mesmos tetos antigos.
Onde era o armazém antigo alojou-se depois uma serraria,
a dos Leite, artesãos muito afamados.
Como a terminar a rua de igual modo, trabalhando a madeira
está a Serraria dos Esteves.

“Seu” Adelino Esteves da
Fonseca e D. Adelina, casal
com numerosos filhos e
diziam: que eles tinham a
mesa de refeição, fabricada
por ele, com uma parte
redonda e saliente que
girava, e os pratos
circulavam por entre os
comensais.

Hoje ele não está à cabeceira,
e nem ela, mas porque já foram
morar no outro lado da vida.

Afonso, seu filho, toma conta dessa Serraria
e em todas as casas da cidade, portas e janelas
objetos de madeira, armários e assoalhos
estão os seus trabalhos sólidos.

Na esquerda próxima está a casa de Orlando e Cecília
ela Vilas-Boas, e me lembro de seus pais, Heitor e Anita,
num grande sobrado na Vila Carneiro,
onde se despediram também da vida...

Depois vinha o João Léo, com a oficina onde havia tudo
coisas para consertar e para fazer
e ele entendia de máquinas e passou a ciência aos filhos
e há hoje a máquina, por ele inventada, de moer
cana e capim, com o seu nome, mas a patente já foi vendida.
É máquina muito apreciada pelos fazendeiros.



Adelino Esteves da Fonseca com filhos e
funcionários em sua Carpintaria - 1936

João Léo e Da. Ana, mortos há muitos anos, vão rendando as casas com grades nas janelas e continuam colhendo netos louros e cor de rosa, que lhes perpetuam o nome. Morava ali perto o Manoel Miguel, o “Espanhol”, que vendia frutas e exportava ovos e frangos para o Rio. Morreu outro dia, já velhinho. Vem depois o Hotel, que era dos Viajantes, de D. Mariquinha Pereira. Era uma velha serena, magrinha, aconchegando hóspedes que se sentiam como em sua casa.



Ali, nos idos de 1920, aconteciam bailes e festas e o Careca já cantava nesses serões que, nos disse a Sara, eram tão movimentados e animados. Temos um retrato tirado à porta desse Hotel, em 1929, onde os donos da Usina Força e Luz, Sr. Sampaio Moreira, seu sócio e os maiores da cidade enfrentam o tempo. Trazem eles uma vaga inquietação nos olhos talvez um enternecido olhar para o futuro que desvendo. Ou talvez fosse a esperança que passeava diante deles sonhando a praça iluminada, numa distante cidade, num tempo que já não existe. Muitos anos depois, estando o prédio desativado, comprou-o o Sr. Luciano Pereira, com família numerosa, vindo de Carmo de Minas e gerenciou-o por alguns anos. Um de seus filhos, Clovis (Cobinha), que morreu há pouco tempo, foi um grande jogador de futebol por aqui.

Depois o prédio foi comprado pelo Sr. Antônio Moura.
Veio cheio de meninos que aqui viraram homens
com rebentos nascidos neste chão.
Agora o Hotel se chama “Casarão” e está novo,
todo reformado em rosa com lanternas coloniais
trazem luzes do passado
e iluminam calçadas para os que passam descuidados...



Aquele grande sobrado na esquina
era dos Moreira e ainda pertence à família.
“Seu” Alexandre e “seu” Augusto.
Um, cheio de filhos, o mais velho,
e o outro a vida toda num noivado
eterno.

Tinham uma loja onde havia tudo
desde alfinetes até açúcar
mascavo.

Ele tinha sido, quando veio de
Portugal, caixeiro de meu avô,
mas trabalhador, vivo e tenaz,
logo arrumou seu próprio negócio
e entre eles houve sempre uma
terna e grande amizade.

No sobrado, a vida fervilhava
entra e sai, chás e cafés noturnos



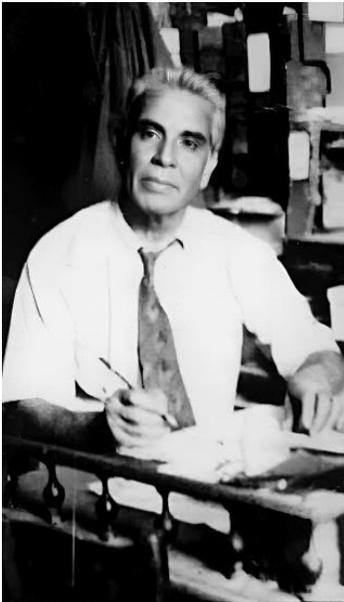
Zé Mudo

e lembro-me das filhas, casamentos, festas e lutos.

Havia ainda o Zé Maia e o Zé Mudo sustentados pela caridade dos donos.

D. Evangelina era muito bondosa e acolhia em sua grande cozinha essas pessoas que das esmolos careciam.

Criava seus filhos, no côncavo daquela casa entre memórias de Portugal e Itália de onde descendiam.



Alexandre Augusto Moreira da Silva

“Seu” Alexandre era Vicentino, cuidava das famílias carentes, dava-lhe seu tempo e a palavra necessária, falava alto e a bom som, mas atendia.

Morreu tão de repente e o alarido da dor ainda se faz presente em minha lembrança.

Agora, na esquina, está a Casa Delfim. Havia, há muito tempo, nessa esquina um posto de gasolina e eu ficava intrigada, quanto menina, para saber de onde saía tanta se eu não via o continente...

Ah, essa Loja, em cujos degraus e prateleiras deposei a infância inteira.

Suas portas redondas, seus balcões largos, suas gavetas perfumadas e as dependências escuras, lá nos fundos, onde havia tanta e tão variada mercadoria.

Em cada canto uma surpresa e os fardos que chegavam de onde saíam peças de renda, floridas fazendas, chinelos, sapatos de verniz, veludos e alfinetes, almofadas.

Havia um cheiro de guardado em tudo não era mofo, nem desinfetante, nem naftalina, era o presente enfeitado para ser também preservado!



Havia uma grande ternura esparramada
pelas enormes portas do escritório
onde trabalhei como datilógrafa muitas vezes.
Um relógio de oito que batia horas demoradas
e um aconchego de trabalho, de horas lentas que escorriam
nos dias de balanço, onde se contava o estoque que possuía.
Contavam objetos, mediam metros de pano, pesavam pregos
esmiuçavam gavetas, caixas e latas, miudezas
e mamãe fazia um bolão e servia o café muito doce
e os mutirões varavam a noite por muita mercadoria.
Havia também calçados, bebidas finas, pilhas e pilhas de mantimento
era a fartura que marcava um tempo.
Boiam em nossas mentes esses porões de antigamente, labirintos
máquinas registradoras, as moedas tinindo
o chão de tábuas largas, os cavalos no pátio, lugares
que só existem na imaginação e nos vagares,
hoje existem apartamentos, lojas novas e a magia
que iluminava esse pedaço de esquina nos meus tempos de menina.

No outro lado da rua está o Bradesco, no mesmo prédio
onde antes foi o Banco Itajubá, muito importante
fundado em 1922, com uma grande festa.

Ele trouxe uma aura de progresso à cidade e seu primeiro gerente, Sr. Antônio Aguiar Dias, além de muito eficiente, participou muito ativamente da vida da cidade.

Era um homem de fé e ajudava o pároco em trabalhos pastorais.

Sua mulher, D. Marocas, era professora no Grupo, de trabalhos manuais.

Era muito espirituosa e bondosa e deixou grandes saudades.

No dia da inauguração do Banco houve um lauto almoço em casa de “seu” Baptista, onde veio o Dr. Wenceslau Braz, cuja presença já assegurava brilhantíssimo e importância.



Agência do Banco de Itajubá

Depois o sobrado dos Irmãos Gomes Pinto,

Agenor e Francisco, este ainda transitando pelo Supermercado.

Sua loja antiga, naquele mesmo lugar, de secos e molhados, era muito farta.

Os balcões longos, de madeira clara, as gavetas guardavam linhas,

canivetes, tesouras, petrechos de pesca,

parafusos, ferramentas.

Nas prateleiras as peças de fazenda, algodões e sedas e peças de zuarte, de listinhas, feitas para o trabalho.

Camisas de xadrez e as de colarinhos, gravatas.

Na casa, em cima, moravam os dois irmãos com família numerosa, dez ou doze filhos cada um, como se usava.

Agenor era casado com nossa tia, Marta muito serena e bondosa, terna, carinhosa.

Acarinhava a sobrinhada com doces e bolachas famosas



Agenor e Francisco Gomes Pinto

e morreu cedo, levada pela uremia
transpôs a morte sem a ver, um acesso a levou.
Tio Agenor ia para o café, a mesa posta com aparato
ou para o banho suntuoso, e a procissão das filhas
o seguia carregando toalha, sais e sabonete.



Hoje a casa é uma só, moram “seu” Chico e filhos
nas lides comerciais ainda, com o “Itanhandu”.
Tio Agenor mudou-se para Niterói e botou uma pensão
e aqui só ficou o Lafaiete, que cedo se despediu.
A casa, imponente e majestosa, balança quando os trens passam
e esse balanço nos impressionava
mas seus alicerces tão firmes não se abalam
pela proximidade da máquina que a estremece.

A morte visitou-a algumas vezes, roubando suas donas,
D. Nina e tia Marta. Tio Agenor também descansa eternamente.
Hoje, no supermercado, a máquina registradora incansavelmente
registra o dinheiro, não há mais fiados
como nos antigos tempos, onde havia um livro
que registrava as compras, comportadamente.

Na outra esquina, o morador mais antigo de que me lembro
foi o “seu” Afonso Moraes Ribeiro, farmacêutico
dono da Farmácia Ribeiro, localizada na rua Sete.
Era casado com D. Sílvia Martins de Andrade, senhora muito bela,
que eu gostava de ouvir contando casos à minha mãe.

Era filha do Dr. André Martins de Andrade, Juiz de Pouso Alto. Com “seu” Ribeiro trabalhava também sua irmã Celuta que era moça bondosa, agradava as crianças e tinha a pele toda pintadinha, mas era muito bonita. Depois essa casa foi comprada pelo “seu” Guida. Felício Guida, coletor federal, homem querido na cidade. Ainda hoje lá residem sua mulher, a terna D. Maria, com seu cabelinho branco e a alma maternal e santa e ainda sua filha, e a casa fervilha de netos e bisnetos de amigos e parentes, afilhados e visitas.



Vou assim quase contando uma história, são detalhes de uma época, origem de famílias que se perpetuam rostos, nomes, casas, saudades. Depois vem a esquina que era de “seu” Pedro Cunha na rua que hoje tem seu nome. Ali morou muita gente, pessoas que trabalhavam em bancos, funcionários que vinham e que se iam, eram casas de aluguel. Houve também uma casa de presentes finos, a “Amazonas”, com louças de fino gosto e onde D. Noêmia, risonha, dava seus passeios matinais ou conversava com fregueses. Em seguida a casa de fumos, que dava para o imenso quintal onde brincávamos de casinha, andávamos de bicicleta apanhávamos caquis e jabuticaba. Era uma infância partilhada, as mulheres tricotavam e nós descobríamos o mundo nos folguedos.

Moravam em seguida “seu” Joaquim Pinto e D. Guilhermina
ela professora de trabalhos manuais, miudinha, com mãos de fada.
Depois vinha o Fórum, grande e velho, que foi derrubado.
No mesmo lugar foi construído o novo, pelo Prefeito Delfim,
com o nome de Manoel Costa.
Ali fervilha o Judiciário da cidade, seus retratos na sala,
solenizada pela austeridade dos juízes.



Agora vem a casa de “seu” Paschoal Granato, um grande e bom italiano
que junto com os irmãos, Braz e Vicente, também trabalhavam com fumo.
Ali mora sua filha, netos, e quando passamos ainda o vemos à janela
embrulhado numa manta de xadrez, olhando a rua e os que passavam
e lá dentro, lidando num grande forno
está D. Anita assando pão. Que perfume de passado nesse pão italiano
que se comia quentinho com manteiga derretida!
Ela era perita nesses quitutes e há muito
tempo os fazia com esmero e devoção.
Em frente fica o telefone com o sino à
porta, o símbolo de Bell.
E as urgências atormentando a fiel
Marianinha, que suplicava: paciência!
Hoje ela mora em outra casa, lá na
Nicolau Scarpa, aposentada,
desgastada por quarenta anos de serviços
atendendo aos apelos, ouvindo queixas,
participando das aflições e dos risos.
Depois de tantos anos, tomou seu lugar a Nem,



que hoje é também uma aposentada.

Os DDD dispensam essas funcionárias tão eficientes, pacientes, e resolvem tão depressa os problemas das comunicações, é o progresso!

À esquerda há algumas outras, onde morou muita gente entre os quais o João de Oliveira e D. Dina.

Nossos compadres Jovino Cunha e Maria Teresa, com um bando de meninos louros e levados, entre eles o nosso afilhado Gustavo, nasceram ali, numa daquelas casas. Hoje eles moram em Caçapava, já cheios de netos.

Há ali a casa que pertenceu ao Dr. José Caldas e sua formosa esposa D. Graciema. Eles vieram de Pedralva para educar os numerosos filhos; alguns ainda moram aqui, outros militam noutras cidades, como o Fernando, que tem o nome do avô materno e se radicou no Rio de Janeiro, como advogado.

Ele, o Dr. Caldas, era agrimensor, andava pelas fazendas com seus petrechos de medir terras. Um dia, um enxame de abelhas africanas o atacou, teve morte cruel e prematura e toda a cidade se abalou e entristeceu.

Na outra esquina o sobrado onde morou Dr. Antero, O Juiz com sua D. Santinha e a filhinha Maria Helena. Mas muito mais antigamente e construído por ele foi o sobrado de Manoel Carneiro Sobrinho e ali tinha ele a sua Farmácia, ou melhor, Pharmacia.



Ele era acatado como um doutor, experiente e atencioso perito nas injeções, vendia Xarope Bromil e Jatahy, dava as célebres injeções de mercúrio nas crianças para debelar a sífilis.

Mudou-se para Baependi, onde faleceu e esteve sempre na memória da cidade, com ternas saudades.

Na esquina de outra rua, Engenheiro Paulo Franco da Rosa o rapaz que, apenas formado, foi ceifado pela morte o filho querido de Mineiro e D. Maria José, moraram “seu” Araújo e D. Josefina.

Sua filha Marta mora em frente.

Ele também possuía fábrica de fumo e era gordo e baixinho criou família numerosa e era amigo de meus avós, incondicionalmente.



O armazém de Fumo do Sr. Antônio Scarpa, casado com Nenê Figueiredo vem logo depois. Era um homem bonito, prosa e ereto e passava pela loja Delfim e dava um dedinho dela.

Era o irmão mais moço de “seu” Baptista.

Noutra casa morava o português Serafim Dias, que deixou a vida tão depressa.

Em frente à casa onde morou Dr. Palombini, ou seus sogros D. Iaiá, com seus batons, vestidos complicados e um homem alto, seu marido.

Na esquerda foi instalado o “Coleginho”.

Era uma casa antiga, que balançava ao trepidar dos passos

e logo exigiram que se construísse um prédio para o Colégio. Primeiramente chamou-se “Escola Doméstica Coração Eucarístico”. A primeira turma começou em 1943, eram umas doze meninas. As Irmãs Vicentinas, que tomaram conta da Santa Casa, também administravam o Colégio. Depois este foi para o prédio novo, ao lado da Casa de Caridade e outro grande estabelecimento de ensino enriqueceu a cidade. Irmã Carvalho foi a primeira Superiora mas numerosas Irmãs aqui lecionaram, educaram, meninas primeiro, depois também aos meninos quando o Colégio se tornou misto. Esse prédio foi derrubado e em seu lugar Valter e Rosa construíram duas casas, que lá estão. No outro lado moram Alba e Joaquim, mas essa casa foi construída por Horácio Leite e D. Ana que há muito tempo nos deixaram. Na esquina dessa rua, Benedito Valadares, moraram Luís Perrone e a prezada amiga D. Júlia. Havia ali a fábrica de laticínios, mas o que os marcava era a grande caridade era ele um grande Vicentino e um grande cristão. Depois vem a casa de “Siá” Dita, pessoa de muita coragem que pedalava suas máquinas para criar suas filhas. Tossia muito à janela, de madrugada e dava sonoras risadas. Também já se foram suas filhas Marocas, Nenê e Pequetita, também Belinha e Miquita, Mindoca e Marcos.



Mas eis a casa de “seu” Brito, o mestre que não morreu
e perambula na memória grata dos alunos que ensinou.
Sua lembrança flutua também naquela rua
a imagem simples e grande de um homem
com livros debaixo dos braços e um guarda-chuva a fazer bengala
e um punhado de sonhos a lhe fazer companhia.
A casa, onde moram o Ênio e a Vera, ainda abre suas portas
ao calor das amizades que perduram.
Depois vem a Serraria, que mencionei lá em cima.
Outras casas vão surgindo, novas e belas
e vão mudando a fisionomia da rua, moderna e florida
e tornam muito mais perto o que era tão distante
o bairro da Viúva Guedes, mulher de Alípio Guedes,
os primeiros moradores que construíram aquela casa em 1915.



Em 1917 ele morreu, vitimado por um antraz, deixando órfãos
os filhos numerosos e os amigos tão pesarosos.
Mas, D. Tereza, mulher de fibra e valor, prosseguiu com seus negócios
fabricante de queijos, fumos de marca Colina.
Hoje a rua tem o seu nome, depois da esquina.
Teve ela morte trágica e os céus da cidade se tingiram
da triste cor da tristeza.
Onde era o seu quintal há loteamentos
casas de varandas iluminadas, flores nas janelas
e são casas muito belas que existem por ali.

Assim vai a história tecendo os seus ardis
e os homens, em seu tabuleiro, nada mais são que momentos.

Havia também por ali a casinha modesta de Antônio Rosa
Sua mulher era Sinhana, talvez Ana, era alta e esguia
andava com longos vestidos que lhe encompridavam o vulto.
Criava um neto e costurava para fora.
Lembro-a nos visitando, tomando café aos golinhos.
Seu marido era um grande músico, afamado.
Nossa primeira Banda de Música foi organizada por ele.

E no fim da rua, a cruz de Maria Cândida, perto de Olavo Lopes
que mora em casa comprada de D. Hortênsia.
Estamos no fim deste passeio, desta página.
E as pessoas? Ah, ficaram pelo caminho, companheiros de jornada.
Mas não há fim de nada, sempre é começo
e o pensamento nos leva a desbravar, pioneiros, outras estradas
em longuíssimas paradas de saudade e espera.
E estamos com as sandálias cheias de pó,
do imenso pó do tempo.

LAVADEIRAS



Foto:Site Linha Campeira

Passam, pelas manhãs de segunda-feira, com as oscilantes trouxas de roupa na cabeça. Ostentam, com o humilde exemplo, a coragem de limpar o que não sujaram.

Pelas beiradas dos rios, enfeitando-lhes as tranquilas margens, lá estão elas, as corajosas mulheres, na tarefa executada como um rito, e sem nenhuma inovação para lhes atenuar a monotonia.

Sol a pino ou envolvidas em manhãs brumosas, estão como encurvadas estátuas desenhando postais.

Rendo uma homenagem a todas elas, mas especialmente dedicada à Clarinda Rosa, uma valorosa amiga que nos serviu durante vinte anos.

Com sua lembrança, fiz o poema, pensando em sua entrada no céu:

“Entre, filha obscura, na paz do reino
que construiu com sua abnegação de cada hora
com gestos infinitamente repetidos
sem queixumes e sem revoltas
cônscoa da brevidade da luta
e da eternidade da vida.

Entre, com sua coragem que foi uma mensagem de louvor
lembrando aos homens o caminho que também eu,
o seu Senhor, trilhei um dia na terra.
Nas minhas costas feridas, somente por um dia
o peso da cruz.

Nas suas costas, durante a lida
o peso das trouxas sujas e pesadas.

Havia pregos no meu calvário,
mas os seus são permanentes:
os rios gelados no inverno
o ferro de engomar tão pesado
e a impertinente exigência das horas certas.

Você distribuiu limpeza e conforto
vestidos sem rugas pendurados nos cabides
camisas esvoaçantes no varal
colchas imaculadas, pesadas...
Eu reparti palavras, você, os gestos.

E tanto você limpou que não existe
no livro de sua vida
nenhuma nódoa ou labéu.
Entre, entre no meu céu,
atavios de luzes lhe cingirão a cabeça
receba as glórias devidas
neste reino do Senhor!

AS PONTES



As pontes têm uma finalidade definida e extremamente necessária: ligam dois elementos.

Mas além dessa prioritária missão, ou mais precisamente por sua causa, são de um simbolismo caprichoso.

Enfeitam a paisagem, desafiam distâncias, unem, agregam, servem.

Muitas vezes reverencio objetos, descubro neles uma expectativa ansiosa de compreensão e a poesia envolvente de uma significativa realidade.

O amor é uma ponte entre corações. E estas memórias serão uma ponte entre o passado e o presente e me ponho pressurosa a construí-la.

Tenho em mãos o convite com que a Prefeitura Municipal congrega o povo para inauguração da ponte sobre o Rio Verde, ao lado da Casa de Caridade.

Nós presenciamos a derrubada da antiga, construída durante a administração de meu pai, na Prefeitura. Era pequena e estreita para o movimento de hoje.

Nós vimos a construção da nova, sob a gestão de José Carlos.

Os encargos de uma Prefeitura são numerosos. A municipalidade exige prestação contínua de serviços, ignoram as premências orçamentárias e cada cidadão tem sua prioridade particular.

Premidos por uma distribuição tributária recessiva e injusta, lá vão os pobres prefeitos buscar, nos cofres estaduais e federais, as necessárias verbas.

Ainda agora, a influência benéfica de Manoel Costa se faz sentir, pois as portas amigas se abrem para o seu filho, propiciando-lhe oportunidades melhores para a consecução de seus pedidos.

O Dr. Maurício de Pádua, digníssimo Secretário de Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, concedeu a verba para a construção desta nova ponte e nos deu a honra de seu comparecimento à festa de sua inauguração, numa solenidade festiva e alegre.

Ela foi feita em estrutura metálica e concreto, medindo 30,50 m x 8,60m, com duas passarelas e guarda-corpo.

A alegria que me é proporcionada, registrando esta festa, se iguala a de tantos itanhanduenses, em outras oportunidades, em iguais festejos.

Volto-me ao passado. O Sr. Fernando Costa inaugura a ponte, sobre o rio Passa Quatro, na Vila Carneiro.

Meu pai inaugura a ponte, sobre o mesmo rio, à altura do Bairro dos Figueiredo. Delfim inaugura a ponte sobre o mesmo rio, perto da Quadra de Esportes.

Essa ponte tem uma longa história, iniciada na gestão de Rubens e só terminada na de Delfim.

Nossa cidade é banhada pelos rios Verde e o Passa Quatro. Assim, as pontes são uma necessidade imperiosa ao seu desenvolvimento.

Além dessas, temos outras, construídas pela municipalidade, pontes menores, só para pedestres, sobre os dois rios.

É isto o que tornam bonitas as reminiscências, essa continuidade de trabalho e doação. As pegadas dos homens, suas obras e suas marcas, as visíveis e as invisíveis, na realização de um tempo e de muitas vidas.

MICHELIA SHAMPACAL



- Que nome é esse, parece latim, parece espanhol...

- Que pensarão as crianças sobre ele?

Elas se reúnem em torno do tronco e olham a placa. Os cadernos vão anotando e se interrogam sobre o aparato do momento.

- Por que a árvore não pode ser cortada?

Ah, então é uma árvore...

As árvores são uma referência na vida do homem e dos meninos.

Tão importante que dizem ser preciso plantar uma para que eles se sintam realizados.

É ainda uma imposição na paisagem. Forma, espécie, características, perfume – são marcas indeléveis.

As infâncias se prendem em seus enredos, em pátios de escolas, em quintais, no decorrer da vida.

Aprendemos a amá-las na mais tenra idade, amigas. Dão-nos do berço ao caixão – a voz da professora!

E a essa evocação uma leve tristeza avassalava o coração. E as obstinadas vozes dos mestres a insistir: amem as árvores...

Elas envelhecem conosco e também um dia morrem e caem.

E a voz do poeta: “quero morrer de pé, como elas...”

E tudo isso vai impregnando o nosso íntimo virgem e vão as emoções riscando os seus traços. E as devastações vão doendo em nós como se fôssemos cúmplices do crime de dizimá-las.

Vai a ecologia se firmando em conceitos válidos em nós, desde os bancos escolares, para que nos incorporem aos defensores.

Chego à janela, diviso as árvores que compõem a paisagem doméstica, as floridas, as que se desfolham no inverno, as que trocam a roupa na primavera.

Vejo-as na ternura de quem partilha da imensa alegria de viver e que distribuem, caladas, generosas.

As que distribuem sombra, frutos, riquezas.

E volto aos meninos, de cadernos nas mãos, indagando da professora:

- Por que esta não pode ser cortada?

E ela diz: - foi tombada pela municipalidade.

Ela ganhou um novo estado, foi promovida. Ganhou uma placa, foi batizada e será protegida pelos homens.

Não do tempo, pelas intempéries, mas de golpes humanos.

E ela abre-se em galhos, ampla, maternal.

Lembra meninos, moços, velhos.

E se impõe faceira aos olhos infantis, num aceno verde:

- Sou moça e bonita. Chamo-me Magnólia. Mas tenho um nome científico: Michelia Champacal.

E lemos a placa: Árvore imune ao corte

Decreto Municipal n 388 de 21 de setembro de 1980.

Por Minas Gerais mais verde.

Assinado: Prefeito Sebastião Pereira Monteiro.

Ela se encontra no bairro chamado dos Figueiredo.

A família que sempre morou além da estação da estrada de ferro, perto da ponte.

Um bairro onde há sobrados, carpintaria, fábrica de fumo e onde essa família sossegada construiu o seu jardim, plantou essa árvore amena, com bancos de cimento ao redor.

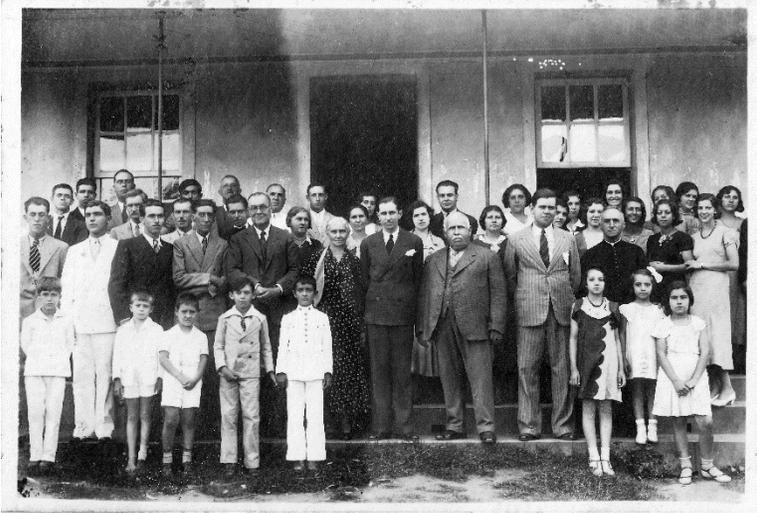
E havia, naquele início de primavera, por essa comemoração, nos olhos meninos, uma chama de reverência e compreensão.

Uma aula profunda, ao ar livre, por sob o céu azul.

Os meninos aprendiam o amor.

Era uma alegria na manhã.

UM ALMOÇO NA FAZENDA BOM SUCESSO



Confraternização entre famílias na Fazenda do Bom Sucesso
Foto de 1932

Foi um dia recuperado da infância
aquele que vivemos ontem em Bom Sucesso.

Eu enxergava através de cada um o antepassado
desvendado no círculo da vida ao perscrutar a sombra
do mesmo riso, da mesma saudade, da ausência.

E os retratos na parede, parados na eternidade,
no tique-taque do tempo, ontem e hoje, num mesmo plano.

João e Sara, à cabeceira
eram como antigamente, em momentâneo entremeio
na mesma ternura e bondade, Fernando e Mariana.

E os convivas à volta, enternecidos, em busca da verdade
entre risos e doces, entre vinhos e saudações.

E os leitões sucumbiam, tal como há tanto tempo
lambuzando bocas infantis, lubrificando os corações.

E as canções da amizade se compunham em sonhos
vindas das mais fundas e puras alegrias.

A amizade é um sentimento tão forte e ameno
que nem a morte faz morrer
e resiste às separações.

E nas estrelas dos copos rubros se divisavam cumprimentos
pelo especial Dia das Mães, nos 53 anos de casamento.
E entre os vivos, os mortos passeavam serenos, à vontade
e vinham aos pensamentos em cada fatia de vida
como donos e responsáveis por aqueles que frutificaram.

Eu era a mesma menina deslumbrada diante da mesa enorme
namorando pratos enfeitados de cebola e salsinha verde
e vendo a mãe, no riso claro e o pai
e tanta gente que agora só existe na nossa memória.

A mesma menina, achando tudo tão bonito
o aveludado das montanhas serenadas
a família numerosa e a alegria
as samambaias que caíam na varanda
os patos que bicavam a grama
a beleza daquele recanto simples tão prezado pelos pais
e que hoje, da mesma forma, preza e admira.

Ah, os nossos cabelos também vão encanecendo
e nós também marcamos nossas pegadas
na história da cidade, tão ligada a esta fazenda,
E nossos filhos nos seguirão
pois para eles distribuímos estas memórias tão gratas
para que presenteiem aos que virão,
estas ternuras encantadas.

Obrigada, João e Sara, pelos quitutes e muito mais
pela amplitude desse afeto
mais doce que o açúcar lustroso do bolo.
Obrigada pelo que vocês são e pelo que nos dão
pelo exemplo que deixam, pela felicidade que distribuem.
Deus os abençoe.

11 de maio de 1980.

A FOTOGRAFIA DE UMA SALA

Vocês pensam que aquela sala se perdeu. Pensam que não existem mais os móveis simples de vime que reclamavam, rangendo, o peso dos corpos, que se sentavam.

Aquelas almofadas de chitão, ingênuas, também desapareceram.

Vocês pensam que as paredes ruíram, que as pessoas também se foram e as mãos que seguravam a maçaneta, para abri-la de leve.

E aquelas vozes que enchiam a sala de um rumor de fé, também para sempre se calaram.

Mas, para ressuscitá-la, é que a imaginamos: era uma saleta, ao lado direito de quem entrava, logo depois da escada de cinco ou seis degraus que ficava em frente ao gabinete do Diretor.

A porta do Ginásio está aberta, entremos. Como matéria, tudo é precário. Mas na força da mente tudo perdura.

Entremos. Era ali que se recebiam as visitas e os professores se sentavam, tomavam um café, no descanso entre aulas.

Sua serventia era enorme, a palavra sonora vigiava as aleluias do ensino, na tenacidade de uma oração.

Era uma salinha preciosa.

Ontem, folheando um álbum de retratos, eu vi a fotografia dela. Prendeu-se no retrato e posso vê-la.

Já não me perturbam as linhas modestas, há em tudo uma diluída capacidade de durabilidade, que engrandece.

Elas se revestem de uma leve memória, como que nos traz de novo aquelas pessoas engrandecidas das tarefas do ensino.

Um jogo de vime, um sofá e duas cadeiras. Mais algumas cadeiras simples. As almofadas as cobrem.

Há a mesinha de centro, com um singelo paninho de crochê.



Ao lado, uma cantoneira com um vaso de flores.

Na parede, dois quadros, um com um diploma, outro um retrato. Encimando a porta, um escudo toscamente pintado, onde se lê: Sala Professor Brito.

Um barrado a óleo na parede, terminando com uma guirlanda de flores.

Do teto um fio de lâmpada enfeitado de papel crepom.

Vocês podem achar que é cafona, mas vocês não sabem quanta poesia encontramos por detrás de tudo isso.

E ela é tanta que se esparrama por todo aquele prédio em constante alarido.

As aulas preparadas, a formação daquela juventude séria, a certeza de um porvir mais belo, a evocação de uma época.

Ressuscitada a sala, ressuscitemos as pessoas, a alquimia é a mesma, tão necessária como o sucinto momento de existir.

Ouvimos vozes planejando aulas, numa animação entusiasta, o preparo para famosas provas parciais, as notas tão importantes sendo estudadas, pensadas, defendidas.

Vejo “seu” Brito contando as graças dos alunos e D. Pequetita lhe pedindo uma opinião.

O professor Joppert fumando sem parar, “seu” Beni com a seriedade da matemática dizendo frases concisas.

Professor Dr. Otávio vem com sua História e dá, em breves pinceladas, o seu programa.

Vem o pigarro do “seu” Nilo, do bojo do prédio, e dá alguma ordem breve.

Toca a sineta e eles saem, vagarosos, para o seu alto destino.

“Seu” Brito olha o seu nome no escudo, encabulado, e pensa modestamente que aquela sala se parece com ele, simples, acolhedora e pobre.

Mas como era grande!

MANOEL CARNEIRO, FARMÁCIA CARNEIRO

O pote de pomada para as feridas
que até podiam ser da alma.
Os vidros bojudos e coloridos
farmácia de antigamente.
Pastilhas para a garganta
doces e cor de rosa
e injeções de mercúrio.
O cheiro de ervas, infusões
manipulados remédios tão baratos
ao alcance de quaisquer bolsas.
“Seu” Manoelzinho pegava o algodão umedecido
num álcool intemporal
e o esfregava no bracinho magro
e cantava com a voz fininha
uma voz de acalanto que não ia doer.
E a dor não era intensa
o carinho a aliviava.
A escada em caracol saía da sala
e alcançava os quartos lá em cima
ou talvez o céu
ele era tão perto dos verdes anos!
A mulher e a filha conversavam
em voz morosa e mansa, baixinho
e descansavam nas alturas.
Ele andava com o estojo de inox
e os necessários petrechos
solícito como a seringa
e nem chegava a amedrontar a infância
onde tudo era milagre e delicadeza.
Onde andar “seu” Manoelzinho
na sua eterna pureza?

O GRAMOFONE

Havia um gramofone na sala
um orelhão a expelir música
de uma caixa a que se dava corda.
Era a sala daquela casa avoenga
onde as pessoas se reuniam à
tarde, cheias de cerimônia, para
ouvi-la.

A orelha, comprida e generosa,
distribuía a melodia fanhosa.
E a manivela girava, girava
e trazia a alegria aprisionada.
O melhor disco era “O meu boi
morreu”.

Manda buscar outro, maninha,
lá no Piauí...

O meu boi morreu...

Os discos eram pesados
e se quebravam ao cair.

Sua marca era R.C.A. Victor
e havia neles um cachorrinho branco, sentado,
tomando conta do tempo.



BANDAS DE MÚSICA

Nossa primeira banda de música foi organizada por Antônio Rosa. Com a ajuda do Sr. José Carneiro Santiago, em cuja casa, segundo me disse sua neta Nadir, eram feitos os ensaios.

O Sr. Antônio Rosa arregimentou companheiros, dentre os quais o Sr. Antônio Francisco dos Santos, um Sr. Levi, de que não pude apurar o sobrenome, e mais algumas outras pessoas e iniciou os ensaios.

Fizeram sua estreia na rua e em frente ao Hotel dos Viajantes, então de D. Mariquinhas, pararam para executar um dobrado.

O Sr. Antônio Scarpa, “seu” Nico, ficou tão entusiasmado com a banda que foi correndo comprar foguetes para saudar a passagem.

Chamou-se Lira Itanhanduense.



Conjunto Orchestral - 1931

Em Bom Sucesso também houve bandas famosas. Uma vez, uma delas foi convidada para tocar numa comemoração e, como os músicos não tivessem uma boa roupa, o Sr. Fernando Costa foi no guarda-roupa dos filhos e tirou o que faltava para bem vestir os componentes da banda.

E ela veio, toda engalanada, tocar os seus dobrados.

Havia um coreto na praça e duas bandas disputavam a preferência dos ouvintes.

E a disputa era tão renhida que, na calada da noite, enquanto ensaiavam, havia espíões adestrados, notáveis maestros que ouviam e escreviam as músicas, incontinenti.

Então, antes de apresentar a música, a concorrente a tocava.

Havia famosos maestros, como o Sr. Belmiro Bustamante, o Sr. Sebastião Perroni, o Sr. Antônio Alexandrino, de Pouso Alto, que aqui prestava a sua

colaboração, o Sr. Ferreira, de Virgínia, que comandou uma banda aqui por muito tempo.

Depois, Sr. Francisco Raimundo Martins, que passou o dom e o gosto da música para seu filho Iramir, que é o nosso atual maestro.

Com certeza ainda tivemos muitos outros, mas não pude encontrar os seus nomes, pelo que me penitencio.

Uma vez, “seu” Baptista Scarpa escreveu uma carta a seu cunhado, o Sr. Henrique, e colocou no envelope as palavras: “sem reservas”. Com isto abria a carta ao conhecimento de outras pessoas. Este mostrou aos amigos o conteúdo da mesma.

Um deles teve a ideia de compor um dobrado com esse nome, não sei de quem a autoria. O Sr. Henrique Scarpa era também um grande músico, participante da banda.

À noite, tocaram na praça o dobrado “sem reservas”, dizem que era muito lindo, mas infelizmente se perdeu.

“Seu” Baptista achou graça da ideia e ele mesmo foi apreciar a composição.

Também vários jovens iniciaram os seus conhecimentos musicais nestas bandas interioranas.

E elas passam na nossa emoção, passam despertando os mais fundos acordes de patriotismo, de saudade, de reverência, porque estão sempre atentas a que a música envolve o homem na sua magia para o bem e para a solidariedade.

E ao relembrar essas bandas não posso deixar de evocar “seu” Henock, envolto em sons, enfeitado de claves e de notas, a voz dedicada deslindando para os alunos os mistérios de linhas e de pautas musicais. “Seu” Henock, como disse em um artigo, em dó ou em si, não importa o tom, desejamos que lhe cheguem, muito afinados, os sons da homenagem que na oportunidade lhe tributamos.



Maestro Raimundo Martins e componentes de sua banda.
À frente, o ex-prefeito Sebastião Monteiro.

NOSSOS JUÍZES

Diz o salmo 57: “e os homens dirão: Sim, há recompensa para o justo e há Deus para julgar a terra”.

Sob julgamentos, estão os homens. Mas há uns que escolheram a difícil e honrosa tarefa de encetar essa participação quase divina e depositar sobre seus ombros a responsabilidade e o peso de o fazer. São dignos da mais espontânea admiração, pois seus critérios e suas sentenças influem decisivamente na vida dos cidadãos.

Tivemos sempre muita sorte na designação de nossos juízes. Essa afirmação ouvi-a muitas vezes dos lábios de meu pai, cuja opinião sempre acatamos como sensata e justa.

Nosso primeiro Juiz Municipal foi o Dr. Manoel Costa, em 1936. Dele oportunamente falaremos, pois sua figura foi sempre marcante, em várias circunstâncias, na história da cidade.

Depois da criação da Comarca, em 1938, veio para cá o Dr. Antero Viotti Magalhães. Era uma pessoa singular, de fala apressada, muito bondoso e íntegro, que deixou aqui muitas amizades. Sua mulher, Da. Santinha, era moça muito bonita e possuía uma única filha, Maria Helena. De vez em quando, já aposentado há muitos anos, lá vem ele por aqui rever amigos, que já vão escasseando. A morte os tem dizimado.

Depois de sua ida, promovido para uma comarca melhor, veio o Dr. Heitor Antunes de Sousa. Sua esposa, Da. Lia, era uma mulher bondosa, participava dos problemas sociais, gostava de festas, apadrinhava sempre uns meninos pobres, moças desprotegidas, ajudava.

Eles aqui deitaram raízes, pois sua filha Neísa aqui reside, casada com o Glauco e já tem netos, também. Ele era muito estudioso e escreveu uma história sobre a cidade, história de verdade, com estatísticas e pesquisas, mas não a publicou. Nunca tivemos acesso a ela, mas deve ser muito erudita. Ele era diabético e fazia lá suas artes gastronômicas. Pedalava pelas manhãs a sua bicicleta pelas ruas silenciosas. Morreu aqui, na Avenida Professor Brito, onde repousa para glória da cidade. Era um homem bonito, de traços muito delicados, mas foi perdendo suas forças, pela insidiosa moléstia e esta o levou à aposentadoria. Substituí-o o Dr. José Junqueira Gorgulho, em 1953.

Este é um grande homem, num pequeno corpo. Integrou-se tão definitivamente à cidade que, aposentando-se, continuou residindo aqui, advogado. Sua mulher, Anita, tem lindos olhos azuis e fala manso, sensata. Sua filha Luci casou-se com Manoel Alexandre e aqui iniciaram sua família, que foi

cedo ferida pela morte de sua primogênita Eliane, moça maravilhosa que escolheu, para doar-se, a profissão de enfermeira. Em seu primeiro emprego, em Varginha, foi levar um doente para São Paulo e a morte a colheu no caminho.

Assim vai a vida tramando suas ligações, os seus cortes, as suas perplexidades. Vai ferindo, vai doando, vai acontecendo.

Os avós, tão alquebrados dessa morte, vão superando a dor imensa nas orações, nas visitas ao cemitério e nos quedamos a perguntar porque pessoas tão bondosas vêm a sofrer tanto. Mas Deus tem os seus desígnios e não nos pode ainda descobri-los.

Em junho de 1961 veio cá o Dr. Elsen de Andrade Bastos, que era casado com Da. Neusa. Tinham apenas um filho. Era um homem claro, de fala pouca, deslinda seus casos jurídicos, mas não participava muito de movimentos sociais, gostava talvez de distribuir seu tempo entre o estudo e a casa. Daqui foi transferido para São Lourenço, onde ainda milita.

Em agosto de 1966 foi nomeado para esta Comarca o Dr. Antônio José de Sousa Levenhagen. Este integrou-se inteiramente a esta comunidade, casando aqui suas filhas, construindo casa e vindo aqui dormir seu último sono, neste ano de 1984. Era uma pessoa imensamente bondosa, inteligente e culta, deixando inúmeras obras jurídicas publicadas, que dão enorme cabedal de ensinamentos aos seus inúmeros alunos. Daqui mudou-se, transferido para Varginha, onde foi catedrático na Faculdade de Direito. Foi casado, em segunda núpcias, com Terezinha, mulher maravilhosa, e temos alegria de tê-la morando nesta cidade, com as filhas, genros e muitos netos, prolongamentos de seu inesquecível chefe.

Depois dele esteve aqui, em julho de 1971, o Dr. Francisco de Sales Dias, como Juiz substituto, mas não chegou a ser titular. Em outubro de 1971 foi nomeado Dr. Paulo Maia Meneses. Era uma pessoa amável, inteligente, com muito boa prosa e solteiro. Esteve conosco durante pouco tempo, indo para Baependi.

Substituiu-o o Dr. José Neves da Rocha, em 1972. Este foi nosso vizinho durante vários anos. Era casado com Da. Zoraide e tinha duas filhas, meninas inteligentes e graciosas.

Este também comprou casa, aqui deitou raízes, mas acabou transferindo-se para Lambari, onde reside até hoje. Era um homem minucioso, tinha longas histórias pitorescas para contar, gostava de bater um bom papo e se desincumbia de suas tarefas judiciárias com tranquilidade e justeza.

Em fevereiro de 1980 veio para cá o Dr. Hélio Araújo Breda. Tinha o rosto ainda jovem, mas enorme cabeleira branca. Não perdia missas e o víamos com frequência na Igreja. Era casado em segunda núpcias com Da. Eli, simpática moça de Itaúna.

Depois dele, foi nomeado para a Comarca o Dr. José Aloisio Neves da Silva. É um moço louro, de 34 anos, que já vai para uma Comarca de Terceira Entrância, por merecimento. Ele colocou, segundo me informaram, todos os processos em dia, trabalha e põe o povo todo do fórum a trabalhar incessantemente, mas todos o fazem com gosto, com carinho. É casado com a jovem Rosângela, moça de Barbacena, de onde também ele é, e têm duas filhinhas, Xana e Lourenza. Ele está aprontando as suas malas para partir e vai deixar inúmeras saudades no coração dos amigos, que os tem em grande número, nesta cidade, e no dos funcionários que trabalham sob sua direção. Depois de pronto esse relato, eis que, em 28 de dezembro de 1984, é nomeado para o Cargo o Dr. Lucílio Maciel Leite.

É ele natural de Baependi e veio da vizinha cidade de Passa Quatro, já tendo prestado valioso préstimo ao nosso Fórum.

Foi recebido com alegria, não só pela comunidade jurídica, mas por toda a cidade, já conhecedora de seus muitos méritos e sua cultura e inteligência.

A ele auguramos uma estada muito feliz nesta cidade que, de braços abertos, o acolhe e à sua família, carinhosamente.

Além destes juízes com os quais me alonguei porque aqui permaneceram por mais tempo, ainda tivemos a colaboração de outros, atuando provisoriamente, apenas como substitutos.

Entre eles citamos:

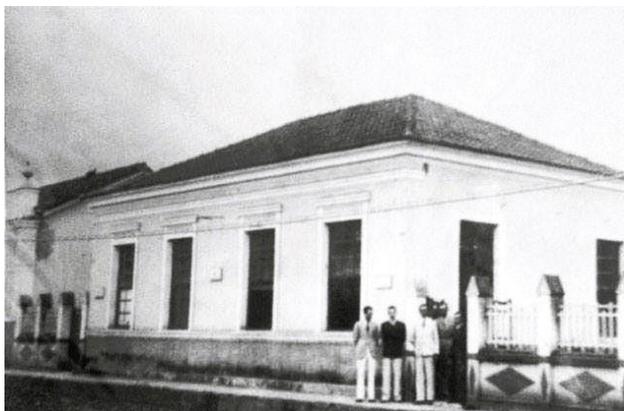
Dr. Antônio Diamantino Pereira

Dr. Paulo Augusto de Sousa Brito, em 1975.

Dra. Myriam da Conceição Saboya Coelho, em 1977.

Dr. Geraldo Augusto de Almeida, em 1979.

Perfizemos um caminho de saudade e admiração por essa plêiade de homens dignos e cheios de responsabilidade e cultura, que um dia dirigiram os destinos jurídicos do Fórum Deputado Manoel Costa, nesta cidade e Comarca de Itanhandu.



COLÉGIO CORAÇÃO EUCARÍSTICO



LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA ESCOLA DOMÉSTICA CORAÇÃO EUCARÍSTICO
PRIMEIRAS ALUNAS MATRICULADAS - 19 DE MARÇO DE 1943

- | | | |
|-----------------------------|---------------------------|--------------------|
| 1. Irmã Carvalho | 6. Luzia Nascimento | 11. Glória Moreira |
| 2. Dorinha Brito Pinto | 7. Dú Bonanni Pinto | 12. Marlene Mendes |
| 3. Aparecida Esteves | 8. Zélia França | 13. Rafaela Miguel |
| 4. Magali Barros | 9. Maria José Greca | 14. Irmã Margarida |
| 5. Elisa Maria Scarpa Pinto | 10. Amelinha Pinto Scarpa | |

Chegaram as Irmãs, quatro: Irmã Carvalho, Irmã Margarida Diniz, Irmã Vicência Miranda e Irmã Luiza Pinheiro.

Já me referi às figuras quase aladas, com as cornetas esvoaçantes, que chegaram com a esperança. Era o dia 19 de março de 1943.

O começo, na modesta casinha na Rua Fernando Costa e depois a construção do prédio, inaugurado em 1947. As irmãs, com muito esforço,

compraram o lote ao lado da Casa de Caridade. Depois o Sr. Lafaiete Gomes Pinto doou mais um pedaço do terreno a elas.

Foi muito importante para a cidade a criação desse Colégio, chamado Colégio Coração Eucarístico, onde nossos filhos se educaram. Além de um ótimo ensino e educação, ministrados quase que exclusivamente por Irmãs, tínhamos lá lindas festas, de comemorações cívicas, formaturas, etc.

Nas paradas, as meninas muito bem uniformizadas, com as blusas brancas, boinas e saias grená.

E também peças teatrais, números de arte, etc.

No início, ainda na casa velha, lecionaram gratuitamente as pessoas: Benedita Macedo, Rita Cunha, Vera Brito, Maria Luiza e Inácia Jatobá, Stela Toledo, Pequetita Toledo Grillo, Elisa Scarpa e Graziela Brito Pinto.

Mais tarde outros professores se integraram ao corpo docente, como João Cândido da Silva e outros que militam no Ginásio.

A Escola nasceu de um sonho de Monsenhor Jansen Jatobá. Foi ele que conseguiu a vinda das Irmãs Vicentinas para a cidade.

A princípio pensou-se numa Escola Doméstica, que proporcionasse às jovens educação moral, intelectual e social. A Escola iniciou-se com 19 alunas, mas foi crescendo em área e em alunos muito rapidamente. Formou inúmeras professoras e preparou muita gente para os cursos superiores, com seus cursos muito eficientes.

Foram suas diretoras as Irmãs: Carvalho, Diniz, Perissé, Irmã Brandão, que fundou a Associação das Senhoras de São Vicente de Paulo, Irmã Resende, Margarida Diniz, Ana Angélica, Irmã Celina e Irmã Luci.

Em 1979, em consequência da crise econômica, o Colégio teve sérias dificuldades financeiras.

As Irmãs também foram ficando insuficientes para o grande número de aulas e os contratos, com os professores, eram onerosos, então, na impossibilidade de continuação, as Irmãs alugaram o prédio para o Colégio Pitágoras, de Belo Horizonte, pelo período de três anos.

Esperavam elas que, ao fim desse tempo, pudessem reiniciar as suas atividades.

Mas tal não aconteceu. A crise financeira continuou e não foi possível a elas o sonho de retomar o ensino.

A Escola Normal Fernando Costa e o Curso de Contabilidade passaram, por iniciativa da Prefeitura, para o Colégio Estadual Professor Souza Nilo.

O Colégio agora foi adquirido pela Prefeitura que pretende instalar uma Faculdade e cursos profissionalizantes.

Mas os alunos que por lá passaram, como diz sua secretária por todos estes anos, a Rafaela: “todos têm gravado exemplos de humildade, simplicidade e cultura que marcaram sua vida estudantil.”

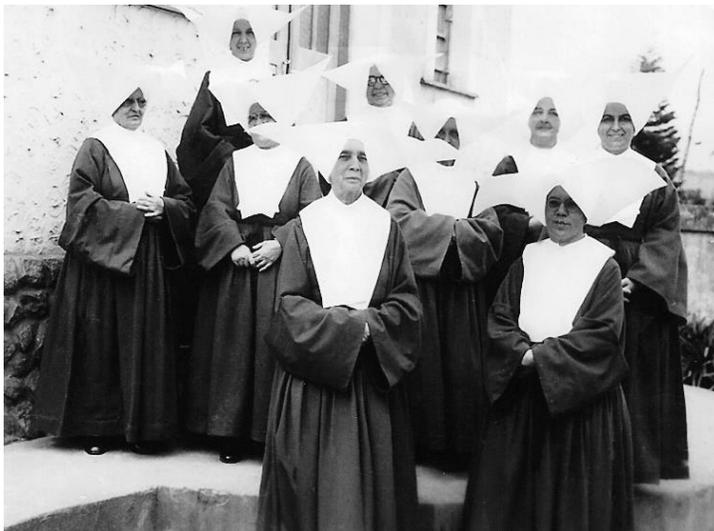
Várias gerações lá se formaram. Tivemos Irmãs maravilhosas, dinâmicas, amigas e carinhosas, como Irmã Elizabeth de Lucca, no seu Jardim de Infância, as festas da Irma Bernadete, a simpatia e o dinamismo da Irmã Diniz, a ternura de Irmã Resende, a cultura de Irmã Margarida, a atuação de Irmã Brandão, etc.

Em 1982, o Colégio Coração Eucarístico, infelizmente, encerrou suas atividades, mas marcou para sempre esta cidade, na sua grandeza, na sua importância histórica, na sua saudade.



Prédio original do Colégio Coração Eucarístico, convertido em Fundação Cultural por lei municipal em 28/3/1985, e que hoje denomina-se Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo

AS IRMÃS DE CARIDADE



Nas asas trêmulas e brancas
que se chamavam cometas
havia uma doce paz, paz alvissareira
onde o futuro se abrigava.
Nas dobras longas das mangas
se escondiam preces, gestos de doação, segurança, força.
Deslizavam pelos corredores recém-inaugurados da Casa de Caridade
e as numerosas vigílias não perturbavam a íntima alegria
de quem se embalava nas mãos de Deus
e cumpria o dever, austero e duro, todavia.
Ao Hospital e ao Colégio ofereciam-se com mãos fecundas
e davam a todas as coisas um brilho festivo de pureza.

Trouxeram, em sua bagagem diminuta, grandes certezas:
a da disponibilidade a toda hora
a da bondade sem limites
capacidade e inteligência –
- dons que distribuíram com largueza.

Álacres clarins saudaram-nas desde o primeiro momento
e elas se impuseram, generosas,

desde o branco fulgor do véu da castidade
ao repousante azul de sua veste
ao recôndito e espontâneo valor de seus votos
- fonte misteriosa – a nutrir o laborioso caminho do Servir.

Queridas Irmã, que hoje saudamos
Irmã Carvalho, Diniz, Madalena, Filomena, Margarida, Bernadete
Oh, que importa o nome desse batalhão abençoado
importa o ramallete de ternura
com que as unimos, na admiração mais pura
e que elas alimentaram com exemplos, nobreza de sentimentos, doação.
Não importa o nome, nem a cidadania, embora agora, Irmã Bernadete
esteja ainda mais próxima de nós, como conterrânea.
Mas o que vale é o tempo sem medida
é o modo de suportar o fardo
e de atender solícitas a todos: ao médico exigente,
ao aluno, ao que sofre, ao doente,
ao pobre com sua dor, sua carência, ao ferido, ao caído,
e a todos dispensar sua clemência e caridade.
Em sua coragem e fé todos se abrigam
e as asas antigas flutuam agora transparentes, caras amigas,
e acolhem os indigentes
de saúde ou de saber, de amor ou de oração.
Quando as olhamos, nessa procissão sucessiva
das que vão e das que vêm,
unidas pela poderosa corrente de um amor sobrenatural e universal
que as sustenta e eleva,
vários nomes vão ficando
na galeria interminável de nosso afeto e gratidão.

E penso agora que nossa pena é tão pobre
e nosso coração tão pouco
para sentir tão grande e fundo.
Pois a estas almas, claras e serenas
que contam anos, como agora, mas que deveriam marcar os segundos
na doação constante e radiosa,
dão tanta segurança à paz deste mundo
feito de soros, frascos, bisturis e de suspiros

de livros, aulas, catecismos, trabalho, tanto trabalho
que, enquanto agradecemos
temos vontade de nos por de joelhos
para o mais terno e imenso “muito obrigado”
como se fosse a voz desta cidade
a falar, enternecida, por nossa boca.



PARA IRMÃ CARVALHO

Como se fosse a voz desta cidade
a falar agradecida por minha boca.
Assim terminei meu poema, outro dia
em que celebrávamos em alegria
uma festa jubilosa.

Falava na ternura de uma chegada, em 1943
da turma valorosa das Filhas da Caridade
comandadas por Irmã Carvalho, a Superiora
da Casa de Caridade e do Colégio Coração Eucarístico.

Relembrava as cornetas ondulantes
e as vestes, azuis e celestes,
que embelezaram o ambiente
e aos rostos levaram esperanças.

Ela colocou, então, a mão no arado
e nunca olhou para trás.
Abraçou o trabalho com firmeza,
construiu o Colégio e deu-lhe vida
e em seu coração deu guarida
aos sonhos, aos amigos, aos alunos, aos doentes
e a toda a lida.

Sem esmorecimento ou cansaço
nunca mediu seus passos
para limitar esforços ou comparar distâncias.
Antes, deu-se sem medidas
e abriu o coração imenso
onde Itanhandu coube inteira.

Hoje ela a recebe em seu seio
e mais uma vez a terra se sente engrandecida.

Quis Deus que no caminho de uma casa a outra
ou de uma tarefa a outra

sempre no comando da oração
terminasse a sua vida.
Foi uma simples desculpa
para a glória merecida.

Ela está serena em sua morte e tão bela
refazendo em cada coração o retrato
da delicadeza e do perdão
e realiza em cada prece e em cada lágrima
o divino milagre da perenidade.
Pois está para sempre unida a esta cidade
num momento de grandeza e santidade
construído em vida
e enraizado na amizade e na gratidão.

E, como dizia ainda, minha palavra é pouca e pobre
para dizer de tanta beleza em nossa volta:
em cada flor uma homenagem
em cada palavra uma saudade
e em cada amigo uma dor!

Em 10 de maio de 1984

FUTEBOL

Ligamos a televisão e assistimos aos jogos do Brasil. Vibramos com as Copas do Mundo, quando fazemos os clássicos jogos de campeões, choramos nas derrotas e estávamos irmanados num mesmo clima de patriotismo verde e amarelo.

Nos reunimos em grupos, onde é gostoso torcer, participar ou tomar café com bolinhos, nos intervalos, ou uma bebida qualquer para retemperar os nervos, que ninguém é de aço.

E há coração que suporte a emoção?

Pois esse clima, assim igualzinho, vivemos aqui nos idos de 1947, quando torcíamos pelos dois times da cidade: a Liga Esportiva Itanhanduense, a LEI, e o Industrial Esporte Clube.



Uma das formações do Time do Industrial

Este hoje ainda existe e defende as cores da cidade, lutando bravamente neste e nos campos da vizinhança. Mas estes dois antigos times dividiram a cidade.

Eram batalhas memoráveis, discussões, vitórias, derrotas, essas coisas de futebol, apaixonantes.

Podem até achar que é pretensão, mas creio que o entusiasmo era ainda maior que o que se tem hoje nos jogos internacionais.

Essas vitórias tinham o gosto de ver o sofrimento do adversário, de saborear as amargas derrotas conseguidas a duros sacrifícios, torcidas.

Punha-se ali a alma inteira, aos pés dos jogadores e eles tripudiavam sobre os sentimentos com tanta garra que arrancavam aplausos vindos das mais fundas alegrias.

Era uma emoção nova a cada jogo, disputada no chão amado e refletiam uma torcida tão poderosa que não a esqueceremos.

Há pessoas apaixonadas pelo futebol. Outras que lutam por ele. Sei que seu fascínio é irresistível, mas nunca mais experimentei, em outros jogos, aquela participação ferrenha, entusiástica, com que assistíamos os jogos da Lei e do Industrial.

Mas sempre houve times de futebol por aqui. E alguns jogadores famosos. Nos depoimentos das pessoas mais velhas, falam do Careca, no Eduardo Lopes, no Mineiro, no Tatu, Dadá.

Um dos bons jogadores foi o Alexandrinho. Era um rapaz alto e forte, inteligente, mas o futebol a ele foi nocivo, pois levou-o, apesar da sua privilegiada inteligência a caminhos que nunca lhe trouxeram glórias ou alegrias.

A cidade o amava, o estimulava, mas ele desprezou os seus dons numa desdenhosa e desambiciosa tristeza.

Acabou morrendo tão cedo, doente e cansado.

Fazia primorosos discursos, exaltava-se com os louros da cidade, fazia política com coragem e entusiasmo, mas descuidava de si, de suas necessidades particulares, da família que tanto o amava.

Tivemos também dedicados Presidentes dos Clubes, entre os quais citarei Antônio Francisco dos Santos, cujo nome foi emprestado para o Estádio local,

Também Amador Guedes, Luís Ribeiro, o nosso Luís da Ponte, Costa Neto e outros que, idealistas, davam o seu tempo e o seu esforço para levar seus times aos píncaros da glória.

Ao evocar um esporte que não curtimos, temos um pensamento de saudade, lembrando aqueles animosos dias em que, no campo, éramos um só coração e uma só voz a gritar: GO...O...O...L!

AULAS DE PIANO

Há muitos anos morou aqui o “Seu” Aquino.
Era um músico afamado e tinha uma tipografia
Ele ensinava piano e com ele aprendi as primeiras notas.
Era um piano grande, grande e escuro
e minha mão, naquele teclado longo
era um longo caminho a descobrir tremente.
As notas dançavam na minha frente
e tinha cada uma o seu nome e lugar
e a pauta era o seu abrigo.
As minhas primeiras notas a cantar...
E o piano ria, com seus dentes de marfim
ria para mim.
Depois veio uma senhora magra, D. Virgínia
creio que o sobrenome era Calazans.
Tinha filhas muito bonitas
uma cheia de cachos, loura
e algumas moças que arranjaram logo seus namorados.
A professora tinha o gesto forte
e parecia que ela martelava na minha mente
com notas exigentes
que eu não sabia achar.
A clave era uma corda
que me enlaçava a mão e o coração
e eu agradecia à professora contente
porque ela me devassava um mundo novo.
Depois veio D. Nenê, que devia ser um apelido
e ela poliu mais o que eu já sabia
mas nos deixou logo e o ouvido supriu
o que faltava para tocar para o gasto.
Mas as notas entraram na minha infância
através dessas pessoas bondosas
e se acomodaram no meu destino
e me acompanharam obedientes
num teclado aos poucos dominado.
E quando me vem uma tristeza no desalento
ou uma alegria que precisa ser repartida

lá vou eu ao meu amigo e com as notas
tenho uma resposta ou um acompanhamento.
E bendigo agora essas três pessoas de fora
que aqui vieram por um momento
repartindo sua arte
morando na minha memória.



AUDIÇÃO DE PIANO PROFESSORA ALDA PONTES NO CRI EM 1958

- | | | |
|------------------------|------------------------------|--------------------------|
| 1. Regina Siqueira | 8. Nancy Nilo | 15. Laís Maria Scarpa |
| 2. Lúgia Mota Lessa | 9. Alda Pontes | 16. Suely Nilo |
| 3. Dôia Bonani Pinto | 10. Marília Paiva | 17. Walda Scarpa |
| 4. Ana Heloísa Ribeiro | 11. Inajá Scarpa | 18. Lésia Franco da Rosa |
| 5. Aracilda Penedo | 12. Eliete Pinelli | 19. Letícia Scarpa |
| 6. Erli Pinelli | 13. Letícia Siqueira | 20. Celeste Mendes Pinto |
| 7. Maria José França | 14. Maria Célia Mendes Pinto | 21. Zoraidinha Neves |
| | | 22. Marta |

OS EXPEDICIONÁRIOS



O clima era de medo. Talvez os jovens experimentassem entusiasmo, não sei. Mas as famílias sofriam. Ir para a guerra! Era antes uma possibilidade tão remota, de repente aconteceu. Era a guerra, a segunda guerra mundial. Parecia até ficção, mas tornou-se dura realidade.

Nós estávamos na sala de aula, no Ginásio. Chegou, por alguém, a notícia que ouviram pelo rádio: guerra na Europa! E diziam: arreventou a guerra! Parecia um tumor, expelindo horrores.

O clima já vinha sendo preparado pelos jornais e pelo Repórter Esso, o primeiro a dar as últimas, no rádio: a prepotência de Hitler, ameaças, a invasão da Polônia, e por fim, a guerra.

A vida por aqui continuou a mesma. Alguns poucos importados foram suprimidos. Não houve gasolina, mas não havia quase automóveis, e a gente não prestava muito atenção aos detalhes.

“Seu” Pedro Cunha possuía um carro preto, lindo, que logo vendeu, pela falta de combustível. Esse nós observamos com tristeza, pois de vez em quando ele nos convidava para umas voltas.

Papai era um chofer frustrado. Certa vez, comprou um Ford, talvez 1929. Começou suas aulas de direção. Uma tarde, nos colocou no carro e saiu conosco pelos lados da Viúva Guedes. Lá, perdeu a direção e descemos o morro aos solavancos. Vendeu o carro e nunca mais pegou na direção.

Mas voltemos à guerra: foram convocados diversos rapazes da cidade para o Corpo Expedicionário e logo veio a notícia de que iriam para a Itália. Lembro-me das expectativas, as famílias chorosas, as orações, os sinos em lamentos, a cidade a prantear os escolhidos, numa antecipada visão de perda.

Mas, graças a Deus, eles foram e voltaram, como heróis. Escaparam de Pistóia. E no dia 7 de setembro de 1945 foi realizada uma grande festa em homenagem a eles. Houve o oferecimento de uma placa de bronze comemorativa, na Praça Amador Guedes. Ao ensejo, em brilhante oração, falou o Dr. Manoel da

Silva Costa, então Juiz Municipal. Depois houve no Clube Itanhandu um almoço festivo, onde discursou o Dr. Delphim Pinho Filho, o Prefeito.

À noite, na sequência festiva, foram saudados pelo Dr. Crispim Olavo Gomes Pinto, então Promotor de Justiça. O tenente Alexandre Costa Neto fez uma palestra brilhante sobre o tema: “Oito meses de guerra na Itália”.

Na oportunidade, agradeceu, em nome dos companheiros, tamanhas homenagens. Os heróis itanhanduenses que lutaram na Itália foram:

Tenente: Alexandre Costa Neto

Sargento: Afrânio Gomes Pinto

Sargento: José Ribeiro Sobrinho

Sargento: Nelson Carlos Martins

Cabo: José Antônio Ribeiro

Cabo: André Antunes Andrade



Eu podia divagar um pouco e entrar no coração desses moços, sentir-lhes o palpitar dúbio: patriotismo e medo, insegurança e, ao mesmo tempo, a expectativa de conhecer outras terras, viver outras aventuras. Penetrar por um momento nessas mentes alvoroçadas, vivendo esse minuto de ansiedade, sonhar as peripécias, por vezes duras, outras românticas, os ossos gelando sob a neve, as montanhas de Monte Castelo, que recordam a Mantiqueira, quando as conheci, posteriormente.

Ver-lhes os passos estugados na marcha guerreira devassando os campos gelados, o corpo rígido enfrentando os perigos, as saudades pátrias se arrebrandando no peito, depois o prazer da vitória e a alegria da volta.

Fujo de relatório e datas, mas estas me subjugam. Devo contar os fatos, a festa, a homenagem. E esquecer os tristes uniformes que um dia se tingiram de lama e de banzos, os risos adolescentes que explodiram nestes ares, no rosto daqueles meninos valentes. Que vocês imaginem essa festa, essa alegria da homenagem, realizada em 7 de setembro de 1945!

Na nossa Praça, há um monumento muito singelo: a figura um pouco canhestra de um soldado, com a baioneta nas mãos, que ali ficará para a posterioridade e a placa de bronze com o nome de cada um destes valorosos itanhanduenses, perpetuando sua coragem e patriotismo.

Celebramos agora 40 anos destes eventos que relato. A Guerra, com todos os seus horrores, vai sendo lembrada. Os jornais trazem nomes, batalhas, a televisão mostra os lugares onde se travaram as sangrentas lutas.

As revistas trazem fotos, todos relembram as referências remotas das inúmeras frentes de batalha, dos países invadidos, dos povos libertos.

E os feitos heróicos da FEB – Força Expedicionária Brasileira têm, para cada um, a forma de sua saudade.

Os livros se sucedem. Há heróis a cultuar, há lágrimas que ainda não secaram, há polêmicas sobre as verdadeiras razões da guerra, sobre os seus resultados.

Mas o que se percebe, na totalidade das opiniões, é uma reverência especial pela bravura dos pracinhas brasileiros, nas batalhas travadas em solo italiano.

Nosso soldado na Praça Amador Guedes empunha a sua arma, na pedra. Que ele seja sempre apenas um símbolo de bravura e que nunca mais, em nossa história, se repita tal evento.

Que nossos jovens possam construir, na paz, os seus monumentos.

OS PROMOTORES DE JUSTIÇA

Em nosso fórum local grandes homens emprestaram o seu saber jurídico, encetaram as suas batalhas cotidianas, lustraram o seu lugar.

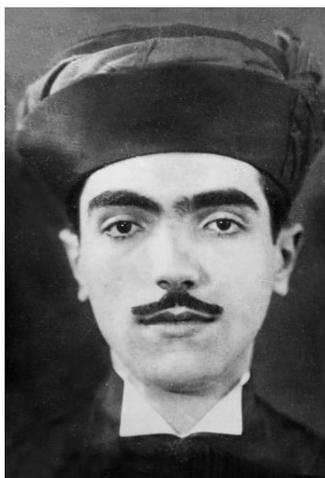
Alguns deles aqui permaneceram durante longos anos, enraizando-se em amizades duradouras e se integraram tão completamente, como se esta terra fosse um pedaço de seu berço natal.

O primeiro deles, Dr. Crispim Olavo Gomes Pinto, foi realmente um filho da terra.

Ele aqui trabalhou desde 18 de março de 1939 até 1949, quando foi promovido para Brasópolis.

Casado com Elisa Scarpa Moreira, também itanhanduense, formam um casal estimado, admirado e Itanhandu tem sempre a alegria de recebê-los em visitas frequentes.

Ele foi sempre um grande orador. Seus discursos eram sempre apreciados, embora curtos, mas inteligentes e originais.



Crispim Olavo Gomes Pinto

Sucedeu-o o Dr. José Neves da Rocha, nomeado em 15 de janeiro de 1949. Sobre sua pessoa já tive oportunidade de me referir, quando discorri sobre os nossos juízes, pois ele aqui exerceu esse cargo de 1972 até 1975.

Depois dele tivemos na Comarca o Dr. Weber Martins Batista.

Grande influência exerceu sobre a comunidade a pessoa brilhante desse promotor. Sempre ocupou os vários cargos, os mais altos da carreira, concursado e conseguindo 7 primeiros lugares em todos eles. Altas horas da noite, indo Rubens em visita domiciliares a doentes, vinha ele comentando: “A janela do Dr. Weber ainda está acesa, ele está estudando”.

Em movimentos comunitários a cidade sempre contou com seu apoio, sua palavra autorizada, sua colaboração preciosa.

Seus filhos fizeram os primeiros estudos aqui e levaram da cidade uma feliz e saudável infância, dizem saudosos.

É ele casado com Terezinha, moça também muito prendada, inteligente e dedicada à família e aos movimentos sociais.

Pela amizade, deixou fundas raízes nesta cidade, e também pela sua ilustre atuação. Também sua família aqui deixou inumeráveis amigos.

Dr. Weber foi substituído pelo Dr. Geraldo José de Azevedo, que teve também uma bela atuação no Fórum, tendo sido nomeado em 24 de setembro de 1963.

Seu substituto foi o Dr. Tomé Antônio Guimarães. Ele já possuía raízes nesta cidade, pois estudara no Ginásio Sul Mineiro.

Também sua esposa se chama Terezinha. Tinha vários filhos e os educava com muito desvelo. Dr. Tomé, além de sua brilhante atuação no Fórum, lecionava no Ginásio e era tão benquisto pelos alunos que foi escolhido paraninfo por duas vezes.

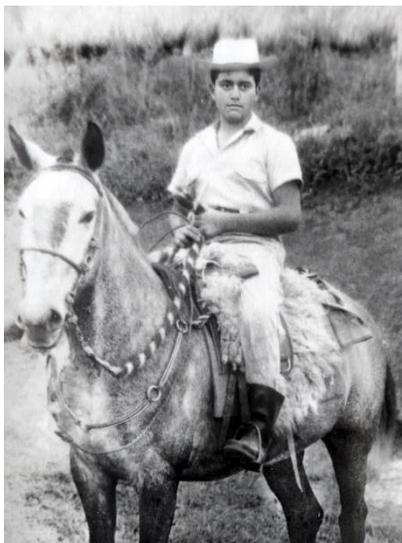
Durante muitos anos tivemos a felicidade de tê-lo entre nós, pela sua integridade e cultura, pela sua simpatia e amizade.

Sua promoção veio em 79 e ele aqui permaneceu desde 1966.

Foi substituído pelo Dr. José Antônio Viana Dias, que aqui exerceu brilhantemente o cargo por 3 anos. Foi nomeado em 16 de outubro de 1979. Em seu lugar, em 6 de setembro de 1982, exerceu o cargo de Promotor desta Comarca o Dr. Gláucio Antunes Modesto, durante poucos meses, tendo sido substituído por Dr. Júlio César Koeler Torino, casado com a amiga Vera, vindo da cidade de Belo Horizonte. E ele aqui está, presentemente, honrando-nos com o seu trabalho e sua dedicação, exercendo a Promotoria como se fosse um filho desta cidade, pois é natural da vizinha Santana do Capivari.

PIQUIRA

Piquira era um cavalinho branco
pequeno, manso, feliz.
Foi dado de presente a um menino
que fazia três anos.
Viveu vinte anos, às vezes como
montaria, mas quase sempre pastando
por aqui.
Êta cavalinho, galopa no meu
cuidado, traz os meninos de novo
nas suas calcinhas curtas,
sapatinhos de amarrar.
Meninos que riam sóis e cantavam
hinos de prata.
O chicotinho afoito só para acariciar,
nunca para açoitar.
Ele me alcança hoje, upa, cavalinho,
me leva aos menininhos
que estão longe de mim.
Piquira manso e branquinho
comendo capim.
Correndo nessa Serra, sobe e desce
com o relógio das horas
que correm, passa o doze, volta o doze
e toda a vida vai assim.
Piquira paciente,
presente de aniversário
que dura eternamente.
Olha o menino contente
a alegria está aqui.
Ela é hora que ficou
e escapou do relógio,
galopou no cavalinho
com passinhos de cetim.
Êta, cavalinho, galopa no meu cuidado
traz os meninos de novo
e cuida deles para mim!



Luiz Paulo Pinho Nilo e seu cavalo Piquira

JORNAIS DE ITANHANDU

Ora viva! Temos um novo jornal! Quantas vezes temos exclamado assim, saudando o nascimento de um jornal, que vem enriquecer a cidade. Muitas vezes os jornais vêm para durar, outras têm duração efêmera, mas deixam as suas marcas que permanecem.

Dizia para os jovens do Colégio Coração Eucarístico, num artigo que releio agora: vocês me pedem colaboração e a torrente de entusiasmo, que lhes motiva o trabalho, não me permite negativas. Nem argumentos outros que não sejam louvor e estímulo e votos de perenidade. Esta é realmente uma notícia alvissareira.

Disse isto em 1970. E agora estamos sem o noticiário mensal e semanal, que vai contando a nossa história. É uma lacuna que devemos sanar, pela importância que representa.

Vamos rememorar os nossos jornais e sua duração, mais ou menos certa, vimos que nem todos números conseguimos ressuscitar.

O ITANHANDÚ

Semanario independente, litterario e noticioso

Director proprietario: J. AQUINO SANTOS ——— Collaboradores: DIVERSOS

Anno 3 (nova phase)

Itanhandú, (Sul de Minas) 22 de Outubro de 1933

Numero 63

O primeiro jornal que tivemos foi “O Itanhandu”, fundado em 1923, tendo como diretor o Dr. Adalberto Pizarro Loureiro. Ainda outro dia, estando ele com 84 anos, com a brilhante inteligência, em seus lampejos de luz a faiscar, disse-nos comovido: “Fui eu o fundador, junto daqueles grandes companheiros do Ginásio Sul Mineiro, o engenheiro Dr. Heitor Alves e outros. Apenas alguns números o compuseram. Depois veio o “Gymnásio Sul Mineiro”, em 1925, sendo seu diretor Heitor Alves. “Este teve longa duração e viveu durante 53 números. Neles, condensadas, as histórias poéticas da vida ginásial, os acontecimentos marcantes da cidade, a marca inconfundível da inteligência de seu fundador.

Depois veio “A Binga”, em 1932. Seu diretor foi Henrique Carvalho e temos notícia de 14 números. Logo em seguida fundou-se “O Cristal”, cujo diretor foi José Alexandrino, um brilhante aluno de Pouso Alto, filho do grande maestro

do mesmo nome. Teve poucos números, uma dezena. O jornal “Arco-íris”, fundado por Dantas Motta, teve alguns números e era muito bem feito, caprichado.

Então foi fundado o jornal “A Escola Normal”, cuja diretora foi Guiomar Mendes, em 1932. Este teve também vida curta, poucos números, acho que oito ou dez. De 1932 a 1933 de novo ressuscitada “A Binga”, e então vieram os números 15 a 24, com a mesma diretoria. Em 1933 surgiu o “Aí, heim?”, e o diretor foi Geraldo Leite. Este teve apenas quatro números, cedendo lugar à “Socialização”, cuja diretora foi Marta Pinto e teve três números.

Eu poderia me alongar neste relatório e dizer alguma coisa sobre estas pessoas idealistas e corajosas, que tomaram a si a responsabilidade e a incumbência da feitura do jornal, sabendo e admirando seu trabalho, nada fácil numa comunidade.

Eu poderia discorrer sobre alguns artigos de fundo, mais importantes, com referências interessantes para a época. Mas tudo isso seria longo e fugiria ao meu lírico critério, pois são 50 anos de jornais!

Embora com largos espaços, mas preenchem eles todo esse tempo de duração. Assim, enumerarei somente nomes de diretores e data e nome do jornal para um esclarecimento sucinto.

No ano de 1940 surgiu o “Gimunita”, sendo seu diretor responsável o Dr. Delphim Pinho filho e o diretor proprietário Dr. René Charlier. Este jornal teve treze números e muito guardou da história de Itanhandu. Nessa época começaram a organização das campanhas para a construção da Casa de Caridade e havia publicação de reuniões, campanhas, festejos, colaborações, etc.

The image shows the cover of the journal 'Gimunita'. The title 'Gimunita' is written in a large, stylized, black font. Below it, in a smaller, black font, is 'periódico mensal' and 'órgão do Ginásio s/vl-mineiro e do Município de ITANHANDÚ'. At the bottom, there is a table with three columns: 'DIRETOR-RESPONSÁVEL' (Dr. Delphim Pinho Filho), 'REDATOR-CHEFE' (Prof. José da Costa Brito), and 'DIRETOR-PROPRIETÁRIO' (Dr. René Charlier). Below the table, it says '1.º ANO', 'ITANHANDÚ (Sul de Minas), 10 de Abril de 1940', and 'Assinaturas: UM ANO: 63000'. The number 'NÚMERO 1' is also visible.

DIRETOR-RESPONSÁVEL Dr. Delphim Pinho Filho	REDATOR-CHEFE Prof. José da Costa Brito	DIRETOR-PROPRIETÁRIO Dr. René Charlier
--	--	---

1.º ANO
NÚMERO 1

ITANHANDÚ (Sul de Minas), 10 de Abril de 1940
Redação: Avenida Ribeiro da Luz, 346

Assinaturas:
UM ANO: 63000

Depois dele veio o “E agora?”, cujo diretor foi Homero Mafra e teve seis números. No Grupo Escolar Felipe dos Santos fundou-se o jornal “O Torreano”, em 1935.

Teve ele vários diretores e viveu de 35 a 1937. E então parou um pouco e veio em nova fase de 1945 a 1946, depois morreu.

Emociona-me a lembrança destes jornais de até 20 cm, onde nossas incipientes colaborações literárias iam sendo compostas.

Notícias ingênuas daquele tempo sossegado, onde o plantio de umas árvores, no pátio do Grupo, era um grande acontecimento.

Em 1948 surgiu “Voz do Estudante”, cujo diretor foi Alípio da Silva Costa. Deste não sabemos a duração, que deve ter sido efêmera. Houve também, com um só número, em 1935, o jornalzinho “Grau 10” e seu diretor foi Carlos Bustamante.

Em 1957 nasceu “A Tese”, e seu diretor foi Alexandre Costa. Este durou 16 números, atravessou dificuldades e acabou por extinguir-se. Era um órgão dos alunos do Ginásio Sul Mineiro.

Do Colégio Coração Eucarístico, em 1960, surgiu o “GLECE” e suas diretoras foram Erli Pinelli e Vera Bustamante. Sua duração foi de quase quatro anos, mas terminou em 1963.

Depois veio “A Voz da U.E.C.”, união estudantil católica, em 1964 e seu diretor foi Felício Tolentino Caldeira Brant.

Tivemos em seguida a “Voz de Itanhandu”, cujo diretor foi Edson Franco da Rosa, então diretor do Colégio Estadual Professor Sousa Nilo, em 1966. Este viveu até 1968 e teve uma edição muito especial, a do cinquentenário do Ginásio. Foi esta uma bela edição, com artigos muito elaborados sobre os professores do antigo Colégio, sob a significação cultural que ele representou para a cidade.

No ano de 1970 surgiu o “Ita-70” e sua diretora foi Ângela Maria Oliveira e Silva e teve quase 10 números.

Em setembro de 1972 nasceu o “E.T.C”, cuja diretora foi Lígia Maria Franco da Rosa e viveu até 1973.

Em 1983 surgiu no Ginásio Estadual o pequeno jornal “A Marcha”. Sua publicação tem sido bastante espaçada, mas sob a atuação da prof. Gilsiléa Machado tem agradado bastante, pela matéria bastante variada e bem escrita.

Seu diretor foi o aluno Ivan Martuscelli e vários colaboradores, como Delfim Cunha Schimmelpfeng, Antônio Osvaldo Scarpa, Ana Cristina da Silva Costa, entre outros, escrevem ótimos artigos em suas páginas.

Há uns seis meses, todavia, “A Marcha” está silenciosa.

E aqui estamos nós com esses fragmentos do passado, alguns amarelecidos e rotos, palpitantes ainda de uma vida fervilhante, mensageiros de horas de realidade que ultrapassaram o limite do tempo.

E esperamos a notícia alvissareira da criação de um novo jornal, onde exclamaremos jubilosos:

Ora viva, temos um jornal!

E colhemos, dos antigos, estas notas que transcrevemos, como curiosidades:

TRECHOS DE UM JORNAL, “O ITANHANDU”, EM 1927

“Quando teremos o nosso jardim? Quando ajardinaremos o largo vazio da Matriz, enchendo o espaço, cheio de sol, de árvores frondosas, sombra amena, no convite amável de uma parada na vida ardente, para a meditação mais fresca no correr do dia?”

Aniversariou no dia 25 a linda e graciosa senhorita Marieta Scarpa, noiva do prezado amigo Vicente Gomes Pinto e filha do grande industrial João Baptista, pai de nosso operoso representante especial no Rio, Dr. José de Lourdes Salgado Scarpa.

Em 25 a galante menina Doracy, filha diletta do casal Francisco Guedes e D. Rita Scarpa e cunhadinha de nosso diretor, Heitor Alves.

Em 21, a brejeira Ruth, filha de nosso prezado diretor do Ginásio, professor Sousa Nilo.

Em março, a prezada avó da esposa amantíssima de nosso diretor, D. Amélia Sivory Scarpa, queridíssima por toda a numerosa prole de filhos, netos e bisnetos, como por todas as pessoas de suas relações.

Em 26 de maio o travesso menino Adhemar, filho dileto do casal Luís Gomes Pereira e Betina Scarpa, estimadíssimo na cidade.

Em setembro de 1929 – graciosas meninas Dilza e Nilda, interessantes filhinhas de nosso amigo Dr. Delphim Pinho Filho e D. Isaura Rennó Pinho, colheram mais um lindo botão de rosa no mimoso jardim de sua existência, respectivamente nos dias 7 e 3 do mês corrente.

Em abril, 1, aniversariou a simpática Maria Gomes Pinto, filha do estimado comerciante Sr. Agenor Gomes Pinto e D. Marta.

Em 1927, ainda: com as presenças do nobre deputado Federal Dr. José Braz e Exma. Sra. Maria Carneiro Ribeiro, que lhe serviram de padrinhos, batizou-se o pequenino Batistinha, no dia do aniversário de sua querida mãe, D. Maria Scarpa.

E vinham também os anúncios:

Casa Nico – fazendas, armarinhos, chapéus, calçados. Preços baratíssimos.

Casa Mineira – fumos em corda, de Gonçalves e Cia.

Mendes e Irmão – fazendas, armarinhos, gêneros alimentícios.

Armazém de Fumos em Corda – Henrique Scarpa e Cia. – Marca Leão.

Ao 1º Barateiro – Secos e molhados – De Oscar Guedes.

Bar Comércio – de Etelvina Magalhães Barros – Doces, bebidas e comestíveis finos.

Farmácia São Vicente de Paulo, de Augusto da Costa Pereira.

Mendes e Ferreira = queijos Prato, Cobocó e Garrafão.

Gruta Na. Sra. de Lourdes – Papelaria, quadros, vidros, etc, de Juscelino Araújo.

Point-à-jour – de Benedita Toledo Grilo.

Padaria Rio Branco, de José Teodoro da Fonseca.

Marcenaria Central e Fábrica de Móveis – de Bruno Ronzani.

Oficina São Sebastião – Ferraria, grades, portões de ferro, chaminés, calhas, materiais de construção – de José Maria de Castilho.

Pinto Scarpa e Cia – Fumos em corda, comerciantes.

Oficina Eletro Mecânica – de F. Teodoro e Irmão

Sociedade Madeireira Costa, Mendes e Cia Ltda.

Viúva Guedes e Cia – Telhas Colina, fumo e queijos Colina.

Posto Estrela do Sul – Sousa e Costa.



CERAMICA ITANHANDÚ
Sob a direcção technica do sr. Eugenio Bacci

V. S. vae construir sua casa? – Não vacille na escolha do material a empregar. – Compre as telhas COLLINA de produção da Ceramica Itanhandú, porque são as melhores, mais resistentes, mais leves, fabricadas com o melhor barro e que não filtram agua.

Uma casa coberta com telhas Collina dura 1 seculo

Fabricam-se quaesquer especies de tijolos: comuns, furados, porosos, curha e refractarios

Remettem-se amostras e tabella de preços a quem pedir

ITANHANDÚ - Sul de Minas

Mecânica João Léo – Oficina.

Bar, Café e Sorveteria “Colombo”, de Wilson Oliveira.

Olaria Carneiro, de João Aníbal Carneiro.



Armazém Santa Maria, fumo marca “Colombo”, de H.L. Lovisi.

Fábrica de Banha Costa e França, de Manoel França e José Costa Neto.

Carneiro e Filho – Distribuidores da marca “Carneiro” – Fumos em corda.

José Prota e Cia – Fumos em corda – marca Gercina, Diamante, Dica.

Manoel Miguel – comerciante – exportador de aves e ovos, secos e molhados.

Casa Amazonas, de Cunha e Ribeiro – Fumos em corda.

Adelino Esteves da Fonseca – Carpintaria.

Oficina de Eletricidade – Erich Schuetz.

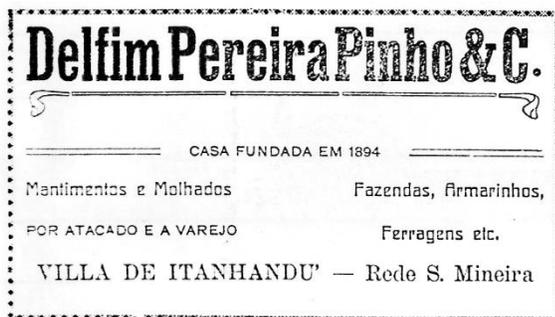
Farmácia Osvaldo, de Osvaldo Scarpa.

Irmãos Kohn – mecânicos.

América Hotel, de José Roberto.

Guedes e Irmão – fumos em corda por atacado. Marca Perfeição e Zanira.

Delfim Pereira Pinho – Secos e Molhados, armarinhos, ferragens, louças, depositários do querosene “Jacaré”.



Companhia Industrial Itanhandu – Serraria, carpintaria, extração de madeiras, brutas e aparelhadas.

J. Figueiredo e Cia – Depósito de aguardente, álcool e fumo em corda.

Marcenaria Central – Fábrica de Móveis.

Esses anúncios, tão numerosos, que se sucedem e os adjetivos ingênuos de alguns e das notas sociais marcam também uma época, onde as gentis senhorinhas aniversariavam, os pimpolhos chegavam e os travessos meninos completavam mais um aninho de existência.

PHARMACIA CARNEIRO
--DE--
Manoel Carneiro Sobrinho
Grande sortimento de drogas
e productos chimicos nacionaes
e estrangeiros.
— Serviço nocturno —
Manipulação esmerada
Itanhandú Minas

Mas temos também os bancos daquela época, o Itajubá e o Banco de Crédito Real. Este era gerenciado pelo Sr. Antônio Barreto Coelho, que aqui viveu por longos anos.

Sua família, numerosa, tinha uma peculiaridade: todos os filhos, ele e a mulher, tinham o nome iniciado pela letra A. Ela era Aimée, as filhas Aurora, Aída, Alfa, Altair e Alice. Os homens eram Átila, Acyr, Almir e Alcino.

Esse Banco só tinha agências nas grandes cidades de Minas Gerais. Mas o movimento financeiro daqui era grande e, pelas inúmeras indústrias, vemos que realmente não progredimos muito em relação ao ano de 1929.

Esses retalhos amarelados que folheio e que me bolem com o íntimo pelas pessoas cujos nomes vou vendo desfilar, me devolvem, junto aos quadrinhos frios dos anúncios, um clima de prosperidade e de força que sempre desejamos ver animando a cidade.



Hoje os jornais trariam mais anunciantes, os Bancos estampariam seus milhões de depósitos, talvez os adjetivos fossem mais sóbrios.

Mas aquele espírito, nas sombras, nos visita por um instante ao manusear as pagadas que ficaram.

E é muito doce...

Mas antes disso há um parágrafo que o acaso me fez acrescentar e que vem enriquecer esse acervo de memórias.

Fazendo uma visita à amiga Guilhermina Moreira Portas, mostrou-me ela vários jornais antigos, guardados por sua mãe, Dona Evangelina, e entre eles a preciosidade maior:

O nosso primeiro jornal foi fundado em 1918 e se chamava “O Democrata”. Seu Redator era Heitor Rodrigues da Fonseca, seu Diretor Secretário era Eurico Guedes, seu primo, que morreu muito cedo, na gripe Espanhola, como ela conta. O Diretor Gerente era Wilson de Oliveira, mas no número 12 já o Diretor era João de Oliveira Filho.

E pasmem, meus caros conterrâneos: este jornal era uma publicação semanal! Ela nos cedeu os números 2, de 10 de março, o 12, de 9 de junho, e o 15, de 7 de julho, todos de 1918.

Dentre os artigos, todos muito bem escritos e interessantes, posso citar. Edital nº 12.

Joaquim Teodoro da Fonseca, Oficial do Registro Civil do Distrito de Itanhandu, Comarca de Pouso Alto, Estado de Minas Gerais.

Faço saber que pretendem casar-se Otílio Maltauro e D. Francisca Maria Vieira. Ele, com 23 anos e 4 meses de idade, solteiro, oficial de pedreiro, brasileiro, natural de Guararema, Estado de São Paulo, residente neste Distrito, filho legítimo de João Maltauro e de D. Clorinda Pozza, também residentes neste distrito.

Ela, com 21 anos e 3 meses de idade, solteira, de profissão doméstica, brasileira, natural de Santana do Capivari, desta Comarca, residente neste Distrito, filha legítima de José Antunes Vieira e de Dona Maria Melonia Ribeiro, também residentes neste Distrito.

Apresentaram os documentos exigidos por lei.

Se alguém tiver conhecimento de existir algum impedimento legal, acuse-o para fins de direito.

E para que chegue ao conhecimento de todos, lavro o presente que será publicado e afixado no lugar de costume e outro de igual teor para ser publicado pela imprensa local “O Democrata”, na forma da lei.

Itanhandu, 4 de junho de 1918.

O Oficial de Registro civil, Joaquim Teodoro da Fonseca.

“Houve manifestação popular pelo regresso do chefe político, Cel. Delfim Pereira Pinho, vindo do Rio de Janeiro, entre sons da ótima banda de música local, dirigida pelos maestros Belmiro e Perroni.

Usou da palavra, dando-lhe as boas vindas o acadêmico Bustamante Costa”.

Heitor Alves fez o dobrado abaixo:

DOBRADO ITANHANDU

Maestro, dê-me a batuta!

Itanhandu, Itamonte, (ex São José do Picu)

Alagoa, Bom Sucesso!

Viva o Coronel Delfim!

O homem chegou de regresso à nossa terra, à sua terra
que lhe abre os braços, carinhosa,
na saudade doida de três meses de ausência.

Chegou igualzinho como era dantes,
ainda mais gordo, maior.

Maestro, um dobrado em sol-maior! (crescendo)

Sereno, calmo, sorridente,

tem o sorriso confiante da vitória

a bonhomia e o humor das almas boas

escondida sob o peso pesado de um corpo gigante

abrigo ainda pequeno para conter, inteiras,

a montanha pétrea de seu caráter rijo

e a integridade de sua palavra de pedra.

(Piano, piano, mais um pouquinho piano...)

Se a calma, a morosidade do gesto muito pensado

às vezes demora a vertigem do progresso

que gosta de correr a 120 a hora

grata seja a calma refletida

que se opõe à precipitação inquieta

quase sempre promotora de atropelos, de injustiças

proibindo a ardência destas horas de fogo.

O calor purifica,

mas gosta de gerar a violência.

Viva a calma do Coronel Delfim!

(Maestro, allegro, allegro, apazzionato!)

Itanhandu, Itamonte (ex-Picu)

Alagoa, Bom sucesso!

Todos abrem os braços e os corações contentes

ao regresso feliz e satisfeito
do nosso chefe querido e valoroso
grande como uma coluna de ferro
de palavra integérrima e honrada.

Nesta hora de incertezas, dúbias de traição e covardia,
(Maestro, um crescendo)

nestas horas tenebrosas que se vendem tudo
- O próprio amor à pátria –
como se fosse um réstea de cebolas fétidas,
benditos sejam os homens de palavra honrada,
firmes como uma montanha de granito.

E nós que ainda não temos monumentos nas praças
viva o nosso MONUMENTO HUMANO,
que a saúde pôs de pé, ainda mais alto e maior.

(O último acorde do dobrado)
Viva o Coronel Delfim!

Poema transcrito de “O Itanhandu”, de 1937.

HENRIQUE BELTRÃO E O NOSSO HINO



Henrique Beltrão

Este hino foi composto numa das inesquecíveis festas em benefício da Santa casa.

Dr. Scarpa trazia amigos do rio de Janeiro, pessoas que, além de abrilhantarem com suas presenças o evento, ainda contribuía monetariamente para o sucesso.

Dentre essas pessoas ilustres que aqui vieram está o Dr. Heitor Beltrão, um homem alto, barrigudo e inteligentíssimo, que veio com a mulher e os filhos.

Usava ele um colete todo abotoado, circundando a volumosa barriga. No alto do nariz um pincenê. Encimando a cabeça, um tufo de cabelos crespos,

caracterizando sua personalíssima imagem.

Seu filho Henrique era moreno, fala mansa e cantante, abraçava nas noites o seu dedicado companheiro, o violão e com ele dedilhava suas composições e belas canções. As moças ficavam à sua volta, enleadas.

Naquelas noites frias, na Barraca Esmeralda, de comestíveis, ficavam, após os banquetes, as mesas postas, onde ficavam as pessoas beliscando salgados, bebendo, cantando, conversando, até altas horas.

Henrique ficou o dono da noite.

Numa delas, chegou com a novidade. Juntou algumas pessoas ao seu redor e, com a magia dos artistas, distribuiu o seu presente, a canção: “Quem não passou no Rio Verde, de noitinha, não sabe como é belo Itanhandu”...

Houve momento da emoção límpida e purificada, os olhos marejaram-se e ele a repetiu incansavelmente.

Itanhandu, o pássaro de pedra, desafio sua rima, mas ele descobriu o nhambu e com ele se arranjou.

Lembro-o a dedilhar a canção, os olhos esverdeados a contemplar a beleza da noite roceira, os gestos de doar, aquela alegria alvissareira que comandava as almas, o gosto de estar, de conviver.

Creio que ele curtiu a alma da cidade, sua pequena grandeza, a força da gente mineira, a ternura da hospitalidade.

Entregou-nos com simplicidade generosa o seu presente, desatou os laços da noite e da poesia e a canção, bela, nasceu vitoriosa.

No outro dia, cedinho, fui para o piano para achar as notas que me cantavam ainda docemente aos ouvidos. Consegui, assim, guardá-la, pois Henrique foi embora no dia seguinte.

Posteriormente o Sr. Raimundo Martins escreveu a melodia. A letra havia sido aprendida na fonte.

Nunca mais o vimos, soubemos de sua morte precoce e lamentamos profundamente que o ceifasse, aquela boêmia alegre, a morenice bonita, o violão ardente, cheio de canções, a inteligência enorme.

Mas a música ficou como um legado seu. É cantada em festas, em comemorações, é tocada nas casas, nos pianos, onde novas vozes a cobrem de ternura, louvando as belezas da terra.

E ela traz ainda o moço a provocar emoção constante, como na magia de sua lira poética.

Venham cantar conosco:

ITANHANDU

Quem não passou no rio Verde de noitinha
não sabe como é belo Itanhandu
Tem sombras debruçadas pela estrada enluarada
tem pombas, tico-tico e tem nhambu.

Quem não rezou junto ao altar mor da Capelinha
não sabe o que é pecar como eu pequei
olhando tanta moça bonitinha
e amando tanta gente como amei...

Mas nunca o meu Brasil foi tão lindo como aqui
aonde canta triste de manhã a juriti
e onde a lua branca é como um símbolo de paz
que vem abençoar Minas Gerais.

Henrique Beltrão

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE

Ela é formada por uma plêiade de pessoas
inteligentes e dedicadas.
Eles não fazem proselitismo de suas crenças
e só nos mostram que um grande ideal lhes mora na alma.
Têm sorrisos bons, claros e felizes, de quem habita
com muita desenvoltura, o clima das alturas.
Pelo pouco que sei, sua formosa doutrina ensina o homem
a conhecer-se e à própria consciência
com abertura de alma e muita sapiência.
Querem despertar as faculdades superiores
para viver bem e aprender a bem viver.
Aí estão para os que querem ver as suas obras:
A Sede, as festas que organizam e a Cultura
que exaltam em todas as suas formas,
patrocinando as artes.
Ilustram de modo muito formoso as suas realidades:
são eventos culturais, movimentos comunitários
e vêm mensalmente à cidade
para as reuniões.
Ajudam os pobres do dispensário e os alunos da FEBEM.
Fazem o Natal das crianças que ficam felizes
com os brinquedos que eles trazem.
Oferecem agora à Prefeitura uma escola
que será por eles mantida e construída.
Eles acreditam que o mundo pode ser melhor
e através da arte melhorar o coração dos homens
pela bondade e a doação pessoal de cada um.
Nessa tranquila e sadia filosofia nos entendemos.
Nós também batalhamos por dias melhores
progresso e ideal, mas acima do ideal, Deus.
E assim, naquela rua modesta
numa Sede também modesta, mas de tão rico significado
eles fazem o seu apostolado por uma vida mais bela.
Espalham sementes de progresso e de bondade
que viçam pela cidade.
Estas linhas que eu escrevo

são frutos dessas sementes.
Eles fizeram um apelo aos itanhanduenses
para que escrevessem a sua história.
Sem muito tempo, escrevi alguns versos
que foram enviados como colaboração.
Era o começo do que agora realizo.
Dessa ideia e desse miolo brotou ânimo para prosseguir no trabalho.
E fui segurar o passado, um pouco do que ficou
nos caminhos da memória.
Salve, amigos da Eubiose.
Demo-nos as mãos e estendamos
esse desejo de melhorar a vida a todas as pessoas
e façamos das nossas um momento de amor
nestas plagas serenas onde o plantamos.

De seu idealizador, Professor José Henrique de Souza, me chega esta
belíssima justificativa, ao mesmo tempo incentivo e lição:

“Graças à pena, possuímos toda a história humana. Por ela, nos fazemos
conscientes e livres. Por ela, eternos são os pensamentos. A ideia é o verbo que
toma carne através da pena...

Nosso amigo não é, propriamente, aquele que nos lê, mas o que medita
no que escrevemos, colocando uma parte leal de nossa alma.

A leitura meditada é o diálogo mudo entre duas almas que em uma se
confundem”.



Prédio da Sociedade Brasileira de Eubiose em Itanhandu

ANTIGAS FARMÁCIAS E FARMACÊUTICOS

Dos primeiros que aqui viveram, foi o Dr. Augusto da Costa Pereira e que deixou, em todas as pessoas que o conheceram, boas e ternas recordações.

Era uma pessoa bondosa, afável e competente.

Fico a me lembrar das farmácias de antigamente, onde quase todos os remédios eram manipulados, quando isso hoje é raridade, e onde havia um cheiro especial de medicamentos.

A farmácia do Sr. Augusto era a “São Vicente de Paulo” e ficava situada na rua Marechal Floriano.

Esse militar foi desalojado e deu nome a outro personagem.

Não existe mais essa rua na cidade. Há aqui desses paradoxos. Quando acham que precisam homenagear alguém, dando-lhe o nome para uma rua, substituem os antigos, pois as ruas são limitadas e assim a homenagem tem sua duração temporária.

Havia também aqui a farmácia Carneiro. Essa ficava numa esquina e já pude dissertar em outra página sobre essa casa e seu dono, que deixou muita memória em nossas mentes.

Outro farmacêutico, morto já há muitos anos era apelidado de Titi. Seu nome era Aristides Andrade.

Era um homem alto e magro, falava muito alto, a voz potente, contava umas histórias saborosas e tinha enorme paciência com seus garotos Guálter e Gualberto. Estava sempre com um deles pela mão. Sua filha se chama Gláucia.

Moravam, ele e sua mulher Ordália, que gostava de um cigarrinho de palha, na rua Fernando Costa.

Lembro-me de que ele morreu numa Semana Santa e, na sexta-feira, quando lá passava a procissão do enterro, ele agonizava.

Como lhes devem ter doído os acordes fúnebres da banda!



Farmácia Carneiro
Geraldo Paiva, José Toledo e Francisco Janúncio

A farmácia São José foi primeiramente de Afonso Morais Ribeiro, depois foi vendida ao Francisco Janúncio, que a dirige até hoje.

A farmácia Osvaldo era propriedade de Osvaldo Scarpa. Era ele filho de Antônio Scarpa e tia Manoelina, irmã de meu avô.

Era ele um rapaz muito elegante, tinha um bigodinho caprichado e usava ternos de linho S120.

Manipulava os seus remédios com delicadeza e, tão corado, parece que vendia saúde também, lá na sua farmácia.

Casou-se com sua prima Alice, mas deixou-a viúva muito cedo, com muitos filhos, morrendo prematuramente em Belo Horizonte, quando passeava em casa de sua filha Dorinha.

Sua farmácia, ampla e confortável, era na rua Sete, hoje Dr. Olavo Gomes Pinto.

Ela já foi de muitos donos e presentemente é seu dono o jovem José Dias.

O tempo nos faz testemunhar as mudanças que vão surgindo na fisionomia da cidade.

E a comparar as antigas farmácias com as de hoje, mais modernas, com seus remédios bem enfileirados, coloridos, as balanças, a perfumaria, tintas de cabelo, etc.

E vemos que tudo fica numa doce atmosfera de trocas. Trocas e comércio, é verdade, mas sempre há poesia na compra da saúde, na ansiedade com que se buscam essas casas necessárias, com a esperança da saúde, o bem mais precioso da vida.

CLUBES DE SERVIÇO

Os mais desavisados podem achar que não são tão importantes para as cidades estes Clubes, com reuniões festivas, encontros, regras particulares, eventos sociais. É que não conhecem o clima de idealismo em que vivem, onde a principal meta de todas as reuniões é a de servir à Comunidade.

Por causa disso fazem planos, se reúnem em jantares, discutem, trabalham.

Assim podemos assinalar, em Itanhandu, a criação destes dois clubes, O Rotary e o Lyons, que vêm desempenhando serviços em prol da cidade.

O Rotary Clube foi fundado em maio de 1967, tendo sido o primeiro Presidente-fundador o Dr. Rubens Nilo, com uma plêiade de companheiros entusiastas como ele, que fizeram parte desde a primeira hora.

Muitos deles ainda estão em suas fileiras, outros morreram, outros se desligaram.

Sempre que se empolga por uma ideia, Rubens não mede sacrifícios para levá-la avante. Assim é que, nos ideais de Rotary, chegou a ser Governador do Distrito em 1981/1982.

Desde que aqui veio um dia o Sr. Henrique Ensá, nosso prezado amigo da cidade vizinha de São Lourenço, com uma boina preta característica na cabeça, numa noite de frio, por intermédio de Júlio dos Santos, também um rotariano da melhor cepa, para divulgar as ideias de Rotary e aqui fundarem um Clube, que esta ideia medrou.

Rubens foi congregando amigos, partilhando momentos, conseguindo os necessários adeptos, e, num belo almoço de conagração, em maio de 1967, no Clube de Itanhandu, com os sócios, suas famílias e convidados, foi fundado o Rotary Clube de Itanhandu.

A Carta Constitutiva foi recebida do Governador Cunha Pontes, num almoço comemorativo em 13 de agosto de 1967.

O Lyons Clube foi fundado em 25 de agosto de 1978, tendo sido seu primeiro Presidente-fundador o Sr. Omir Monteiro de Castro.

Também vem este Clube oferecendo seus serviços à Comunidade e pretendendo construir uma Creche, uma das nossas maiores necessidades no momento.

Desse agrupamento de homens que se unem, desinteressadamente, para trabalhar pelas necessidades das comunidades, se podem e se devem esperar só grandes benefícios.

E é com alegria que trilhamos esse caminho, o do trabalho comunitário, em Rotary e Lyons, porque cremos que é nosso dever participar, com entusiasmo e coragem, dos movimentos voltados para o bem.

Fez parte da fundação, desde o primeiro momento, Benedito Lázaro Ribeiro.

Este valoroso homem, empolgado pelo sentimento comunitário de SERVIR, pelo qual pautou toda a sua vida, abraçou mais esta oportunidade com a grandeza de sua alma.

Sem medir sacrifícios, como sempre o fez, começou a sonhar a construção de uma creche, pela qual a cidade tanto anseia e foram iniciadas campanhas para a sua realização, ainda não concretizada, todavia.

Mas é o Bibi, como carinhosamente é chamado, credor de tantas memoráveis batalhas, de tantas obras já construídas pela sua tenacidade e arte, que o agradecimento da cidade é unísono e cheio de profunda admiração.

Não só em trabalhos arquitetônicos, mas em doação pessoal, em ânimo e entusiasmo, em dignidade na ocupação de cargos públicos e em todos os outros que lhe couberam na numerosa corrente de trabalhos pela comunidade, merece ele a mais calorosa homenagem da cidade.

Em Lyons chegou a ser Vice-Governador, mais um encargo que ele engrandeceu.

Se trago essas lembranças é porque ouvimos, às vezes, desairosas opiniões sobre essas instituições.

Muitas vezes a falta de informações mascara verdades e intenções.

Assim, julgo oportuno semear nestas páginas as sementes de boa vontade que certos homens plantam para que germinem nas gerações futuras.



FUNCIONÁRIOS

Grandes pessoas viveram aqui, trabalhando com os itanhanduenses pelo engrandecimento da terra.

É quase impossível citar todos, nos diversos locais de trabalho, como repartições públicas, bancos e outras atividades.

Todavia, chegou-me às mãos o primeiro livro de funcionários do fórum local e será interessante enumerá-los, creio.

O livro é iniciado em 11 de abril de 1936, sob a rubrica de Joaquim Teodoro da Fonseca, então Juiz de Paz e que vem a exercer o cargo de Juiz Municipal, apenas por alguns meses, quando é então nomeado o Dr. Manoel da Silva Costa.

Para o cargo de Escrivão do 1º Ofício é nomeado o Sr. Aluísio Lopes. O Sr. Sebastião Mafra presta o seu compromisso como Escrivão do Crime e Execuções Fiscais.

Também é nomeado Escrivão o Sr. Álvaro Cunha, em 1936.

No dia 14 de abril de 1936, o Sr. Pedro Rodrigues Pereira é designado para o cargo de Oficial de Justiça.

Para Adjunto de Promotor é nomeado o Sr. Ignácio Bustamante Neto. Em 1936, Sr. Jocelino de Araújo é designado Contador e Partidor. No dia 20 de fevereiro de 1937 é nomeado Escrivão de Paz o Sr. Hercílio Cunha. No mesmo ano, em 4 de março, o Sr. Antônio Sebastião de Araújo é nomeado Oficial de Justiça.

Em 18 de maio de 1939, o Sr. José Benedito Laurelli é levado a ocupar o cargo de Porteiro Zelador do Fórum.

Em 20 de maio de 1947, o Dr. José Perroni Scarpa é nomeado Adjunto de Promotor de Justiça.

Em 11 de outubro de 1950, a Senhorita Isaura Pinho de Almeida é empossada no cargo de Tabeliã do 1º Ofício.

Estas ocorrências pude apurá-las num dos livros cedidos por ela, consignando algumas das nomeações iniciais da Comarca.

Entre os vários funcionários que aqui atuaram, alguns fincaram realmente raízes na cidade, não só pelo tempo de permanência, mas pelos laços de família e de amizade que aqui deixaram.

Posso citar o Sr. Leônidas Turri, que aqui exerceu o cargo de Coletor da Receita Federal, tendo morado aqui por uns seis anos, mas, residindo na vizinha cidade de Baependi, nos visitava sempre que possível, bem assim como seus filhos, nossos prezados amigos até hoje.

Sua filha Virgínia tornou-se sogra de meu querido irmão, Paulo Délcio, que se casou com Maria do Carmo, nossa caríssima cunhada.

O Sr. Leônidas era casado com D. Angelina, que com seus fagueiros 80 anos, ainda reside em Baependi, assim como sua numerosa família. Seu filho Francisco, advogado que milita no Fórum daquela cidade, está sempre entre nós.

D. Angelina é irmã de D. Luísa Altomare Poppa, casada com o saudoso Sr. Pascoal Poppa, fabricante de Fumo, Queijos, etc., que aqui morou por muitos anos e depois mudou-se para São Paulo, onde faleceu há vários anos.

Neste precioso livro vejo também informações interessantes, como a naturalização de vários amigos, nos idos de 1940.

Em 6 de agosto de 1945 vimos registrada a naturalização de cidadão brasileiro ao belga Dr. René Joseph Charlier.

Em 6 de agosto de 1947 a naturalização do cidadão Pascoal Poppa, italiano.

Em 6 de outubro de 1947 a naturalização brasileira do cidadão romeno Dr. José Stephan.

Sei que muito teria a dizer, folheando estes documentos, sobre tantas pessoas maravilhosas que aqui viveram, mas o espaço é curto para todos os amigos que aqui deixaram sua marca e, por intermédio de uma homenagem, a todos endereço um agradecimento e o meu louvor pelo que nos trouxeram de exemplos e de amizade.

CIDADE

Intermitente, destemerosa
a cidade transgride as leis do tempo
e permanece à tona de uma integridade
ingênua, virgem, concreta
imune à idade, resoluta
na sua eterna mocidade.

Escrava da noite e do solo
não se subjuga, altaneira
e nem se entrega inteiramente
roçam-lhe a superfície somente
sem lhe penetrar a alma.

Sacode braços inquisitivos
imersa num paradoxo
de ser berço e túmulo
e não se deixar prender
em armadilhas precisas e inúteis.
Suspende lâminas de insanidade
e algemas compulsórias
conta histórias, sustenta
que o homem é a parte mais nobre
de seu destino pobre.

Mas alcança brados antigos
em coragens bandeirantes
e faz do próximo minuto
um longo hino de amor.

Então, regride no tempo
vem de longes auroras
impregnadas de múltiplas escunas
que atravessam mares conflitantes
e vorazes.
Engole corações como um dragão
que viesse à tona para se abastecer.

Mas a linha do horizonte
é um rosário de jacintos
que se abrem para o amor.
Amanhece e os cavaleiros da noite
se abismam num espetáculo perene.
A cidade é um grande amplexo
odisseia de eras e de homens.



Itanhandu
Vista panorâmica
1933

AVICULTURA



Rubens Nilo ao centro e Cyro Scarpa à direita, de costas, com técnicos em avicultura no início da década de 1960

Quando lemos os antigos jornais, muito nos contam eles da vida econômica do município.

Vemos muitas indústrias, laticínios, pecuária, agricultura, fábricas, pequenas e grandes, mas não se falava em avicultura.

É que esta veio na década de 50, criada pelos incentivos de Rubens Nilo e Cyro Baptista Scarpa, nosso cunhado.

Rubens de tal modo se empolgou pela avicultura que fez dois cursos de especialização avícola, nos Estados Unidos, um deles de 60 dias de duração, sobre manejo, comercialização, organização, balanceamento de rações, etc.

Quando nos mudamos para o Sítio, onde moramos atualmente, Pe. Gorgulino Garcia, um padre muito santo e amigo que morreu aos 32 anos, vitimado por insidiosa doença, visitou-nos uma tarde.

Olhando a cidade, sua serra, seus verdes ondulantes, a curva do rio, que se vê lá de cima, o céu amplo e sereno, disse: “É o Sétimo Céu!”

Havia ali um galinheiro com 50 galinhas New Hampshire, vermelhas e grandes, adquiridas da Granja Paraíso, em Resende.

Um dia reunimos toda a família para um almoço. Chega o Inácio, nosso administrador, com a cesta cheia de ovos e diz:

- “Quarenta e sete ovos, comadre!”

Nesse tempo, a gerente do galinheiro era eu.

- “Com apenas 50 galinhas?”, disse o Cyro, já fazendo os seus cálculos, como sempre fazia, de despesas, receitas, etc.

- “Mas é um ótimo negócio”, concluiu.

Daí para a organização de uma sociedade, ampliação e nova animação não foi mais que um pulo e então começou a avicultura em Itanhandu. Mandaram buscar mil galinhas, construíram os galpões, etc.

Pessoas pessimistas diziam:

- “Bicho de bico não deixa ninguém rico!”

Rubens e Cyro, escolhido o nome de “Sétimo Céu”, iniciaram a Granja. E o entusiasmo desceu da colina e outras granjas foram surgindo e terminaram fundando uma cooperativa.

Aconteceu em Itanhandu uma avicultura talvez ímpar no mundo: a de fundo de quintal!

Não galinheiros para 20, 30, ou 50 galinhas, mas galpões com 500 e até 1000 aves!

Uma vez foi feito um censo avícola na cidade e num só quarteirão havia 15.000 galinhas!

Os cursos promovidos pela Granja Sétimo Céu atraíram interessados de toda a região, desde Passa Quatro até a divisa de Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Essa expansão se notabilizou por muitas cidades e Itanhandu chegou a ser o maior município avícola do Estado.

As granjas modelos foram notícias em revistas e jornais, até mesmo no exterior, como uma reportagem sobre a Sétimo Céu, publicada nos Estados Unidos.

Técnicos afamados, como John Quisenberry, da Texas A&M University, Dr. Haroldo Vasconcelos e outros visitaram mais de uma vez as nossas instalações, e Dr. Haroldo projetou a nova sede da Granja Sétimo Céu, modelo ETA, na estrada do Jardim.

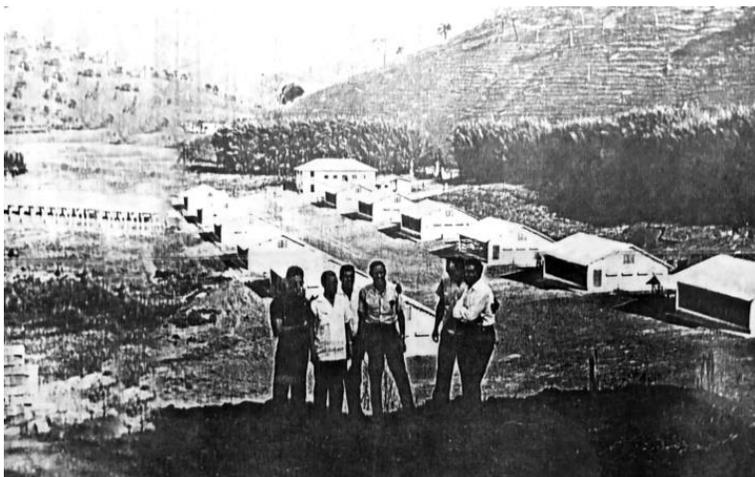
Como era previsto, a avicultura de quintal e as granjas menores foram absorvidas pelas dificuldades que foram surgindo sobre comercialização, preço de ração, custos, etc. e ficaram as maiores, dentre as quais citaremos: a Dois Irmãos, de Antônio José e Fabiano Pinto, a Granja São José, de José Dias, a Três Irmãos, de Orlando Scarpa, a São Braz, de Luís Clovis Braz Scarpa, a Santa Marta, de Pedro Pinto Scarpa e Raul Costa Pinto, a Salento, de João Batista Cunha Scarpa, a da Fazenda Jardim, etc.

Em Itamonte e Passa Quatro as maiores são as de Oswaldo Gonçalves e a de Ney Romanelli, que foram contaminadas pelo entusiasmo nascido nesta cidade e até hoje permanecem na ativa.

Outras granjas, como a de Hélio Raimundo, Nicola Granato e Delfim, apesar de bem organizadas, foram desativadas.

A Sétimo Céu possuiu também uma fábrica de ração, que foi alugada para a Cargill. Posteriormente foi vendida para a Central Soya e hoje é seu proprietário o Sr. José Teixeira Miranda, dono da Guabi.

As grandes granjas atuais têm algo em torno de 100.000 aves e mantêm uma exportação de mais de 1.550.000 ovos mensalmente, representando trabalho para quase 200 pessoas.



Rubens Nilo, Cyro Scarpa e técnicos brasileiros e americanos, tendo ao fundo os galpões da Granja Sétimo Céu recém-construídos
Início da década de 1960

A Granja Sétimo Céu foi iniciada por Rubens e Cyro em 1953, na Granja SUENAN, na Vila Carneiro.

Mais tarde eles adquiriram um terreno na Estrada do Jardim.

Anos antes, outro sócio entrou para a sociedade, Sílvio de Almeida Filho, nome sugerido por mim, pois os outros sócios tinham pouco tempo disponível para o negócio, que aumentava sempre.

Assim criaram a firma Comércio e Indústria Sétimo Céu, construíram a Fábrica de Rações, Fábrica de Implementos Avícolas, Fábrica de Gaiolas, etc.

Durante muitos anos a sociedade se expandiu, depois houve vários contratemplos, crises, etc.

Infelizmente, para grande tristeza nossa e de toda família, Cyro foi perdendo a saúde e aos poucos se afastando das atividades.

Faleceu em 1976, numa idade em que ainda poderia dar muito de si, não só à família como à comunidade.

Com sua morte, foi a sociedade desfeita.

Nós ficamos com a Granja, propriamente dita, e logo fizemos sociedade com José Carlos.

Mas hoje quem está na Gerência e se desincumbe muito bem da tarefa é o Cláudio Rubens, nosso filho caçula.

E nos anais da avicultura de Itanhandu estão aí, em linhas gerais, os nomes pioneiros e os acontecimentos relatados.

E porque já me alongo, fico por aqui, com esta história de força de vontade, de fé e de raça.

“ELECTRICA” – INICIADA EM MAIO DE 1927

Me afundo nestes versos. A revista “Electrica” está toda aqui.

Seus colaboradores: Heitor Alves, Ribeiro Couto, Guimarães Menegale Alberto Deodato, Pizarro Loureiro, José Aguiar Dias, José Pinto Rennó, quanta gente famosa, que continuou semeando versos e palavras pela vida.

“Oh! A tristeza da estação com os buracos negros da distância em cada extremo da plataforma!

As pequeninas luzes vermelhas velam o sono das coisas como varíolas de sangue na treva” – Ribeiro Couto.

Esses versos estão no livro “Província”.

É um dos talentos mais ecléticos da moderna geração, diz a revista.

“No terreiro da fazenda a orgia da garotada cresce aos beijos irônicos das bombas barulhentas...

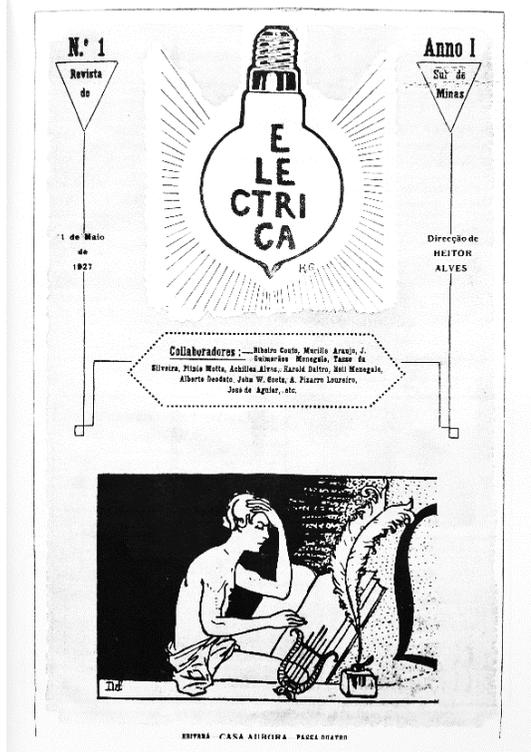
E à noite, a rola na mata negra, meiga, surpresa:

“O fogo apagou... o fogo apagou...” -Bustamante Costa.

E o tempo tudo apagou, Dr. Bustamante,

os nossos passos na areia, o grito da rola-pomba nos bambuais do céu...

“Meu poema tem a cor do sol
o perfume do mato verde
e tine na alma



com o som estridente
das cigarras ao meio dia.
As luzes de meu passado colorido
um beijo, bem sincronizado
de minha alma criança de ex-aluno desta casa” ... Wilson Carvalho.
E ainda de cores, Dr. Wilson, deve estar sua alma forrada,
nas cores da saudade, recheada de roxas margaridas...

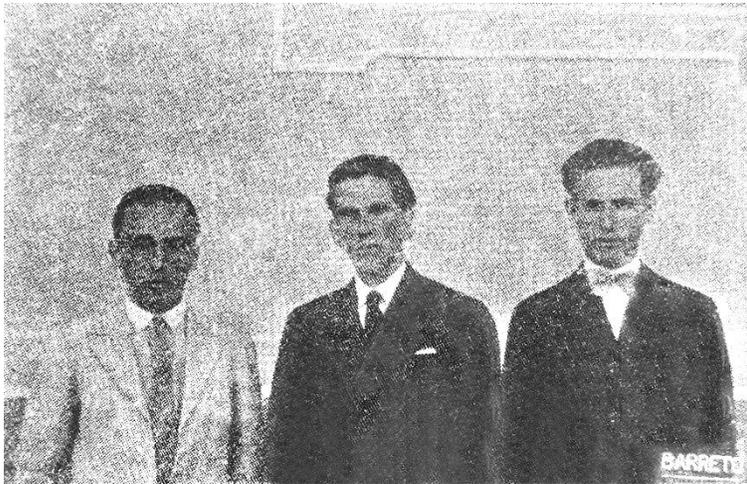
“Cantar, cantar muito
cantando a vida passa
em suaves melodias...
Vamos viver na vida
cantar nos Rithmos
ouvir os sinos de bronze
de Heitor Alves...”
Assim dizia, em seus incipientes versos, o menino Dantas Motta.
“Aí, continuava ele, poeira rubra de lembrança
que se infiltra num tubo de ensaio
dando as reações de uma criança...”

“O destino dos poetas é como o destino das rosas...”
vaticinavam eles naquelas páginas...
“Vivem na glória de um dia
morrem na glória de outro...”

E ali vai a procissão de poetas ainda recentes, pois o que é a memória?
É um elo que nos amarra uns aos outros com tênues laços de palavras...
Aqui vai a procissão, puxando-a o velho mestre José da Costa Brito.
Vai enfeitada de latim, as folhas dos exercícios, o amassado das mãos
e os rabiscos das madrugadas
a inspiração sofrida, malhada, fagueira, procurada...
Vai a procissão pela cidade olhando as ruas
estes passos, esta poeira do tempo, os ares.
eis que as palavras voltam, frescas, banhadas por uma luz nova
eis que os meninos chegam com suas palavrinhas meninas nas mãos
e refazem ramalhetes eternos.
Eis que os corpos revivem nas mortalhas da poesia
eles rebrilham nos sóis que chegam em alvoreceres misteriosos.

Eles revolvem as terras do coração
e plantam de novo sonhos e mensagens.
Voltam aos seus mundos silenciosos
e voltam altivos, os poetas distribuíram ouro
que, na calada das noites, buscavam em suas cavernas sofridas
e, à luz das velas, pingavam cera e ilusões nas almas jovens.
Eis a palavra, amada dama, pela qual lutavam destemidos
ei-los, no côncavo destas montanhas sentinelas
a desfilar ainda o mel doce das comunicações.

Ei-los redivivos, numa aura de salutar vivência,
distribuindo ainda seus dons divinos.
O poeta participa por um momento da criação
e chora...



Diretores da Revista Electrica
Jorge Mello Pinto, Heitor Alves e José Pinto Rennó

POETAS AINDA

Ao falar do Ginásio Sul Mineiro, não posso omitir Dantas Motta. Não foi ele itanhanduense de nascimento, pois nasceu na vila de Carvalhos, distrito de Aiuruoca, em 23 de março de 1913.

Mas neste Ginásio floresceu sua poesia. Aqui estudou e publicou seu primeiro livro de poesia: “Surupango”, em 1932.

Na ocasião, disse dele Heitor Alves:

“Dantas Motta é um menino de voz grossa que faz poemas de Mato Grosso...”

Debaixo das asas paternas de Professor Brito, agasalhou sua vocação precoce. Ele foi uma das estrelas da constelação de poetas que aqui vicejaram”.

Saudade daquela voz amiga, dizendo:

“Na planície me sinto triste

Na montanha me sinto alegre”

Ou dizendo no Noturno de Belo Horizonte:

“Uma lua muito calma desce do Rola-moça e se deita, magoada, sobre os jardins da Praça”.

Diz Carlos Drummond de Andrade:

“Ora, não custa imaginar que a terra foi governada por poetas. Cada país tinha o seu. Um continente como o Brasil, pela diversidade de áreas econômicas e psicológicas...etc.

- O poeta de Minas?

- Dantas Motta.

Ninguém como ele cantou Minas com tanta força, tanta dor, tanta malícia. Mergulhou na alma do campo, escavou pedras com as mãos preciosas, desencavou das minas de ferro e carvão seus soluços, cantou o som cavernoso das escuridões, os rios da fertilidade, os casarões solitários das fazendas, descobriu pegadas bandeirantes, dignificou o grande silêncio rural destas montanhas”.

Emprestou seu verso, na voz humilde do roceiro:

“Entregava ao fazendeiro o ramo da arrematação.



José Franklin Massena de Dantas Motta

Voltei triste para a casa que não era minha mais não”. Andou por aqui, tantas vezes, o nosso triste poeta, dizendo:

... “desse mundo não sou. E nem lhe temo a noite”.

Ainda Drummond diz:

“Dantas, intérprete da dor social, cantor da ruína do ouro satírico das perversões da política, rapsodo de Tiradentes à luz do que veio depois de Tiradentes. De caligrafia difícil, de coração fácil...

Deixou um rastro luminoso de poesia e saudade. Um lugar vago que não será preenchido, pois gênios só aparecem de vez em quando.

Revejo-o terno e amigo, sofrido com as injustiças, as desigualdades, as tolas vaidades, esse homem que soube ser grande e tornar grandes os seus passos, desde a adolescência, passada humildemente nesse Ginásio de roça.

Seu primeiro livro foi dedicado ao Prof. Brito, com a seguinte dedicatória:

“A José da Costa Brito, alma altiva das montanhas, meu amigo, meu mestre de português, é dedicado esse sorriso do mato, “O Surupango” sincero das almas simples”.

Outras obras suas:

Planície dos Mortos, 1945

Elegias do País das Gerais, 1946

Anjo de Capote, 1953

Epístola de Joaquim José da Silva Xavier aos ladrões ricos, 1954

Epístola de São Francisco para os que vivem sob a sua jurisdição, 1955.

Continuando a falar sobre os poetas, através de nossos jornais antigos sendo descobertos, vejo aqui, numa página de 1928, uma poesia do Dr. Arlindo Scarpa:

A vida...

“Felicidade... talvez ninguém
a felicidade é um sino
um badalar tristonho, ao longe...
Quase nada se ouve.
Um louco anseio de ser feliz.
e no mundo dos sons o único feliz é o sino.
A felicidade...”

E José da Costa Pinto nos
brinda com o seu Lamento
do Rio Verde:

“Defluindo a água langorosamente



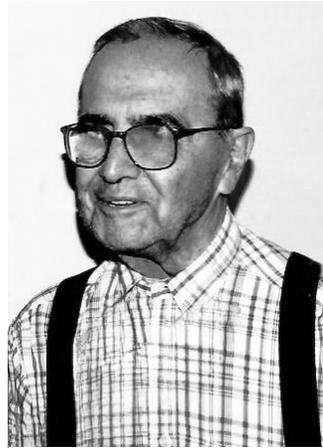
Arlindo Perroni Scarpa

num murmúrio suave e apaixonado
canta sentida endecha eternamente
saudosa de seu berço idolatrado.

Abraçando outras línguas docemente
no seu curso perpétuo e dilatado
revela às suas irmãs em tom plangente
a causa do lamento amargurado.

Canto triste porque saudades tenho
da esmeraldina fonte donde venho
em Itanhandu, minha terra natal.

Somente ali sou pura, verde e bela
o verde suntuoso que revela
a esperança divina e triunfal”.



José da Costa Pinto

Há muitos outros poetas nestes jornais, entre eles um que morreu muito cedo, Wilson Bustamante. Foi ele um ótimo colega, era inspetor de alunos e sua pena mágica vagueia pelas páginas sensíveis e jovens, onde ele imprimiu a marca de sua inspiração:

Retrato

“No espelho de um lago muito azul
uma garça espargiu o luar
de suas lindas asas desdobradas.

Depois se elevou na amplidão
como um floco de neve,
e ficou brincando na superfície das águas
a monotonia das ondas despertadas pelo suave impulso
de seus róseos pés.

Era o primeiro sonho da mocidade
que se perdia no infinito da vida...”

Outro poeta da terra, José Perroni Scarpa, faz uma saudação em versos ao professor Brito:
“Amanheceu corado e cheio de vida o 5 de julho.
A folhinha lá de casa pintou os lábios de carmim
- era feriado.
Faz anos hoje o mestre amigo, o pai
- educador professor Brito.
Um abraço entre o rosário de felicidades
foi o presente mais complexo que vos dei.
Aceitastes, bondoso mestre,
foi o presente mais bonito que me oferecestes...”



José Perroni Scarpa

O Ginásio teve alunos muito brilhantes, não só na poesia, mas no jornalismo e outros misteres, que levaram o bom nome deste torrão pelo Brasil afora.

Entre eles citaremos José de Aguiar Dias, grande jurista, expoente máximo da Magistratura no país, com numerosas obras jurídicas e, no Rio de Janeiro, onde mora, seu nome é um dos mais acatados nas searas jurídicas.

Ele também, numa lírica saudade, evoca sua juventude e seus primeiros estudos neste Ginásio. A figura do mestre, Professor Brito, é um dos esteios de sua cultura afamada.

A ele a nossa homenagem simples, em linhas despreziosas.

Outros brilhantes poetas e romancistas passaram por aqui. Entre eles, o grande romancista Macedo Miranda, cuja obra numerosa enriquece a literatura brasileira.

Também ele retornou para as festas cinquentenárias. Na dimensão de sua estatura literária, volveu ao prédio antigo, com aquela sensibilidade que o caracterizava e aquela grandeza que o trazia preso a nós, nas dedicatórias comovidas, nas lembranças mais ternas. Infelizmente o perdemos muito cedo, privando-nos de outros magníficos livros, na marca inconfundível de sua inteligência.

Também tivemos os poetas Wilson Carvalho, Oscar Noronha, José Mendes Bustamante, Hélio Sarmiento, tantos, tantos outros escritores e inteligências lúcidas e brilhantes que iniciaram o seu caminho nestas searas literárias.

Professores deixaram o rastro de sua luminosa trajetória, em livros, artigos, jornalismo, como Dr. Alberto Deodato, Ribeiro Couto, Júlio dos Santos, Pizarro Loureiro, Heitor Alves, etc.

Não me posso estender muito pela obra de cada um deles, pois as memórias da cidade exigem síntese e brevidade.

Mas falaremos agora um pouco mais de Adalberto Pizarro Loureiro, pois foi ele o fundador de nosso primeiro jornal, “O Itanhandu”. Seu nome brilhante, ainda hoje nas lides jornalísticas, honra a nossa terra com sua presença esporádica, mas com seu carinho atento a todas as nossas ocorrências editoriais.

Sempre um incentivador, um dos baluartes literários, em seu tempo, neste Ginásio, dele posso ver, escrito em 1926, num artigo:

“Pizarro Loureiro é um dos mais constantes e ilustres colaboradores nossos. Falar de seus predicados morais e de seu valor literário é dispensável, porque todos sabem que é senhor de lúcida inteligência, coração generoso, alma de poeta, que sabe cantar os aspectos musicais da vida.

Dentro em breve sairá um livro de sua autoria, intitulado “Catedral Silenciosa”, que provará a todos os o seu valor”.

Tenho em mãos esse livro amarelado pelo tempo. É um belo livro de poemas que já revelava, realmente, o brilhante poeta.

Já na primeira página, a amostra reveladora:

“A saudade é filha do silêncio.
E é por isso, caminheiro,
que minha Catedral é silenciosa.
Se nela, porventura, algum rumor,
em uma cortesia dolorosa,
te saudar, viageiro,
não te espantes,
é a voz do silêncio.”

Ou:

“Hora saudosa em que se está de joelhos,
na evocação de tristes evangelhos.
A lua é um estilhaço de vitral.
E as estrelas longínquas são os velhos
escombros de dourada Catedral”.

Ele é Diretor do jornal “A Voz de Portugal”.

Em nossos jornais antigos podemos encontrar, já de sua mocidade, artigos de muita sapiência, alentadoras lições de vida, de gramática, de literatura.

Naquela época, onde o único Ginásio equiparado ao Pedro II era o nosso, o grande Ginásio Sul Mineiro, tivemos grandes e ilustres professores.

Deixaram-nos, nas gerações de alunos e na memória da cidade, a marca de sua passagem luminosa.

O RIO VERDE



Espaçoso como um tapete
Verde como um grito.
Luxurioso como um pecado.
Refrescante como um oásis.
Era assim o nosso rio, quando o mirávamos
com olhos cheios de infância.
Piqueniques caprichosos, cestas cheirosas com frango e farofa.
Pés ansiosos, nas rendas espumosas.
Guaranás gelados na água.

Rio bravo nas enchentes, espantando ribeirinhos moradores
Repica o sino na Matriz, é madrugada:
Corre, corre, gente! A água vem chegando...
E o rio ronca feio, corre apressado, derruba tudo à sua frente
entra sem convite nas casas pobres, carrega fogão e trempes,
e os colchões se encharcaram e se perdem com as lágrimas.
E o povo acorre com roupas e mantimentos
olha por um momento a precisão
depois esquece e volta às suas casas aquecidas
e espera as penas do ano que vem...
Pela altura dos Figueiredo, os rios se encontram
É o Passa Quatro, amarelo e o rio Verde, tão verde!
É um abraço comovido, miniatura do Negro com o Solimões.

Por um momento correm juntos, dois irmãos, verde e amarelo.
Depois se misturam, comovidos, engrossam a corrente
e fogem fagueiros para Pouso Alto,
vão contando histórias, murmurando lembranças
enlaçados, depois desse casamento completo
com papel passado em cartório e o nome rebatizado: Rio Verde.
Deixaram, os dois, a Mantiqueira, e se vão em busca do mar
que este é o destino dos rios...
Mas ficam por aqui ainda e sempre
dessedentam os passantes, esfriam os pés moleques
correm sob as pontes passageiras
contam histórias acontecidas,
velam o sono dos que ali se amortalharam
vestem-se de suas cores primitivas
e dão lições de eternidade e paciência...

De vez em quando sulcam-lhes o fundo
para que, eretos, fluam mais obedientes
e não tragam mais enchentes
que judiam dos habitantes.
E as dragas agem, sorrateiras
e as crianças, tardes inteiras, olham o trabalho
dessas vagarosas obreiras.
Tiram os entulhos lá do fundo
e vêm peixes sonolentos e distraídos
que espreguiçam nas margens.
Vêm galhadas, armadilhas, e tanto limo
os rios ficam clarinhos, correm ainda mais depressa
nessa corrida que não cessa
enquanto houver vida e precisão.
E a chuva quando chega é desdenhada
pois a lida caprichada
deve evitar calamidade.
Mas qual, com ela ninguém pode
e já canta a cidade
o sino chamando à caridade:
Blim-blon, tragam, tragam pão!
A água entrou pelas portas e arrasou o barracão,
judiação!

RETRATO



O fotógrafo, que se chamava retratista, é José Ribeiro Costa ajeita a máquina onde íamos ver um passarinho saindo da redonda lente. O homem enfiava a cabeça num pano preto, fantasmagórico, e segurava entre os dedos um fio, com um pino na ponta, aprontando-se para o apertar e segurar o mágico momento.

- Olhem o passarinho!

Nilda está com o ar sério, de quem desdenha o ser alado. Olha além de si mesma, distante, pensativa, loura. Seu vestido é xadrez, tem dois laços amarelos nos ombros e do bracinho gordo pende uma pulseirinha. Ela olha o futuro

que vai sair daquela máquina com uma segura confiança.

Seu José Ribeiro só arranjou uma cadeira. Nela acomodamo-nos os três: Nilda, Delfim e eu. Faltou lugar, sobrou criança.

Ele, então, ajeita no chão certa malinha e ordena à Laís que se sente. Ao seu lado, acomoda-se, por conta própria, a cadelinha Gabi.

Esta nos forneceu uma das primeiras e fundas dores, pois teve raiva e precisaram matá-la.

Ela também resiste ao tempo, está ali, fiel, tomando conta de nossa infância, eternizada pelo mágico poder de José Ribeiro.

Delfim, acomodado entre nós duas, veste um pimpão de cambraia de linho, cabelinho louro, penteado de lado, meias e sapatos vermelhos. As mãos fazem que seguram alguma coisa, mas pairam no ar suspensas por um fio invisível, eternizadas no gesto.

Laís descansa a mãozinha aflita no colo. Tem um vestido leve, era rosa e uma correntinha no pescoço.

Vejo minha mãe, pondo-me também um colar, enfeitando-nos para o momento.

Láís tem o cabelinho curto, um redemoinho na testa. Por isso o avô apelidou-a de Testinha.

Eu cruzo as pernas, mostro o sapato claro, que com certeza me encantava. Olho para o lado, vaga. O cabelo jeitoso se enrola dos lados. Apoio Delfim, protejo-o.

Olho o colar de contas de vidro. Hesse a iniciar-me no seu jogo. E vestida de rosa.

Éramos ainda quatro interrogações.

As crianças já trazem na pele os mapas de seus destinos.

O tempo, de surpresa em surpresa, vai desvendando as linhas.

Ali estamos nós, há uma imprevista e singela beleza aureolando aquele instante que já vai amarelecendo.

Ali estamos nós, a infância espreira, caminhos trançados e nebulosos, ingênua expectativa.

Há grandes laços armados, armadilhas insuspeitas a que estamos expostos, o bem e o mal disputam o seu quinhão, as vozes vão abrindo o mundo. Mas o amor não é uma redoma.

Hoje os destinos estão quase prontos, faltando uns últimos retoques e se inscrevem naqueles rostos com as marcas fundas que a vida faz. Esta sofreu suas dores, outra deu-se em tantos carinhos, esta recolhe poesia no ar e deposita-as em suas cestas, faz suas provisões imaginárias.

Este segue os passos antepassados, tem gosto em política, dá-se aos doentes, aos amigos.

Aquela teve um bom companheiro, hoje vive de saudades. Regateou, com tanta garra, mais um tempo de felicidade, lutou com a morte, perdeu.

Esta se dividiu com os sobrinhos, com os pais, numa dedicada trajetória, depois construiu seu próprio lar.

Aquela marca seu tempo, noites indormidas, pelejas.

Esta, como um desafio, agarra o tempo, prende-o como borboletas espetadas em palavras, numa estranha coleção de formas, cores, lembranças, poeiras, distâncias.

A mãe e o pai certamente estarão por trás de tudo, naquele retrato, olhando com ternura e deslumbramento as suas crianças, que ainda estarão eternizadas em seus corações perdidos.

Olho o retrato: aqueles rostos se refletem nos espelhos presentes com certa ternura triste e imóvel.

Aqui estão aquelas crianças, protegidas da velhice, decrepitude, males, desgastes.

Façamos de conta que não houve decepções, mágoas, lágrimas, que ali estamos incólumes.

Não, ali não somos nós, são esboços apenas que não se completaram, o meu companheiro corajoso, que me segura os sonhos, me garante que aquela face se vem reproduzindo no amor.

Mas essa pálida ternura que nos envolve nos garante também que o ciclo de vida, com seus mistérios, nos chama de novo ao ontem, tão longe, para a evidência de um testemunho de amor.

VIDA

Eles envelhecem depressa e o desejo de viver não perturbava as conversas.

A vida era a toalha cheia de migalhas que se refazia em cada refeição, eram os comensais.

E no ritual dos dias ia fazendo a minha provisão de afeto.

Sabia que a cozinheira tinha as mãos repletas de milagres culinários e ela os elaborava com seus traços fundos, seus gestos repetidos e ia compondo a história da família, como se escrevesse uma cartilha para as crianças.

O avô reunia todos ao seu redor.

E a voz ressoava por todas as almas aflitas, nos seus recessos medrosos.

Mas ele sorria dos netos, embora lhes negasse as arcas abertas, no cheiro de mistério que era um dos encantos da infância.

Ralava as palavras devagar, e elas passavam roçando pela dentadura, com o risco nervoso de sua personalidade.

As sombras dos mortos enchiam os quartos.

E os personagens que surgiam dos serões iam dormir embaixo de meu travesseiro.

As narrativas se sucediam e, imersos em fundas lágrimas, desenterravam o sofrimento para exhibir a sua dor velha.

E ficavam desatentos ao nosso medo.

Para testar a necessidade de uma infância com o termômetro infalível de outras vidas, as que foram sustadas.

E esse clima de mistério ia formando a sua camada sobrenatural sobre os verdes anos, num paradoxo de amor.

Em nossas brincadeiras partilhadas, subitamente essas sombras chegavam e nos ofuscávamos de tanta reponsabilidade, a de sofrer sem saber como começar.

Fomos formando então as nossas lendas, com os rabos de conversas que nos eram permitidas.

Supriam-nos de bênçãos ilusórias, com a mão estendida molemente, uma garantia de sobrevivência.

E a indizível crosta de passado foi-se acrescentando à nossa alma despertada, predispondo-nos ao ingresso sempre incerto às cavernas interiores.

A gama de vidas entrelaçadas foi sempre uma expectativa.

Era como se a corrente nos enlaçasse antes do nascimento e fosse o algoz de nosso comportamento.

Pai e mãe, nas suas conversas noturnas, não desconfiavam que estavam compondo para sempre, em nós, o rito do descobrimento de um mundo hostil.

E nos negavam armas para os combates. Submissos, íamos nos desviando dos golpes imaginários, como pássaros medrosos.

A vida passava e as reflexões da adolescência nos tomaram de um susto enorme.

As futuras responsabilidades nos pareciam tão remotas, mas nos entregavam a rutura de uma infância que, a bem dizer, nunca fora completa.

Amadurecida, dentro de nós, a perplexidade cada vez mais funda.

Era um fruto cobiçado, o destino. Para ele, nem ao menos nos deram pistas. Só conceitos já formados de antigas procedências.

E hoje, que já quase nada existe, vão para os recessos dos subscientes estes fantasmas que nos visitam, nos imponderáveis momentos de lembrar.

LATICÍNIOS



Um dos prédios do Laticínios Paulino Salgado, futura Companhia Baptista Scarpa

Não fabricam o leite, ainda.
Ainda é o mesmo da vaca,
mas o recebem nos grandes latões e cuidam dele.
Entregam o vasilhame purificado.
para o rito do dia seguinte.
Não há domingo, nem feriado
os úberes se enchem com regularidade.
As máquinas tomam o leite, gulosas
e o trituram para tirar-lhe a força e o sabor
a gordura e as vitaminas
e o colocam em latas rotuladas
para alimentar infantes sadios,
ou jovens em formação,
velhos carentes.

Que bendito é esse alimento, branco e puro
que fortalece ossos e dentes
e fabrica a estrutura do homem
na argamassa de cálcio, ferro e cimento.

Que poderoso é o homem que o toma
e o transforma em barro e sangue

e em forma de pó ou líquido
em seu laboratório pessoal o transfigura
no esqueleto que o ergue
e o fixa em seu eu.

O leite é um símbolo de força, fé e pureza
é um frágil líquido, mas cheio de fiel grandeza.
Compõe células onipotentes
que fazem vibrar o cérebro
em ondas de criatividade
em arcabouços de ideias
em sustentação de vigas para o trabalho.

Leite, que é a viva e trãnsfuga aurora
do sangue sempre renovado
pela substância quase divina.

E os laticínios, na sua efervescência
e multiplicidade
na fabricação de queijos, doces, derivados
se inserem no coração da cidade,
gerando empregos, fortalecendo o comércio,
num recado singelo e humano
de agradecimento – às vacas.

“Eis que o ano começa...
 Foi-se o ano findo, o passado morreu.
 Eis o ano que começa nas promessas da vida
 de trabalho e esperança.
 E as colunas do Ginásio
 deserto nos períodos de férias
 vêm de novo povoar-se de ideias velhas e novas
 lembrando e relendo o seu passado ano.
 ansioso pelo futuro que lhe há de sorrir
 pelo menos em esperança...”
 Assim dizia Heitor Alves, em 1926
 E diz mais, muito mais:
 “Querer é lutar. Lutar é vencer”.

O jornal onde publicava era o “Gymnasio Sul Mineiro”
 e convidava a todos para a sua colaboração.
 Era ele, Heitor Alves, uma mente inquieta
 era o homem das luzes, o poeta.
 Fundando jornais, a revista “Electrica”, ainda hoje famosa
 onde desfila sua imaginação prodigiosa
 fundando um “Núcleo idealista”, composto também por homens assim:
 Heitor Palombini, Júlio dos Santos, Wilson Carvalho e Borges Pinto.
 Que pena não existir mais esse núcleo
 que, continuado, teria a cidade exaltado!
 Hoje, nos dizem, fundarão um novo jornal...
 Há anos não temos e como é necessário.
 Venho folhando os recortes dos antigos
 e como eles reconstroem os momentos já vividos
 e que se perderam no tempo.
 Ah, estamos descansando de algumas glórias conquistadas...
 Temos a impressão que paramos, a mola de um jornal é imprescindível...
 E o tempo retorna quando o desenterramos das velhas páginas.
 Os espíritos surgem rejuvenescidos
 e as palavras permanecem lúcidas
 mensageiras de um espírito jovem...
 O tempo é um pedaço da vida, com ele fomos brindados

e o devemos fazer render em obras, em atos e palavras.

“Nestas boas-vindas vai toda uma boa vontade”, é ainda ele quem diz.

É o poeta. Suas palavras ainda vibram, as que restaram.

Ah, que poder nos foi dado, é a ressurreição

vê-las surgirem dos jornais guardados: as valorosas palavras...

O ano de 1926 corria e no Ginásio, que vida intensa fervilhava por lá...

as casas de Itanhandu iam crescendo, os corações se entrelaçando

as culturas se firmando, os mestres pontificando

cada um com seu dia marcado e sendo levados.

um o câncer, outro a tuberculose, outro a cegueira

assim pela vida inteira, os casos, os ocasos, os esquecimentos.

Nos retratos amarelos os olhos espreitam, olhos meninos

a se cobrirem um dia de flores e de véus...

Mas, cantemos, os versos do poeta revivem:

“as casas frescas de janelas rasgadas

francas como a nossa alma - criancinha

alegres como um grito de sol...

Minha terra é a alegria da mata molhada

minha terra é a selvagem pintada de sol

que vem para as praias, nua, morena...”

Foi ele um engenheiro que veio aqui para ensinar matemática.

Cantemos com ele, com essa alma sonhadora que pisou o nosso chão:

hoje é um novo ano que chega

e o poeta o recebe com seu brado alegre de saudação:

Salve 1926!

RUA SETE



Rua do Cinema, das lojas, das farmácias
e do “footing” à noite quando fortuitos olhares
se encontravam e se devassavam mutuamente
em lúcidos encantamentos.

Rua que recebe pela primeira vez um calçamento
e se livrou do barro e da poeira.

Bar do José Elias, do Wilson de Oliveira
as balas rebuçadas de Lisboa
os chocolates de tabuinhas, os primeiros sorvetes
e a durabilidade de uma mocidade rindo à toa.

A vida compacta, entre fitas de cinema
heróis que povoavam a esteira cotidiana
de luminosas fugas.

Problemas corriqueiros, fofocas políticas
que chegavam tardias, pelas folhas dos jornais.

Ainda sem rádio, sem televisão
a rua desembocava na amplidão da vida
e era comprida, comprida como um rio
e durava o inverno, a primavera e o estio
o sonho independia da estação.

A felicidade passeava com a gente
para lá e para cá, em lentos devaneios
e eram tão importantes aqueles passeios
que ainda vejo vagos vultos transitando
enquanto, lá no alto, outras estrelas se acendem.

Meu coração ainda não disse tudo
e se queda, por vezes, transido e mudo
diante de coisas tão solenes
como as procissões de Sexta-feira
ou os dobrados tocados no coreto.

Mas esse dócil passado que eu manejo
me traz um só, um pequenino desejo
é que me voltem por um momento essas sombras
essas efêmeras sombras do passado
pois a noite adormeceu a nossa rua Sete
e ela se acomodou em suas asas.



SINO CINQUENTENÁRIO

(Poema publicado em 1969, por ocasião do cinquentenário do Ginásio)



Sino, grande sino, eu te saúdo.
Não osciles agora, na emoção do ferro,
eis que chegou o teu dia!
Sino, eras um pobre sino de escola
som corriqueiro, banal, sino novo, comportado
sino como outros, afinal.
Começaram a usar a tua voz metálica de manhã, bem cedo
chamando os alunos para as aulas matinais.
Lá no fundo de tua alma de metal, ias aprendendo o teu ofício.
Durante todo o dia a azáfama em te vibrar:
Hora de entrar, para sair, hora de recreio, para descansar.
E tu cumprias, sem reclamar.
Até já decoraras o momento certo
em que, pelo teu corpo concreto, as vibrações iam cantar.
Tua voz de sino ia se incorporando às vidas
como um acalanto, um som de infância
como um canto que se gravasse para sempre
nos arcabouços em formação.
E os anos foram despertando, em batidas ritmadas
nos corpos das gerações, as badaladas gemidas

que as saudades acumuladas faziam vibrar em ti, dia após dia.

Sino cinquentenário, ainda és o mesmo sino
daquela pequena escola que há cinquenta anos
vive a história colegial.

Verões e invernos, madrugadas geladas
em que tua voz, entrando pelas janelas
e pelos cobertores, acordava os alunos com sobressaltos.

Verões e invernos, tardes ensolaradas
em que tua voz vibrando contra o sol
trazia pedaços de casa, ternuras de namoradas.

E tu não te cansaste ainda!

Não sei por quanto tempo mais
cumprirás o teu destino tão nobre
de ser sino de construção, sino de glória.
sino do passado e que ainda é futuro.

Na alquimia mágica de teu som
misturas o tempo com ingênuo ternura
sentindo-o todo, martelado, no teu reduzido corpo.

Quanto tempo ainda, tu nem sabes
as mesmas badaladas de ontem, de hoje e de amanhã
viverão no teu bojo encantado,
construindo em mistério, nas almas jovens
a música do dever.

Música que vive estas pancadas eternas
traduzidas nas mensagens de teu amor.

MINHA CIDADE



Itanhandu
Vista panorâmica
Início da década de 1980

Minha cidade não é minha, se penso em termos de propriedade, mas é tão minha na emoção... Nada dela se possui, mas tudo desfrutamos. E é nesse clima de comunidade que ela se valoriza. As serras que a cercam, essa Mantiqueira sempre azul e pacificada, símbolo desta Minas Gerais querida, dão ideia de moldura. Assim a quero, no quadro impessoal de nossa unidade.

Somos muitos e somos um, os sentimentos nos irmanam. Ela não guarda para si nada do que pode distribuir, nem as ocorrências, nem valores. E distribui igualmente sua ternura. Tem delicadezas que dormem em nossa memória. As parcelas que se fixam em seu chão simples não são eternas, mas esperam ser. Nós sabemos da provisoriedade das coisas, mas ela aceita de igual modo a mansão e o casebre, ela nos dá lições de sabedoria, usufruídas por quem maneja livremente o tempo.

E quem somos nós para discutir o tempo se nossa passagem é tão breve? Mas ela nos abriga com tanto afeto que a gente se esquece dessas contingências e pisa o seu chão com segurança de proprietário.

Ela sabe que os eventos são assim, como dramas que se representam em palcos ambulantes, mas ela nos leva a sério e nos faz desempenhar o nosso papel a contento. As praças estão cheias de passos jovens, as mocidades se revezam. E

a minha cidade é tão delicada que não nos faz pesar o tempo. E se pisamos os mesmos caminhos da juventude, às vezes ela nos põe uns leves sonhos no coração e retornamos, rejuvenescidos de sua cortesia.

Minha cidade espera o trabalho e o amor de seus filhos, não como uma obrigação, mas como um desvanecimento. Ela nunca envelhece, e isso nos dá tranquilidade. As árvores que a revestem buscam de alguma forma uma imponência permanente e ela está sempre engalanada. Todo o amor se enfeita para o amado. Não sei se é pelo ar, pelo seu jeito de vestir-se, ou pelas cores, mas ela agarra também, nos seus encantos, os forasteiros que aqui aportam.

É preciso ter sensibilidade para entender minha cidade, assim pequena e despreziosa: a estrela que aparece de tarde, a primeira. Para ouvir o amanhecer, o primeiro galo que canta, e mensagem de esperança de cada dia que nasce. E é preciso mesmo não a conhecer para perguntar:

- Itanhandu, onde fica isso? Ah! Quantas vezes já nos feriram...

Minha cidade sabe nos unir, em momentos aprazados, e consegue balançar os nossos íntimos, com muito pouca coisa. Ela nos dá alegria do testemunho, como se fôssemos, sempre, convidados especiais de sua festa.

Minha cidade são as crianças que nascem, engrossando o censo, e que logo estão indo para o Grupo Escolar, com rosas nas mãos, para presentear a professora. Minha cidade é o sino que toca de manhã e à tarde, chamando os fiéis para a oração. Minha cidade são os apelos de felicidade que se desprendem de cada flor aberta, nas glórias dos jardins.

Minha cidade são os cabelos brancos dos velhos, sonhando a pátria eterna, um lugar assim ameno e fácil de amar. Minha cidade é esse misto de progresso e lentidão, tudo muito dosado, que faz com que a pressa não atrapalhe o passo.

Minha cidade é esse orgulho e essa vontade de vencer para sentir a sua alegria pura. Minha cidade é a casa sem estilo, mas escancarada de afeto, que nos recebe. Minha cidade é o morro, onde correm veios de ouro, filão de onde se pode tirar tudo, desde paz a coelhos peludos.

Minha cidade é o pão quente de manhã à mesa, ou o lombo disputado no açougueiro da esquina, é o tutu com couve, sempre recebido com um sorriso guloso. Minha cidade é a Semana da Comunidade feita às pressas, mas sempre com resultado compensador. Minha cidade diz presente nos desfiles de Sete de Setembro, onde a Pátria se torna também uma criança, soprando o seu bolo de aniversário. Minha cidade é feita pelo homem que passa com a enxada ao ombro, ou pelo tribuno pelejando no Foro, ou pelas doloridas noites de vigília no Hospital. Minha cidade está na estridência dos alto falantes, gritando avisos e perdidos.

Minha cidade está na lua chegando, na tarde escurecendo devagar, esperando a noite amiga. Minha cidade está nos prédios feitos por uma comunidade obreira, nas suas festas animadas, nos leilões antigos, nesse modo cândido de angariar dinheiro para as suas necessidades. Minha cidade é como um pão repartido num ritual de luzes, piscando docemente a cada emoção, como o calor que se transmite à mão amiga, com o afeto esparramado em cada rosto, que vai devagar construindo as suas rugas, o seu desenho de paz.

Minha cidade são as mãos calosas dos operários, construindo para todos uma pátria comum. Minha cidade são as dores adivinhadas e as alegrias repartidas. Minha cidade são cumprimentos sinceros e calorosos.

Minha cidade é esta plenitude que enche o peito quando a gente chega e esse afago de mãe, com um doce na mão, ou um sorriso no lábio, à espera.

Minha cidade é a dignidade de quem cumpre o seu dever, com austeridade, mas com gratificação, sentindo que mais não dá porque não pode.

Minha cidade é esta fé e confiança no trabalho feito com amor.

Minha cidade é esse pouco e este tudo.

E precisa mais?

PARTE II

“Uma geração vai e outra geração vem,
mas a terra para sempre permanece”.

(Eclesiastes)

OS HOMENS

É bom recordar amigos
sentir de novo seus passos
e traçar os seus perfis
usando ternos compassos.

Nestas casas de varanda
e de frutas nos quintais
rever os vultos queridos
em coloridos vitrais.

É bom recordar amigos
parentes, tantas pessoas
andando por estas ruas
em horas doces, tão boas.

Penetrando, destemida,
na relva azul da saudade
reviver de novo a vida
e tudo o que dela restou.

Acender a débil chama
e me cobrir nessa luz
como uma flor que se acende
num caminho que seduz.

Regem líricas sonatas
naquele mundo de além
inauguram novas datas
e invocá-los nos faz bem.

Em passeatas românticas
desfilam antiga vivência
digo nomes, datas, feitos,
com profunda reverência.

E mostro para os que chegam

imagens que ressuscito
nomes probos e benditos
reverencio os meus mitos.

E neste som que me encanta
e que tanto me emociona
vou lembrar como quem canta
que do tempo eu não sou dona
e que ele passa ligeiro
mas deixa o rastro passageiro.

Vou cantar a minha gente
sou menina novamente
cívica, lúcida, sofrida
esta é a minha própria vida
que reparto com vocês.

JOÃO BAPTISTA SCARPA



Lembrar essa figura marcante, que guardamos na memória e no coração, com sua generosidade, sua fidalguia, não seria nada difícil. Bastaria evocá-la. Seria tecer, sobre sua pessoa, os melhores momentos, para preservar personalidade tão forte e íntegra, nesse amor à cidade, nessa luta pelo seu progresso e suas necessidades.

Mas veio-me às mãos um livro escrito por ele sobre sua vida, em rápidas anotações e ele conta a história de seus feitos, de sua tenacidade e valor. Dou vida a essas palavras que ele mesmo escreveu:

“Nasci em 24 de junho de 1876, em Salento, Itália. Meus saudosos pais foram Domingos Scarpa e Maria Luísa Scarpa. Meu pai emigrou para a América do Norte, deixando-me aos 5 anos com minha saudosa mãe e mais um casal de irmãos: Terezinha, com 3 anos e Pepino, com um ano de idade.

Nossa mãe se aplicava aos mais rudes trabalhos para nos sustentar: transporte de colheitas de figos, azeitonas, etc. Eu sempre acompanhava minha mãe nesses trabalhos. Meu pai viveu sete anos longe de nós. Cinco anos na América e dois aqui, onde veio a chamado de seu irmão, Nicolau Scarpa. Depois chamou-nos e em 2 de agosto de 1888 aqui chegamos, neste imenso e dadivoso Brasil. Viemos para Capivari, então Barra do Rio Verde e daqui fomos a cavalo para a Capelinha.

Eu fui na garupa de Francisco La Terza que foi, até sua morte, meu amigo. Chegando na Capelinha houve uma grande festa, na qual fui vender doces. Eram doces enormes, secos, por 1 cobre: 40 réis.

Logo comecei a trabalhar, a tocar cambito para os cascadores de fumo e prosseguia muitas vezes trabalhando até a meia noite”.

E prossegue ele contando a sua fascinante história, suas peripécias, seus primeiros negócios, ganhos e prejuízos, seus sonhos, seus sucessos e oportunidades, idas e vindas como empregado na Colina, em Itamonte, Resende,

fala também nos que o ajudaram e lhe deram credibilidade, nos que o lesaram, as amizades que foi aos poucos conquistando, a situação financeira se firmando, a visão de um homem de negócios se abrindo, a mocidade, cheia de esperança e de fé se formando na luta e no trabalho, na inteligência e na crença da palavra empenhada e na honestidade.

É muito belo o que conta de seu amor à prima, Maria, que conheceu aos 7 anos, tendo ele 12 e que, ao vê-la pela primeira decidiu que com ela se casaria, tendo vencido todos os percalços para que esse casamento se realizasse no dia 17 de junho de 1899.

Nesse relato, onde conta o início de sua vida e de sua fortuna, dá aos seus o retrato moral de sua personalidade e valor e é um estímulo para seus descendentes, que podem nortear suas vidas pela grandeza da dele.

Muito deve esta cidade a esse homem que a amou como sua, que determinou plantar aqui suas raízes, que se multiplicaram através de numerosos filhos: José, Marieta, Alice, Ciro, Odila e Baptistinha do primeiro casamento e João Baptista, do segundo enlace, com Rita Cunha, em 1950.

Continuemos com suas palavras: “Havia eu, em 1913, incorporado uma sociedade denominada Sociedade Industrial Sul Mineira, para explorar madeiras e construções, a exploração das matas Pinheiros, com a competente serraria na divisa de Alagoa.

Organizada a sociedade, mandamos vir máquinas da Alemanha e dentro de seis meses estava a estrada para lá feita, de Itamonte até lá, descendo as madeiras já bitoladas. O Escritório e Depósito construímos aqui, tendo, depois daquela estrada, feito também a da Barrocada, tendo conseguido para esta o auxílio de 8 contos de réis do Estado e 3 contos do Município. Esta foi feita para automóvel, com ponte de pilares de concreto, sobre o Rio Verde. Depois de uns 3 anos, com tudo organizado...etc.”.

Iniciou ele várias firmas, sociedades, prosperando sempre, como a “Paulino Salgado”, do Rio de Janeiro e da qual depois, com o falecimento de seu sócio, veio a ser o único dono.

Fala com ternura do município que viu nascer, de seu amor devotado à terra, doando sempre o seu entusiasmo às causas públicas, colaborando na solução das necessidades que surgiam.

Seu espírito de organização, capacidade de trabalho e visão de negócios sempre o levaram onde seus sonhos alcançavam.

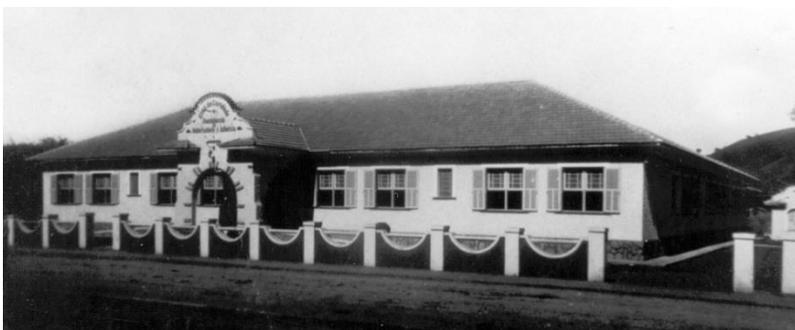
Depois de alguns anos à frente da Cia. Paulino Salgado, no Rio, regressou, como conta, a Itanhandu, onde “tenho feito o possível para o bem e o

progresso, esposando com absoluto desprendimento e liberalidade todas as causas da comunidade”.

Até estradas vicinais ele construiu às próprias custas.

Colaborou também decisivamente para a vinda do Banco de Itajubá para cá e, no dia de sua inauguração, deu um grande almoço em sua casa ao Dr. Wenceslau Braz e comitiva.

Quando da criação da Casa de Caridade, não mediu esforços para a sua realização. Foi dela o principal esteio, ajudado por outras pessoas que, com igual entusiasmo, pessoas idealistas também, conseguiram doar a Itanhandu essa obra tão meritória e necessária, que vem, ao longo dos anos, servindo a este e aos municípios vizinhos, desde o abençoado dia 19 de março de 1943, sua inauguração.



Foi seu primeiro Provedor e exerceu esse cargo, com amor e dedicação, até que sua saúde abalada não o permitiu mais.

Passou então o cargo para seu filho, José, também um dos realizadores da obra, que seguiu, com extrema dedicação, os passos paternos.

Agora este cargo está em mãos de seu neto, João Wenceslau.

No fim de seu Diário, belo e tocante, faz ele um apelo pela união de sua família, pela compreensão e dedicação para com os trabalhos a serem empreendidos pelo bem comum e diz: “nada impediu que eu fosse sempre e incondicionalmente por Itanhandu”. E ainda: “disso jamais me arrependi porque tenho como certo que a única coisa que perdura é o bem e são os atos de desprendimento que se praticam. Sejam bons e benfazejos.”

Há naturalmente nesse relato alguns aborrecimentos pessoais, querelas políticas, desavenças, mas superadas pelo amor às causas comuns, sempre

imbuído da grandeza de enxergar o futuro além das aparências cotidianas e rotineiras.

Que importam hoje essas questões, se a perspectiva em que as olhamos é a superioridade da paz construtiva, compreendendo que as convivências, os ânimos e certos momentos aziagos às vezes acirram incompatibilidades passageiras, que os grandes homens esquecem e perdoam.

Lembro-me dele com muito carinho, “seu” Baptista, um homem gentil, cavalheiro, sorridente, a palavra delicada, o sorriso amplo e simpático. Um homem que foi envelhecendo sempre como um forte, nas lutas, nas rodas da vida.

Atencioso, comparecendo a todos os eventos, a largueza de sua casa, que muito frequentei, dava a medida de sua vida.

Sua personalidade marcava aquela casa imponente. Homem generoso, dando à palavra e aos atos o seu verdadeiro valor.

E esta cidade terá sempre para ele uma lembrança de ternura, ajudou-a a crescer e legou-lhe o exemplo de sua vida de trabalho, de tenacidade e amor.



ARY CARNEIRO



Ele está na prefeitura, é o prefeito em potencial.
Lá ele despachava, deslindava problemas, atendia a todos com presteza
e tinha o mapa da cidade, datas, ocorrências
na palma da sua mão.
Era o homem apoio de todos os Prefeitos, do qual era secretário,
mas um secretário de tanta eficiência
que era como um manual de secretaria sempre à mão.
Ary Carneiro, um homem grande, um grande homem.
Ele foi servindo à Prefeitura tantos anos que, parece,
ela se tornou um prolongamento de sua própria casa.
Morava na Vila Carneiro, na casa que fora de seu pai, “seu” Zequinha
e tinha um modo especial de atender aos problemas cotidianos,
as intrincadas visitas, o pagamento dos impostos
e tinha a legislatura inteira, municipal, a reger-lhe as opiniões.
A letra bonita, o talhe certo e as páginas bordadas daquela letra
a encherem páginas e páginas dos grossos livros administrativos.
A imponente figura, a fala certa, imposição da competência e honestidade
e a tranquilidade de estar sempre cumprindo o seu dever.
A segurança das contas certas, a capacidade de servir os amigos
e de estar sempre presente.
Isso tudo era Ary Carneiro.

Em 1976 candidatou-se a Prefeito pela Arena.
Tanta luta, tanta promessa, tanta aflição.
Mas quem pode prever as surpresas de uma eleição?
E ele não foi eleito, ele que seria o Prefeito
com todos os encargos da secretaria já sabidos.
Mas assim não estava escrito ou talvez fosse o destino
e ele se afastou com sua mágoa e ela o matou devagarinho
pois se entregou por inteiro à cidade e à Prefeitura.
Toda a sua ternura a ela dispensava, era a sua menina dos olhos.
Choraram-no os amigos e compreenderam
que as cidades muitas vezes desconhecem
os caminhos do coração de seus filhos.
Disse ele, num artigo, por ocasião do Cinquentenário do Colégio
ser o primeiro itanhanduense a ser alfabetizado por D. Mindoca.
E o disse da seguinte forma, vejam que belo:
“Orgulho-me desta afirmação. Melhor professora ninguém teve.
O seu método pedagógico de ensino, sua bondade e carinho
nunca mais esqueci. Deus lhe pague,
professora e mãe carinhosa de todos os seus alunos.”
Por estas simples palavras podem-se ver que o coração era grande
e não esquecia favores.
Terá culpa a cidade? Ah, esses eventos ficam debitados a ela
mas a alma da cidade se inocenta perante a responsabilidade dos homens.
As circunstâncias é que ditam as regras
as melhores sentenças não cabem num só momento.
Descansa o nosso querido amigo em seu chão.
E tenho a certeza de que, a cada dia que nasce,
ele diz o seu perdão, o amor é maior que o sofrimento
e o seu pensamento hoje se espraia,
nos filhos, netos, parentes, amigos, descendentes.
Seu nome será guardado nos arquivos de uma Prefeitura,
nos anais superiores de um outro mundo
Onde as coisas verdadeiras e as pessoas
se comprazem na doce ternura de uma compreensão
e de uma amizade eternas.

D. OTHON MOTA



Chega-nos a notícia de sua morte. Agora, sim, a definitiva, que o encerrará no invólucro inclemente da terra. Mas nós já chorávamos a perda de sua vida, há tanto tempo, a doença o foi vencendo, inutilizando as mãos que abençoavam, obnubilando essa palavra sábia e santa, empobrecendo a mente tão rica.

Seu ministério foi sendo deixado aos poucos, por imposição dessa doença cruel e exigente, que vai podando, deformando, apagando o ser na sua integridade física e intelectual.

A inteligência lúcida foi sendo mutilada devagar.

Por isso as nossas lágrimas vieram muito antes dessa notícia.

Vinham quando, em visita, testemunhávamos a verdade.

E ficamos pensando nas decisões de Deus: a quem deu tudo, mais que esse tudo lhe foi pedido!

Sua vida era inteiramente voltada para os diocesanos. Devotada ao serviço de Deus, onde sua fé resplandecia em lições e orientações seguras. Realmente entregue à vocação, no caminho da santidade.

Mas quis Ele que a imolação fosse completa, despojando-o dos próprios dons que generosamente lhe havia prodigalizado.

Entre nós ficaram seus rastros luminosos, sua bondade sem par, sua amada figura de pai e pastor.

Há vinte e cinco anos Deus o enviou para esta Diocese, sendo o nosso terceiro Bispo.

Desde o primeiro momento nós o amamos. Sua simpatia, carisma, candura, seu riso bom, a amplidão de suas bênçãos e gestos, o modo de acolher, tudo foi captado ao primeiro contato.

A Diocese de Campanha se sentia premiada pela dádiva de sua nomeação. O Seminário vicejava sob sua orientação e os padres, os seus filhos diletos, o reverenciavam com amor filial.

Havia tanto a fazer! O trabalhador olhou a messe e arregaçou as mangas. E mourejava na seara quando a ameaça sombria da doença veio paralisar os gestos corajosos.

Cuidamos das orações, imploramos pela sua saúde, mas os decretos de Deus se cumpriram. Resta-nos a ternura de o ter conhecido, reverenciado, de nos termos abrigado sob as asas de sua amizade.

Substituto nomeado, o Revmo. Bispo D. Tarcísio Ariovaldo Amaral aqui está para cuidar da Diocese, sendo seu quarto Bispo.

Que Deus o ilumine nessa jornada de lutas.

PAI JOÃO

Transcrito do jornal “Voz de Itanhandu”, dezembro de 1966.



João chega mais uma vez ao alto do morro, de volta ao lar. Dobra a curva acentuada e descortina Itanhandu.

Faz isso todos os dias, anos e anos. E é sempre com emoção que o desenho da cidade lhe fere a vista. Os bondosos olhos azuis fixam além das formas das casas, penetram além do limitado espaço de visão.

Entre o que João alcança e rememora surge, das emaranhadas linhas do passado e do presente, o seu delineio para o futuro que o aguarda.

João Costa aceitou sua missão. E enquanto a espera, olha: do pai, surge-lhe o vulto saudoso, o bravo português que amou esta terra. Trabalhou em seu posto, na Prefeitura, e a morte o colheu lá mesmo, sem ao menos dar-lhe tempo para as despedidas.

Vê o velho Delfim, crucificado em seu leito de parafítico, mas, na lucidez espantosa de seus 95 anos, a indagar das mínimas ocorrências, interesse oriundo do grande amor à terra que ajudou a crescer.

Lembra “Seu” Baptista, Dr. Olavo na largueza de seu amor ao torrão, feito natural pelo coração, nos benefícios que prodigalizaram.

Pensa nos outros amigos, tantos, que já ali descansam, no cemitério que, paradoxalmente, inicia o roteiro da cidade.

Ele vê, ainda, os marcos que ficaram dos que o antecederam, cada qual desenhando seu sacrifício na dedicação com que todos desempenharam os seus mandatos.

Os que se projetaram na incipiente tradição da história tão nova da cidade. Pensa com carinho nos mestres, que robustecem, com a alquimia do saber comunicante às jovens e ávidas mentes em formação.

João, lá do alto, ainda percebe o nítido contorno dos prédios que viu construir e os telhados lhe acenam, à distância, com carinho dos que recebem o amor.

E João vê crescer sua responsabilidade, na tranquila serenidade dos velhos e na expectativa ansiosa dos jovens.

Deram-lhe um carinhoso apelido, nascido da generosidade ampla do seu coração: Pai João. E ele se sente agora pai de cada um, no carinho-entusiasmo com que sufragarão seu nome para uma retumbante vitória.

E ele sabe o que o espera, já experimentou da amarga bebida que transborda do cálice de um prefeito, um quadriênio que, às vezes, parece interminável.

Mas ele sabe, também, que o trabalho é a grande alavanca que eleva o homem. Côncio do seu dever, dispôs-se a empunhá-la.

Confia e aceita, agradece o estímulo da vitória e se prepara para as exigências do progresso. E guia, no asfalto, mansamente, e tranquilo, porque Pai João é tranquilidade: ele se “levanta cedo, trabalha e dá trabalho” e sendo assim, tudo irá bem.

Esse artigo escrevi-o antes da eleição, quando todos nos unimos, numa alegria enorme, em torno de seu nome.

Mas, numa premonição talvez, foi no asfalto mesmo que ele encontrou a morte, que foi tão lamentada pelos seus numerosíssimos amigos. Foi pranteado no Foro local e uma multidão o levou à última morada. Foi dos homens mais queridos desta comunidade e, ao mencionar-lhe a vida, a homenagem me parece tão pequena, diante de sua grandeza.

Que ele seja um paradigma para todos os nossos jovens.

SIÁ OLINDA

Nada de linda, com a face murchinha, de fendas, escurecidas, num desenho de tempo. Confundia-se com a cozinha, onde labutava sem cessar, onde o fogão não se apagava nunca e ela era assim, ao redor do fogão, parte tão estrutural como se fosse dele um pedaço.

Seu rosto pregueado se me embaça a memória, sem expressão, esbatido e sem contornos definidos, mas posso ressaltar-lhe a linha severa, quase sempre zangado.

Era muito o serviço e as crianças levadas, os netos, a atazaná-la, pedindo coisas, fazendo alarido. A velha como que se escurecia por dentro, soprando as brasas rútilas, banhada pelos tons do fogo e da fumaça.

Era a casa do avô, dessas casas enormes, imensos quintais, identificados pelas crianças como parte da infância. E essa era assim mesmo, com córrego manso, carregando esgotos, mas para nós tão lindo, sereno, carregando sonhos em frágeis barquinhos de papel.

A pontezinha, metade de um tronco, encravado nas beiradas, era seguidamente desprezada para os pulos aventureiros, desdenhando escorregadelas perigosas. As árvores grandes, viçosas, onde as frutas da época vicejavam e, quanto mais altas, mais cobiçadas, como pomos vitoriosos.

Muitas eram as crianças, os netos chegam com uma regularidade cíclica, o preceito evangélico era seguido à risca. Vinham não sei quantos a cada ano, e se tornavam em pouco levados, arrasam a casa do avô com sofreguidão contida em casa. Grande é o quintal, com seus castelos erigidos em árvores gordas.

Lá dentro, na cozinha escura, mexe-se a velha cozinheira sem rosto, só braços e mãos suprindo todas as exigências, e os doces surgem, as compoteiras se enchem e a mesa está sempre posta e sortida para hóspedes esperados e os imprevistos.

A velha é o seu chinelo se arrastando do fogão à pia, é máquina de fazer quitutes, saiam de fornos ou panelas, fumegantes, saborosos.

A velha são gestos automatizados pelo muito tempo de serviço, lava o arroz, cozinha, despeja em grandes travessas, mata os frangos que piavam ingênuos, limpa-os e os prepara tão fritinhos e reluzentes, as panelas consomem sem interrupção o tempo e o alimento, o feijão pula, vermelho, a infância se apropria dessas proteínas e se fortalece e cresce para um dia partir.

A velha, na sua saia rodada, xadrezinho, uma porção de roupas adivinhadas por baixo, que a deixavam gorda e sem formas.

Uma blusa sempre igual, embora limpa, como se fosse imune às contingências da tarefa. E o avental grande, amarrado à cintura, avental símbolo da vida apagada.

Um lenço sem cor na cabeça, de onde escapavam fiapos de cabelo branquinho, adorno que tinha algo de terno, me impressionava aquele debrum de algodão na cabeça anciã.

Ô velha, que me surge na memória, com seu tornozelo fino, o pé no chinelo cansado, que morreu no serviço, ereta, digna, servindo como se fosse ao destino, ao qual fora atada por correntes poderosas. Não teve história, parece que nem teve infância.

Tem gente já esculpida em definitivas formas, como imagens, incorporadas às vidas dos outros, como objetos de adorno, de serventia restrita.

Velha de outros tempos, de coração parado, sem emoções, sem espera, sem verdes. De voz parcimoniosa, engolindo palavras desnecessárias, velha que nem foi menina, aprisionada desde cedo nas quatro paredes, seu cárcere, seu mundo.

Velha de parco sentimento, possuindo de seu só aquelas roupas baças e um quatinho de fundo, onde despia seu mistério no sono de cada dia.

Tudo renasce um dia, talvez que seu renascimento, como grande flor invernada, houvesse sido, em repiques de glória, no céu, naquele dia apagado, em que se deitou para não mais acordar.

Todos partem um dia. Partiram todos. Mas primeiro foi você, como que abrindo um caminho, estandarte roto de uma procissão inexorável. Você, a velha cozinheira franzida, parece que uma parede da casa ruíra, e as compoteiras verdes e amarelas continuaram a oferecer-se, não sumiram, sequer, por um momento.

Parece que era o seu legado humilde e inesgotável. Você ali estava, estendida na sala, lugar que não frequentava, mas agora, horizontal, comandada, vinda de seu reino culinário, se aquietara.

Então seus braços se cruzaram, parados, eles não eram de mola, funcionando o dia todo?

Você era uma parte imprescindível da casa, por que viera da cozinha para a sala, era o que a nossa perplexidade perguntava, havia crianças por alimentar, café para torrar, moer e coar, legumes para descascar, panelas para limpar, o fogo, o fogo estavam pulando, mas era a vela fraquinha, ao seu lado, cadê o avental, o sujo da unha?

A cozinha está cheia, o alarido das visitas na confusão da morte inesperada, ô velha, por que fugiu? Você era a complementação da nossa meninice

passageira, você era a gata borralheira de uma estória verdadeira, por que não nos esperou crescer ou o príncipe encantado chegar?

Você era o faz de conta que construía milagres de sabor incomparável. Ô velha, onde é que você foi com esse passo silencioso, sem arrastar o chinelo, nós não vimos nada, nós dormimos o nosso sono descuidado e de manhã a fomos encontrar composta na sala de visitas, lá onde não era o seu lugar, com tantas flores à volta. Repentinamente se aperceberam de seu valor e a reverenciaram naquelas flores tardias.

A avó chorava lentamente a companheira, mas nós desafiávamos a morte, não nos rendíamos à sua sujeição. A cozinha não era a mesma sem os seus resmungos, seus impropérios, e as crianças exigentes e mal-agraçadas protestavam interiormente e a guardavam para uma remota lembrança, porque saudade não era para esse seu jeito ausente, sem ligar-se às coisas e às gentes.

Partiram todos, após você. Depois vieram cozinheiras outras, mas sem sua graça, esse seu colo surrado, sua picante rabugice, que no fundo era doce, um dia descobrimos.

Vieram muitas. Outra, também, lá morreu, imitou sua fuga, talvez o seu aceno a perturbasse, não sei, a gente não entendia esses problemas, apenas a morte nos assustava, com as flores pisadas, as velas, os aparatos, a atmosfera diferente, o silêncio das pessoas, tornadas meditativas, distantes.

E você passou a arrastar o seu chinelo nas nossas noites de solidão, até que, embrulhada num resto de remorso, sumiu de vez.

E o tempo passou e tantas coisas aconteceram, mas em algum canto você se eternizou. Siá Olinda de outro século, feita de um barro pardo e franzido, resistente. Quietaram-se as panelas, naquele dia, velha, mas depois dançaram novamente, movidas por outras mãos.

Panelas de ferro, escuras, grossas, suas panelas, suas únicas joias, que ainda devem estar por aí, servindo, os objetos duram tanto...

E você, velha, precária, distante, rabugenta, onde deverá estar, sorrindo?

“SEU” JOAQUIM REZADOR

Foi lá muito tempo. Ele morava na Várzea dos Vitorinos, tinha muitos filhos e não sei seu nome verdadeiro.

Era moreno alto, uma figura severa, ternos gastos e o passo tardo, quase cansado.

Puxava os terços na Igreja e sua impressionante voz dizia tantas Ave-Marias que era impossível contar.

Foi uma pessoa que marcou nossa infância e que hoje vem, pela memória, puxando aquele terço intemporal.

Aquelas preces que nos pareciam tão lentas, morosas, respondidas pelo coro interminável de muitas vozes que ultrapassam o tempo e o espaço.

A gente sentia cansaço, mas vovó, enleada, ficava ali absorta até o fim. Também ele morreu na epidemia de tifo que houve em 1940.

DA. CLARINDA LOPES E SIÁ CARLOTA



José e Clarinda Lopes

Elas moravam no Largo da Igreja, perto do Posto de Gasolina. D. Clarinda tinha o jeito moreno e firme de uma senhora medieval. Fora casada com o Sr. José Lopes e tinha apenas filhos: Eduardo, Aluísio, José e Olavo. Eduardo, casado, com nossa prima Nolasca, morava com ela e a víamos sempre com algum neto pela mão e a falar sobre a asma da caçula. Frequentava a casa de minha avó, que a chamava de comadre e meu pai a chamava de madrinha. Mas como era comum esse tratamento, não sei se o afilhado era ele...

D. Clarinda devia ter sido moça bonita, pois conservava traços de beleza, morena, ereta. Creio que se parecia com sua neta, Aparecida. Mas meus vultos vão-se-me apagando na memória, pois tudo já faz tanto tempo...

Mas dá para recordar Siá Carlota, a parteira, que com ela morava. Era esta gorda. Trazia uma bengala para ajudar seus passos que ficavam cada vez mais vagarosos, e a maletinha bojuda nas mãos, que mirávamos com respeito.

Sabíamos que dali viria mais um companheiro de vida.

Lembro-me dos pais a contar o nascimento de sua terceira menina e ela a dizer: “que home o quê... É menina mesmo...”

E depois a festa quando veio o quarto filho, um homem, o Delfim. Quando ela chegava, ficávamos alvoroçados à sua volta, contemplando as mãos morenas a dobrar panos, lençóis e a ferver água, a reivindicar um vinho do Porto,

que ela borrifava no rosto do recém-nascido e depois brindava, com o pai, o nascimento.

Era querida por todos, que a chamavam também de madrinha e, ao serem solicitados os seus serviços, já a notícia se espalhava entre os meninos, que sabiam a que ela vinha.

Só recorriam ao médico quando o parto se complicava e ela não dava conta da missão. Então se chamava o Dr. Olavo.

Este a respeitava e muitas vezes ficavam de prosa, na sala, enquanto no quarto a mãe esperava, que a sua parte era esperar.

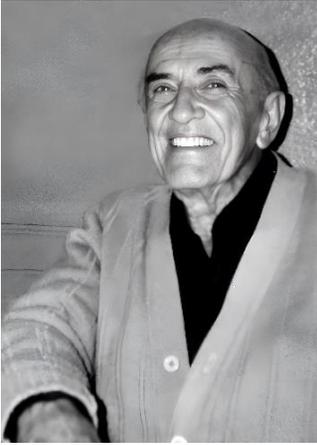
Contava histórias saborosas, os casos acontecidos, e era um riso muito aberto, em compassos ritmados.

Ela gostava de crianças e as acarinhava com delicadeza. Tenho para elas, hoje, uma ternura especial e vejo de novo a velha parteira, caminhando com sua maleta e seu passo cadenciado pela bengala, pelas ruas do passado.



Siá Carlota

OS SHOWS



Armando Cunha

figura simpática, alegre, a voz gostosa, músicas animadas, suas composições, piadas contadas com muita graça, e a generosa atuação, todas as noites.

Seus irmãos, todos dotados de bela voz, também ofereciam à noite os seus dons artísticos: Milton, Doroty e Carlos.

Outros eram os animadores, que esqueciam o frio de junho, as canseiras e por longas horas ficavam diante do microfone anunciando, dando notícias, recados, oferecendo músicas, etc.

Um deles, o José Cunha, com uma voz atraente, muito serviu nesse mister.

Passava no palanque quase que o tempo integral da festa, com os olhos claros a dispensar o sono pelo trabalho dedicado. Morreu ele muito moço, deixando numerosos filhos.

Outro cantor que muito ofertou, através da voz, às festas beneficentes, foi o Careca, do qual falei particularmente.

Outro dia, já idoso, veio ela a Itanhandu e deu um depoimento de seu tempo, gravado pela Eni.

Nossas festas eram feitas com economia. As coisas para a cozinha eram angariadas pela cidade, pelas cercanias, com muita generosidade, tanto de quem pedia como de quem dava.

Mas os shows, que furavam a madrugada, também não fugiam à regra, eram realizados pelos artistas locais, que emprestavam seus dons para alegrar a noite, para amenizar as canseiras e as despesas, fazendo de tudo um momento de alegria.

Dentre os que colaboravam podemos citar vários, como o Armando Cunha, sua



Doroty Cunha

A voz já está rouca, mas relembra a ternura de antigamente, quando os seresteiros ofereciam os seus dons como presentes, e cantavam pelo prazer de agradar, de retribuir ao solo natal um pouco do que dele receberam.



Carlos Cunha



Milton Cunha



Trio Nhandu - José João, Mazinho, Chico Tarcísio e Clélio Coelho

D. HORTÊNSIA PONTES MARTINS



Era uma senhora decidida, educada e bonita que sempre frequentou esta cidade, tendo sempre aqui uma propriedade, aonde vinha descansar da movimentação do Rio de Janeiro.

Vinha sempre com a família numerosa, filhos e filhas jovens, e marcavam presença, todos os anos, em nossos animados carnavais.

Traziam belas fantasias e os blocos que eles organizavam eram sempre aguardados com ansiosa expectativa.

Na quarta-feira de cinzas, quando o baile, à meia noite, estava na maior animação, ela retirava toda a família do salão, respeitando a data religiosa.

Sob protestos, lá ia a numerosa prole para casa, deixando pesarosos, mas obedientes, a folia para trás.

Ela possuía aqui inúmeros amigos e muitos admiradores. Os mais chegados eram os Scarpa e os Moreira, mas com sua delicadeza e atenciosa simplicidade, ela a todos dispensava uma palavra amiga, distinta.

O sítio em que moramos pertenceu a ela.

Também à Igreja ela dispensava a sua pródiga atenção, pois, no livro do Tombo, há desde 1929 ofertas de paramentos feitas por ela.

Já bastante idosa, a víamos todos os dias indo à missa, coberta a cabeça branca por um tênue véu de renda.

Seus exemplos norteavam a família, que a reverenciava com ternura.

Uma de suas filhas, Alda, há muitos anos mora aqui. É também uma senhora admirável, na sua cultura e educação e ensina piano há muito tempo a várias gerações de moças e moços.

D. Hortênsia enviuvou cedo, tinha o seu esposo uma grande indústria no Rio. Ela não será esquecida por esta cidade, a qual dispensou sempre o carinho de sua presença e de sua amizade.

BELMIRO BUSTAMANTE



Era baixinho, casado com Maria Rita, que o deixou muito cedo, cheio de filhos. Era dentista. Trabalhava em gabinete montado em sua casa, à Rua Nicolau Scarpa, onde, entre arrepios de medo, tratamos os primeiros dentes.

Era um ótimo músico e tocava na Banda, compunha, ensaiava.

Mais tarde, casou-se de novo, com uma prima, Amélia, que lhe deu mais dois filhos.

Mas também ele se despediu cedo da vida. Houve aqui uma epidemia de febre tifoide, que o levou, juntamente com tantos outros itanhanduenses, deixando imorredouras saudades.

Eu me lembro dessa época de tristeza. Eram enterros todo o dia, medo, lágrimas. Meu pai, que era o Prefeito, tomando providências junto à Secretaria de Saúde, à cata de vacinas. Lembro-me que as conseguiu primeiro em São Paulo, como ele dizia.

Toda a população sendo vacinada. A custo foi debelada a crise, mas por muito tempo não se comiam verduras cruas e frutas com casca.

Lembro-me do enterro de “seu” Belmiro. As crianças, que já não tinham mãe, perderam esse pai bondoso, extremoso, cheio de vida.

Era uma pessoa muito querida na cidade. Foi um dos fantasmas a povoar a nossa infância, essa infância medrosa, supersticiosa, que temia mortos, morféticos, soldados e acreditava em fadas e em lobisomens.

Há muito tempo que morreu, mas há uma rua na cidade perpetuando o seu nome e a lembrança desse nome exemplar.

SEBASTIÃO MAFRA



Morreu-lhe o filho agora e há de tê-lo encontrado no além. Era um homem muito participante na cidade. Casado com D. Ana, tiveram muitos filhos e um deles, o que herdou o nome, tem também o seu ofício na Justiça.

Gostava de política e estava sempre conversando com meu pai sobre seus ídolos comuns. Era também PSD apaixonado, como ele, cultuando Tancredo Neves e Juscelino.

A cabeça branca e uma cicatriz no rosto, talvez feita por um dente inflamado.

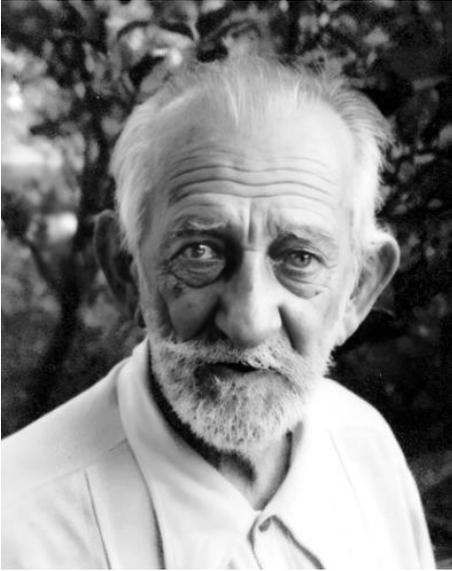
Também era barbeiro, vejo-o agitando a tesoura no ar e a prosa animada a acompanhar o gesto elegante.

Sua mulher, alta e esguia, sucedeu-lhes ainda por vários anos.

Agora, juntam-se, em outra dimensão, aos dois filhos, José e Homero, numa cadeia de lágrimas ou de risos, não sabemos.

Os mistérios de Deus permanecem.

ANÍBAL CARNEIRO



Era um homem de cândidos olhos azuis, que distribuía amizade. Morreu- lhe a mulher muito moça, levada por uma febre pós-parto.

Ficou ele com o bando de filhos. A coragem e a saudade convivendo juntas, atrás dos olhos azuis.

Os problemas enormes, a solidão. Ia para a roça e levava as crianças, contava, fazia uma cobertura de bambu e lona e os menores ali dormiam.

Cida, a se fazer adulta de repente, aos quatorze anos.

Tornou-se, pelas circunstâncias, mãe de família numerosa e ajudou a criar os irmãos.

Vida de trabalho, roça, cerâmica, coisas para sobreviver. E a Bíblia ajudando a iluminar a vida. Abril era o seu momento. Acarinhava o dia trinta com tanta alegria. Sentava-se à cabeceira da mesa, rodeado de amigos e servia e bebia vinho com regalo.

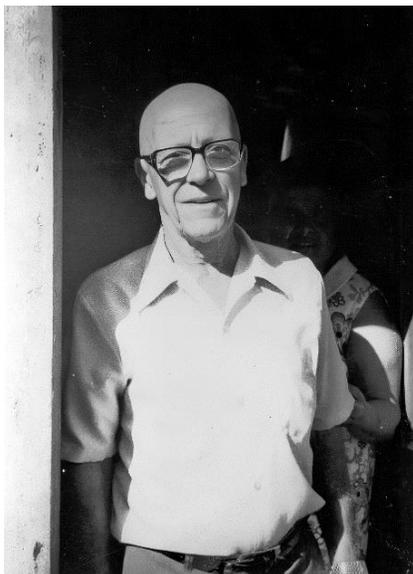
A mesa ficou vazia. Falta ele à cabeceira. Falta o João Costa à direita. Faltam Ary e Lili, Agnelo e Rosalina. Tudo isto está escrito nos poemas de sua filha Benita.

A última vez que o vi, senti que seus olhos me olhavam diferente. E me disse, generoso.

- Qualquer coisa que eu pudesse fazer por vocês eu faria, até mesmo morrer.

Declaração de verdadeiro amigo.

CARECA



A noite se povoa de seu canto. Os acordes voam para o ar, enchem os corações de ternura participada, os votos de amor e de amizade se escrevem nos ritmos, a evolução de uma escala é como um laço que a todos os congrega.

A vida cantando. Não com a profissionalização ambiciosa, mas na entrega de um dom, como quem partilha riquezas, uma generosidade ampla.

Seriam festas, serestas, seriam apenas momentos de amor.

A tudo a presença comandava, sendo o acompanhamento de um tempo.

Rodeavam-lhe amigos, admiradores. As músicas eram solicitadas e ele, obediente, com um sorriso de assentimento, atendia às preferências.

A Igreja, a casa de Caridade e outras obras, construíram-nas tijolos e canções, e as pedras não pesavam mais que os esforços e as canseiras das lutas pessoais e dos dons distribuídos com grandeza.

A voz, como a do Careca, passava a ser um privilégio de todos, e, se um cantava e cem ouviam, eram cento e um a oferecer.

Assim foram levantadas paredes, assim se ergueram monumentos, entre preces e prendas, entre microfones que distribuía oferendas, entre vozes que pareciam símbolos. Símbolo de trabalho, de comunidade, de compreensão, de amor. Disse-me sua neta, Cecília, que ele já não canta.

Morreu-lhe na garganta a alegria, a vida o derrubou com suas foices. Mas, para nós, que a evocamos, ainda ressoam nestes céus aquela voz forte, macia, que entrava pelas noites, pelas janelas abertas e que era um convite à participação.

As noites de serestas estão revividas em nosso peito. O Careca não apenas lustra suas madeiras com a plaina, mas empunha um violão encantado e estimula a mocidade a unir sua voz à dele, numa canção que vibra eterna, pela cidade.

ODILA E GYRÇA



Odila Scarpa



Gyrça Spiegel Palombini

Chegam duas sombras. São minhas amigas Odila e Gyrça, que partiram de seu passeio por esta terra tão precocemente. Elas conversavam, suas vozes ecoam de dentro do passado e vivem nos lábios de filhos e netos, que elas não conheceram.

Mas alguma coisa delas vive nestes descendentes, um sorriso, um piscar de olhos, qualidades, um traço de beleza.

E elas, como flores cortadas ao amanhecer, são estátuas de mocidade, nos subconscientes de nossa saudade.

Eram ternas, meigas, atenciosas. Mas submissas ao destino que as raptou num tempo em que as tarefas da maternidade as solicitavam ainda.

Nós fomos nos submetendo ao tempo. Ele nos foi exigindo entregas, nos desfigurando traços, membros.

Elas, as duas, me sorriem do além. Estão incorruptas, niveladas no momento em que a vida, como a corda de um relógio, foi sustada.

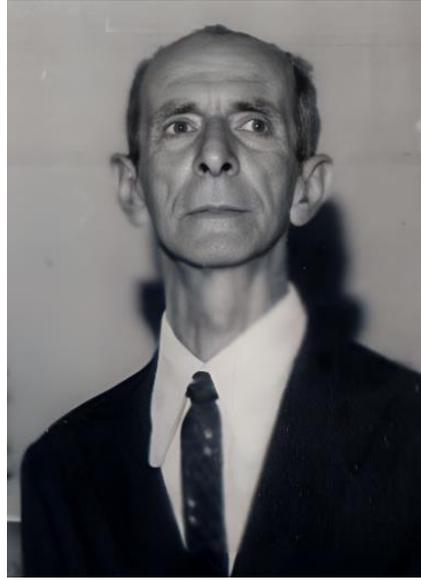
Um túmulo, coisa tão vaga, evoca memórias. Mas a memória viva é muito mais lúcida e completa.

Ela as desenha na ternura da saudade, numa linha ilimitada de horizonte. Uma flor para elas.

ALFREDO PASSOS

Hoje os sinos dobraram por ele. Aos 84 anos, foi levado ao cemitério local por numerosos parentes, amigos, admiradores. Dia 21 de junho de 1984, dia de Corpus Christi. Foi um dos baluartes desta cidade, um exemplo de caráter, de bondade, de disponibilidade, um homem de quem se pode dizer: combateu o bom combate, mereceu a vitória.

Dele, numa homenagem que lhe foi prestada no Rotary Clube, foi dito: “Eis um homem que soube ser grande em todas as tarefas e que, com simplicidade e dignidade, engrandeceu cargos e opções.”



Num simples balcão de comércio ou como um Juiz de Paz, nos balancetes tão minuciosos, onde centavos representavam o mesmo que milhões, como Tesoureiro comunitário, nas festas da Santa Casa ou da Matriz, soube ele, com sua imparcialidade e palavra, nunca sequer discutida, anunciar os resultados das disputas memoráveis em concursos ferrenhos e disputadíssimos.

O Rotary clube o escolheu para homenageá-lo por ser um dos alicerces mais firmes da cidade, com sua vida oferecida para o bem da comunidade, para a família, honrando sempre os mais exigentes compromissos cotidianos, abraçando as responsabilidades mais árduas, sempre com um salutar espírito de desprendimento e de dedicação.

Estes homens precisam ser lembrados e exaltados, para que os jovens se mirem nestes exemplos de grandeza e por eles norteiem suas vidas.

E a comunidade se orgulhará sempre dessa lembrança, com seu preito de respeito, de louvor, de admiração.

ANTONIO FRANCISCO DOS SANTOS



Um homem grande, moreno e forte
com a família numerosa, gente valorosa.
Era Formiga e nos intrigava o apelido.
Seria por que carregava mercadoria
em seu caminhão amarelo?
Fazia as viagens pelas estradas
tão poeirentas, de antigamente.
Morava lá para baixo da linha
lugar onde havia muita enchente
e tão poucos moradores.
Havia uma várzea grande e vazia.
Sua mulher, D. Benedita, também era grande
na estatura e por dentro, no coração.
Ele gostava de música e tocava baixo
e nas inúmeras festas e bandas
estava presente.
Vibrava com o futebol
e hoje nosso Estádio tem seu nome.
Trabalhador, construiu sua vida
sob a égide do trabalho
e legou à sua família
um nome digno para ser honrado.

DR. PALOMBINI



Era um gaúcho que, do Rio, veio para esta cidade. Há muito tempo houve uma luta política entre “seu” Baptista e Dr. Olavo, Coronel Delfim e Fernando Costa. Questões estaduais e depois municipais.

Sendo adversários políticos, e Dr. Olavo o único médico local, “seu” Batista convidou o Dr. Palombini para vir para cá. Era um clínico muito inteligente e culto, de prosa muito apreciada. Exerceu aqui uma medicina digna e competente e fez numerosa clientela.

Mas, desprendido, quase nada usufruiu de seu trabalho. Tinha apenas uma casa que vendeu, ao se mudar para São Lourenço, onde, aos 86 anos, ainda trabalha, cercado de carinho e do respeito de todos os seus amigos e admiradores.

Teve uma filha, Gyrça, moça bela e inteligente, muito bondosa, que morreu muito moça, deixando quatro filhinhos. Ela era então casada com Walter Figueiredo Motta.

Essa mágoa profunda envergou-lhe os ombros e uma sombra de tristeza passou a vagar pelos seus olhos, ao mencioná-la.

Toda a cidade também chorou essa dolorida ausência. Infelizmente, ele não pode salvá-la, quando teria dado toda a sua ciência para isso.

Preocupava-o o analfabetismo no Brasil e, também, o grave problema da saúva lhe merecia atenção e lamentos. Dava esclarecimentos, dados, e reafirmava o refrão. “ou o brasil acaba com a saúva...”

Escreveu livros sobre esses assuntos, quando ainda não eram divulgados todos os alarmantes números desses cruciais problemas.

Com sua bandeira erguida, era um batalhador incansável.

Um de seus livros chama-se “O Sauvão”.

Talvez alertados pela sua voz e também pelo berço de cultura em que esta cidade se firmou com a criação do Ginásio Sul Mineiro, podemos ostentar o menor número de analfabetos no país, perdendo apenas para Brasília, o Distrito Federal.

Nossa porcentagem é de 94% de alfabetizados. Talvez agora, com o funcionamento do Mobral essa taxa esteja ainda melhor.

Dr. Palombini era um homem veemente em suas crenças, estudioso e culto, um grande amigo e ao evocar-lhe a figura, presto-lhe, em nome da cidade, uma homenagem de louvor e carinho.

OS ORDINE



Família Ordine

Em pé, atrás: Diana, João, Ermerinda e Concheta.
Frente: Maria, Francisco, Padre Arcangelo (irmão de Isolina), Ernesto,
Giuseppe (Pepino), Rosa, Isolina e Nina
Foto de 1924

Lembro-me de seu José
e sua mulher, Isolina.
Ela, uma velhinha bonita
e tantos filhos.
Havia a Rosa, que formosa
era filha de Maria.
Muito trabalho, essa vida generosa
de trabalho e de força.
Mas quem me ficou mais nitidamente na lembrança
foi o Chiquinho, alma santa
que vivia num corpo parálfico.
Em sua cadeira de rodas
ele rodava a vida.
Cuidava das esmolos, na Igreja
e recolhia a generosidade alheia,
frágil Chiquinho, a balançar corajoso
a sacola com os óbulos dos fiéis.
Depois ia para a sacristia

e contava os valentes tostões de antigamente.
Havia também a Nina, frágil menina
que também se atrelou a uma cadeira de rodas.
Foi minha colega naquele antigo grupo,
magrinha, pequena e triste.
E assim desfilam sombras
por entre páginas sombrias.
Às vezes posso captar os risos
pois que povoam também a débil vida.
Seus descendentes aí estão, muitos rapazes
em trabalhos também pela cidade.
E o generoso sangue italiano
revigora nessa taça de passado
que comovidamente sirvo.



Francisco Ordine
(Chiquinho)

ANTÔNIO SCARPA



Tio Nico, era como o chamávamos, pois era casado com tia Manoela, irmã de meu avô paterno.

Diz o jornal “O Ginásio Sul Mineiro”, em 1925, a seu respeito: “Transcorreu no dia 11 de setembro o aniversário de nosso estimadíssimo amigo Antônio Scarpa. Espírito empreendedor e extraordinariamente progressista, a ele deve Itanhandu, em grande parte, o seu vertiginoso desenvolvimento. O Ginásio mesmo, aqui se acha fundado, por empenho seu.” Sabemos que realmente ele muito ajudou o Professor Sousa Nilo a tornar realidade o sonho dessa fundação.

Era ele, quando o conhecemos, já cheio de filhos, tendo voltado para cá depois de ter morado muitos anos em Cristina.

Tinha uma só menina, a Maria José e um bando de rapazes.

Era atencioso com a gente, e tinha sempre ideias fervilhando em sua cabeça, invenções, descobertas.

Fazia um doce de leite, que vendia em copinhos plásticos e que fazia a delícia das crianças, naquele tempo.

Deixa uma grande descendência.

Pelo que fez a esta cidade e pelos laços de parentesco, lhe endereço hoje uma homenagem carinhosa.

VICENTE VASCONCELOS PORTAS



Numa homenagem proposta e aceita por todos os integrantes da comissão de organização do “Clube Campestre”, foi seu nome homenageado, dessa maneira, dando-o a esse clube.

Foi uma bela realização dos moços desta cidade, idealizado por Paulo Rennó Pinho e presidido por Rubens Nilo, que construiu as piscinas, as quadras de esportes e foi seu presidente por dois anos consecutivos.

Situado numa curva feita naturalmente pelo Rio Verde, é na verdade um lugar aprazível, digno do nome de Vicente Portas.

Era ele um cidadão português, que aqui viera em atividades comerciais, casando-se com uma filha de Alexandre Moreira, Guilhermina, e unindo-se desde então à cidade não só por laços de casamento, como por infinitos laços mais poderosos de amizade, de afeto e de dedicação.

Era um homem boníssimo, delicado, cavalheiro. Residia no Rio de Janeiro, mas frequentemente estava aqui, nos eventos mais representativos da comunidade, com a bolsa aberta aos seus reclamos.

Meu pai e ele se pareciam fisicamente, não de feições, mas de um aspecto geral: o mesmo porte, o mesmo corpo, a mesma altura e principalmente a mesma grandeza de espírito.

E eram amigos tão extremados que, quando meu pai soube de sua morte, ocorrida repentinamente no Rio de Janeiro, teve um abalo cardíaco muito forte e nunca mais se recuperou inteiramente deste episódio.

Assim, é com o máximo carinho que evoco sua figura saudosa, na perenidade simples desta homenagem que ele tanto merece e que lhe retribuirá, num breve cumprimento, mas numa enorme admiração, o agradecimento da cidade pelo que por ela fez.

RUA DR. OLAVO GOMES PINTO

Enquanto passamos pela antiga rua Sete de Setembro, vaga pelo nosso espírito uma respeitosa lembrança, quando ouvimos alguém perguntar: - Que rua é esta?

E vai conosco o pensamento despertado pela significação da homenagem para a pessoa querida que a ensinou, pela vida ali transcorrida, pela pequena história que rumoreja entre lembranças. Numa rua assim mora o espírito da cidade. Sabemos, no corpo, onde mora a alma? No laboratório interior de nossas emoções, onde a vida se entretetece de recordações e de ocorrências, a senda de nossa participação se reveste de intensa e duvidosa saudade.

Essa era a rua do “footing” de outrora, onde a sirene do cinema cantava pontualmente, onde havia o lar-hotel de D. Dita, onde grandes encontros se marcavam, onde houve o primeiro calçamento, onde as paradas cívicas se exibiam, onde a importância de ser cidade mais se evidenciava.

Era a Rua Sete, homenagem obrigatória à data independente, que razões patrióticas justificavam, mas que, pouco, em razões sentimentais, significava.

Assim, quando sugeriram que se desse ao Dr. Olavo Gomes Pinto o nome de uma rua, foi esta a escolhida, com que a Pátria, democraticamente, acedeu.

É preciso que as cidades perpetuem em si, ao seu corpo visível, o nome de seus filhos ilustres, ou dos que, em não tendo nela nascido, amaram-na de um amor enternecido de filhos, merecendo, da mesma forma, ou ainda mais, essa perpetuidade.

Dr. Olavo nasceu em Virgínia, cidade ligada a esta por laços poderosos de amizade. E, aqui, por longos anos, exerceu uma medicina profícua, competente e humana, com a bondade e a dignidade que o caracterizavam.

Quando o Ministro da Saúde, há dias, nos jornais, discorria sobre o antigo médico da família, eis que essa figura austera



e bondosa, inteligente e íntegra nos vem ao espírito, personificando o médico de nossa infância, a quem aprendemos a admirar e respeitar com ternura.

Herdamos de nossos pais uma amizade tão intensa que, solicitada para esclarecer aos jovens de hoje a significação dessa homenagem, a do político idealista, a do homem superior, estejam misturadas à imagem do amigo bondoso e espirituoso que, com carinho todo especial, me apelidou de “comadrinha”, desde que batizou nossa filha Suely.

Assim sendo, perdoem-me se não lhes forneço datas e outras anotações biográficas, circunstâncias em que nada alteram a figura maravilhosa que se me desenha no coração e que não elucidam a grandeza de sua personalidade.

Lembro-me da aura de admiração que o envolvia, ao transpor a soleira de nossos lares, para examinar um doente. Lembro-me de nossos olhos espantados cravados na figura pequena e imensa, nas suas mãos crespas que apalpavam com suavidade e destreza, na descoberta de males orgânicos, nos seus olhos azuis e doces, na voz grave e veludosa. Lembro-me da tranquilidade serena que ele dispensava a adultos e crianças, que se entregavam ao seu lúcido diagnóstico.

Há pessoas que nos levam a um natural sentimento de respeito e veneração, quando recordamos os seus exemplos. São as galerias de nossa admiração que se povoam destas figuras de escol. E se, no nosso íntimo, elas estão assim preservadas, justo é que as incorporemos à admiração dos jovens, para que eles possam haurir, de seus modelos dignificantes, a luz para nortear e idealizar suas vidas, com reflexos positivos em suas atuações futuras.

Cada cidadão consciente deve dar a sua parcela de sacrifícios em benefício da comunidade e o seu testemunho de vida não se perde no descaso do tempo, nessa poderosa razão de permanência.

Nessa vida exigente e devotada de um médico, tantas vezes mal interpretada, nessa dedicação de toda hora, nessa imprescindível e resoluta coragem no cumprimento do dever, onde as dores pessoais são esquecidas, onde a responsabilidade é o aguilhão de toda hora, onde o suor e o sangue são contingências corriqueiras, onde as vigílias se multiplicam e as almas se contristam no sofrimento, justo é que se lhes devotemos admirações e reconhecimentos.

Eles como que estão ungidos de uma espécie de luz, nessa luta constante que empunham diante da vida e da morte, com os recursos de suas humanas limitações, e as abnegadas lições de suas capacidades profissionais.

Esse médico que evocamos, cumprindo seu juramento ético nas menores exigências, nortear, até hoje, os que vieram após, sendo citado em suas

conversas médicas, com a mesma confiança com que os leigos se entregam à sabedoria da Bíblia.

Era a ética personificada. E, se por esta mesma ética, que lhe permitia cobrar, justamente, o devido ao seu trabalho, a bondade ultrapassava os limites de suas necessidades materiais, ele, amigo da cidade toda, não podendo viver de honorários não cobrados aos amigos, teve que se mudar para enfrentar a batalha da subsistência e da educação dos filhos.

Assim, depois de dedicar a esta terra os melhores anos de árduo trabalho, mudou-se para São Lourenço, onde atendia aos veranistas que o remuneravam condignamente pelo seu meticuloso trabalho profissional.

Durante mais de 30 anos São Lourenço beneficiou-se de sua ciência e de sua personalidade, de sua elevada grandeza profissional e humana. Também lá, onde se fez querido e admirado, a rua principal foi dignificada com seu ilustre nome.

Mas quando, já idoso e cansado, pressentindo que o descanso em breve o premiaria, as ânsias de seu coração o trouxeram de volta a Itanhandu, numa predileção justificada pelo dedicado amor com que honrou esta terra. Aqui viveu seus últimos anos, cercado do carinho dos amigos, da amizade que havia plantado e cujas raízes se multiplicaram, olhando estas serras ondulantes, que circundam a cidade, vendo os jovens que ajudara a nascer e a crescer, os velhos companheiros que vinham, recordavam juntos pejejas de outrora, tantos amigos enxameados à sua volta, bebendo ainda de sua doçura.

Morreu em 1958. Foi um enterro que aglutinou toda a região vizinha, e todos, entristecidos e gratos, em lágrimas silenciosas, testemunhavam o seu reconhecimento.

Nosso cemitério teve a honra de receber o corpo desse homem nobre e benemérito, que hoje ali descansa, ao lado de sua devotada e bondosa companheira D. Vicentina.

Uma rua é muito pouco, Dr. Olavo, para retribuir tanto amor. E Itanhandu lhe deve a honra desse empréstimo, a ter cedido nome tão digno e íntegro a uma rua de sua cidade, que se engrandece na sua grandeza imperecível.

SR. AGNELO E ROSALINA



Na trilha da amizade, os nomes se vão incorporando à saudade. São os que se vão, nessa sinuosa distância em que se projetam, além das perspectivas de uma conversa, mas próximos, nas lembranças que ressuscitam.

Essas pessoas de marcante influência nesta cidade, depois que vieram, vindos de Virgínia, não poderiam faltar nesta lista de personalidades que enumero.

Ele, com sua indústria de calçados, que tanto nome trouxe a esta cidade, tanto progresso e oportunidades de trabalho.

Começaram a vida modestamente.

Ele, na sapataria, a trabalhar os calçados manualmente, mas a sonhar, com o espírito de comércio e visão de futuro, com um campo mais amplo.

Quando, na Prefeitura, Rubens tomou conhecimento de suas proposições, tratou de dar-lhe o mais decidido apoio e o mais franco entusiasmo. Veio então para cá a fábrica de calçados “Agnelo”.

E assim, para dar início à sua fábrica, na Vila Carneiro, deu-lhe alguns incentivos municipais.

Mais tarde, adquiriram terrenos para a instalação de sua moderna e grande fábrica, no Bairro Nossa Senhora de Fátima.

Na linha de calçados militares, chegou a vencer todas as concorrências nacionais e chegou a exportar para os Estados Unidos, onde, em 1968, fez a primeira viagem para os contatos de exportação.

O número de famílias que obtém o seu emprego e vivem dessa florescente indústria é muito grande e Itanhandu se sente agradecido à essa família pioneira que trouxe para cá esse benefício incalculável.

Essa indústria tem atravessado alguns períodos de dificuldades, como toda a gente, nessa época de crise financeira, em todo o país, mas com galhardia tem vencido todos os obstáculos e garantido o emprego a tantas famílias desta comunidade.

O Sr. Agnelo era o amigo sempre certo, o cavalheiro, o homem sempre dispostos a cooperar com as causas comunitárias. Foi também Provedor da Casa de Caridade.

Dele guardamos as mais gratas lembranças de amizade, tendo esta se transferido para os seus, que continuam, não só nos negócios, mas também na cidade, a ser presença atuante, amiga e solidária.

Rosalina era uma meiga criatura que aqui chegou para conquistar toda a cidade.

Sua bondade enorme, sua simpatia e simplicidade encantavam a todos. Aqui chegaram com os meninos ainda pequenos, as gêmeas, com suas trancinhas iguais, a estudar no Grupo. A mais nova já veio itanhanduense.

E aqui se radicou essa família a quem, Itanhandu, num preito de justiça, concedeu ao chefe o título de “Cidadão Itanhanduense”, honrando-se de que o tenha recebido.

Rosalina permanece em nossa lembrança, nas saudosas reuniões das Damas de Caridade, com sua bondade intacta e saudosa, depois que uma sofrida doença a raptou de nosso meio.

E pela inconfundível personalidade deste casal amigo, a nossa amizade, um dia feita em versos:

“Tudo parece tão breve,
em termos de eternidade
aquele primeiro dia
que aportou nesta cidade.
E aqui, filhos e esperanças
ambos criaram raízes...”

FERNANDO COSTA



Foi o nosso Prefeito no período de 1927 a 1934. Era ele português, nascido na cidade do Porto e pertencia à família nobre, sendo seu pai conde, o Conde de São Mamede.

Veio mocinho para o Brasil e se instalou em Capivari, onde possuiu uma grande loja de comércio.

Recebeu em pagamento de uma dívida uma gleba de terra em Bom Sucesso. Depois foi comprando ali mais terras e lá formou sua fazenda, para onde se transferiu posteriormente.

Casou-se com D. Mariana, filha de João Pereira Carvalhal, da Capelinha, pertencente a São José do Picu, hoje Itamonte.

Era uma pessoa muito bondosa, generosa, um cavalheiro, em toda a significativa extensão da palavra.

Era baixo e gordo, corado e tinha longos bigodes brancos.

Meu pai dizia dele que, apesar do corpo grande, ali dificilmente caberia seu coração, pela imensidade de sua bondade.

Ele sempre tomou parte ativa nos problemas da municipalidade, com amplo interesse em seu progresso.

Foi um dos mais ativos chefes políticos, junto a Olavo Gomes Pinto e Delfim Pereira Pinho.

Eram cognominados “a trinca da resistência”.

A Escola Normal tem seu nome, pois desde a sua fundação, em 1930, deu-lhe o mais decisivo apoio.

Também uma de nossas duas principais avenidas tem o seu nome, perpetuado pela justa homenagem que lhe foi prestada.

Seus filhos, João e Manoel, foram também ilustres nomes de nossa história, baluartes da terra, um na carreira parlamentar, advogado e deputado e o outro na prefeitura, em dois mandatos, e em todas as atividades comunitárias.

Tiveram, em Capivari, muitos outros filhos, que perderam. Várias meninas, mas só criaram João e Manoel.

Mas apesar de serem apenas dois, sua descendência é numerosa, pois ambos tiveram vários filhos que continuam suas lides como cidadãos trabalhadores e prestantes à comunidade, moços inteligentes e dedicados que engrandecem de igual modo o torrão natal.

Fernando Costa teve uma morte marcante, exercendo o seu mandato na prefeitura, onde nem mesmo pode ter auxílio médico.

Era uma tarde de agosto, 4. Era o ano de 1934.

Despachava em seu gabinete quando a morte chegou, sem mesmo pedir licença. Lembro-me da imensa tristeza das pessoas e a cidade a lamentar o ocorrido.

Era um homem estimadíssimo e a fazenda logo se encheu de amigos que o prantearam doloridamente junto à família.

Num jornalzinho da cidade há um trecho de uma visita à sua fazenda, que transcrevo:

“Foram momentos de imenso prazer o que fruímos durante nossa visita ao ilustre ancião.

Na palestra simples que travou, tivemos o ensejo de formar o juízo de seu caráter, de sua inteligência e apreciar a sua figura de “gentleman”, tais e tão continuadas foram as distinções com que nos cumulou.

É de uma abnegação total, nem a remuneração que a municipalidade lhe faculta, ele aceitou. Tudo ele faz por amor ao lugar que habita, há longo tempo, retribuindo assim a estima que lhe votam os seus habitantes”.

Esse foi realmente um grande homem que tivemos a honra de merecer como Prefeito, como filho, como cidadão.

IGNACIOS BUSTAMANTE

Vimos de seu enterro, Inácio Fortes Bustamante. E pensamos no homem inteligente, estudioso, íntegro, que foi juntar-se à companheira, Noemi, depois de uma breve separação.

Relatando sua morte, reporto-me há muitos anos, onde li, num jornalzinho de 1930: “foi sepultado hoje em Capivari, saindo o féretro desta cidade, o boníssimo Cel. Ignacio Bustamante, cidadão muito benquisto, onde deixa numerosa família”.

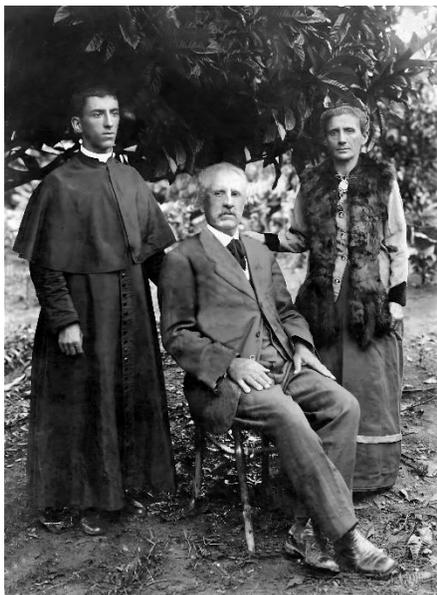
E pegamos o fio dessa meada, os inúmeros Ignacios que, em sua homenagem, foram sendo batizados. A família Bustamante é tão enraizada neste chão, atuante na comunidade, principalmente na Igreja, com participações e exemplos.

Houve o Cônego Francisco Bustamante, que tantas vezes exerceu o ministério sacerdotal nesta Igreja, sendo pároco em Capivari.

Lembramos seus irmãos, “seu” Antônio, casado com a bondosa D. Chiquinha, mulher de grande fé e muita personalidade, que também batizou o seu Ignacio, este grande amigo de meu pai e nosso, casado com Aparecida, filha de Pedro Cunha e D. Noêmia.

Assim vai a vida derrubando homens, imagens, personalidades, e cada um vai cumprindo o seu caminho, deixando pegadas, descendentes, traços familiares, e duas datas na placa de um túmulo.

E os elos dessas cadeias de vida vão emoldurando paisagens, vão tecendo acontecimentos, cruzando destinos, compondo biografias.



Ignacio Fortes Bustamante com a esposa Maria Onolasca e o filho Cônego Francisco Bustamante (Padre Chiquinho)

MARIA ANGELINA MOREIRA DA SILVA



Minha comadre Maria Angelina, mulher valorosa, firme no sonhar, fazendo do sonho realidade, planta forte o pensamento, faz do obstáculo um desafio.

Chega a velhice e a encontra corajosa, esgrimindo com o tempo, vencendo-o sempre. De manhã, busca o pão do espírito, antes do próprio alimento material, o seu jornal. Lê o Globo de ponta a ponta, conhece todos os assuntos, discorre sobre Política, História e acontecimentos daqui e de Portugal, terra amada, da qual se afastou, mas que continua aninhada em seu coração.

Mas sabe amar o Brasil melhor que muito brasileiro. Vai fundo às raízes e disseca os homens com quem convive, sabe de seus sentimentos. Os noventa anos a engrandecem, o cérebro é muito jovem.

Toma a vasilha do leite e vai, vagarosa, pela rua Dr. Olavo Gomes Pinto, buscá-lo. Mas a cabeça carrega o sonho e a grandeza.

A vida desfila pelos seus passos. Os transeuntes, aos quais tantos viu nascer, trafegam com pressa. Não percebem que ao seu lado passa uma valorosa figura de mulher.

Ela, vagarosa, busca o leite e abençoa os ares desta terra, que ama. Fez deste chão a sua Pátria, de sua família o seu ídolo. A eles dá o fruto de seu amor devotado.

Sua sábia letra se firma no documento da amizade. Sempre soube ser presença, estar onde o dever a chamasse.

Esta cidade muito lhe deve. Foi ela a alma da construção da Casa de Caridade. É seu ideal realizado.

Ela é força e é exemplo. Está no seu sobrado, descansa um pouco, mas está atenta. Todos os acontecimentos levam o seu entusiasmo.

E a espada da luta está pronta, a seu lado, para ser manejada. Grande mulher, minha comadre Maria Angelina.

Em seu aniversário natalício, a cada 2 de maio, subo as escadas com emoção. Não é apenas um abraço que lhe levamos. É antes de tudo amizade e admiração.

Quando estava em Portugal, escrevia-nos belas cartas, patrióticas, lúcidas, saudosas, cheias de um ardor de guerreira.

Em 1949 mandou-nos um cumprimento pela chegada de Luciano, cartão tão belo que o guardamos com imenso carinho.

Depois disso foi mais uma vez à terra natal. Depois, ficou-se no sobrado, decidida a entregar à cidade os seus dias fecundos.

E Deus, para nossa alegria, a conserva forte, sábia e grande.

Quando, com as cortinas descidas, contempla o pôr do sol daquelas sacadas, pensa na Pátria e eleva até ela uma prece de amor.

Ouve algumas novelas para se distrair, mas o seu rico pensamento vai permeando o chão, o coração dos amigos, onde a presença de sua amizade é um prêmio.

Deus a abençoe.

MAZINHO

Tantos quilos de cimento
e outros de prego
e muitos milheiros de tijolos.
E a letra incerta do Mazinho
vai escrevendo a sua lista
e a trajetória na história
de nossas construções.
É sua glória a sua prece
escrita com seu trabalho,
pedreiro de São Vicente.
São casas simples, com pequenas
jardineiras plantadas com terra vermelha,
onde os gerânios são símbolos de amor.
Terra pobre como as vidas que ajeitamos
mas que dão flor.
Mazinho, construtor de São Vicente
escolhido a dedo e tão somente
pelo seu coração grande
guardado no corpo pequeno.
Coração valente e forte
e o pequeno porte se agiganta
pela tarefa que abraça
humilde e anônima, como gosta.
Ninguém sabe quanto milagre é feito
diariamente pelo persistente
e dedicado
pedreiro de São Vicente
que trabalha com a colher e a mente
corajoso e na maior economia
vai descobrindo o que é mais barato
ao alcance de nossas bolsas tão rasas.
Foram 30 casas que se multiplicaram
graças ao nosso padroeiro
e ao nosso pedreiro,
tão milagrosos parceiros.



(Poema feito por ocasião de nossa 30ª casa, em sua benção solene, casas estas construídas pela Associação das Senhoras da Caridade de São Vicente de Paulo).

TONICO MOTTA

Há duas pessoas com esse nome, dois Antônio. Um tio do outro. Um morava na rua Nicolau Scarpa e era nosso tio, irmão de minha avó. Sua mulher, Isolina, era Bustamante. Os dois ficaram muito velhinhos, e ele, com a cabeça branca, pele morena, contava casos acontecidos com muita graça.



Família de Antônio Motta Filho e Isolina Bustamante Motta

Nós, crianças, os visitávamos de vez em quando com mamãe, e gostávamos de ir lá, onde nos levavam ao pomar para chupar laranjas e ver o rio. O Rio Verde passava nos fundos e tinha um barulhinho doce, de quem carrega a vida sem pressa e sem esforço.

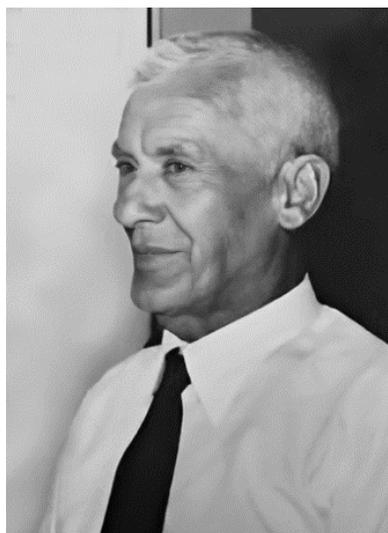
Tia Isolina tinha a face murchinha, era miudinha, mas de olhar firme e forte e mexia as panelas com ternura. Lembro-me dela fazendo um almoço e nos hospedando na cozinha, parece que havia um movimento qualquer e eram muitas pessoas ali.

Os filhos, Francisca, Benedito, Nolasca e Zezé, esta casada com o “Mineiro”, Ulisses Franco da Rosa, com muitos filhos homens, gente valorosa, lutadora, amiga.

Esses tios perderam, na epidemia de febre tifoide que tivemos há muitos anos, uma filha, Guiomar, que foi a primeira esposa do Barroso, que se casou posteriormente com a Cota, pessoa muito amiga, e também companheira na Associação das Damas.

Assim, vou desatando laços, contando como a vida os foi armando, entrelaçando fios e mais fios, tecendo a trama da saudade, canoando como o rio as suas cantigas genéricas.

O outro Tônico, sobrinho deste, era também delicado, visitava bastante os tios Delfim e Ritinha e era casado com D. Olímpia Figueiredo, que mora ainda no bairro que tem o seu nome. Os filhos e os netos respiram estes ares, labutam nas lides da cidade, constroem o futuro, como seus pais, cujos passos, já sustados, revivem nas lembranças do passado.



Antônio Motta Sobrinho

HENRIQUE SCARPA



Lembro-me de D. Sezínia como sua viúva, pois este morreu moço, há muitos anos e deixou muitos filhos. Ela era uma senhora muito boa, de fala macia, que fazia doces para fora e, com seu trabalho, educou tantos filhos. Seu sobrenome era Perroni. Vida sofrida, mas engrandecida pela conformidade, pela coragem, pela fé.

Educou um filho médico, outro farmacêutico e o mais jovem, Milton, advogado, nas lides jurídicas, atualmente.

Muitas filhas, muitos netos, muitos ainda na sua grande casa, que foi desdobrada pelos filhos e onde canta ainda a saudade de sua pessoa valorosa e forte. “Seu” Henrique, que era filho de Nicolau Scarpa, que era irmão de Domingos Scarpa, este pai de “seu” Batista Scarpa. É uma família numerosa, com muitos descendentes, que se desdobraram em muitos outros, correndo o sangue italiano, de sua origem, junto do sangue brasileiro e itanhanduense, nessa gama de pessoas bondosas da cidade.

EMÍLIA PEREIRA



Ei-la no Correio, durante tanto tempo, vendendo e pregando selos, aviando telegramas, buscando cartas, entregando os jornais, cansando a juventude, encanecendo os cabelos, dispensando o seu tempo e seu labor, repetido e monótono, aos que levavam ou traziam o calor de suas mensagens.

Ao fim, a certeza do dever cumprido e a aposentadoria merecida e justa.

AMADOR GUEDES



Lembro-me dele como um grande amigo de meu pai. Era dono da Cerâmica Itanhandu, que ficava exatamente onde hoje está, mas era muito mais longe, muitos anos atrás. Sua figura morena, seu modo de enrolar e de fumar um cigarro, sua palavra mansa, seu jeito de rir de um evento, surgem-me à memória.

Ele era muito brincalhão, gostava de inventar brincadeiras com os companheiros, tendo casos muito engraçados.

Certa vez, ele e um seu compadre foram passear no Rio de Janeiro. Compraram na Casa Delfim, cada um, um par de sapatos exatamente iguais. O dele era nº 38 e o do compadre nº 39. No Rio andaram, andaram, jantaram e passearam ainda. Chegaram ao Hotel bem tarde, exaustos. Os pés, com sapatos novos, daquele jeito. No dia seguinte ele acordou primeiro. Vestiu-se e pôs, naturalmente de propósito, o sapato nº 39 no pé. Folgado, cômodo!

Quando o compadre acordou e foi colocar o seu, não houve como fazê-lo entrar. O que foi, meu pé inchou, como será, e o jeito foi o compadre sair e comprar outro...

Foi ele também Delegado de Polícia aqui por muitos anos e ganhou o apelido de Xerife, muita gente o chamava assim.

Fazia parte dos movimentos comunitários, era generoso e também fazia parte das rodas, gostava de uma boa prosa, dava soluções.

Lembro-me que, meu pai prefeito, era o delegado. Ele chegava e falava, com a voz séria, o jeito preocupado: Delphim, temos um caso complicado...

E lá saíam para dar atendimento a ele.

Seu pai, Alípio Guedes, foi dos primeiros moradores da cidade.

Sua casa, onde hoje mora a filha Jaira, foi construída em 1915 e ele morreu em 1917.

Sr. Amador possuía um só filho, a quem deu o nome do avô, Alípio, que lhe herdou muitas qualidades, como a de entender de máquinas e maquinismos. Da mãe, o filho herdou a mansidão e formosura.

Era ela D. Palmira, alta e bonita, uma criatura muito doce, com uma grande personalidade, uma conversa serena e uma simplicidade encantadora.

Foi uma grande companheira nossa, no Dispensário.

Hoje “seu” Amador está na história da cidade, a praça principal tem o seu nome e está na lista dos prefeitos, cujo mandato foi de 1955 a 1959.

Lembro-o com o carinho da infância, com essa aura de passado que dá colorido às lembranças, um homem sólido, marcando a sua passagem em o tempo que aqui viveu.

Penso, ternamente, que ele e meu pai devem ter continuado a sua conversa interrompida, no além, onde os pequenos fatos devem ser saboreados por eles, com aquela maneira de rir felizes, amigos e companheiros, numa amplidão de afeto.

DR. CHARLIER E MADAME MARGUERITE



Foi um casal estrangeiro, mas teve muita influência sobre a mocidade, apesar do pouco tempo que aqui passou.

Ele era um engenheiro belga que, em 1938, comprou o Ginásio Sul Mineiro. Era de formação rígida, muito severo, íntegro e bom. A cara meio quadrada, lábios muito finos, rosado, com uma cabeleira já grisalha.

Muito labutou e sofreu por aqui, pois diversos contratempores surgiram em sua permanência. Fatos tristes, trágicos, mas a eles resistiu bravamente.

Tinham quatro filhos, dois homens e duas mulheres. O mais novo, Jean, ainda cursava o Ginásio. A mais velha, Linette, era enfermeira na Bélgica e depois de alguns anos também veio para o Brasil. Outra, Lizette, veio com os pais. Ensinava pintura e ainda tenho na parede alguns quadrinhos pintados nesse tempo.

O outro era René, professor de química, casou-se com Delza, moça que ele conheceu em Alfenas, onde estudou. Ela também lecionou aqui.

Dr. Charlier imprimiu uma nova feição ao Ginásio. Austeridade, disciplina em moldes estrangeiros e a mesma eficiência. Cuidado na escolha de professores, limpeza, etc.

Os alunos o temiam, mas o admiravam e respeitavam. Mas à Madame, como era chamada, eles a amavam. Tinha ela muito carinho para com os alunos internos, fazia-se de mãe. Alta, corada, com cabelos brancos que usava num coque, vestia-se de belas blusas de gola alta, rendas, vestidos compridos, plissados, às vezes usava chapéu. Olhos muito azuis e muita bondade esparramada.

Quando morreu foi muito lamentada e teve todo o carinho e respeito de uma pessoa amiga que aqui houvesse vivido a sua vida inteira.

Disse dela, num artigo, Francisco Turri: *“transitas eternamente pelos caminhos de nossa lembrança e surges e ressorges em sublimadas visões”*.

Também, na oportunidade do cinquentenário da cidade, na qual foram escritos vários artigos a respeito de antigos professores e diretores, disse o Alexandrinho a respeito de Dr. Charlier:

“Por tudo o que sei de sua honrada vida, patrimônio dos que amam Itanhandu, digo com a mais justa das convicções, que em Dampremy, na Bélgica, nasceu um dos maiores itanhanduenses de todos os tempos, Dr. René Charlier”.

Sabemos que há deste casal vários netos, brasileiros e talvez mesmo já bisnetos, que não residem e nem frequentam esta cidade.

Todavia, como um preito de justiça, os evoco nesta hora de rememorar uma história, com o carinho e a admiração que sempre nos mereceram, e um reconhecimento ao seu valor e bondade e pelo que ofereceram a esta cidade em cultura, em ternura, em exemplos.

Marguerite Charlier repousou em nosso cemitério, na tranquilidade de sua alma santa, dedicada, maternal.

Dr. Charlier, depois de muitos anos, morreu em Ribeirão Preto, para onde a família se mudou.

Todos os alunos que estudaram em seu tempo, no Ginásio, guardam deles as mais gratas lembranças aninhadas em seu coração.

NONNA

Licença. Nonna, avozinha
avó de toda gente.
Chega à turma alvoroçada
E lá na salinha pobre
Deus estava sempre à mão.
Ela preparava as crianças
prá primeira comunhão.
E já puxava as cadeiras
e pegava o Catecismo,
a aula vai começar:
- Quem é Deus?
- Quantas as pessoas da Santíssima Trindade?
E a voz da velhinha vai
vai como uma ladainha
penetrando lá no fundo
e vai descobrindo o mundo
da religião para as meninas.
Nonna, uma italianinha pequenina
mas de grande coração.
Casada com o Sr. Carlos Bacan
penetram hoje nas brumas da lembrança
para uma permanência ligeira
da cor de uma homenagem.

ÁLVARO MAGALHÃES E D. CORNELINHA

Naquela casa, vizinha da Prefeitura, adquirida do Sr. Armando Bragança, por sua vez casado com D. Else, nossa bondosa professora primária, eles moraram e ali morreram.

Eram amigos delicados, que aqui residiram pelo tempo que Deus lhes permitiu.

Aqui nasceram seus filhos e ele, nas lides comerciais, nos laticínios, fazendas, ia e vinha por aí, com aquela fala mansinha, muito espirituoso, divertido com seus casos memoráveis.

Ela morena e baixinha, tão terna, amiga, bondosa.

Eis que no passado foram morar e, ao lembrar-me deles, neste momento, lhes endereço um cumprimento de amizade, apreço e admiração.



DR. JOSÉ DE LOURDES SALGADO SCARPA



Foi um dos maiores itanhanduenses que conhecemos, pelo exemplo de amor e de trabalho em prol da cidade, pelos inumeráveis serviços a ela prestados.

Esse amor, não um simples amor de palavras, mas de altruísmo, de dedicação e atos.

Ele nunca se dispensou das tarefas mais árduas, na hora de sua distribuição. E sempre enfeitou sua atuação com exemplos, com entusiasmo, que se tornavam contagiosos, com brilhantismo.

E não descansou sobre louros alcançados, mas até o fim pugnou pelo engrandecimento da cidade.

A nossa Santa Casa, construída de sonhos primeiramente, e depois tornada realidade, servindo a esta região com tanta eficiência, foi por assim dizer, a menina de seus olhos.

Foi seu Provedor, substituindo seu pai, o inesquecível “seu” Baptista, durante muitos anos, doando-se inteiramente à tarefa para a qual espontaneamente se dedicava.

Na organização dos festejos em prol da Casa de Caridade e posteriormente, durante toda a sua realização, estava sempre presente, afastando-se de seus interesses financeiros, no Rio de Janeiro, onde só regressava para a dura tarefa de bater à porta de amigos generosos, dentre o seu grande círculo de amizade, para trazer a ajuda necessária para a construção ou para sua manutenção.

Era um grande orador. Nos banquetes, na hora de enternecer os corações para que as bolsas se abrissem mais facilmente, era ele de uma felicidade indizível.

Não basta ter ou distribuir ideias. É preciso arregaçar as mangas e participar. Mas não basta participar com reservas. É preciso realmente penetrar e viver o ideal para que os outros se conscientizem das grandes obrigações do cidadão.

E essa presença, esse exemplo, foram as características mais acentuadas de sua vida.

Nunca recusava as funções mais desgastantes, se elas fossem necessárias ao engrandecimento da terra.

Assim, exerceu, escolhido como candidato único, a Prefeitura, pelo período de 1951 a 1955.

E mais não fez em seu período por motivos inexplicáveis, como o projeto de captação da água, vetado pela Câmara Municipal.

Estava ele sempre atento às soluções de problemas e os cômodos caminhos do afastamento nunca o alcançaram.

Exerceu os mais altos postos, sendo Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e mais tarde Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais.

Foi genro do Sr. Wenceslau Braz, casado com sua filha Lourdes, pessoa de grandes dotes de bondade e inteligência.

Ambos descansam hoje de suas tarefas em nosso cemitério local.

Hoje, na Casa de Caridade, seu filho João Wenceslau o substitui como Provedor.

E assim vai a vida, derrubando homens, na inexorabilidade de seu tempo limitado, mas vai escrevendo grandes páginas de suas vidas exemplares.

E estes exemplos são suas lembranças que permanecem.

É difícil nomear, em palavras, todo o segredo das doações pessoais em tempo, amor e dedicação, toda a plenitude de um afeto que transcende as limitações humanas, pois, como disse Saint-Exupéry, o mais importante é invisível para os olhos.

Mas se se pudesse dizer, dos homens desta terra, o que pudemos dizer do que Dr. Scarpa fez por ela, sei que um grande compromisso de consciência faria desta cidade uma das maiores deste Estado.

Quando os gestos são iluminados pelo amor, eles se tornam sempre grandes.

PROFESSOR BRITO



Mestre, meu mestre, que ias conosco buscar
no dicionário
a palavra aflita do descobrimento
e rias de pergunta entontecida e do alimento
que nutria mais a alma que o cérebro.
Mestre, meu mestre, de gramática e de vida,
de quem aspirei não só o lume do livro,
mas, nessa luz, saciei a minha sede.
Embora pelos olhos mortos a vida perpassasse turva
um esplendente arco-íris de alegria nascia de sua boca.
Eram passeios nas nuvens, jornadas iluminadas
pela literatura
feitas com tanta ternura, tanta paciência!
Passos macios e numerosos, tantos, da casa ao Ginásio
construindo, ao longo dos anos, uma esteira santa
passos, doces passos, que se calaram na calçada.
Nas lâmpadas que se tornaram desnecessárias

e nos fios inertes que do teto desciam
e ardiam sem nenhum propósito
no seu mundo que se fez trevas
havia uma imensa lição a copiar
e víamos surgirem teus recados, tuas delicadezas
e tudo brilhava ao teu redor, incandescente.
A tua primavera se gastou na luta das sintaxes
nas locuções verbais, na pontuação, na palavra escrita
e no latim, aberto em seu âmago, para jovens olhos absortos.
Todo o teu outono também se arrefeceu
mas, prisioneiro de um ideal e de um destino,
nenhuma barreira te venceu.
Calcando nas mentes os brilhos dos alfarrábios,
dos poetas gementes, das conquistas augustas
dos clássicos severos, dos modernos desbravadores,
essa foi a tua lição, a iluminada trajetória de tua vida.
Ficaram os exemplos que medraram
nas profundas saudades de cada um de teus discípulos.
No teu silêncio de agora murmuras
tantas palavras de aprender
e nos tornamos de novo frágeis meninos
deslumbrados de ti, de teu saber.

CEGUEIRA



Sou um menino cego. Minha mãe deu-me à luz, mas não pôde me dar a luz. Dela me veio um vago sentimento de culpa, sombreando de pesar as palavras, como se ela houvesse participado voluntariamente, como cúmplice, no drama do meu nascimento. Pobre mãe, mais vítima de que eu próprio.

Este mundo difícil para todos os bebês, não o foi particularmente mais difícil para mim. Talvez nem me fosse hostil, como depois. Muito mais tarde é que eu fui percebendo que havia algo errado comigo, não especialmente pelo meu ser, mas pela entonação diferente que percebia nos outros quando se referiam a mim.

Coitadinho – era uma palavra corriqueira. Não falavam abertamente sobre minha limitação, mas não levei muito tempo a tomar conhecimento de qual era a minha diferença.

E Deus disse: “Faça-se a luz”, e a luz se fez. Inutilmente esperei por essa ordem, em relação a mim. A luz nunca veio aos meus olhos a não ser pelas palavras de meu avô.

No meu mundo escuro, talvez fosse ele a melhor chance que havia para a minha libertação. E nele me apoiei. Sua alma cândida como que roçou pela minha, trêmula de emoção, como um pássaro, e não foram necessárias palavras para que nos compreendêssemos.

Agarrei-me a ele desde muito novo, preferindo-o a todos, numa sabedoria precoce. Talvez que, com seu jeito manso e terno, ele me proporcionasse o refúgio de que necessitava. E nos apegamos um ao outro de um modo muito sutil. Minha mãe tinha que dispensar os seus cuidados a meu pai e aos outros filhos. E talvez a amargura do meu nascimento houvesse levantado entre nós uma leve barreira que ela não conseguia transpor, apesar de toda a dedicação para comigo, naquela tristeza velada com que se dirigia a mim.

E desde cedo percebi, pelo comportamento descontraído que ela dispensava aos meus irmãos, que havia alguma coisa fluida, morna e triste entre nós, sem culpa recíproca.

Era, da parte dela, uma piedade feita de remorso e desesperança, ela não aceitava o fato de me faltarem os olhos.

Meu avô, não. Na sua sabedoria anciã, aceitou-me definitivamente, assim como eu era. E tratou de me oferecer seus olhos já cansados e seu coração amoroso e disponível. Ajudou-me nos primeiros passos, socorrendo-me dos perigos. É essa a imagem que dele guardo, a de amparo e de entrega.

Sempre há compensações. Aprendi logo a falar, a interpretar sutilezas, a traduzir as vozes e os silêncios. Tornei-me assim, como quase todos os cegos, precocemente maduro. Meu avô serenamente se apercebia disso e me dispensava um tratamento de adulto, diferente dos outros, que me tratavam como criança, numa insensatez que me feria mais que a pungida tristeza que inutilmente disfarçavam.

Meu avô e eu sempre dávamos longos passeios a pé e ele me descortinava o mundo através de seus olhos.

- O mundo é verde, disse-me ele certo dia.

- E como é verde, vovô?

- O verde é belo, veludoso, macio, como aquela sua calça de veludo; é a cor das árvores e das plantas, e tem infinitos tons que fazem com que, por eles, se identifiquem as distâncias. O verde tem brilho, é morno, é como se fosse uma festa que alegra o dia...

Ele sabia, por um inato senso poético, como explicar-me visões que eu só poderia sentir por palavras. E assim fui formando meu mundo especial, pelo meu tato e pela sua visão, mas sobretudo pelo seu amor.

As pessoas se admiram da minha alegria, da minha calma e lucidez, mas foi meu avô que me tornou assim, proporcionando-me sua filosofia de vida, aceitando sempre a minha limitação e ajudando-me não só a aceitá-la como a superá-la. Ele não me lamentava como os outros, mas se apoiava no que eu tinha de positivo, para exaltar minha personalidade. E com uma paciência infinita ia moldando o meu universo e o meu ser, através de sua bondade.

Descrevia-me as pessoas com suas qualidades, alimentando sempre a esperança de só transmitir-me coisas boas e belas. Quantas vezes caminhávamos cantando, pelas estradas luminosas de minha cidade, com a luz do sol nos aquecendo a pele, e ele com sua voz bonita me ensinava antigas canções de sua terra, despertando em mim a música que, por sua vez, tem enchido o meu mundo frágil.

A música me acalma frustrações inevitáveis, e assim ia ele acolchoando de amor a minha estrada. Ah! Que importava que eu não visse os obstáculos do caminho, se ele sempre os afastou para que eu passasse? Segurando-me a mão, não só calor me prodigalizava, mas sobretudo a solidez de seu amparo. Uma vez, como me lembro bem, fiz-lhe uma pergunta embaraçosa:

- Vovô, como é um homem e uma mulher?

Parece que esperava por isso e tão naturalmente como quando me descreveu uma árvore, disse:

- Deus, para perpetuar a espécie, criou dois seres: um macho e uma fêmea. Da união deles nasce um novo ser.

Depois de explicar as diferenças fundamentais, esperou ele pelos meus comentários, que não tardaram:

- Vovô, sempre nascem seres perfeitos?

Senti-lhe um leve estremeamento, habilmente disfarçado. E ele continuou, na voz calma e pausada de sempre:

Já sei onde você quer chegar...

- Como eu...

- Como você, em quem ficou desligado o fio que levaria a luz de seus olhos ao cérebro. Mas Deus é muito sábio, meu filho, e distribui de seus dons como quer. Deus deu-lhe um belo ouvido, inteligência, bondade...

Interrompi-o:

- Então foi pelo gosto dele que nasci assim?

- Gosto, não, permissão. Deus tem planos a nosso respeito que não compreendemos...

Agora estou nesta sala, num hospital, lembrando. Passa-me pela memória essa vida de ternura que se desenrolou entre nós. Meu avô está no quarto nº 5, morto. Parece que meu mundo agora escureceu realmente. Agora meu coração dói. Preciso de muita coragem para não dizer a Deus umas verdades, mas sinto que meu avô não aprovaria e por isso me calo.

Ouçõ murmúrios abafados, conversas, alguém chora mansamente, mas quem chorará esse homem, senão eu?

As vozes sussurram. São ruídos que não chegam até mim, interceptados pelos meus pensamentos. Sei que têm um pretexto válido: amenizar a minha dor, mas que sabem eles desta dor? Estendem-me uma mão frouxa, nem sei como me orientar no sentido dessas vozes que vêm como se eu não pudesse ouvi-las. São vozes tão distantes!

Falam-me de Deus, de sua vontade, e já trazem um Deus diferente daquele com que meu avô me presenteou.

Ah! Deixem-me com minhas lembranças, revivendo os diálogos que me levarão à aceitação. Deixem que eu mesmo me embale com esta saudade que se vai alastrando como água, e que me invade definitivamente.

Ainda há pouco ele chamou-me ao quarto. Quis dizer-me alguma coisa que eu precisaria agora, mas não consegui. Parece que ele me legou esta lágrima que nem secou na minha mão... com ela sou até capaz de sorrir, com este coração doendo tanto, pois ele gostaria que eu assim o fizesse, sim, ele gostaria que eu sorrisse sempre. Deus tem planos a nosso respeito que não compreendemos, é Ele que me vem dizer de novo, mas é tão difícil entender porque me nega os olhos pela segunda vez.

Sou um menino cego, com a escuridão ao meu redor.

Ah! onde está a luz?

* * *

Conto escrito por ocasião da morte de Manoel França e para seu neto Maurício França Mendes, nosso inteligente e culto amigo, grande pianista e arranjador, que, no programa de televisão “O Céu é o limite”, respondeu sobre Chopin e ficou conhecido em todo o Brasil.

TRÊS MULHERES

Vai a máquina de costura mastigando o pano, mastigando o tempo. Vai o lírico instrumento desenterrando pessoas, que pedalarão pela sobrevivência, na luta cotidiana pela vida.

Antigamente as lojas eram muito fartas. Vendiam de um tudo e era bem mais fácil comprar. Chegavam os fazendeiros, os roceiros com suas listas e iam enumerando: alimentos, perfumaria, sapato, bebida, armarinho, muito raramente uma conserva, metros e metros de pano. Não havia quase roupa feita. Nem de vestir, nem de cama, nem de mesa. As noivas mais requintadas compravam “lotes” de muitas peças de fazenda, cambraias, linho, etc. para confeccionarem as peças de roupa: lençóis, fronhas, toalhas, camisolas, blusas, etc.

Também em casa se faziam roupas íntimas para os homens, mulheres e crianças. Assim, as máquinas de costura eram essenciais num lar. E a dona de casa não tinha tempo suficiente para prover a família de todas essas necessárias peças do vestuário e da casa.

Chamavam então certas mulheres que costuravam por dia, operárias de tempo integral, que só largavam as costuras para as refeições. Não eramos ricos, mas vivíamos, como quase todos, num relativo conforto, a mesa bem posta, os vestidinhos arrumados.

Ninguém se sobressaia muito nessa matéria. Era uma simplicidade meio socializada, havia poucos vestidos no armário, mas muito poucas aspirações, em matéria de moda.

Mas, voltando à infância, vejo três mulheres à minha frente, envoltas por uma luz de ternura, pedalando a sua história.

Uma se chamava D. Rosalina. Era morena, gorda, andava com passinhos miúdos, tinha as pernas grossas e curtas. Usava um coquezinho no alto da cabeça e tinha traços lusos, talvez seu pai fosse português. Costurava com muito capricho, falava baixo, sorria timidamente. Ficava em casa durante vários dias e punha as pilhas de costuras passadinhas, sobre a mesa: pijamas, camisolas, fronhas, camisas.

Gostávamos de ficar ao redor dela, cortando, tomando nossas medidas, experimentando, contando casos. De tarde, juntava os retalhos, os fios de linha que se agarravam em suas roupas, em suas meias, fechava cuidadosamente a máquina e saía para a noite de sua casa. Os ombros cansados, ao peso das lutas. Disse-me sua neta que ela morreu no dia 17 de agosto de 1957, aos 74 anos. Depois que deixou as costuras, já cansada, viveu ainda alguns anos, em sua casinha, com

a filha Geralda e o José. Mas permanece em nossa memória costurando o nosso passado.

Outra que ia lá em casa era a Francisca de Barros. Ela logo se mudou daqui, com seu marido, Álvaro, e o filho, Cláudio. Era também uma lutadora, com um largo sorriso confiante, apesar da dura vida que enfrentava. Uma vez propôs

ao meu pai empenhar sua máquina pelo empréstimo de uma quantia. Este arranhou-lhe o pretendido, mas dispensou-lhe a hipoteca, seu modo de prover a casa. Eles foram para São Paulo, onde o filho fez nome, como cantor: Cláudio de Barros. E ela conservava ainda muitos laços por aqui e de vez em quando vem visitar seus amigos. Cláudio

também já aqui veio algumas vezes cantar seus sucessos, repartir com os conterrâneos a magia de suas canções.

E Chica pedala em meu pensamento: um quartinho de costura, a mão morena alisando o pano e a voz de minha mãe chamando:

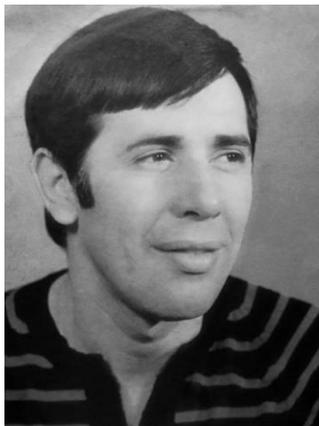
- Descanse um pouco, vamos tomar café.

Chamava-se Leonor a terceira heroína desta história.

Busco-as no coração, que penetraram há muito tempo, no tilintar monótono do pedal, as linhas a prenderem pontos, a pessoa bondosa que ela foi a construir a vida, espalhar sorrisos: Leonor Sobral.

Vinha frequentemente para costurar. Mas era tão querida por meus pais que estes foram seus padrinhos de casamento. Casou-se ela com Francisco Caetano da Silva e criou uma família calorosa com filhas que dão à comunidade, como ela própria o fez, o seu trabalho profícuo, participando de lutas e realizações.

Nas festas beneficentes, elas estão à frente e, nos concursos, sempre ganhava o partido que tivesse o seu apoio.



Cláudio de Barros



Leonor Sobral

Esta morreu há pouco tempo. E, não podendo estar sozinha, mãe tão amorosa, buscou seu filho único, José, para lhe fazer companhia no além.

Evoco-as com uma certa tristeza, vendo-as num intemporal exercício, que as unifica na bravura, tantas mulheres fortes, como as do Evangelho.

Agora são quatro mulheres,
minha mãe sorri entre elas
distribuindo as costuras
e agasalhando ternuras.

Vão-se pelas veredas da vida estas sombras, vão-se os trabalhos, ruídos, convivências.

E os retalhos que as tesouras cortaram vêm construir minha colcha, esta colcha que venho fazendo, a cada dia, com estes pedaços de vida.

* * *

Cláudio de Barros começou sua carreira de cantor e compositor na cidade de São Paulo, através de apresentações em emissoras de Rádio, Cinema e TVs.

Atuou na Rádio Gazeta, Rádio e TV Tupi, Rádio Cultura e Rádio e TV Record.

Seus grandes sucessos em discos foram nas gravadoras Continental, Chantecler, RCA Victor.

Seu repertório inclui músicas de Folclore, canções e serestas.

Sempre se acompanha ao violão.

Sua música “Cinzas do Passado” foi um dos maiores e mais vendidos sucessos nacionais da época.

Além de atuar no Brasil, também já se apresentou no exterior, tendo alcançado grande sucesso no Cassino do Estoril, em Portugal.

DR. HOMERO MAFRA



Ele folheou as primeiras páginas deste livro, ainda rascunhadas. Abençoou-as com as mãos, namorou-as com os olhos, acolheu-as no coração, incentivou-as com a palavra.

Não quis esperar para vê-las vestidas, no instante em que as partilhas fossem feitas.

Não desconfiamos, ao conversar naquela sala, que ele não teria esse tempo, pois se dispõe da vida como se ela permanecesse sempre à nossa disposição. Esquecemo-nos que ela é sem compromisso conosco e que se interrompe sem aviso prévio.

Ah, Homero, como eram doces as suas visitas! Aquela saudade que lhe incendiava as pupilas, se abrindo para o ontem, ao volver à infância e ao passado.

Como eram felizes aqueles momentos, ao juntar o fio interrompido da ausência, bordando memórias, para prosseguir a conversa.

No discurso que fez, no Cinquentenário do Ginásio, você dizia:

- Como seria possível vê-lo de outra forma, um menino de onze anos?

É esse menino que eu ressuscito: magrinho, pálido, ainda de calças curtas, mas deixando entrever, através da fragilidade aparente, a certeza viril da vitória, a vontade de vencer, o desafio aceito.

O menino que eu vejo em frente ao castelo medieval, que o ginásio era para nós, com aquele torreão misterioso. E reforço o adjetivo porque ele representava precisamente isso mesmo, um mistério a devassar, a contornar, o Felipe, o esqueleto, encerrado no longo armário, o túmulo vertical e transparente. Os aparelhos dourados, microscópios, relógios, balanças, mesas de mármore, experiências, cheiros de aventura, medo dos exames, o mundo refeito em cada manhã, as aulas pródigas, toda essa gama de emoções que embrulhava a nossa meninice.

“Um dia deixei o Ginásio” ...

Deixou-o sem deixá-lo, carregou-o com você e ele ficou encarcerado em seu peito, doendo como uma flecha, mas empurrando-o sempre para a frente,

acompanhou-o pelos quartos sombrios das pensões, pelas noites indormidas frente aos livros, pelas lutas que travava...

Mas a cada vitória era com tanta alegria que penetrava na torre interior, saboreando na saudade o salutar banquete dos vencedores.

De vez em quando, em nossos jornais de 20 cm, vinha o seu nome, assinando um capítulo de saudades. O Garibaldi, com seu grito de guerra: - viva o Itanhandu - montado na sua lembrança, envolto pela sua ternura volvia, no caminhão do Formiga, numa viagem intemporal.

Os banhos de rio, no poço do Ildefonso, os quindins das festas, as botinas rangentes, os deslumbramentos, tudo o que o coração preservava, esse coração de menino sensível que o caracterizou, tudo isso vinha contado com limpidez de mestre.

Lembrei-me das suas histórias, outro dia, quando o Professor João Cunha evocou uma cena, que ficou depois ecoando em mim: “no dia em que ligaram a energia da Empresa Força e Luz, de Sampaio Moreira, nós, meninos, ficamos agarrados aos postes, tremendo de medo e de emoção, esperando pela iluminação. Quando as lâmpadas se acenderam, juramos que havíamos sentido o choque” ...

Seria talvez o baque do futuro, da emoção, a sacudir o coração...

Depois, você voltou para terminar o ginásio e encontrou outra turma: Ênio, Juarez, Delfim, Olavinho, Otto, Júlia, Isaurita, Mauro, Diva, Tomé, Heber, Gumercindo, Orlando.

E juntou-os ao retrato que permanecia na amizade, da turma anterior: Ale, Amador, Paulo, Serafim, Hélio, Jarbas, Afrânio, Augusto, Zebedeu, Patinho e as meninas Bebê, Cecília, Elza e eu.

Fomos os rostos que continuaram habitando a sua torre, e de vez em quando, ele agarrava uma de nossas tranças e subia ao balcão para rever o passado escondido nos desvãos da memória.

E coroadando tudo isto, o vulto amado do Professor Brito, a quem cultuou até à sua morte. Mal chegava, depunha as suas malas e ia vê-lo e se abastecer daquela grandeza que sua pessoa comunicava.

Contava-lhe então, naquele meio sem jeito, e à custa de muitas perguntas, as suas vitórias, os concursos aprovados, os prêmios, essa carreira brilhante que se firmava à distância e que era ignorada pela maioria de seus conterrâneos.

Porque você, Homero, cultuava o Brasil através dos dois Estados, o de Minas Gerais e o do Espírito Santo, sua terra adotiva.

Dizia você, naquele discurso inflamado, onde diluía as suas memórias num misto de saudade, patriotismo e reverência:

“Nós, que buscávamos além das montanhas, que circundavam o nosso pequeno mundo, o mundo a conquistar...”

E então, você se empenhou em construí-lo. Foram os empregos modestos, as lutas, a Faculdade e o diploma, a carreira jurídica, tão lindamente exercida no estado do Espírito Santo.

E foram os sucessos se acumulando, os obstáculos sendo vencidos, numa tenacidade de herói e os mais altos anseios sendo alcançados: um nome de que a família e os seus conterrâneos podem se orgulhar.

E a companheira, Homero! Quis o destino generoso que a encontrasse na justeza e perfeição do sonho. Vocês se mereceram, você e Miriam, inteligente e compreensiva, tão bela e cheia de amor, impregnada do mais santo orgulho pelo companheiro.

Como se doaram e se amaram! O eco desse amor transparecia ao toque do olhar, na delicadeza com que um se dirigia ao outro, na doçura com que se comunicavam, na ternura com que se analisavam.

Enriquecido por quatro filhos, um dos quais os ligou num elo infinitamente forte de dor, foram vocês desfrutando cotidianamente das pródigas bênçãos que o amor concede, dando exemplos de uma felicidade sólida, mas conquistada dia a dia.

E a inteligência de origem se multiplicou nos filhos, as faces se recompuseram nos traços harmoniosos e tudo estava pronto para o cenário generoso da felicidade.

Todavia Deus achou que o seu lugar deveria ser preenchido no céu, deixando-o para sempre vago junto aos seus.

Vimos de uma missa em seu louvor. E se assim digo é porque sei que só o merece. Deus deve ter as mãos cheias dos prêmios com que o cumulará, depois de tanta luta, tanta grandeza, tanto exemplo.

Mas voltemos ao seu pensamento: “se toda saudade é uma espécie de velhice, eu me sinto imensamente velho ao deparar coisas tão de mim chegadas. Mas sinto-me jovem perto da mocidade de minha terra”.

O rumo das coisas da vida nos leva para muitos deveres..., mas voltamos sempre meninos...”

É por isso que não devemos lembrar mágoas e soluços. A vida nos contempla através de nossas realizações, cobrando sempre o amável tributo da sensibilidade, essas amargas saudades que vão roendo devagarinho o coração.

É esse coração menino que o engrandeceu, mas o matou, incapaz de conter tamanhas emoções.

Incapaz de varar as distâncias para se integrar ao ninho, onde o seu lugar se preservou no afeto e a palavra da amizade e da admiração se desenhava na boca de cada irmão.

Muito se disse sobre você, nos jornais do Espírito Santo. Homenagens lhe foram prestadas por personalidades ilustres, seus amigos e admiradores.

E penso no seu desabafo, um dia: “Professor Brito, que caminhos o senhor nos traçou...”

Esse caminho que você encheu de glórias, que deu-lhe alegrias e vitórias, onde você aplicou os imensos dons que recebeu e que floresceram em inumeráveis páginas de êxito.

Saio devagar de sua vida e fecho a porta de sua torre.

Lá dentro, com você, dormem os nossos fantasmas.

MANOEL DA SILVA COSTA



A primeira vez que reparei mesmo nele, foi numa festa. Era a sua formatura, que estava sendo festejada na Fazenda Bom Sucesso, e nós, crianças, estamos num retrato tirado no alpendre, onde ele está no centro, ladeado por Sr. Fernando e D. Marianinha e em volta os inumeráveis amigos.

Ele era alto, simpático, riso aberto e de olhos azuis. Estes quiseram sobreviver nos olhos da neta mais velha, que não lhes guardou a cor, esmaecendo-se no verde.

Logo depois me lembro dele chorando no enterro do pai. Tanta gente naquele enterro, as pessoas lamentando, diziam que um grande homem se fora. Vi a dor nos olhos marejados de meu pai.

A menina fantasiosa se enclausurava vivendo o seu momento de perplexidade. A morte sempre nos abala.

Depois lembro-me de seu noivado, o casamento com Marielisa, os filhos que foram chegando, as suas lides jurídicas, a cadeira de primeiro Juiz Municipal desta cidade.

Quando se sobe a escada do Fórum, este prédio que ainda não teve a sua inauguração oficial, se vê o seu retrato pintado a óleo, na parede, visto que o fórum tem o seu nome.

No retrato está a sua figura recuperada, no claro dos olhos o calor de sua bondade, no jeito dos ombros o peso das lutas, a enorme alegria do seu sorriso

encoberta por um olhar distante. Foi um ser humano muito admirado, muito amado.

Ele preenchia o seu lugar com muita amplitude. Acolhia os que chegavam com gestos de largueza, doando tempo e atenção.

Tinha a palavra fácil, amena, o discurso afetuoso desenhado na boca e os outros, inflamados, a espocarem nas pelepas políticas.

Era um líder nato e ponderado, abrigava numa mesma lealdade os amigos e os adversários, que reconheciam nele essas qualidades de liderança e probidade.

A voz que tanto bradou, o verbo forte com o qual lutou, também se fazia terna para a convivência familiar.

Muito fez por esta terra. Tudo o que pôde realizar para seu progresso, ele o fez. Não media sacrifícios para conseguir verbas, nomeações, grupos, benefícios.

Quando o tínhamos entre nós, era a pedra segura onde prendíamos os nossos sonhos municipais.

E apesar de um Governo Estadual de oposição, quando Rubens estava na Prefeitura, pôde conseguir sempre o que prometeu, graças aos esforços e ao prestígio de Manoel Costa.

Sua caminhada foi curta. Como a seu pai, a morte cedo o levou, tendo apenas 63 anos e muito poderia ainda fazer pela política, pelos municípios sul mineiros e tantos trabalhos de vulto que realizou durante a sua vida parlamentar.

Sua terra se honra desse filho ilustre, que com tantas obras marcou seu trabalho aqui. A estrada asfaltada de Capivari, conseguida com os esforços dele e de Rubens junto a Juscelino Kubitschek, o Banco do Brasil, junto a Tancredo Neves, captação de água, estradas, prédios, ponte, tudo tendo a sua interferência atenta, o seu prestígio pessoal, o seu trabalho efetivo.

Também muitas outras cidades sempre contaram com ele para conseguir o seu progresso e seus melhoramentos municipais e, através de seu empenho, conseguir, junto aos governos estaduais, o atendimento para suas necessidades.

Sua casa, em Belo Horizonte, era a embaixada do Sul de Minas. Lá, na acolhida cordial e amiga, se encontravam amigos de Passa Quatro, Campanha, Três Corações, São Lourenço, Itamonte, etc.

Todos com suas reivindicações e sendo atendidos com a cordialidade amiga e interessada. Devemos-lhe a instalação do Colégio Estadual Professor Sousa Nilo, cujo nome foi sugerido por ele.

Não fosse sua tenacidade, não teria sido instalado, conforme desejava seu Prefeito Rubens de Sousa Nilo, que adquiriu o prédio.

Alguns entraves tardavam sua instalação.

Itanhandu muito lhe deve, mas seu nome será inserido em tantos corações, na gaveta especial das gratidões, onde o tempo constrói perenidades.

Lembro-o também, carinhosamente, em sua vida familiar.

Nos batizados, nos aniversários, ele enchia a casa de seu filho, José Carlos, com sua alegria e jovialidade.

E apesar da distância, sua presença se fazia cotidiana.

Eram providências, informações, nomeações, transferências, progresso.

Não por revanchismo ou interesses políticos mesquinhos, mas sempre atendendo aos amigos com justiça e hombridade, desfazendo equívocos, lutando pelas causas nobres.

E se desincumbia das tarefas sempre pronto, brilhante, disponível, sempre amigo.

Seu nome, ainda há pouco inaugurado dando nome a um Grupo Escolar em Belo Horizonte, foi lembrado com saudade e justiça.

Ele engrandeceu o lugar que ocupou na política de Minas Gerais.

Quando adoeceu, soubemos que não havia muita esperança. Os amigos, tão numerosos, rodearam-lhe o leito.

E ele, duro na queda, custou a entregar-se, sentindo o quanto ainda podia dar ao seu Estado, à sua cidade e a tantas outras obras. Seu lugar ficou sempre vago em nossos corações.

Morreu no dia 16 de setembro de 1973, em Belo Horizonte.

Sua cidade se orgulha de seu nome, desse Deputado tão brilhante que ajudou a construir sua história e que permanece nos anais mais expressivos de sua biografia.

Mas ele continua ainda, através de seus filhos, a amar e servir à cidade. José Carlos na Prefeitura e Manoel Costa Júnior, seu filho caçula, foi eleito Deputado Federal, pelo PMDB, para a Câmara, onde vem prestando os mais relevantes serviços à Municipalidade.

Manoel Júnior, ex-líder estudantil, tem desenvolvido uma política moderna, prestigiando as organizações sociais, como associações de bairro, sindicatos e partidos políticos, para que, através delas, o povo possa apresentar as suas reivindicações e necessidades ao poder executivo.

Idealista e voltado para os problemas aflitivos de nossa gente, muito ainda poderá fazer em benefício das comunidades carentes de seu Município e de seu Estado, quiçá do Brasil.

José Carlos, também imbuído desse espírito idealista de atender aos reclamos de justiça, tem feito, na Prefeitura, uma administração voltada para os interesses da população, da juventude, prestigiando jogos abertos, competições

sadias, artes e cultura, como também o crescente progresso da cidade em que nasceu. Assim, os exemplos dignificantes de seu pai norteiam os moços nessa caminhada de doação e de amor à causa pública.

É por isso que o sentimento das raízes se aprofunda à medida em que o dissecamos para a posteridade.

Ao homenagear o grande amigo que foi Manoel Costa, queremos perpetuar sua imagem e seus exemplos.

MEU AVÔ DELFIM



Chamavam-no Coronel. Coronel sem patente, título imposto pelo respeito, mas caía-lhe bem. Eram coronéis os maiores da cidade, não um apelido nobiliárquico, mas um merecimento pessoal.

Era um homem corpulento, alto, bonito, sereno, inteligente, opções firmes e inabaláveis, uma figura meio romântica. Teciam histórias sobre sua mocidade que ficavam esmaecidas pela idade, pela paralisia inexorável, que o foi imobilizando devagar.

Desde que nasci, vi a ele e a minha avó, Ritinha, ao meu redor. Nasci em sua casa.

É uma casa que já não existe, circunstâncias imponderáveis determinaram sua destruição. A casa de Comércio, a Casa Delfim, fundada em 1894, também já não existe, tal como era. Em seu lugar, outras lojas, apartamentos e salas. Mas existem ambas no âmago de nossa alma, lugar muito marcado pela vida que aqui nos plantou com laços poderosos.

A casa comercial dividiu-a com os filhos, depois que se retirou para o descanso imponderável da idade.

Lutou sempre pela cidade, interessando-se, no fundo de seu quarto, por todos os eventos, os problemas e interrogava meu pai sobre tudo. Este, com paciência infinita, o informava e muitas vezes lhe pedia a opinião, que acatava com respeito.

Tinha a palavra sábia e distribuiu-a largamente.

Nessa casa de morada, que ficava ao lado da de comércio, tinha uma sala com sete portas e havia uma, a de seu escritório, que era um mistério para nós, proibidos de ali entrar. Ali ele guardava quinquilharias de toda a espécie.

Lembro-me de ter visto um caixote cheio de vinténs – onde andarão? - muitos retratos, barbantinhos enrolados, ferramentas, livros grandes, grossos, empoeirados, um cofre grande, pedaços de objetos de outros tempos, lampiões de querosene, um cheiro de passado, de lenda, de curiosidade.

Quando os tijolos dessa casa caíram, o baque surdo de cada tijolo nos arrancava um pedaço de infância, aqueles ruídos eram o acompanhamento de um enterro definitivo.

Quando a avó morreu, penando uma agonia que durou 48 horas, meu avô chorou-a doloridamente. Ele brincava e quando fizeram 60 anos de casados, ele lhe disse:

- Faz sessenta anos que fingimos que gostamos um do outro.

E ela, sentida:

- Só se for você, porque eu não finjo, não!

Tinham, então, 82 anos. Já se enclausurara antes num quartinho, cedendo a ela o quarto grande, de casal. Nunca entendemos a separação.

O dia inteiro transitava gente por aquela porta. E o café fumegava na cozinha para os inúmeros visitantes. Eram os velhos companheiros, os filhos e netos, era um amor mais procurado que oferecido. Mas terno. Ele apelidava cada neto com epíteto carinhoso e permanecia fiel ao escolhido. Gostava que contássemos as gracinhas dos netos, dos bisnetos e muito tempo depois as lembrava.

Na sala de visitas havia um piano. Uma vez, era eu muito pequena e ele sentou-se ao meu lado e cantarolou uma música e ficou abismado porque a tirei logo, de ouvido, era uma cantiga fácil: “ao dobrar a esquina uma vez em Lisboa, era uma donzela catita e bem boa...”

Talvez ele esteja sendo retratado com muita simplicidade. Parece uma pessoa comum, como todos os que se vão apagando na mente de seus descendentes. É que lhe evoco a parte humana, íntima, de sua personalidade. Com seus diletos amigos, Fernando da Silva Costa e Olavo Gomes Pinto, compunha uma trinca respeitável, ambos olhando na mesma direção, buscando o progresso e o bem de Itanhandu.

Nenhum deles nasceu aqui, mas fizeram deste torrão seu amor comum.

Esse avô, vejo-o em seus momentos mais fortes, mas sem precisar datas. Parece-me que, morto em 1969, aos 97 anos, firmou-se numa estátua perene, desfeitos os invólucros da vida.

Custo-me a imaginá-lo rapaz. Mas sei que se casou aos 17 anos, que tinha uma inteligência invulgar, muita sagacidade. Era alto, traços finos, sorriso amplo. Com estes elementos construiu sua vida, sua família, seus negócios.

Aqui estão seus descendentes. Muitos se chamam Delfim, como ele. As filhas o homenageavam dando seu nome aos rebentos. Ele enfeitou nossa infância com alguns desejos satisfeitos, alguns agrados. Para mim, mandou fazer um sapato dourado, sonho de uma garota cheia de fantasias. Também os outros netos podem relatar fatos semelhantes.

Ele representava um patrimônio para a família, sempre amado, lúcido, respeitado. E mesmo tão velho, não perdeu a lucidez e desfilava para os ouvintes árvores genealógicas, com memórias tão precisas que todos se admiravam.

Gostava de moças bonitas. Lá levávamos as amigas e ele as acarinhava, gabando-lhes a formosura. Mastigava a comida lentamente, temperava suas saladas com esmero e suas refeições tinham a duração da paciência.

Arrastava seu chinelo pela casa, mas mostrava seus sapatos de couro alemão, enfileirados no armário, como a demonstrar que não fora sempre o inválido de então. Contava suas viagens ao Rio, suas peripécias, suas aperturas, seus casos, enfim. E ria com a boca sem dentes, às vezes com a dentadura que mastigava com estalidos secos. Tirava-a para a limpeza noturna e ficávamos vendo, medrosos, aqueles dentes amarelos, boiando num copo com água.

A casa, embora construída em tempos bons, fartos, era muito sem conforto, como se usava no começo do século. Possuía um só banheiro e inúmeros quartos e ficava além da cozinha e dispensa e nunca teve sequer o luxo de um ladrilho na parede. Era um barrado verde escuro, a óleo, a banheira solitária, o vaso, sóbrio como o de uma cela.

Tiveram muitos filhos, mas a morte entrou amarga em sua conta e deles restaram apenas quatro. Lembro-me da tristeza de minha avó contando sobre um belo menino que perdeu, dizendo: “quase enlouqueci”. Chamava-se Hermínio. Dois rapazes que morreram, ambos com 19 anos. Um deles deixou um rastro de jocosidade, de alegria, atrás de si. Dele contavam proezas, artes, deixou cedo a vida e desfrutou-a com prazer. Naquele tempo, com aquele pai tão austero, driblava entre alegres façanhas e deveres e conseguiu ser sempre lembrado justamente por suas manhosas ocorrências. Chamava-se Fausto. O outro, José, apelidado Zequinha, era sério e circunspecto. Comportado e inteligente. Sua morte deixou um vazio imenso na casa, podemos avaliar, pois tanto tempo depois se falava dele com olhos pesarosos, faces contritas.

Meu avô contratou, pelo jornal, no Rio, um guarda livros, para trabalhar em sua casa do Comércio. Instalou-o em sua casa, num quartinho na entrada, e em frente a seu escritório. Este trouxe consigo muitos livros, romances, etc. e os foi emprestando a esse tio que os leu, sôfrego. Mas era esse moço tuberculoso que aceitou esse emprego para mudar de ares, curar seus pulmões doentes.

Tio Zequinha apanhou a tuberculose que o levou em pouco tempo. Como devem ter sofrido! Meu pai, nessa ocasião, trabalhava como engenheiro do Estado, na Serra do Cipó e diante dessa tragédia que lhe infelicitou o lar, teve pena dos pais e voltou para cá, onde fez sociedade com meu avô e começou a trabalhar na Casa Delfim, Secos e Molhados.

Também se arrependeu de ter abandonado sua carreira. Mas era o único filho homem que restara. Suas irmãs, Genuína, Maria e Isaura eram belas moças e se casaram, respectivamente com Arlindo Zaroni, indo morar em Maria da Fé. Maria casou-se com José Martins Schimmelpfeng e morou sempre aqui. Muito mais tarde, os filhos já crescidos, mudou-se para São Paulo, onde morreu. Isaura casou-se com o médico Dr. Silvio de Almeida, criatura de personalidade singular, boníssimo, e moravam em Pouso Alto.

Fomos, todos os primos, de convivência muito antiga, na casa desse avô comum, cuja amplitude e movimentação era uma atração para nós. Também o quintal nos desafiava, com suas árvores grandes, cheias de sombras e onde uma velha cozinheira, Siá Olinda, nos vigiava resmunguenta.

Meu avô tinha inteligência privilegiada. Bela letra. Linguagem pura. Escrevia corretamente, embora só houvesse cursado o primário. Anotava tudo em cadernetas com números desenhados. Ainda restam pelas nossas gavetas essa caligrafia bonita, esses números perfeitos.

Sua casa estava sempre cheia. A mesa, na sala de jantar, longa, posta para os amigos, os caixeiros, os que desembarcavam dos trens e vinham fazer compras. Chegavam, sentavam-se e comiam. Eram sempre bem recebidos e, conta Dr. Alberto Deodato, em uma de suas crônicas: “Quero lembrar-me dos homens de Itanhandu, os que me abriam as portas de sua casa. Desse admirável Delfim, chefe político, cuja mesa, de manhã à noite, estava repleta de pratos. Queria beber o bom vinho italiano que o Prota e o Vigário calabrês lhe cediam. Que vinha das mãos do Romanelli, de Picu. E, com o Chianti generoso, regar o lombo dourado e estalar a língua, nababescamente.”

Havia muitas empregadas, mulheres transitando entre as salas e a cozinha, onde havia uma mesa redonda e tamboretas.

Nas grandes ocasiões, quando hospedavam os Bispos Diocesanos, a casa era uma colmeia em movimentação. Todos trabalhavam. As mulheres fazendo doces e quitandas e, numa dessas vezes, ficamos conhecendo uma coisa que se chamava gelatina, que mamãe viu numa revista e mandou buscar no Rio.

Mas só podia ser feita em tempo de frio, pois se deixava o doce no sereno para gelar. Não havia ainda geladeiras.

Essas visitas eram famosas. Aconteciam sempre. D. Ferrão, o primeiro Bispo da Diocese, era amigo de pompas. Só ia para a Igreja em procissão, sob o pátio, campainhas tocando, etc.

D. Inocêncio Engelk, de descendência alemã, que o substituiu, era severo, corado, olhos azuis, voz grossa e impunha um grande respeito às pessoas, que era medo mesmo. Disse-nos um padre da Diocese que, em seu tempo, nenhum seminarista se atrevia a sair do Seminário, para não enfrentar aquele Bispo.

Depois veio D. Othon Mota, doce e santo, mas lá nunca se hospedou, meu avô já estava velho e doente quando ele iniciou suas visitas pastorais. Coube-nos então essa honra, duas vezes.

O pai de meu avô era português.

Conta Carlos Lacerda que o nome Pereira veio de Rodrigo Gonçalves Pereira, que se casou com D. Sancha Henriques de Portocarrero, no século XI.

Seu primeiro filho, Gonçalo Pereira, casou-se duas vezes. A primeira mulher deu-lhe, como primeiro filho, D. Vasco Pereira, cuja tetraneta, D. Maria Isabel Pereira casou-se com o primo, Fernão Pereira e por aí vai até chegar a Nun'Alvares Pereira, o famoso português a quem chamam "O Messias de Portugal"

Meu avô era doido por uma árvore genealógica, quando conhecia uma pessoa, queria logo saber seu sobrenome, filho de quem e deslindava sua descendência com uma desenvoltura que ao próprio espantava.

Mas muito depois de sua morte, em 1969, é que li "A casa de meu avô", então escrito por Carlos Lacerda, um belo livro de memórias onde fiz essas preciosas descobertas, que haveriam de interessar-lhe muito.

Sei lá que sangues são esses que lustram o nome, a verdade é que, nesta cidade pequena, um homem obscuro, pobre, lutador, inteligente e honrado, também deixa lindas memórias, com as quais me absorvo, me quedo e reaprendo que os caminhos do mundo vão dando voltas e desembocam facilmente na emoção...

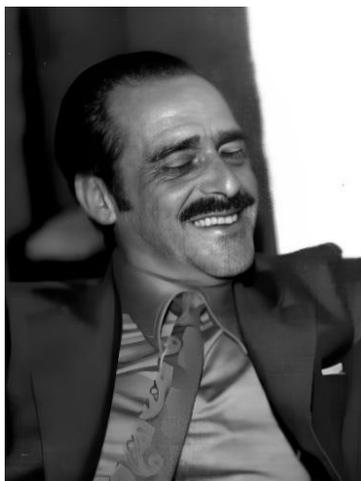
Muitas vezes meu avô povoa estas páginas. É que sempre fez parte da vida da cidade e da minha vida também. Morreu velho, mas lúcido e creio que ele gostaria de ver o que sua neta escreveu...



Rua do Comércio com residência de Delfim Pereira Pinho à esquerda

DR. JOSÉ ANTÔNIO DA SILVEIRA GRILO

Era tão moço e brilhava
no foro da cidade e das cidades vizinhas.
Com a Justiça driblava
nas sessões de júri
e em todas as sutilezas que a justiça enseja
com a palavra fácil, a inteligência lúcida.
Andava com os processos
na maleta e no pensamento
jogando, como num tabuleiro de xadrez,
as vidas complicadas.
Mas confiava nos julgamentos
certo de que, em suas defesas
as imagens compunham certezas.
Mas, repentina, a morte o calou
aos 52 anos apenas, como se lhe dissesse:
venha descansar, trabalhou
muito depressa, há um prêmio à sua espera.
A família ainda a lhe exigir a presença
os filhos meninos, mas sem pedir licença,
ele aceitou o convite.
Deu-lhe a cidade o nome em uma rua
que perpetua a vida.



OSCAR GUEDES

Idoso, moreno, cheio de filhos, de netos.
Num canto romântico do coração
descobriu o nome para sua Padaria:
Flor de Itanhandu.
Morava numa esquina, num sobrado
a padaria embaixo, o forno barrigudo
e em cima a casa de morada,
lá onde mourejam no mesmo lavor os Passarinhos.
Andava pelas ruas arrastando um chinelo gasto
e o grande cesto de pães a distribuir
falava com delicadeza e contava casos
como muito depois seu filho
de apelido Carestia o fazia.
Parece que a ternura do trabalho
e o cheiro de pão lhe teciam a imagem:
os árduos amanheceres e a coragem
exemplo de força e de trabalho!



PROFESSOR SOUSA NILO E DA. MINDOCA



Meu austero sogro, Philadelpho de Sousa Nilo, era um homem doce na convivência do lar, mas no Ginásio era temido e respeitado. Tinha os olhos claros e usava sempre um lenço para enxugar uma lágrima permanente. A voz era firme e mansa, mas o olhar por vezes ficava duro e severo.

Foi um idealista. Frequentou o Seminário até ser Diácono, mas depois desistiu do sacerdócio. Veio para Pouso Alto, onde nascera e morava. Sua mãe, D. Mariquinhas para os íntimos, Maria Amália, criara os filhos na luta e no trabalho. Mas eram admiráveis essas tias, Marta, Madalena, Dadica, Chiquinha, Cecília e o mano Argentino. Enviudara moça, mas com pulso firme conseguira uma família maravilhosa. Essa avó morreu quando eu tinha quinze anos e até hoje me lembro dela com saudades.

Hão de pensar que eu confundo as coisas, se falo da família de meu sogro, e me refiro a tias, avó, etc. É que minha avó materna era irmã de meu sogro. Logo somos, Rubens e eu, primos em segundo grau. E esta família comum nos une pelas lembranças, pela infância, pelas admirações e pelo afeto, sendo um laço a mais a nos unir.



Maria Amália Nogueira de Sousa Pinto - Mariquinhas

Dizem que essa minha bisavó foi a moça mais bonita do seu tempo, na redondeza. Temos um retrato seu a óleo, em nossa sala.

O seu último retrato, onde os cabelos brancos esvoaçavam num mistério de sombras e a antiga beleza tem vestígios no rosto sério. Olhos mansos, nariz pontudo, traços firmes, olhar perdido ao longe.

Havia muito dela nos filhos. Bondade, sobretudo, uma característica que legou a todos. Essas tias adoçaram a nossa infância, aqui, em Pedrão, em Pedralva, ou em Cristina e Caxambu.

Eram meigas, gostavam de agradar, eram magníficas em carregar os seus destinos. Deixaram muitas saudades em todos os sobrinhos.

Como dizia do Professor Sousa Nilo, saindo do Seminário, desistindo de ser padre, decidiu ser Diretor de Colégio. Tentou em Pouso Alto, sua terra, levar avante o seu intento. Mas lá não conseguiu apoio financeiro para o empreendimento.

Então o povo de Itanhandu, sabendo de sua ideia, convidou-o para instalar aqui o seu Ginásio. Assim, em 1917 ele veio para cá para o início das conversações. O povo se quotizou e ele instalou o Ginásio em fins de 1918 e deu início à construção do colégio, em 1919, que ficava no fim da avenida Ribeiro da Luz, hoje Avenida Professor Brito.

Nem sei se por essa época a rua já estava traçada e já tinha esse nome. Sei que aqueles terrenos todos que vão da Rua Sete, hoje Dr. Olavo Gomes Pinto, até perto da Cerâmica, eram pertencentes a meu avô, que os loteou, mas não pude apurar em que data o fez.

Enquanto não estava pronto o Ginásio, alugou uma casa na Praça da Matriz, onde hoje é a casa Coelho, e lá iniciou as suas aulas, suas primeiras batalhas escolares, em fevereiro de 1919.

Em 1922 já estava pronto o Colégio. Primeiramente foi construída a parte da frente, que consistia em salas de aulas, dormitório para os alunos internos e alojamento para a família do Diretor, além da secretaria, sala de espera e cozinha, etc...



Mais tarde ainda construíram, em dois andares, o dormitório e as salas de estudos e um grande refeitório, que se transformava em salão de festas e de teatro. Isso aconteceu porque o recém-construído prédio desabou numa noite enluarada de 25 de fevereiro de 1923, sobre 33 alunos, segundo relato do Sr. Careca, que ajudou a socorrê-los. Por milagre não houve vítimas.



Foi mais um golpe que o Professor Sousa Nilo suportou e, sem desânimo, reconstruiu tudo, aumentado com o novo prédio de dois andares. Como a parede principal desta segunda obra ficasse abaulada, com medo de novo desastre, foi construído, para dar sustentação a esses dois andares, o que se chamava Torreão.

O povo desta cidade, quando houve o desabamento, com pena de seu Diretor, decidiu perdoar a dívida que este havia abraçado e ainda lhe emprestou mais dinheiro para a reconstrução e ampliação de novas dependências.

Em suas mãos o Ginásio funcionou até 1938, junto com a Escola Normal Fernando Costa, que vem formando plêiades ilustres de normalistas para os nossos Grupos Escolares e das redondezas.

Tendo ele vendido a Escola Normal para as Irmãs, vendeu, em 1938, também o Ginásio para o Dr. René Charlier, um belga de muito valor, que aqui veio para dar continuidade ao Colégio.

Meu sogro mudou-se para o Rio, mas continuou lecionando até o fim de seus dias, tendo passado uns anos em Paraisópolis, como Diretor de um Colégio, depois em Itajubá, como Professor, e finalmente ainda lecionando em São Paulo, onde veio a falecer em outubro de 1956.

Ele e minha sogra Mindoca formavam um casal muito unido, muito amigo, de muito valor. Completavam-se em torno de seus ideais, ele nas lides da

Diretoria e como professor de francês, e ela também na Diretoria, olhando filhos, cozinha, dando aulas, se desdobrando em mil afazeres.

Fui alfabetizada por ela, aos cinco anos, e me lembro ainda de sua perícia em fazer o alfabeto entrar em nossa cabeça e fazer-nos imitar a sua letra certa e caprichada.

Tiveram eles vinte e seis filhos, muitos perdidos com meses, mas só criaram dez, e sempre lhes sou grata pelo filho maravilhoso que me legaram por marido.

Hoje seu nome encima o Colégio Estadual, nome este sugerido e posto pelo Deputado Manoel Costa e cuja homenagem é um preito de louvor ao educador por excelência, ao homem que ensejou a esta cidade esse clima de cultura, de idealismo que tanto a ajudou a crescer, a se tornar líder nas vizinhanças, a ter o seu nome exaltado em tantos rincões desse Brasil afora...

O Ginásio, primeiro do Estado de Minas Gerais a ser equiparado ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, teve seu esplendor nas décadas de 30, 40 e 50, onde, em seu internato, tantas figuras ilustres aqui buscaram suas letras.

Mas ao lembrá-los agora, Nilo e Mindoca, vejo-os nas ternas noites de casa, em meio aos netos, rindo de suas gracinhas, ensinando sempre, com uma palavra de afeto e de sabedoria.

Ela morreu aqui, em outubro de 1966, depois de grande sofrimento físico; mas morreu mesmo muitos anos antes, naquele dia de outubro, em São Paulo, onde com olhos muito tristes dissera:

- Missão terminada.

Sobre ela, ajuda-me mais uma vez Heitor Alves, com um poema feito por ocasião de um festejado 12 de setembro, seu aniversário:

CALENDÁRIO DE UMA PROFESSORA

Sylvestre Ferraz, 1907

Havia entre as alumnas da Escola Normal
uma dellas que, por ser talvez a mais pobre
é a mais attenta, era a mais estudiosa.
E progredia nos estudos mostrando as suas aptidões.
As sciências, as letras, as artes tentavam-na,
tirou um bonito diploma.
Pouso Alto – 1909
A escolinha mambembe abriu-se no silêncio

Poucos alunos. Uma voz sozinha a pregar o Evangelho das letras.
Ninguém a ouvia. Continuou:
os alunos estavam já lendo com dois meses de aula.
o methodo era optimo. Que professora bôa!
E tão barato...
A Escola primaria encheu-se. Esvaziou-se o Grupo...
A política mandou offerecer uma cadeira à professora.
Itanhandu – 1919.
O Collegio Itanhandu começou no Largo da Matriz com 20 alunos!
Não tinha relógio. Ouvia-se o sino da Igreja...
A professora casara-se... com um professor.
Os dois dividiam o trabalho.
Valentes!

A família cresceu depressa. Mais de uma dúzia!
Os alunos chegaram correndo de toda a parte.
Itanhandu ficou maior, num instante.

1928.
E o Gymnasio Sul Mineiro, dentro do edifício
grande e novo, como um prodígio,
ouve a voz rumorosa e agradecida de 220 educandos
um só viva: - à nossa Diretora, salve!

12/09/1928
Sobre eles, também em versos, diz Wilson Carvalho:
Da. Mindoca, a mulher que foi mãe
e professora de amor das crianças de coração pequeno.
Sr. Nilo – é o varão ilustre de caráter férreo
é o homem – respeito, de meninos, moços e moças.

E lá vem Heitor Alves, mais uma vez, ajudando a contar história em versos:

RECITATIVO EM TRÊS TEMPOS

1º tempo – Romântico.

Tempo ainda com cheiro de monarquia.

Romances de Alencar.

1889... não?

Sá Dicta ainda não sabia

que iria ser sogra do Gymnasio...

Da. Mindoca nasceu!

Cheia de graça

menina esperta que fazia gosto.

Com uma vocação para as artes!

2º tempo –Lyrismo.

Tempo em que nasceu o Gymnasio

numa casinha lyrica de seis janellas.

Poucos alunos. Pouco dinheiro. Muito trabalho.

Da. Carolina era a professora mais batuta daqui.

3º tempo – Actualidade

O gymnasio cresceu. Cumpridou com os gigantes.

Palmo a palmo... Damnado!

Tem pé grande (pé direito alto)

dinheiro.

Da. Mindoca também cresceu em annos, em filhos.

Quiz mais trabalho

E a Escola Normal está ahi, victoriosa.

Annos de vida – um cacho!

Felicidade - todas as pétalas de uma rosa!

Viva Da. Mindoca.

12/09/1930.



E aí vão os dois, Philadelpho e Carolina, embrenhando-se no caminho da cultura, construindo o alicerce da cidade.

Com suas lutas, sua tenacidade, seu valor, fizeram das letras o seu pão, o seu ideal, o seu objetivo maior.

Quantos e quantos alunos estudaram absolutamente de graça e nos dizem agora da imensa generosidade deste casal. Quantas lutas encetaram para começar do nada e conseguir esse patrimônio de sabedoria e de cultura que foi esse famoso Ginásio!

Quando de seu cinquentenário, comemorado em 1969, quantos depoimentos, de alunos e de mestres, vieram enaltecer suas vidas tão doadas, tão dignificadas.

Disse, nesta festa, seu filho Rubens, num improviso:

“Preparei-me durante semanas para enfrentar estes momentos de emoção, ternura, recordações.

Homem afeito às mais duras provas de controle dentro das salas de cirurgia, homem com nervos calejados, compartilhando ansiedades e emoções dos duros golpes da fatalidade, julgava-me capaz de suportar esta festa da saudade.

Meus nervos foram, todavia, se afinando, quando subi os primeiros degraus da portaria e me pareceu vislumbrar o vulto pequeno de um grande homem idealista, cuja personalidade marcante se agitava em seus sapatos de solas de borracha.

À esquerda, a sala antiga e familiar trouxe-me a voz daquela que me ensinava as primeiras letras, intercaladas pelas colheres de mingau, minha querida mãe...”

Também disse meu pai, nessa ocasião:

“Por ato feliz e oportuno, ilustra-se o Colégio Estadual com nome aureolado do Professor Sousa Nilo. As gerações de alunos, no perpassar seus gloriosos umbrais, contemplarão sempre a luminosidade e justeza da denominação, na imperecível lembrança do incansável diretor”.

Disse ainda meu pai: *“não teve ele a justa outorga, tanta vez endereçada por um nada, de cidadão itanhanduense, perfeitamente dispensável, no seu caso, eis que a conquistou em plenitude, em sendo, pelo consenso unânime e autorizado, dos maiores dos habitantes desta terra, em todos os tempos.”*

Assim, tantos evocaram suas vidas exemplares, construídas no dia a dia da disciplina, do ensino, do trabalho.

Junto deles, ajudando-os a lustrar a mocidade itanhanduense com o brilho da cultura, tantos professores eméritos, dentre os quais, iniciando uma lista brilhante, citaremos:

José da Costa Brito, Francisco da Costa Guedes, Júlio dos Santos, Adalberto Pizarro Loureiro, Heitor Alves, José de Abreu, João Luís de Campos, Conceição Vieira Toledo, Francisco Caetano, Henock Nogueira de Carvalho, Sebastião Perroni, Dr. John William Goetz, Raimundo França, Maria Benvinda

Toledo Grillo, Maria Madalena Toledo Grillo, Dr. Otávio de Azevedo, Pedro Coutinho, Dr. Delphim Pinho Filho, Dr. José Pinto Rennó, Dr. Halim Pharês, Dr. José Pedro Carneiro da Cunha, Dr. José Antero Monteiro, Maria Luiza Toledo Grillo, Ruth Sousa Nilo, Gaspar F. de Sousa, Hélio Joppert, Stela Toledo Grillo, Áurea Guedes.

Voltemos por um minuto no tempo. Entremos, como antes, nos umbrais deste Colégio, que está tão vivo em nós.

Encontremos a imagem dos mestres, solícitos, atenciosos, à nossa espera, à entrada das salas de aula.

Professor Nilo e Da. Carolina estão a postos, no Gabinete. Fazem os seus planos, seus programas, olham contritos os boletins, alegram-se com os que foram vitoriosos, entristecem-se com os que fracassaram.

A porta está aberta, todos podem entrar, como antigamente.

O velho Mestre, Professor Brito, as mãos pesadas de livros e cadernos, nos recebe sempre com uma saudação gentil.

Vimos de velhos mundos, trazemos “soluções escondidos.”

Relembramos somente as alegrias, pois elas ainda revivem em nosso coração.

Façamos de conta que celebramos novamente um 12 de setembro, aquela festa maior, onde se comemorava o aniversário da Diretora. Dita toma conta das crianças.

Cacaca está ocupada na cozinha com seus quitutes.

No palco os alunos ensaiam seus números teatrais.

Os oradores engraxam as vozes.

Daqui a pouco tudo será festa.

Enquanto as luzes não se apagam...

SEMIANA ALKMIN



Era, como sempre a conheci, gorda e alegre
a fazer quitutes intermináveis.
Que coisas magníficas brotavam, saborosas,
de suas mãos milagrosas.
Tudo o que fazia era bom, forno e fogão.
No Grupo Escolar Felipe dos Santos, onde, como cozinheira,
labutou por tantos anos,
seus mingaus e suas sopas eram famosos.
Nas festas, era o alicerce que sustentava os comestíveis,
banquetes e guloseimas, quentões ou sobremesas.
Nunca se cansava, caminhava resoluta
entre o amassar dos pães e os gestos de assá-los
entre os panelões cozendo nos fogões de lenha
assoprando as brasas ou colocando temperos
entre os assados que coravam e sorrisos que nasciam.
Vestia-se com uma grande e longa saia
e aquelas batas que foram relegadas a um tempo
e essa blusa fofa e séria lhe encobria o seio
e um avental decidido lhe protegia o ventre.

Educava a filha, Benedita, com esmero e tinha alegria em vê-la normalista.

Outra filha, Yeda, estava sempre ao seu lado e a outra, Zizita, emprestou-a a D. Marocas.

Tinha a voz tão trêmula, mas carinhosa e assim também eram as mãos, pródigas e peritas.

Na casinha que lhe ofereceram e que, com seu trabalho, ajudou a melhorar, vivia em santidade entre as delícias que prodigalizava e as amizades que a cercavam.

Chamavam-na para todas as festas, casamentos, aniversário, batizados e principalmente para os banquetes das festas beneficentes.

Ela, imprescindível e sólida, emprestava com bondade a sua ciência culinária e sua disponibilidade.

Quanto construiu em obras, em dádivas, essas paredes enormes a segurar os arcabouços financeiros pois multiplicava os tostões “com açúcar e com afeto”.

Nas suas mãos tudo rendia, os torresmos eram os melhores os leitões os mais corados e os pães folheados os mais macios.

Um dia, como acontece com toda a gente, foi chamada.

Deve ter Deus ficado deslumbrado da alma santa tão pura, agasalhada num corpo tão cansado.

A doença não a visitou por muito tempo

Deus ansiava por dar-lhe um prêmio merecido.

Hoje um Grupo Escolar tem o seu nome e se engrandece dele.



Casa de Semiana Alkmin
Rua Sampaio Moreira

MINHA AVÓ RITINHA



Era Rita Catarina e era tão baixinha que ficava com medo de ficar de seu tamanho.

Gostava de vê-la penteando os seus cabelos longos, grisalhos que depois ela cortou bem curtinho.

A religião era quase o centro de sua vida e quando morreu, numa longa agonia, repassava pelos dedos um terço imaginário.

O oratório de santos, para dentro de seu quarto, era um de seus mistérios.

Lá a víamos envolta em colóquios compridos e nem sabíamos o que ela tanto pedia.

No quarto de dormir, que ela ocupava sozinha o armário grande, cheio de roupas escuras, coisas do passado, das viagens ao Rio de Janeiro.

Um “toilette” com tampo de mármore uma arca onde guardava os brocados, os bordados coisas que ela tirava para enfeitar as janelas quando as procissões passavam.

Casaram-se ambos aos dezessete anos. Pobreza e coragem. Começaram a vida em Itamonte, estiveram no Paraná e depois voltaram para cá.

Construíram a casa grande, a loja, tiveram muitos filhos, alguns se perderam, outros se criaram.

Houve mais lágrimas que sorrisos em sua vida.

Mas ela se empertigava em seus negros vestidos e rezava. Sobreviveu às dores, como senhora daquele pequeno reino que ia da loja ao quintal, à igreja e à casa de seus filhos.

As comadres eram recebidas com muita sutileza e as mais amigas eram recebidas na cozinha, grande e escura onde se serviam café e roscas enroladas.

Criava duas moças, a Dita e a Ditinha.
Dita era sua sobrinha e uma espécie de governanta.
Sabia onde tudo se guardava e à noite, no cinema
lia os letreiros para ela.
Ditinha, gorda e bonita, dava conta de muita coisa
e comandava a cozinha, onde a velha Siá Olinda ranzinzava.
Dita casou-se com João Lessa, português bondoso
e Ditinha com Hercílio Cunha.
Com elas se revive sempre um pouco do passado.
O cinema, onde elas se revezavam e onde lhes tomamos os lugares
quando elas namoravam.
Meu avô falava jocoso sobre sua religião austera, seus jejuns
e ela, analfabeta, retrucava com tristeza.
Não sei porque nunca a ensinaram a ler.
Ela ocupava o seu espaço com parcimônia, não dava palpites
nem em negócios e nem em política,
servia-se de suas lides domésticas
seus bordados e costuras, seus afilhados.
Minha avó está sentada na cozinha:
ao seu lado, D. Leonor Moura, que falava em seus filhos.
Conversam sobre uma neta que teve o seu bebê e dizem elas:
“que pena, ela não sabe como o mundo está ruim”.
Ouvi essa história há quase cinquenta anos...
Minha avó morreu aos 82 anos.
Diz Érico Verissimo sobre sua avó materna:
“com ela tive longa convivência, mas pouca intimidade”.
Talvez pelas circunstâncias da época ou pelo seu feitio
também possa dizer o mesmo.
Hoje penso nela com ternura, recordo os seus limites
no mundo que com ela partilhei. E tenho saudades.

SIÁ DITA



Há um retrato a óleo, pintado pela sua neta Ruth, em casa de sua filha Stela.

Nele ela se eterniza em seu crochê, sua agulha de osso, suas mãos deformadas pelo reumatismo, seu cabelo grisalho, sobrancelha negra, os olhos perdidos nas malhas de seu trabalho, pensamento vagando pelas campinas das vicissitudes.

Foi uma lutadora. Muitos filhos, viuvez, mas de uma coragem grande. Criou, sob o mais absoluto respeito, essas Marias tão bondosas, na austeridade de seu trabalho.

Suas máquinas, a de costura e a de ponto à “jour”, ruminavam sem cessar os metros quilométricos de pano, brins cáqui dos uniformes, saias pregueadas das alunas do Normal, boinas, camisas, calções, tanta coisa.

E a cantiga do pedal vai acompanhando o pensamento que vaga, são contas a pagar, são exigências cotidianas, e a família numerosa a pesar.

Mas com seu riso bom, cadenciado, seu cigarrinho de palha, seu traje severo, negro, bata e saia rodada, seu chinelo gasto, vai caminhando por entre nossa lembrança. Desmancha meadas de linha, faz trabalhos com meias, cordas desfiadas, aproveita as horas com paciência e tenacidade, faz de seu tempo uma oração sem fim.

Às madrugadas, abre a janela para absorver o ar que lhe faltava aos pulmões. O ruído da tosse, o caminhar da lua, as peças cortadas à máquina, o vulto envelhecido, a bondade firme, o desprendimento, tudo isso é Siá Dita, a avó de Rubens, que, mansamente, num quinze de agosto, há trinta e quatro anos, descansou no cemitério local.

SR. CARDOSO

Era viajante, vendia mercadorias
e era um homem tão generoso.
Usava largos ternos claros, de linho
e tinha bochechas morenas e risonhas.
Sempre um charuto a fumar
por entre os dedos redondos.
Não perdia sessão de cinema
e comprava sempre para as meninas
chocolate de rodinhas, num canudo.
Como era gostoso!
Sua figura permanece à tona
de um encantamento doce
doce como os chocolates da infância.

LILI
(Maria Cunha Carneiro)



Abria de manhã a janela para a
montanha em frente.

Uma árvore solitária me alcança com
sua sombra, fartura, seu silêncio.

Abria a janela e pensava nela, naquela
cama, paciente e santa, vivendo seus
últimos momentos.

E rezava no olhar, no pensamento.

Ela passou a vida naquela casa,
embalada pela cantiga da máquina de
costura, e conversava sobre os filhos,
os netos e sobrinhos, e perguntava
sobre a forma dos colarinhos,
conversas entremeadas de seu riso azul.
Passou a vida entre o quarto e a cozinha

e atendia aos fregueses caprichosa
com a mesma e linda cordialidade.

Ao companheiro seguiu passo a passo
sorveu com ele a amarga taça, gota a gota
na agressiva política
ou nas lutas pela vida.

A tudo adoçou com seu olhar, sua força
e tudo amenizou com seu amor.

A árvore sentinela

dessa luta que se trava e que descansa solitária
dando sombra, fartura e paz é ela

e desta janela lhe endereço meu coração de amiga
e minha prece

para que a partida não doa tanto
e para que aos seus lhes seja dado consolo
pelas imensas e fundas saudades
que por tanto tempo vão ter
de seu riso claro, seu olhar azul
sua coragem, seu amor e sua imagem.

10 de setembro de 1979

RETRATOS

Agora que a vida pode ser vista à distância
venho mansamente lembrar o caminho percorrido
e os que estão à margem, num adeus assim:
Vêm-me à mente as primeiras professoras,
minha sogra me ensinando a ler, depois o Grupo.
D. Else, D. Guilhermina, Nadir na Escola Normal,
tio Zezinho, ah, doce tio, me ensinando português até o fim.
Ia à sua casa com minhas crônicas e ele dizia, jeitoso,
que ia saborear, então me dava um entusiasmo!
E saíram as crônicas – meninas, veio o primeiro livro
depois, ah, vem tanta gente cuidando
os pais, capítulo à parte, predominante.
E a vida prossegue, está dentro de mim
de meus filhos, de meus netos e nas mesmas ruas,
debaixo das mesmas árvores.
O avô diz ao neto: - eis meu neto, pedaço que se originou em mim
e que me traz, intacto, nas células de seu ser,
como trago nas minhas as dos antepassados.
- Eis meu neto, em cuja mente vive a inteligência
que se originou das proteínas que acumulei.
Eu as tomei no leite materno, na uva, no pão.
- Eis meu neto, de sorrisos em boca fagueira
e minha vida inteira vejo em sua alma impressa,
a mesma infância, a mesma linha de desenho.
Essa a corrente que não cessa, segundo a ordem de Deus.
Crescei e multiplicai-vos até que eu suste
essa ordem que um dia inaugurei.
De meu neto surgirá outra figura
que talvez tenha meu queixo ou meu nariz
ou talvez nem tenha nada de mim, mas que me ocupa
em seu pensamento subjetivo.

Vendo retratos antigos, vimos rostos que voltam
faces que se reconstroem de novo,
pedacinhos colados com paciência
e tudo isso é a volta da vida
que se renova em cada ser, em cada alma.

CHICA



Na nossa rua antiga a Chica, Francisca Rosa, criada por D. Noêmia, vejo-a caminhando agora dificilmente com o reumatismo e a asma.

Mas ainda abrigando crianças em seu grande coração.

É tão terna, tão amiga que ao vê-la como que uma cantiga de ninar se esboça em mim e a paz brota como uma rosa naquele velho jardim.

Criou tanta criança em seu colo brando e afagou amores alheios, desfeitos alguns, outros concretos e fez casamentos, distribuiu conselhos e bondade.

Fez quitutes, nos fornos barrigudos que pareciam milagrosos, tantos biscoitos gostosos!

E, naquela casa, com o PC entrelaçado na varanda
ela ainda recebe a família que, dispersa,
aqui se reúne para as férias
e para refazerem as penosas caminhadas
ao mundo que fica além.

É uma grande amiga, desde cedo nos abriu as suas asas
e embranquecem os cabelos e vagarosos estão seus passos
mas o coração cresce mais a cada dia
e abriga sempre mais gente.

ÁLVARO CUNHA

O cartório funcionava em sua casa
e ele fazia os casamentos.

Esta ficava ao lado da igreja e estava
sempre aberta, acolhedora.

Ele foi ficando velho, velho e passou
para o Hercílio a incumbência.

Vieram de Capivari, ele e D.
Sinhaninha para a cidade maior.

Tinha filhos numerosos, muitos
homens e apenas duas meninas, a
miúda Ritinha, sempre às voltas com
seu coração fraquinho, e a Lucinda, nos
arranjos da igreja.

Veio o “seu” Álvaro trabalhar com o
irmão Pedro na sua casa de fumos.

Depois vagou-se o Cartório
que lhe foi entregue por meu avô.

Que alma santa e boa o seu corpo alojava.

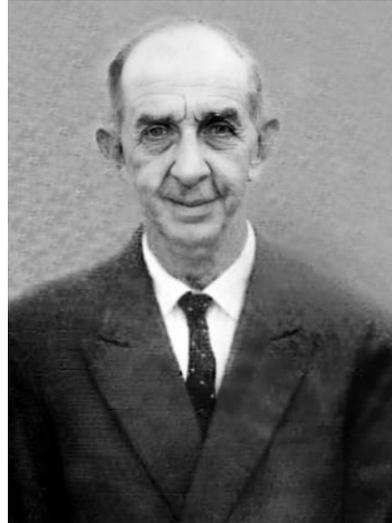
D. Sinhaninha o sobreviveu, mas não morreu em sua casa
foi-se para a rua do compadre Dr. Olavo.

Ela tinha a voz pequena e mansinha
silhueta modesta, um pouco arcada
e criava os filhos com delicadeza.

Tinha grande orgulho de seu filho padre
nosso compadre João.

José, que morreu tão cedo, era o “speaker” das festas
com a voz macia e a dedicação.

Tanta gente indo embora, e não é fácil lembrar
parece que um novo mundo eu pretendo devassar.



MAROCAS



Ela pisava a vida com cuidado
com seu passo miúdo
o terço na mão calosa
pequena e magrinha
e procurava no sonho
o palpito para o jogo do bicho
- Será que vai dar o cavalo?
Comia goiabas com gosto
e preferia as passadas
de útero vermelho, quente e mole
onde os bichos comemoravam um
funeral.

As novelas, e uma delas deixou-a pelo
meio, não houve tempo de esperar o fim.

Descia do bonde, no Rio, como uma rainha
seu séquito eram as pipocas
Que floriam em seu caminho.
Assistia às missas sorrindo
achava graça nos gestos do padre
surda, não ouvia o que ele dizia.
Fazia colchas de retalhos
compunha poemas de cores, de quadrados
e despejava nos solos,
nas cantigas murmuradas
um coração de anjo, alma de criança
com que ninava as nossas.
Ela caminhava com delicadeza
pelos corações alheios
e deslizava pelas vidas em agrados.
Quando se foi, uma estrada luminosa
abriu-se diante dela, goiabas vermelhas, amarelas
e os bichos todos acompanharam o seu enterro,
todos os números que naquele dia deram!

DR. SILVIO DE ALMEIDA

Ele volta, sim, nos recessos de remota vivência, solícito, bondoso, com suas receitas simples, xaropes de ipeca, numa farmacopeia humana, onde a atenção ajudava a curar.

Ele manipulava as suas fórmulas eficientes, com pena dos bolsos ralos dos clientes pobres.

Dava-lhes até o dinheiro para essa receita, se fosse necessário. Não tinha grandes pressas. Apesar de exercer a sua medicina humanitária em Pouso Alto, São Sebastião e aqui, dispunha de seu tempo com largueza.

Gostava de uma boa conversa. E varava as noites, muitas vezes dispersando a presença tranquilizadora ao doente e à família,

tomando a sua água gelada, talvez um pedaço de queijo mineiro e bules de café. O cigarro sempre entre os dedos, esse cigarro assassino que lhe lesou os pulmões.

Era um homem paradoxal. Tinha rompantes de ira, mas um coração de menino, sensível, terno.

Era temido e respeitado, mas uma criança, com uma palavra de agrado, o desfazia em emoção.

Quando entramos na APAE, logo na sala, o seu retrato nos enxerga. E todos lhe endereçam uma saudação amiga.

Ele está tão bem ali, numa homenagem tão merecida. Essas crianças mutiladas e sofridas, que ali estão a marcar com o seu sofrimento a esperança de uma reabilitação, seriam acolhidas amplamente em seu coração aconchegante.

Elas não saberiam dizer-lhes palavras de agradecimento, mas em nome da cidade, a cada dia, lhe oferecem essa gratidão remota, mas de tão profundo significado.

Era ele casado com uma tia, Isaura, filha mais nova de meus avós. Doce tia que é feita de tanta candura e fortaleza. Que o sobreviveu, apesar da enorme tristeza de sua ausência.



Assim, desde a infância, fomos crescendo debaixo de sua proteção e amizade.

Uma sólida admiração me leva agora a lembrar-lhe o nome, seja na intricada política de sua terra, onde deixa um nome inesquecível, seja em cada lar, onde sua presença se fez sempre tão necessária.

Modesto, simples, culto, sua personalidade era extremamente forte. Talvez se possa aplicar o paradigma do oito ou do oitenta. Temia a morte, não pela ocorrência trágica, mas pelas consequências posteriores. Assim, deixou suas vontades escritas: não queria velório, pediu que o envolvessem num lençol e, de madrugada, sem testemunhas, o levassem para a cova simples.

Mas era ele muito importante para a família, para os amigos.

E não foi possível atender-lhe às últimas vontades. Teve um enterro concorridíssimo, missa de corpo presente, um longo acompanhamento de carros o levou até a última morada, em São Sebastião, onde descansa mansamente entre as colinas.

DR. FONSECA E MARIA LUIZA

Contemplo um retrato meu: na cadeirinha de balanço
uma menininha de um ano.
Ao seu lado, um cachorrinho branco
no colo, uma boneca de louça,
na cabeça um chapeuzinho e sapatos de verniz.
Parece que me lembro desse dia, tirando a fotografia
ou talvez componha na memória detalhes que o retrato deixou.
Foi profunda a impressão que se fixou no papel
e o relevo se gravou também na mente, ou é imaginação?
Este foi tirado em casa de Dr. Fonseca e D. Maria Luiza.
Era um homem de óculos sorridente e ela uma bela mulher.
Não tinham filhos e me levavam para sua casa
e eu desfrutava dos carinhos que sobravam
de suas vidas sem estes.
Há mais de cinquenta anos que se mudaram daqui
e nunca mais os vi, de vez em quando, em conversas
diziam que moravam em São Paulo
mas suas vidas para sempre se distanciaram.
Ele foi dono da Vigor, fábrica de laticínios.
De lá nos vinham umas latinhas de leite condensado
que nos faziam felizes.
As meninas de meu tempo se alegravam com qualquer mimo
ou guloseima. Não são como as de hoje, cujos desejos
são obedecidos e elas não curtem nada.
Esse casal, que morou por tanto tempo no coração de meus pais
e hoje me enseja uma homenagem
que flutuará no tempo ou no espaço como uma mensagem
deverá estar, certamente, no além.
Mas, me deixou como um bem,
um retrato amarelado
e na memória, seguramente guardado,
o carinho e a alegria
do presente: a boneca que descansa no meu colo.
Talvez alguém diga que as pessoas deixam seus rastros
na vida, na história da cidade, na medida do tempo.
Mas escrevo uma história lírica e são imagens de afeto

que me levam a evocar. Não importa a permanência
tudo é relativo nas dimensões da saudade.

Um minuto, uma vida, uma presença
qual a medida que deveremos usar?

Ah, não meçam lembranças, nem espaços, compreendam que as memórias
são falhas, inconstantes, ilusórias
e que a importância de um retrato
ou a modesta contribuição do fato
não repousa nos conceitos comuns já consagrados
mas nas revoluções da infância, nas pegadas ligeiras
que esse tempo deixou.



Funcionários do Laticínios Vigor
1941

TONITES



Estou relembando imagens. Evoco um tempo que passou, carregando pessoas, carregando momentos. Vem-me, então, à mente, um preto velho. Vai ele passando, carregando uma lata d'água, o passo requebrado de quem está sempre a desafiar o equilíbrio.

Pela carapinha branca vai a poeira desse peso, é o seu modo de viver, de angariar tostões para a sobrevivência.

Há, por aqui, algumas minas de água tão límpidas que as pessoas se acostumaram a só beber delas. Talvez pela proximidade com o circuito das águas minerais, também as nossas o sejam.

Esse preto ia aos locais destas minas para prover várias casas. E lá vai ele, carregando latas e latas que se assentam na carapinha grisalha. Morava num barraco, bem longe.

Morava só e era alegre. Ria de tudo ou de si mesmo ou da vida. Ria porque talvez fosse melhor rir que chorar.

E também fazia discursos. Estes, também, uma alternativa fonte de rendimentos. E as pessoas pediam:

- Tonites, faça um discurso, que eu pago.

E ele iniciava. “Trabalhador, no chão duro o seu trabalho é cavucar. Cavuca, cavuca, enterra a semente. Senhores, senhoras, o mato cresce, precisa cortar o mato. A enxada tá sem corte...”

Ainda:

- Senhores, senhoras, agarrei a lata, fui buscar água, agarrei a cesta, fui comprar pão pra D. Marocas. E ela me deu um prato de comida e tava boa”.

Falava, falava, de tudo que lhe vinha à cabeça: - “Dr. Nenê é um prefeito muito bão. Ele me deu dez tostão. A Prefeitura é lá na equina e tem muitos empregado”.

Ele era simpático, obediente e nós, crianças, o incentivávamos a discursar. Ele dava entonações em altos e baixos, cantava solenemente as sílabas, ia e vinha no palavreado, recebia os seus tostões e sumia pela rua.

A fala era fininha, também dava para cantar umas musiquinhas desentoadas, que as crianças gostavam. Cantava:

“Pílulas de vida...”

Com seu passo lerdo, a roupa rota, permanece à tona de uma lembrança. Sumiu, sumiu e está iluminando, num canto do céu uma lata d’água de luz a pingar estrelinhas pela noite.

JOÃO LEAL

João Leal quis voar um dia
construiu suas asas de materiais diversos
madeira e cola, retalhos, pedaços de lata
e convocou os amigos para a proeza.
Subiu no alto de um telhado e com tristeza
viu a aventura terminar em ataduras.
Viveu no anedotário da cidade
foi nosso Ícaro particular.
Sonhador, negro, audaz.
Mas quem diria que não foi um precursor?
Vendo essas asas delta, nos céus, a planar
tenho pena que ele não possa voltar:
- Eu não disse que poderia voar?...



DONA DITA



Por que estamos nós aqui? Ela já não virá com seu passo macio, com sua doçura, ainda mais saboreada que os doces que trazia.

Ela não virá mais com a bandeja de xícaras nas mãos crespas, com aquela insistência suave para que aceitássemos algo oferecido. Todo o seu amplo carinho não lhe bastava para os amigos.

Quero sempre dar e juntar ao seu desejo um sólido oferecimento. Mesmo quando tudo lhe fora sendo proibido, os menores gestos de cortesia, como apanhar uma cadeira, acompanhar a visita até à porta, era como se lhe fossem negando que vivesse. Desse modo compreendia a vida.

Mas por que falo de detalhes assim que parecem sem importância, quando o importante nela era a grande alma, a grande vida, a grande fé, o grande coração?

Por que rememoro as pequenas oferendas quando a suprema dádiva foi feita, devagarinho, dedicando a própria vida aos amigos?

Por que estamos aqui, à sua volta, cada um entretendo na mente um momento de carinho passado e usufruído? Todos choram, apenas ela quase sorri. Foi colhida como flor durante o breve sono. A morte nem quis feri-la com seu chamado, engrandecida da tarefa de buscá-la para a glória eterna.

Eu lhe dizia, amiudadas vezes, numa convicção íntima de sua indestrutibilidade, que a morte não poderia atingi-la. Pressentia nela algo além da

precariedade física, solidez de monumento, força viva de elemento alicerçado em pedra.

Identifico em outras pessoas essa espécie de certeza que transcende nossa própria percepção, porque bem reconhecemos a efêmera verdade de nossa condição.

Compreendo agora que, a esse respeito, não me enganei: ela esculpia o seu próprio e perene monumento em nossos subconscientes gratos. A morte não a atingiu plenamente com seu séquito de tristezas, dores e agonia, contingências humanas. Ela não despertou do sono breve, que se tornou longo. E será apenas como se apenas dormisse.

Agora estamos aqui. Entre as flores e a aparência translúcida de presença que já se diluiu numa ausência muito dolorosa. Ela conversa ainda na memória de cada um, compreensiva e boa, indo diretamente à sensibilidade íntima de todos. Calada. Transpôs os limites da cordialidade, da reciprocidade, nessa conversa silenciosa. E se comunica em pensamentos; os eflúvios das palavras que pronunciou no enredo das lembranças.

Estamos aqui e não queremos ir embora. É como se a saudade nos agarrasse. Ela ainda está aqui e é tão outra! Sequer responde quando a filha a chama: “mãe, ó mãe!”

Chegam parentes, amigos acarinhados de longa ou de próxima data e se acovardam na dor de vê-la repousando entre flores. Não nos afastamos. Ela nos enredou para sempre nas malhas de seus crochês e de seus desvelos. Estamos mergulhados nas redes dessa saudade e, por mais que ela nos oprima o coração, estaremos sempre aqui. Nossos passos não obedeceriam se tentássemos fugir. As chamas oscilantes das quatro velas acalentam também nosso arbitrário raciocínio.

Deus se revela nestes momentos, com suas verdades transcendentais, a mais positiva e irremediável separação, à qual tanto nos custa submetermo-nos docilmente.

Olhamo-la. O coração, onde cabiam todos os perdões, abriga ainda a nossa dor. Parece-nos que ela vai acordar e dissipar esse equívoco cruel. É todo um cortejo de sentimentos que vislumbramos em todos os que a vêm ver.

Ainda há pouco ela disse algumas palavras, despedia-se sem o saber; recomendava algumas providências, sempre pensando nos outros. Depois, talvez, um recado de Deus, com quem vivia em frequente diálogo, já nas brumas da inconsciência do sono. E o grande silêncio. Aquela casa sempre esteve cheia de risos. Mesmo quando a dor chegava, o celeiro deles era tão abastecido, que eles distribuíam paz e alegria, conforto e fé. Viera a vida, viera a morte, como as

estações do tempo, que estancam por um momento a efervescência das flores; todavia elas apenas dormem para a opulência do regresso.

Penso que o celeiro está agora vazio. Será possível reabastecê-lo se no campo já não trabalha a operária incansável?

Mas, que digo? Há sementes. Sementes são o milagre da perenidade. Há o coração idêntico do companheiro de 49 anos, juntos, sempre, no caminho da doação, ambos em direção ao próximo.

Há a bondade que se comunicou aos filhos, a herança bem distribuída de qualidades e a perpetuidade dos traços, dos gestos, do exemplo, da amizade.

O dom da vida, na altura da santidade e na profundidade da perfeição, propiciou base estável para a família admirável.

A filha freira afirma que ela não partiu, está entre o nosso amor; com o brilho ardente da fé que a levou a abandonar a casa generosa e santa, fala nas delícias que antevê na outra vida.

Os outros e nós nos apegamos mais àquela presença que era ali a própria vida.

A voz um tanto enrouquecida nos timbres mais ternos, aos gestos de servir que ficaram, às palavras de agradar, ao jeito de chegar dentro do coração, ao passo arrastado, à inteligência, à bondade, a tudo isso que era D. Dita.

E ela não desperta. Mas nós a velaremos na esperança, na gratidão, na saudade.

Por que estamos nós aqui?

Por que esperamos ainda, contra todas as esperanças, que ainda acorde para nós.

Escrita por ocasião da morte de Dona Benedita Pinto Scarpa, ocorrida em 27 de julho de 1965.

JOÃO MENDES E D. ELVIRA



D. Elvira dá longas e sonoras risadas
ela está sempre alegre, de bem com a vida
embora enxugue, de vez em quando, algumas lágrimas.
“Seu” João Mendes, solícito, lhe provê motivos
conta casos, sério e pensativo
mas diz coisas engraçadas.
Lutaram bravamente pela vida, com economia
e até uma pensão tiveram
na casa que foi do Dr. Olavo.
Lembro-me que até na varanda improvisaram quarto
e a comida era deliciosa, temperada por ela.
Eu era menina e desfrutava de seu carinho
com privilégio de filha.
Prestaram intensa colaboração em festas comunitárias
ela na cozinha, trabalhando no forno,
o cabelinho curto e branco a brilhar sob as brasas.
Ele na construção de barracas, nos mafuás,
fazendo toda a espécie de serviço, prestativo
esquecendo que os anos já tanto lhe pesavam.
Era D. Elvira, a segunda esposa.

A primeira, Carmelina, morreu na gripe espanhola,
nos idos de 1918...

Ela criou os enteados com amor de mãe
tal qual o que dispensava aos seus dois filhos
Dante e Carmelinda, a cara Mendinha.

No dia de sua morte, lembro com carinho,
sentada na cama, abraçando-se ao Rubens
como a lhe pedir o milagre da saúde.

Depois se desprendendo devagarinho
e aceitando a morte com grandeza.

E a morte vai, naquela casa, ceifando tantos amigos
que se reúnem agora com Lafaiete, Mendinha,
Mário e Mendinho para o longo serão da eternidade!...

RAUL DE PAULA E A 1ª SEMANA RURALISTA



Esse homem, que rememoro agora, esteve em Itanhandu há 50 anos. Era um homem grande e forte, cabelos negros, óculos de aros grossos e um ótimo orador.

Era um idealista. Empolgou as crianças do Grupo Escolar Felipe dos Santos com palestras educativas, era um entusiasmo, uma pompa, uma revolução.

Falava em hortas, em verdes, na importância das vidas e dava tanto colorido às suas falas, que a voz forte e animada vibrava em meio às nossas pequenas compreensões.

Mas a cidade também se entusiasmou com sua pessoa e ele aqui deixou a marca de sua personalidade, que nunca foi esquecida, já tantos anos passados.

Ele fazia parte de uma sociedade, a dos "Amigos de Alberto Torres", uma entidade beneficente, com propósitos culturais, agrícolas, muita visão de futuro e idealismo.

Ele ajudou a organizar aqui a Primeira Semana Ruralista, um fato de extrema importância nos anais da cidade e que deixou inesquecíveis lembranças.

Havia um pavilhão ali na esquina, onde hoje é a Loja da Lili. Ali já foi também um hotel, de D. América Mendes, o hotel América.

Há uma fotografia dessa Exposição Industrial, onde havia, encimando-o, um globo terrestre, dizeres, luzes, tanta coisa bonita, que empolgaram tanta gente e tanta infância.

Nós vários “stands” mostravam os produtos locais. No do Moinho Cunha, então de “seu” Zico Cunha, havia um moinho em miniatura que se movia, moendo o milho, fazendo o fubá. Estes brinquedos eram uma alegria de olhar...

Lembro-me das pessoas encantadas, passeando por ali.

O da Companhia Baptista Scarpa, de queijos e laticínios, tinha muitas latas, com a carinha da Alice a enfeitá-las. Eram latas de manteiga, ainda não havia o doce de leite e a vaquinha.

Itanhandu possuía então muitas indústrias e a casa de tábuas largas transformou-se num palácio, onde os visitantes entravam e saíam e louvavam o seu bom gosto.

Dr. Stephan e Benedito Lázaro Ribeiro foram os artificies dessa obra e, com paciência e arte, a construíram.

Desenharam o pavilhão, seus departamentos e essas portas se abriam para o infinito, despejando um pouco do pó da glória, embora passageira, por entre as páginas de nossa história.

Dr. Raul de Paula foi também o nosso paraninfo, na turma do Grupo Escolar. A festa se realizou no Cine Teatro, onde o saudei num discurso que papai burilou.

Muitas flores, muitas pessoas, o cinema repleto, as professoras eretas, dando ordens, e os alunos e suas perspectivas futuras embrulhadas em semblantes distantes, tudo está um pouco empoeirado de tempo.

Misturo a pessoa de Raul de Paula, num terno azul marinho, com essa festa e essa Exposição, umas pegadas antigas que florescem repentinamente e que acordam um momento de festa, de entusiasmo, de progresso, a roda do tempo é o globo a girar, a girar num pavilhão enfeitado, cheio de luzes e estrelas...

Esta semana se realizou em julho de 1934 e foi patrocinada pelo seu Prefeito, Fernando Costa, que morreu alguns dias depois.

D. IAIÁ, MARIA VILHENA DE MORAIS



D. Iaiá era a nossa diretora enérgica, competente, elegante. Morava perto do Grupo Escolar, em casa grande, de varanda lateral, porão e grades.

Seu marido, “seu” Zequinha Pinto, era de Virgínia, era moreno e baixinho, tão baixinho que um dia disse-lhe um neto: “na censura do cinema hoje o senhor não passa” ... Essa censura era feita pelo critério da altura, com uma vara... Eram casados em segundas núpcias e desse casamento não houve filhos.

Ela criou os enteados, numerosos,
e os alunos do Felipe dos Santos.
Ele tinha longos bigodes brancos
e ela usava o cabelo repartido em coque.

Cônsua de seus deveres e de sua autoridade
exercia a diretoria com mão firme
Diziam que só tomava banhos frios, corajosa
e admirávamos sua intrepidez e sua força.

Morreu velhinha, muito depois de “seu” Zequinha
e está na galeria das sombras reverenciadas,
com sua personalidade forte, seus saltos altos
e a voz de outro tempo, apagada, a nos dizer saudades.

ZEQUINHA PINTO

Mas há um outro Zequinha Pinto em nossa história e uma rua com seu nome, o que o deixaria encabulado.

Ele era tão simples! A calça de zuarte, a camisa de algodão e começava a ordenhar as vacas pela madrugada.

Entregava-nos o leite no copo, espumoso com a gotinha de conhaque para dar melhor gosto.

Lá íamos, num passeio matinal e víamos D. Emerenciana, sua mulher, a dar um dedo de prosa com as visitas que chegavam pontualmente.

Lembro-me de seus olhos azuis olhando o tempo, a palavra rara e a casa, tão perto da Santa Casa, caminho obrigatório de quem demanda o cemitério.

Foram seus os terrenos também do Colégio e o que se chama hoje Bairro Nossa Senhora de Fátima, tudo isso era de sua propriedade.

Vejo o sol iluminando aquele curral distante e a alegria diária e constante das reses indo obedientes para a ordenha.

E o homem forte, nessa luta, descansando.



Zequinha Pinto e sua esposa
Emerenciana Bustamante

CUSTÓDIO PINTO E ALEXANDRE COSTA

Morava aqui o “seu” Custódio Pinto e era casado com D. Paulina, com muitos filhos, meninos e meninas. Foi delegado de polícia durante muito tempo e morava na Rua Nicolau Scarpa. Eram protestantes, creio que os primeiros que vieram por aqui.

Era muito velho e magro, essa figura que guardo e arrastava os passos, não sei se de velhice ou de cansaço. Com meu avô batia longos papos na cozinha e tomavam um café que estava sempre fumegando e entrava pelas narinas aquele cheiro que carregava consigo um passado, exalando.

E vinha, então, entrando pela sala,
“seu” Alexandre Costa com olhos baços, também a velhice
entrando pela retina.

Esse também era um velho magro e muito alto
e criava as suas filhas com tanto esmero,
havia ficado viúvo muito cedo.

Mas sua casa fervilhava de netos
que ele acarinhava com ternura.
Ele viera de Itamonte e trouxera
para educar por aqui a sua turma.
Eram moças morenas, filhas e netas
que frequentavam a Escola Normal.
Helena era uma delas e ensinava
trabalhos no Grupo e morreu cedo,
como a mãe.

Ali ficavam os três, horas sossegadas,
conversando sobre os problemas:
Delfim, Custódio, Alexandre.

E então, ah, lembro-me bem
ele cumprimentava as meninas que
entravam e dizia, cavalheiro:

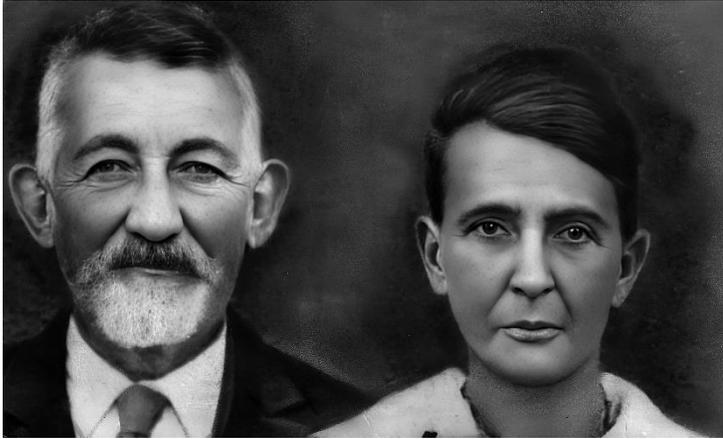
- Delfim, que lindas estão suas netas”

Por que guardei a frase delicada?



Alexandre de Oliveira Costa

JOSÉ CARNEIRO SANTIAGO



Dos primeiros moradores daqui, vindo de Cristina. Era um homem alto e magro, de olhos azuis e usava cavanhaque.

Brincalhão, bondoso, estava sempre bem humorado.

Ele possuía uma tropa de burros e transportava mercadorias para o Rio de Janeiro.

Passando por Itamonte, conheceu D. Theodolinda Augusta Guedes, com quem acabou se casando.

Comprou então a gleba de terra onde se localiza hoje a Vila Carneiro e o sítio que ainda hoje pertence aos Carneiro, hoje ao Dalton e Dailton.

Ali plantava fumo e tinha um armazém onde o comercializava.

Havia aqui, por aquela época, muito mais agricultura que hoje e plantavam muito fumo, razão porque havia tantos armazéns.

Colaborou ele, além de muitas outras obras, com a criação da primeira banda de música local e os ensaios eram feitos em sua casa.

Gostava de ir à estação ferroviária para assistir a chegada dos trens. Algumas vezes levava para casa alguns hóspedes desembarcados. Certa vez levou o Sr. Camilo de Sousa que acabou se tornando comerciante, aqui casando-se com D. Alzira, ficando para sempre.

Também hospedou um pintor, de nome Tancredo, que enfeitou várias casas com seus quadros de paisagem a óleo e guirlandas de flores, que ainda hoje ornaram certas paredes.

Foi o Sr. José Carneiro delegado de polícia, com atuação muito serena e ponderada.

Gostava muito de cinema e não perdia as sessões.

Apesar de muitos filhos, 6 homens e 3 mulheres, ainda criou muita gente em sua casa. Bastava saber que havia criança precisando de adoção e logo ele se apresentava.

Era tão querido na cidade e nas localidades vizinhas que seu enterro foi dos mais concorridos na ocasião. Disso se falou muito tempo por aqui.

Não o conhecemos, mas admiramos muitos de seus filhos, dos quais tenho mencionado nessa galeria de homens ilustres que marcaram este chão.

E através deles podemos dimensionar a grandeza humana dessa pessoa que foi um dos esteios desta cidade e que aqui permanece através de seus inúmeros descendentes.



Vista da Vila Carneiro

JOSÉ CARNEIRO FILHO



Meu amigo, “seu” Zequinha Carneiro,
que recordo com ternura.

Uma vez, em sua casa, na qual havia um
jardinzinho, passei e o vi sozinho na varanda.
O riso bondoso, a mão trêmula e a palavra
delicada sempre a lhe brincar na boca.

O gesto era o da velhice, a face e o passo
transparecidos da longa vida passada, as lutas
e as alegrias.

Ele viera da Vila, a sua Vila Carneiro, e
deixara a sua casa para Ary, que ali criava
filhos e netos.

Viera para a casa barulhenta da cidade e ficava
à janela na prosa com os que passavam e

entretendo-se com sua horta
suas flores que medravam no jardim.

Passei e me quedei por um momento bebendo da sabedoria
que fluía de palavra tão terna e tão amiga.

De repente, um trevo de quatro folhas enverdeceu a tarde.

Ele, sorridente, pega o trevo com as mãos enrugadas
e me diz: procurei-o por toda a parte e estava tão perto de mim!

Mas é seu e que lhe traga muitas venturas
e as mais puras alegrias. E saíram-lhe os votos tão candentes
que saí dali carregando o meu tesouro dado por ele,
um trevo de quatro folhas.

MEU PAI

Que rima tão difícil, nada encontro
para louvar-te, tal como queria
e como, incomensuravelmente, merecias.

Tenho vontade de copiar-te inteiro
teu belo rosto, teus gestos,
de grandeza e de humildade,
teus sonhos, obras, tanta delicadeza
Tua lenta paciência, tua clemência
tuas unhas débeis, quebradiças, teus cabelos brancos
para fazer em letras teu retrato.

Também tuas fraquezas
sempre me encantaram
o modo como disfarçavas
o furto à goiabada
o olhar furtivo às moças bonitas
e as palavras bem vestidas.

Captar tua doçura, ah, meu pai, é tão difícil
e esparramar pela folha
a tua pessoa, corpo e alma,
construir a minha rima
calcada na criatura
que foi, por minha ventura,
meu herói, meu amigo, meu pai!

DELPHIM PINHO FILHO, MEU PAI



Vinte e cinco de julho de 1971. Nessa noite você se foi. Havia visto televisão, apagara as luzes e entrou no quarto para dormir. Abriu uma gaveta, tirou uma carta para reler o texto e caiu. Estava morto. O papel ainda na mão, cheia de afagos, que há pouco me abençoara, estava quente quando chegamos. A cor era a mesma, os cabelos sedosos brilhavam, apenas uma paz do além o emoldurava.

Encontrara alguém? Não sei como o colocamos na cama, o reverenciamos naquele momento cruciante, inesperado, tão duro. E já estávamos tão feridos pela partida de

mamãe e pela sua doença sofrida, demorada, sua solidão.

Num dia, três horas da tarde, ventava muito e o vento gelado nos penetrava os ossos. Ajeitei-me para ler, mas você se instalou em meu pensamento e fui vê-lo naquela casa. Você estava sozinho na sala, sentado, com um livro nas mãos e chorava. As lágrimas lhe caíam mansas pelo rosto. Absorvi-me dessa sua solidão e choramos juntos. Choramos mamãe, a vida, a felicidade perdida, talvez mesmo a sua partida, que era tão breve, mas apenas a senti de leve.

Agora era a verdade. Sua vida tão bela, tão dada, tão nobre, íntegra, tão legada. E ela me passou pela lembrança, vi-me de novo menina, aos quatro anos, querendo acompanhá-lo ao Ginásio, onde dava aula de Matemática. E você, paciente, como sempre o foi, levando-me pela mão, entregou-me à futura sogra, Mindoca, que me pegou ao colo e me ensinou as primeiras letras. E fiquei frequentando o primeiro ano.

Aos cinco, já lia e vocês riram gostoso dessa minha proeza. Depois, você me punha papéis nas mãos, eram discursos, eram Sete de Setembro, festas comemorativas, poesias decoradas, essas coisas.

Os seus discursos, sim, eram elaborados no silêncio das noites e lidos no alto dos palanques. Enaltecia, em palavras belas, a Pátria, a cidade, os homens, os políticos, homenagens. E todos gostavam de ouvi-lo falar, a palavra brotava

límpida do coração e da inteligência. Você se levantava na ponta dos pés e emocionava os ouvintes com as orações cheias de lirismo, de ternura.

Os seus discursos ficaram amarelecidos, dentro de uma pasta, que Luciano repassa e reverencia. São orações de futuro, são promessas cumpridas, em benefício do povo, são lições de amor e patriotismo.

Em todo movimento comunitário, você estava na linha de frente, comandando, dando o exemplo.

Entregava-se com afinco e denodo aos trabalhos, fossem quais fossem, e emprestava-lhes seu entusiasmo e perseverança.

Assim, por seu intermédio, quanta coisa boa se fez aqui.

Em menino, era muito levado. Contava suas artes, os castigos que levava. E apesar da severidade do pai, o amou profundamente e o respeitava como um adolescente, nunca contestando uma opinião, uma ordem.

Nós nos admirávamos de sua paciência com ele, já com 96 anos, em nossa casa, onde morreu, e sua alegria em fazer-lhe as vontades.

Depois, disse-me um dia: cada vez que passo nesta porta, sinto tantas saudades dele...

Os seus estudos. A primeira escola, a de D. Mariquinhas, onde bordou um pano de ponto em cruz, pano esse guardado e mostrado a nós, crianças, que nos ríamos dessa feminilidade remota.

Talvez os métodos pedagógicos recomendassem essa precisão nos gestos que se educariam para outros afazeres.

Depois o estudo na Escola de seu Reinaldo de Almeida, pai de tio Sílvio, com um retrato cheio de colegas ilustres, amigos.

E Itajubá, onde fez seu Tiro de Guerra e o Ginásio. E finalmente a Faculdade de Engenharia do Rio de Janeiro, na Escola Politécnica, onde se formou em 1920, no Largo São Francisco.

Seu anel de formatura, com essa data, ficou para o primeiro neto engenheiro, o Roberto.

Foi trabalhar na Serra do Cipó, como engenheiro do Estado de Minas Gerais, na construção de uma estrada. Lá conheceu as agruras da saudade, pois iniciara antes o namoro com minha mãe, Isaura.

Em 1922 escreve uma carta para o pai, comunicando que decidira casar-se e deixar esse emprego.

E casam-se, ele e minha mãe, em novembro.

No início, moraram em casa do meu avô, Delfim, onde nasci e depois foram para a Rua Visconde do Rio Branco, hoje Pedro Cunha, onde nasceram os outros irmãos. Tanto tenho exaltado esta casa em versos e saudades, pois ali

transcorreu nossa infância, serena, tranqüila, palco de acontecimentos tão diluídos nestas páginas, onde a breve vida se inscreve com suas voltas de ternura.

Também a Casa Delfim, de secos e molhados, fundada em 1894, se instala em nosso pensamento, com suas altas portas e gradis, seus cheiros e seus balcões, e onde íamos, diariamente, chamá-lo para o almoço. E o Hipólito dizendo: “já saiu, foi montado numa pulga...”

E a grande doação de sua vida: a política, a Prefeitura, eleições, os problemas da cidade, as viagens de trem a Belo Horizonte, 24 horas longas e duras.

E a carreira sacrificada, a loja na sua rotina, pesando mercadorias, marcando, o arroz e feijão de cada dia, a cabeça querendo poesia...

As oposições, adversários, mas a todos dispensando a mesma benignidade e o mesmo respeito. As conversas amenas, as argumentações inteligentes, os eleitores sendo conquistados pelas palavras mansas.

E os amigos numerosos, os admiradores, os parentes sempre a contar com você, com sua disponibilidade, sua bondade.

E essa luta diurna, áspera, ajudando a cidade a se firmar, sonhando e trabalhando, em prol de festas, de monumentos, de obras. Os programas de cinema, os quais redigia e os primeiros adjetivos na nossa cartilha, as reformas na casa, chegando os filhos, os quintais devassados de suas árvores, o silêncio das refregas, a alegria quando chegou o primeiro homem, Delfim.

As economias que fazia pela Prefeitura, ficando em hotéis baratos, tomando até banho frio, aos quais tinha tanto horror.

As estradas de roça, a poeira grudada na roupa de linho, as calças largas, o sapato de festa e o de trabalho, as engraxadas.

Dentro de um orçamento de 160.000,00, o que seria dizer 160 contos, executava grandes melhoramentos, entre eles: o prédio da Prefeitura, ajardinamento na Praça Getúlio Vargas, encascalhamento de suas avenidas e de quase todas as ruas. Construção da ponte de concreto, calçamento de paralelepípedos em mais de 1.000 metros de ruas, meios fios, Estação da Rede Mineira de Viação, prédio da Cadeia Pública, e vários outros, com orçamentos pequenos e fazendo verdadeiros milagres com eles.

Durante quase 10 anos esgrimiou com esses números, mas deixou muitas outras obras, escolas, ponte sobre o Rio Verde e o Passa Quatro, etc., etc...

Enfim, fez de seu tempo e de seu devotado amor um período de progresso e obras.

Essa a pessoa tão grande e maravilhosa que me deu a vida e à qual nunca pude mostrar toda a minha admiração e amor.

A ele e mamãe, em sua caminhada, deixando passos firmes e fortes por estes espaços, a minha saudade mais funda, mais doce, mais terna.

Você e mamãe se completavam tanto! Lutavam juntos, construíram muito. Deixaram-nos exemplos imperecíveis de coragem, grandeza, doação.

Lembro-me da casa aberta, nos aniversários, a banda de música tocando, os amigos bebendo cerveja, os brindes, os anos duros da Prefeitura pobre, obras surgindo, o prédio próprio, o respeito do povo, o Estado Novo, Benedito Valadares, seu amigo, Juscelino Kubitschek, que o foi visitar em Belo Horizonte, já quase no fim, a família se desfalcando, vovó morrendo de uremia, o seu sofrimento, os amigos se indo, os cunhados.

Papai era o bom, o amigo certo, o delicado, o manso. E assim o foi até o fim, quando o encontramos no chão, naquele dia 25, sozinho em seu quarto, como a não querer incomodar ninguém com o espetáculo de sua morte, sem avisos, sem queixas, depois de suportar estoicamente uma doença atroz.

E ria tão manso, com gosto, sempre alentado pela amizade e pela esperança.

Um dia, vinha um enterro na rua. Você me perguntou quem era o morto. E você correu para vestir o paletó e acompanhá-lo.

- Vá assim mesmo, papai, disse-lhe.

E você, tão grande:

- Não, ele é pobre, podem pensar que é pouco caso...

Outro dia, andávamos por uma estrada e passou um andante, desses que levam sua vida nas costas, uma pequena trouxa. Você o cumprimentou e ele olhou-o assustado. E você me disse:

- Ele também merece um cumprimento...

Ah, pai, se fosse contar todos os seus exemplos, ia encher só com você este livro. Os meninos, seus netos, já estão homens. Já são pais também. Lembram-se ternamente de você, de sua risada gostosa, de sua bondade, da modéstia, sabedoria. E se orgulham de carregar seu nome.

Há um retrato seu, sorrindo, em nossas salas.

Há traços seus em muitas faces, há tantas palavras ainda enchendo o nosso mundo. E aqui estamos nesta cidade que nos ensinou a amar e em doce conluio com a saudade, nesta tarefa.

Esse retrato foi tirado comigo, dançando no baile de posse do Rubens na Prefeitura.

Uma eleição na qual lutou tanto. Que tempos, papai, mas tudo passa...

Há passos seus ainda pelas estradas, há calçadas feitas por você. Há ruas calçadas por você. Rubens e Delfim seguiram a sua pegada. Hoje é o José Carlos. Seus sonhos continuam a iluminá-los.

E você dorme, meu pai, além...

ISAURA RENNÓ PINHO, MINHA MÃE



Minha mãe sempre serviu em plenitude e “mais servira se não fora para tão grande amor tão curta a vida”.

Esta seria a minha tarefa mais difícil, mãe querida, encerrar-te numa página e compor tua existência dessas pequeninas pedras cotidianas que compunham a tua realidade, esse imenso porto de bondade que acolhia nossas naves naufragadas.

Onde todavia os versos que preciso cheios de luz e beleza para enaltecer tua fiel grandeza?

Não só pela maternidade, mas pela força por toda essa vida tão doada, merecerias as mais belas frases.

Mas digo somente mãe, e ao dizer-te o nome
é como resgatá-lo de um universo
e jogar, na amplidão do verso,
todo o nosso amor para que o tomes.

Lembrar-te – é ter de novo a tua palavra boa
que ainda em bênçãos aos ouvidos soa
num prelúdio de esperanças.

Hoje estive em tua casa definitiva
e minha mão pousou naquele negro mármore
que te cobre de estranha escuridão.
E pensei teu corpo ali desfigurado
e dentro dele quase em desespero
aquele coração sempre atento.

Na pálida manhã o sol estava triste
e enxugou a lágrima que não viste.

Aqui estou pesada de clamores
e adivinho o peso de tuas dores
ao ver de onde estás a tua descendência.
Os meninos carregando essa vida sem clemência
e se abrindo em leques suas lutas.

A cidade que se aloja além de tua limitada paisagem
está mais bonita, mais ferida e mais aflita
um turbilhão de problemas a agitam
e estão maiores ainda aquelas fomes
que juntas, por tanto tempo, minoramos.
As crianças voltam a pedir pão pelas calçadas
mimadas por mais fundas carências, insaciadas.

E o progresso pelo qual tanto lutaste
cobre de asfalto todas as estradas.
Cada um faz seu caminho, sua parte
tal como ensinaste.
Todavia estamos com as mãos vazias
saudosos dessa mão – casa onde a nossa dor cabia.

Lembrar-te – é caminhar contigo por entre as pessoas
que retém teu vulto no pensamento.
É mergulhar as mãos na argila do sofrimento
e não podes mais vir com tua força para animar
consolar, abençoar, doar-se sem limites
como sempre o fizeste.

Eu queria aqui contar o teu trabalho todo
nas inúmeras festas, movimentos comunitários
queria ressaltar os fabulosos horários
que inventavas para tudo fazer a tempo e a hora.
Mas tudo inclemente vai embora
e se distancia numa diluída dimensão
quando relembro que também te foste.

Penetro em cada casa onde, solidária,
tua palavra se fez tão necessária.

Relembro as obras que ajudaste a construir
nessa peleja cotidiana, sem descanso, sem glória.
E se não te ressuscitei como devia
e não reconstruí o teu retrato
é que desafias o meu limitado gesto de copiar
teu jeito imenso e profundo de amar.

Esta é, mãe, a tua menina
que nesta fria tarde se coloca nestas páginas
e cujo vocabulário se torna tão restrito
em busca de tua imagem, sufocada num grito.

Que importam datas, eventos?

Avencas trêmulas enfeitavam nossa sala
e são elas que me trazem, por um momento, a tua fala
e me dizem que tudo está certo
e que estás por perto, perambulas por nosso destino.
E dizem que me perdoas
no seu verde alegre, pela vida que me deste
e pela qual te retribuo tão pouco!

TANCREDO NEVES



Visita dos Deputados Tancredo Neves e Manoel da Silva Costa
a Itanhandu em 1963
A partir da esquerda, Egídio Bueno, Tancredo Neves, Manoel da Silva
Costa, Olavo Lopes e Delphim Pinho Filho

Chega agora ao cimo do poder, na Presidência da República, o nosso prezado amigo Tancredo Neves.

E o pensamos nessa trajetória de lutas, de liberdade e de força e lealdade, que foi toda a sua vida.

E o evoco, não porque seja o Presidente, mas porque, em nossas raízes, está ele com sua alentada presença.

Em várias ocasiões, seu nome se mesclou à nossa história.

Lembro-o em nossa casa, amigo e correligionário de meu pai, congregando a todos com a fala precisa, o comentário rico, lúcido, a inteligência brilhante e o ímpeto corajoso de seu patriotismo a pairar sobre sua pessoa, como uma aura singular.

Meu pai, pessedista roxo, integrante desde a primeira hora do valoroso PSD, privando da honrosa amizade de Benedito Valadares e de Juscelino Kubitschek, dava sempre o apoio incondicional aos candidatos do partido. Acrescia a isso a responsabilidade de quase 10 anos à frente da Prefeitura Municipal de Itanhandu, no Estado Novo.

Quando Rubens iniciou a campanha para a prefeitura, empurrado pelos ânimos dos amigos, e muito a contragosto porque não gostava de política, também o Dr. Tancredo iniciava a sua para a governança de Minas Gerais.

E parecia que, ele lá instalado, nos daria o apoio necessário, pelos laços de amizade que o uniam também, sólidos, ao deputado Manoel da Silva Costa.

Mas tal não aconteceu. Em seu comício aqui e nas outras cidades mineiras, a certeza de que sua candidatura seria a vencedora, era uma aclamação geral. Era um dia quente, aqui, mas a praça regurgitava de gente, à tardinha, para ouvir sua mensagem.

E uma das maiores surpresas políticas foi sua derrota, aliás, a única, em toda a sua brilhante carreira. E ela deveu-se ao vento de entusiasmo que varria a nação, pelo candidato à presidência, Jânio Quadros, também uma desalentadora surpresa.

Logo depois, as voltas do destino o levam ao cargo de Primeiro Ministro, no breve período parlamentarista.

Foi Tancredo Neves, nesse cargo, um amigo incondicional de Itanhandu. Por seu intermédio, no governo do Rubens, conseguimos a instalação da Agência do Banco do Brasil, que, sem a sua interferência, iria para outra cidade próxima.

Também no serviço de captação de água, na aquisição de máquinas, bombas, tubulações, em 1963, foi relevante a sua atuação para a sua consecução. A verba para 26 municípios para a linha de transmissão de energia da Cemig foi conseguida graças aos seus esforços. Tudo no governo do Rubens.

E muitos mais atenções e trabalhos foram dispensados por ele, em Itanhandu, sempre com a gentileza e a disponibilidade que sempre dispensou aos correligionários e amigos.

Passam-se os longos anos da ditadura militar. Tancredo Neves luta sempre coerente com seus princípios, na oposição.

Estamos em 1981 e nos encontramos às portas da Sociedade Mineira de Engenheiros, em Belo Horizonte, onde o marido de nossa filha Nancy, Aloisio Marcos Vasconcelos Novais, tomará posse como presidente da Entidade e onde o Dr. Tancredo Neves fez um belo e memorável discurso.

Aloisio Marcos, nomeado posteriormente pelo Dr. Tancredo Presidente da CARPE, órgão que administra a construção e reformas dos prédios escolares estaduais, também muito tem contribuído para o progresso desta cidade, reformando e mobiliando com novas carteiras os seus três Grupos Escolares, conseguindo ampliação das salas de aula e inicia agora a construção do segundo pavimento do Ginásio Estadual.

Mas, voltando ao momento que contava, prosseguirei.

Dissemos a ele, na ocasião:

- Dr. Tancredo, há quanto tempo não vai a Itanhandu...

E ele, amável: - Qualquer dia lhes farei uma visita.

- Pois então que seja antes de ser Governador.

- Ah, não estou pensando nisso.

- Mas nós estamos, doutor!

Daí a uns dias, indo a Cláudio, estivemos com D. Risoleta e lhe contamos desse diálogo, acrescentando que era o nosso último líder, em quem depositávamos as mais fundas esperanças.

E ela, compreensiva, num olhar iluminado:

- Ah, o Tancredo, sempre na luta!

E é o que o engrandece. Acaba de abraçar a maior luta de sua vida, a presidência de um país arrasado e a de tirá-lo de um regime ditatorial de 20 anos.

Mas ele nos plenifica na esperança, pois é um mineiro, dos mais brilhantes e íntegros, um grande estadista, que fará brilhar no Brasil a aurora de um novo dia.

Estas palavras, exatamente assim, escrevi-as no início de março, antes da tragédia que nos feriu tão profundamente.

E a dor que cobriu o Brasil, a rutura das esperanças, a união de todo o povo em torno de seu Presidente eleito e empossado no leito de sofrimento, foi uma das emoções mais vibrantes de civismo desta nação.

Com os olhos postos na televisão, sofremos os quarenta dias em que nosso chefe lutou bravamente pela vida. Sabia-se necessário, e via ruírem, com as sucessivas crises da doença, os seus mais alentados sonhos.

Mas seu exemplo e suas palavras ficaram conosco. Ficam ainda as linhas prioritárias de seu governo a orientar os que lhe sucedem. Esperamos que seu legado frutifique e que o Brasil, apesar de mortalmente ferido com sua morte, possa vir a ser o país grande e novo que ele ousou sonhar.

No dia de sua morte, houve, nesta pequenina cidade, uma bela missa, a Tancredo Neves dedicada. A Igreja, onde o povo comovido chorava, era um retrato vivo do Brasil.

Nessa missa, emocionada, fiz em nome da cidade a homenagem de um poema, que transcrevo:

ELEGIA A TANCREDO NEVES

Nosso Presidente,
tememos não compreender ainda o sentido
de tua generosa morte.
Tememos não aceitar ainda a paralisação dos gestos
no momento de germinar o grão, tão duramente plantado.

A noite de 21 de abril chegou nublada de tristeza
da mesma em que outro mineiro de igual fibra se imolou.
Teu calvário não foram somente essas dores fundas
que teu corpo suportou.
Ele realmente começou ao lado de Getúlio Vargas
quando os covardes se afastaram
e tua presença amiga o confortou.

Teu calvário foi essa vida doada que exigiu sempre altos preços
pelas breves alegrias da vitória.
E se, nas balanças da eternidade, que agora te julgam
pudesse mais alguma coisa ser acrescentada aos teus tantos méritos,
seria por certo esse pranto convulso de teu povo
que jorra incontrolado de olhos tão cansados.

Nas vésperas das pompas, quando o regozijo borbulhava como um presente
uma dor enorme enegreceu o Brasil, de repente.
E essa flor de metal, símbolo do poder, que ora te cinge o peito
esteve desde sempre à tua espera, para o momento de Deus.

Por entre gotas de silêncio e de bravura, todavia
a morte foi entrando pela tua vida.
Não naquelas noites indormidas, à beira de perigos
pelos que tramavam contra a pátria
mas pelo tanto que te exigiu de força e sacrifício
de garra e heroísmo, nobreza e paciência.
E ainda nos dói mais que tua ausência
esse princípio de caminho e de esperança, onde sequer pisaste.

Hoje, nos palácios, nas casas pobres, praças e ruas

são ouvidas como um credo as palavras tuas, retas e sábias.
Em todos os recantos deste país redivivo, mas em luto
o teu canto de guerreiro vibra como um sino
dentro do coração dos homens, velhos, jovens, meninos,
E essa voz varre a pátria como um hino.

Itanhandu muito te deve, mineiro Tancredo Neves, nosso eterno Presidente,
e nossa prece e louvor te oferecemos. Não nos esquecemos
que abriste as tuas portas da delicadeza e da amizade
para sempre atender solícito aos nossos apelos.

Nosso sentimento se irmana
ao de toda a nação contrita
que perde um pai, um chefe e um amigo.

E essa orfandade que nos oprime o peito é um desafio
para que nos lembremos que, pela liberdade,
ofereceste a tua vida e a tua morte.
E nos rumos de tua eternidade
quando as asas da paz vão lentamente cobrindo a tua sombra
vamos descobrindo devagar o sentido de tua verdade.
Morto, estarás mais perto do coração de teu povo,
para modelar esse Brasil novo
que, com teu sonho, em realidade se ilumina!

Itanhandu, 21 de abril de 1985

GOVERNADOR DR. HÉLIO GARCIA



Sem dúvida, está ele escrevendo uma bela página de continuidade na história de Minas, participando ativamente nesse momento tão relevante nas campanhas, movimentos e ideais para a sonhada democracia plena.

Sua habilidade política, sua aguda penetração sobre os acontecimentos, nesta fase de transição e de importantes decisões, tem garantido a Minas a posição de liderança a que tem direito pela sua tradição de liberdade.

Sucedendo a Tancredo Neves, como escreveu o destino, que vai armando a sua história definitiva ao lado de sonhos e realidades dos homens e, nas dimensões do tempo, que guarda sem avarezas os exemplos mais dignificantes, vai o Dr. Hélio inscrevendo o seu nome entre os maiores deste Estado.

Tendo sido, aqui, em uma das campanhas eleitorais, o deputado mais votado para a Câmara Federal, tem esta cidade lhe merecido os mais inequívocos sentimentos de afeto e de atenção, cuidando atender aos reclamos do povo, feitos através de seu prefeito.

Assim sendo, ao registrar, nesta oportunidade, o agradecimento da cidade ao Dr. Hélio Garcia, nosso atual e atuante governador, transmito-lhe a entusiasta palavra itanhanduense, louvando-lhe, no exercício do cargo, a fidelidade aos princípios e aos ideais de Tancredo Neves, que lhe disse:

“Quando a nação mergulha nas borrascas da construção democrática, nós mineiros, como que impelidos por uma força estranha, somos levados a ocupar lugar de destaque no prosclênio.”

Parabéns, Dr. Hélio Garcia, pela continuidade, pela fé e pela esperança que nos comunica, nesta hora de renascimento.

ESSE HOMEM

(Para meus filhos, em 1/10/1979, aniversário do meu marido Rubens)



Dilza e Rubens Nilo

Esse homem que não envelhece e não esmorece
em frente ao obstáculo
e põe a mão no arado e não olha para trás
e tem o coração aberto, no gesto da amplidão.
Tem vontade de dormir até mais tarde, mas não o faz
por mim, por vocês, pelo dever afanoso.
Esse homem que anseia pela colheita em esperança e denodo
e está sempre disposto e disponível
para a tarefa exigente.
Tem o riso pronto para nós
embora raro aos estranhos.
Esse homem que espreita e que vigia
nossa felicidade e nosso prêmio
e por eles paga o preço exigido, sem regateio.
Esse homem põe seu barco em mar sofrido e sai à pesca
noite ou dia, sem hora ou descanso
para o nosso peixe mais farto.

Esse homem que constrói na paz e na luta empunha a espada
sempre por nós.
Esse homem que provê o seu celeiro de fadigas, promessas e exemplos
e planta raízes no horizonte do amanhã.
Esse homem põe a flor da alegria em nossa mesa de cabeceira
e, cuidadoso, afasta do caminho
a pedra e o espinho.
Esse homem que de um amor miraculoso multiplica o dom e a dádiva
e faz seus dias com muito mais horas.
Olhem as casas adormecidas na cidade
onde há berços, saudades, problemas fervilhantes
e onde ele toma parte, sempre, na sua história humana.
Maneja o bisturi com perícia e salva vidas
como aquinhoado do poder divino.
Ele escuta no peito do amigo o coração doente
e o fígado crescido da tia
e sofre com eles a lâmina do diagnóstico duro.
Esse homem que à cidade dá o seu sangue
gota a gota, dia a dia, sol a sol
e deu sempre a ela amor sem medida
e em cada canto plantou um marco, uma pedra,
que seu entusiasmo pedia.
Construiu escolas, praças, monumentos, homens
e um nome para vocês honrarem.
Esse homem preparou seu nascimento
desde o primeiro momento, cuidados e ternura.
E esteve sempre atento
à escola, ao catecismo, ao futebol, ao automóvel,
à faculdade, ao noivado, ao casamento
ao corpo e à alma
E no alento e no afago
vocês, socados no grande peito
vão com ele a Israel ou Salvador
Europa ou Foz do Iguaçu
Itamonte ou Japão, com todo o amor
partilham das viagens nas naves espaciais do coração.
Esse homem que esconde uma saudade funda
dos filhos que fugiram de nossa mesa

e à distância constroem os seus destinos.

E nas refeições silenciosas
vêm risos remotos de crianças
renascidas, vez ou outra, por outros risos meninos
com olhos arregalados de perplexidade
continuadores de um amor infinito.

Quando o ruído afoito do motor anuncia
a festa começa, a vida trepida
em ordens, movimento, providências, é ele!
Que mais dizer, queridos, vocês sabem:
esse homem, esse homem é seu pai!

RECADO FINAL

Permiti-me a alegria de ter escrito esta história
e de encher meu coração de imagens e cantá-las.
Algumas me doeram fundo e meu grave tom
muitas vezes desafinou, rasgado de saudades.

Perdoai-me a ousadia de ter juntado pedras
para construir monumentos
e de perambular pelas avenidas
e misturar, na estranha alquimia dos pensamentos
os mortos e os vivos, casos, momentos.

Perdoai-me se me quedei nalguma esquina
dizendo aos transeuntes passai, passai
deixai-me banhada pela insólita prece
e se de novo me fiz, para sofrer, menina
deixai-me adormecer essa dor sozinha.

Partilhai das saudades que plantei e colhei-as
nesses canteiros que formam minucioso jardim
e recolhei das tardes de festas, ressuscitadas,
os risos que ficaram, os tons vibrantes e o fim
dessa melodia e dessa incerta trajetória.

Penetrei no túnel sem fim da vida
e fui encontrando velhos, fui descobrindo meninos
e levantei os véus dessa vivência remota
e as palavras vestidas, corporificadas
foram se dando as mãos, compondo mil baladas.

Deslizaram na superfície do verso sofrido
as primeiras alvoradas, as datas, os começos
e tudo o que sei é muito pouco para ser servido
mas tudo o que sinto é para ser repartido.
Tudo o que o tempo escreveu está escrito
e é muito belo para ser perdido.

Perdoai-me a ternura que nos faz tecer
das horas mortas esta canção de ontem.
Feri-me na caminhada, trago os pés cheios de terra
despertei vozes que dormiam, serenas
e os anjos de pedra que suas vidas guardam.

Nenhuma voz se lamenta, todavia
o sino foi ouvido e trouxe, em sonoras badaladas
o que estava guardado no baú do tempo.
Não pude alcançar todos os compassos
nestes ares se perderam tantos e reais valores
o que registrei é apenas uma amostra desses passos
e foi escrito com amor e muitas dores.

Perdoai-me as palavras que não disse, se fui omissa
pois, para o breve momento de retê-las
não bastaria toda a minha vida.
Perdoai-me se não andei por todas as ruas
se me perdi no avançar das luas.

Disse do grande homem e do mais humilde
e venho, como a voltar para o ninho,
depositar no colo da cidade este pesado fardo.
Trouxe o pão, frutos colhidos, um pouco de vinho
devassei o rio e a montanha.

E o último laço, a última cilada
renovam dentro de mim a certeza
de que me foi entregue missão difícil.
Não entendereis o meu secreto medo
ao penetrar nos labirintos da memória
e esquecer pessoas que, pressinto
foram importantes em sua história.

Mas que fazer, se me vejo limitada
por uma memória fraca, sem desculpas?
Conto com vossa generosa complacência
para me redimir de imensas culpas.

Perdoai-me então todas as falhas
é que não segurei em minhas malhas
essas vidas tão numerosas
que construíram aqui suas pegadas.

Eis que em fímbrias sinuosas
vão os acontecimentos desfilando
trazem lutas e vitórias
alegrias e dores.

Perdoai-me então se vos anunciei
e mesmo pedi permissão somente para a alegria
e para registrá-las usei meu grave tom
rasgado de saudades.

É que enchi meu coração de imagens
na intenção pura de prestar-lhes homenagens
e de devolver-lhes um pouco de vida
para retribuir a que me deram.

E mostro-as, como Verônica mostrava a sua tela:

“Ó, vós, homens que passais” ...

Ah, perdoai-me...

“Ah! Vãs memórias, onde me levais
o fraco coração, que inda não posso
domar este tão vão desejo vosso?
Não mais, coração, não mais; que irei falando,
sem o sentir mil anos. E se acaso
te culparem de larga e de pesada,
não pode ser, lhe diz, limitada
a água do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vos cantando
c'o gosto do louvor, mas explicando
puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!”

Canção nº 2 – Luís de Camões

DILZA PINHO NILO - BIOGRAFIA



Dilza Pinho Nilo nasceu no mesmo dia da emancipação política de Itanhandu, que deixou de ser Vila para se tornar Município: no dia 7 de setembro de 1923.

Filha mais velha de Delphim Pinho Filho e Isaura Rennó Pinho, mais conhecida como Dona Zazá.

Seu pai, assim como seu avô, o Coronel Delfim Pereira Pinho, foi político de destaque em nossa cidade, colaborando em muito para seu crescimento, além da própria emancipação.

Dr. Delphim Pinho Filho foi Prefeito de Itanhandu por quase 10 anos, durante o período Vargas, e era uma pessoa muito querida, principalmente por seu ótimo gênio e por seu temperamento conciliador. As pessoas buscavam

aconselhar-se com ele, que era um homem bastante equilibrado.

Sua mãe, Dona Zazá, era uma pessoa especialmente preocupada com a pobreza e dedicou grande parte de sua vida à assistência social. Juntamente com Dona Mendinha, Da. Palmira, Da. Braulina e outras senhoras caridosas, Dona Zazá vivia visitando as pessoas mais carentes de nossa cidade, a elas levando alimentos e agasalhos e, principalmente, apoio e carinho.

Em 1958, com a chegada da Irmã Diniz a Itanhandu, fundaram a Associação das Damas de Caridade, que mais tarde iria transformar-se no Dispensário São Vicente de Paulo, que tantos benefícios já trouxe para a nossa comunidade, inclusive construindo 30 casas para moradia de famílias carentes.

Dona Dilza, como era chamada, herdou essa sensibilidade e essa preocupação social da sua mãe.

Posteriormente, com as amigas Da. Sylvia Pinto, Da. Nadir Carneiro, Da. Laís Scarpa, Da. Stela Toledo, Da. Cidinha Mendes, Da. Ziloca Scarpa, Da. Fifina Ribeiro e Da. Lourdes França e outras, passou a fazer parte do Dispensário São

Vicente de Paulo, presidindo-o por 8 anos e nele permanecendo até o fim de sua vida.

Tendo começado a tocar piano com apenas 4 anos de idade, Dona Dilza logo passou a compor canções, fazendo também suas próprias letras. Começou, então, a escrever crônicas e poesias. E não parou mais.

Casada com Dr. Rubens de Sousa Nilo, seu maior incentivador, com quem teve cinco filhos, Nancy, Suely, Luciano, Luiz Paulo e Cláudio Rubens, Da. Dilza dedicou toda a sua vida à família, à literatura e aos pobres, aos necessitados, aos carentes, aos desvalidos.

Sua relação com os carentes não se limitava à doação de alimentos no Dispensário, que ficava no subsolo da Igreja Matriz de Itanhandu. Dona Dilza visitava os pobres em suas casas humildes, quase sempre em companhia de Dona Sílvia Pinto, sua grande amiga, onde se inteirava de suas carências materiais e afetivas, orientando-os e dando a eles carinho, amparo e afeto.

Sua poesia recebeu o seguinte comentário de um dos maiores poetas brasileiros, Carlos Drummond de Andrade:

“Encantou-me a poesia límpida e comunicativa, cheia de finas observações e emoções diante do cotidiano.”

E o Professor Domingos Paschoal Cegalla assim se expressou ao ler suas poesias:

“Abençoadas as mãos que andaram tecendo tão belos versos. Você inscreveu seu nome no rol das mais destacadas poetisas de hoje!”

Dona Dilza publicou oito livros, nos seguintes anos:

1. LONGA MARGARIDA - 1965
2. O VENTO VIROU A ESQUINA - 1972
3. JEITO DE AMAR - 1976
4. CONVIVÊNCIAS - 1981
5. ANJO-HOMEM - 1984
6. PÁSSARO DE PEDRA – ITANHANDU - ROTEIRO LÍRICO - 1986
7. PIPAS E PORÕES - 1988
8. POUSO EM TRÊS TEMPOS - 1991

Todos os escritos de Dona Dilza têm um forte conteúdo social. A sua indignação com a injustiça, com a desigualdade social que se agrava a cada dia, está estampada em cada um de seus livros.

Dona Dilza realmente era um ser humano de rara sensibilidade e felizes foram aqueles que puderam com ela conviver.

No dia de sua morte, em 1990, as pessoas humildes de Itanhandu lotaram a Igreja Matriz e seu corpo saiu carregado pelas varredoiras de rua de nossa cidade e por muitas pessoas carentes, por iniciativa única e exclusiva delas, numa reação espontânea que tocou profundamente todos os familiares de Dona Dilza.

Um mês antes de morrer, plenamente consciente de seu estado terminal, depois de sofrer meses e meses com a doença incurável, sem reclamar disso uma única vez, Dona Dilza ditou à sua amiga Dona Sylvia uma mensagem e a ela pediu que levasse sua palavra aos pobres do Dispensário:

“Aos irmãos necessitados:

Quero agradecer pelas orações que vocês têm feito por mim. Agradeço e peço desculpas por alguma impaciência ou negativa que tenha feito ou qualquer mágoa que lhes tenha causado.

Poderia ter feito muito mais.

Perdoem-me por não tê-lo feito.

Eu os amo muito.

Este legado que trouxe de minha mãe eu transmito a todos os meus. Obrigada por cada oração, por cada Deus lhe pague, que sei foi tão sincero em seus corações.

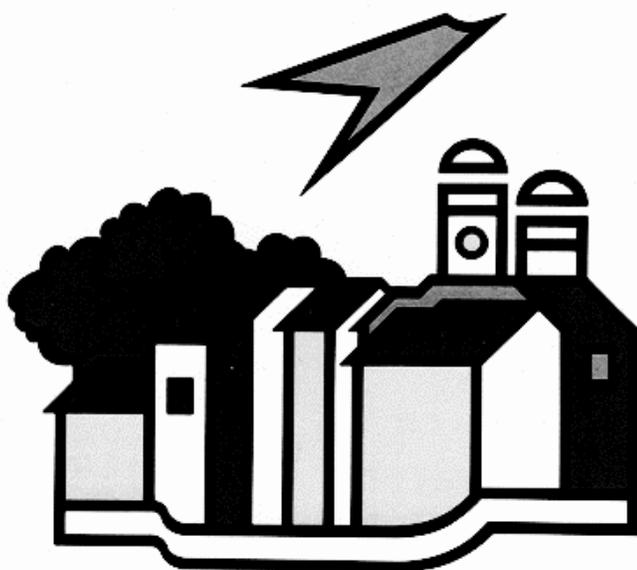
Deus nos abençoe a todos.”

Dona Dilza faleceu no dia 04 de junho de 1990. A Fundação Itanhanduense de Educação, Cultura e Desportos, através de reunião do Conselho de Curadores e do Decreto Municipal nº 51, de 26 de junho de 1991, passou a chamar-se Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.

Biografia de autoria de Cândida Iracema Ribeiro Ovídio

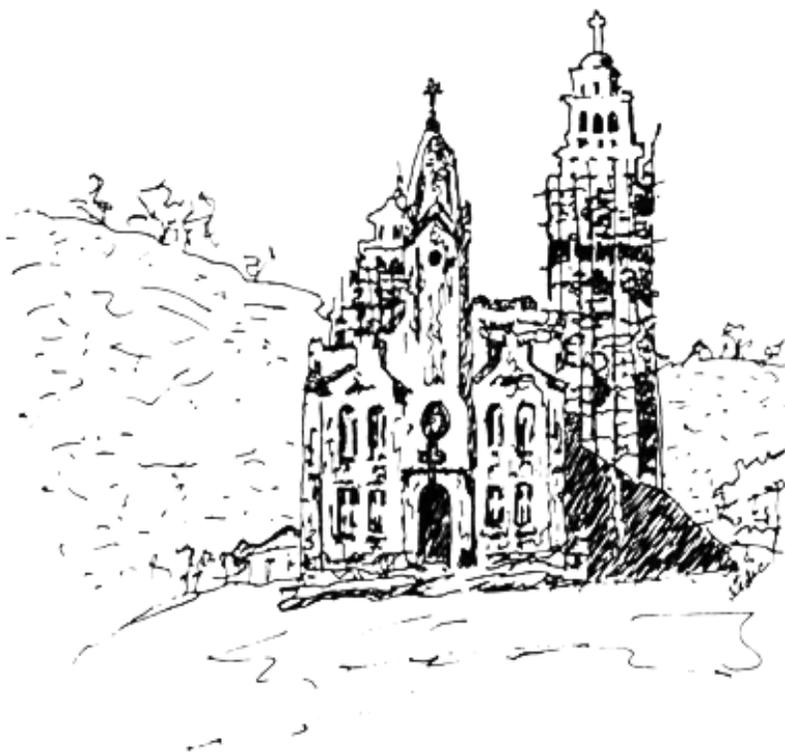
ILUSTRAÇÕES CONSTANTES DA
PRIMEIRA EDIÇÃO

PÁSSARO DE PEDRA
ITANHANDU
ROTEIRO LÍRICO



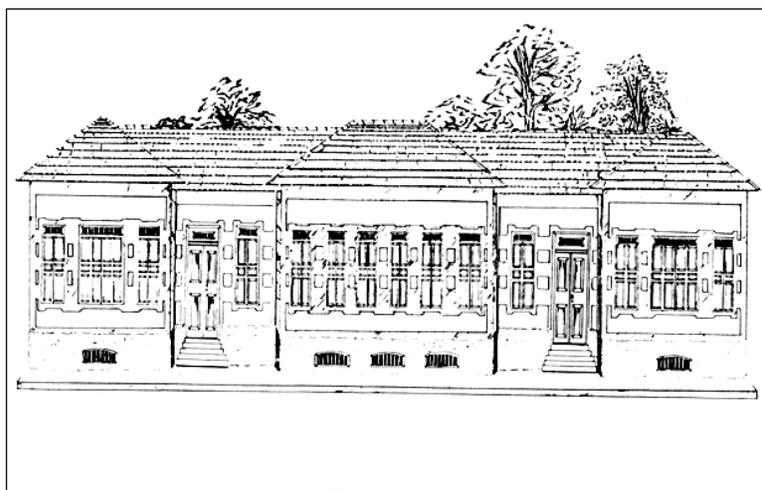
DILZA PINHO NILO

Capa original criada por Maria José Turri Nicolielo



Matriz antiga e a nova em construção (1960)
Desenho de Lúcia Pinto Pardini

Pinturas de alunos do professor Sérgio Ribeiro da Luz Graça
no curso de desenho da
Escola de Artes da Fundação Itanhandu,
atual
Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo



Grupo Escolar Felipe dos Santos
Desenho de Silvana Mota de Almeida



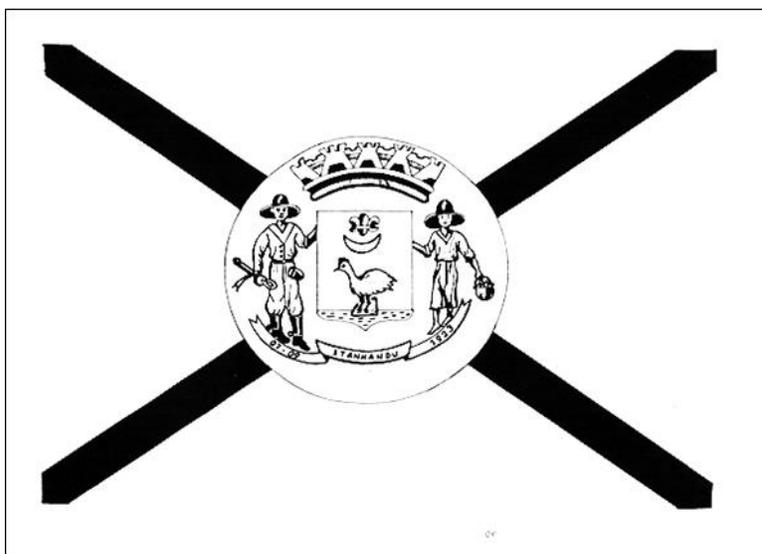
Tonites com suas latas d'água
Desenho de Alexandre Negreiros



João Leal com suas asas
Desenho de Rafael Chaves



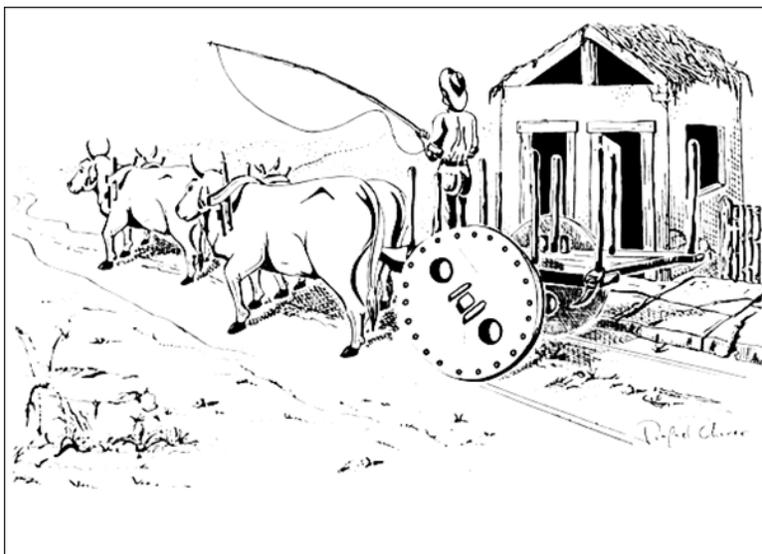
O gramofone
Desenho de Ana Maria Granato Lo Re



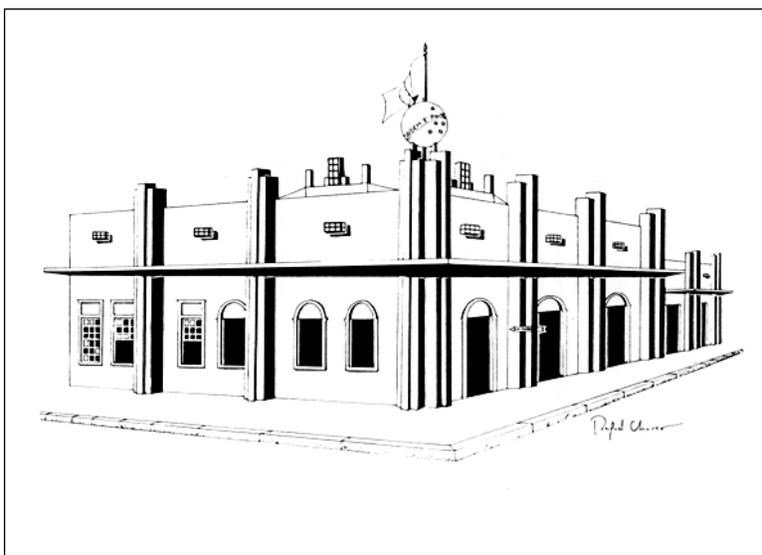
Nossa bandeira
Desenho de Flávia Martuscelli



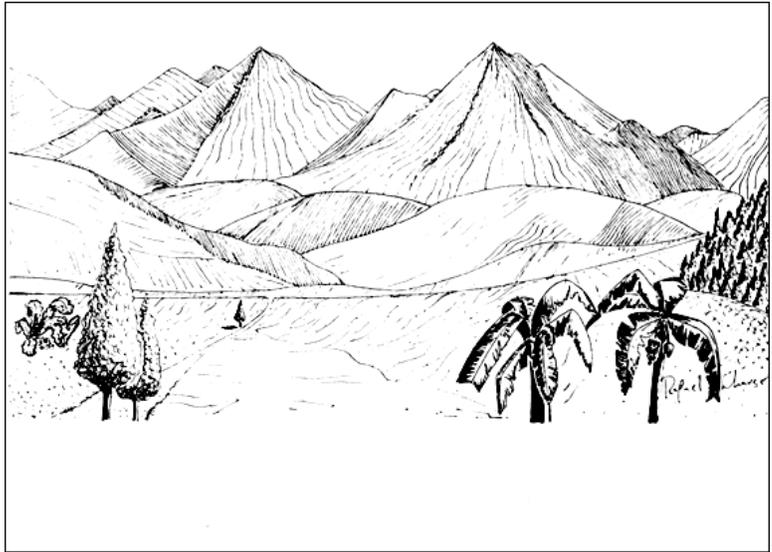
Festa no arraial
Desenho de Beatriz Martuscelli Almeida



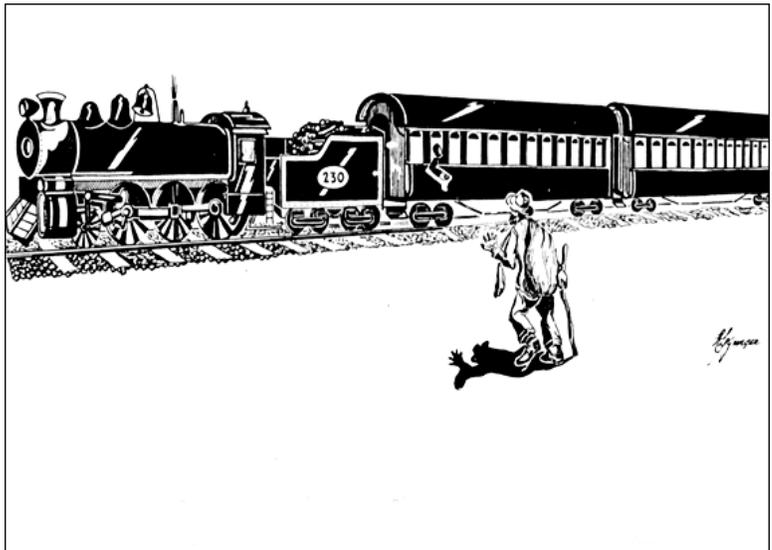
Carro de boi
Desenho de Rafael Chaves



Primeira Semana Ruralista
Desenho de Rafael Chaves



Serra da Mantiqueira
Desenho de Rafael Chaves



O trem chegando à estação. Zé Mudo estende a mão a um passageiro.
Desenho de Sérgio R.L. Graça

COLABORADORES DA EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

ADOLFO ROBERTO MOREIRA SANTOS	FAMÍLIA MARTUSCELLI MORAES
ADRIANA NILO VASCONCELOS NOVAIS	FAMÍLIA SCARPA FLEMING
AFONSO CELSO GOMES KÖHN	FAMÍLIA SIQUEIRA BARROS
AFONSO HENRIQUES MOREIRA SANTOS	FERNANDO PEREIRA GOMES PINTO
ALEXANDRE AUGUSTO MOREIRA SANTOS	FLÁVIO BRITO PINTO
ALOÍSIO MARCOS VASCONCELOS NOVAIS	FLÁVIO DE ARAÚJO CUNHA
ÁLVARO CÉSAR FERREIRA MAGALHÃES	FRANKLIN FONSECA CUNHA JÚNIOR
AMAURI PINTO COSTA	GLADYS MOTTA BUSTAMANTE
ANTÔNIO FERNANDES SCARPA (P. TONINHO)	GUILHERME DE SIQUEIRA BARROS
AURIMAR JOSÉ PINTO	GUIOMAR PAIVA
AVANY BARBOSA NILO	HELÚSIO HENRIQUE DE CARVALHO PAIVA
BRÁS PINHO GRANATO	HENRIQUE BACCI CUNHA
BRUNO SCARPA NILO	HOMERO JUNGER MAFRA
CARLOS ALBERTO DE CARVALHO PAIVA	IVAN DE ALMEIDA PINTO
CARLOS ALBERTO PINTO CUNHA	IVAN PEREIRA GOMES PINTO
CAROL NILO	IVONE BUSTAMANTE DE M. RIBEIRO
CLÁUDIO PENEDO SCARPA	JAIME BARCIA FERREIRA
CLÁUDIO RUBENS PINHO NILO	JANICE MARIA PENEDO SCARPA
CONRADO SCARPA NILO	JARBAS PINTO GOULART
CYRO BAPTISTA SCARPA FILHO	JOÃO BOSCO ESTEVES DA FONSECA
DENISE LÉO DE OLIVEIRA	JOÃO CARLOS GOMES PEREIRA
DIEGO CARNEIRO AMBRÓSIO	JORGE CUNHA
EDITH ESTEVES CUNHA	JOSÉ ALFREDO PASSOS
EDNA VILAS BOAS SCARPA	JOSÉ ANTÔNIO COIMBRA
EDUARDO BUSTAMANTE STEPHAN	JOSÉ DE LOURDES SCARPA NETO
ÊNIO BRITO PINTO	JOSÉ ÊNIO CARNEIRO MENDES
EVALDO MARTUSCELLI MONTEIRO	JOSÉ MEGALE JÚNIOR

JOVANE FONSECA PINTO
LAFAYETE COSTA BACELAR
LEIA GONÇALVES
LUCAS CUNHA ALVARENGA
LUCI GLÓRIA RIBEIRO MARTINS
LÚCIA ESTER DA SILVA FREITAS
LÚCIA HELENA VIANA SCARPA
LUCIA MARIA SÁ ANTUNES COSTA
LUCIANO PINHO NILO
LUCIANO PINHO NILO JÚNIOR
LUIGI ALINOVİ
LUÍS ALBERTO SCARPA PINTO
LUIZ ALBERTO BARBOSA
LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA PINTO
LUIZ FERNANDO L. MANCILHA
LUIZ GUSTAVO FRANCO DA ROSA
LUIZ HENOCK MANCILHA
LUIZ PAULO PINHO NILO
LUIZ VICENTE SCARPA PINTO
LUZIMAR ANTÔNIO MANCILHA
MANOEL DA SILVA COSTA JÚNIOR
MARCELLA CUNHA COSTA NOGUEIRA
MARCELO PINTO SCARPA

MARCELO RAFAEL GRANATO CUNHA
MARCELO SAMPAIO CUNHA
MARFISA MAGALHÃES SCARPA
MARIA DE LOURDES PINTO BRAZ SCARPA
MARIA INÊS DE SIQUEIRA RIBEIRO
MARIA JOSÉ MOREIRA DE SIQUEIRA GUIDA
MARINA CUNHA COSTA NOGUEIRA
MARIZA MONTEIRO BORGES
OSCAR FERNANDO BUSTAMANTE PROTA
PATRÍCIA BARBOSA NILO
PAULO DÉLCIO RENNÓ PINHO
PAULO HENRIQUE PINTO MONTEIRO
PEDRO CUNHA NETO
PEDRO MARIA CAMPOS FILHO
REGINA LÚCIA POPPA SCARPA
ROBERTO CUNHA
ROBERTO MENDES PAIVA
ROGÉRIO OLAVO CUNHA LEITE
SÍLVIO ROBERTO DE ALMEIDA PINTO
THADEU CARNEIRO DA SILVA
VERA MARIA SCARPA SOUSA
VIRGÍLIO BUSTAMANTE RENNÓ
VIVIANNE MENDES VELLOSO

ÍNDICE

Agradecimentos – Luciano Pinho Nilo.....	4
Caminhando com Minha Avó – Caroline Nilo.....	6
Esculpir o Tempo – Conrado Scarpa Nilo.....	8
Agradecimentos - 1ª Edição.....	10
Dedicatória.....	10
Etimologia da Palavra.....	11
Prefácio à Edição do Centenário.....	12
Prefácio à 1ª Edição - Tristão A. Teixeira Neto.....	14
Minha Mãe Companheira.....	16
Carlos Nejar.....	18
O Auriverde Pendão da Minha Terra.....	19
Razões.....	20
Que os Mortos Venham.....	22
Assim Começamos.....	24
Vila de Itanhandu.....	28
Num Fim de Tarde.....	31
Prefeitos.....	34
Havia uma Praça	36
Lugarzinho Matreiro.....	38
Luzes	42
Pedaços do Passado.....	46
O Trem.....	48
Os Pioneiros.....	52
Ontem.....	54
Grupo Escolar Felipe dos Santos.....	56
Ginásio Sul Mineiro.....	61
Serra da Mantiqueira.....	63
Uma Visita.....	66
A Cruz da Maria Cândida.....	69
Raízes.....	73
As Igrejas.....	75
Coisas.....	80
Princípio	82
Os Ídolos	85
Finados.....	91
Cemitério.....	92
Carnavais.....	95

Cine Teatro Itanhandu.....	98
Festas da Santa Casa.....	101
Carros de Boi.....	103
Damas de Caridade.....	106
Os Vigários.....	110
Para D. José Costa Campos.....	114
A Alma das Ruas.....	117
Teatros.....	124
Revoluções de 30 e 32.....	126
Juscelino.....	137
Escolas Municipais e Rurais.....	139
Incêndio.....	143
Mestres.....	145
Bailes de Chita.....	149
Estatísticas.....	152
Presidente Getúlio Vargas.....	155
Vamos Devassar Outra Rua	157
Lavadeiras	173
As Pontes.....	175
Michelia Shampacal.....	177
Um Almoço na Fazenda Bom Sucesso	179
A Fotografia de uma Sala.....	181
Manoel Carneiro, Farmácia Carneiro	183
O Gramofone.....	184
Bandas de Música.....	185
Nossos Juizes.....	187
Colégio Coração Eucarístico.....	190
As Irmãs de Caridade.....	193
Para Irmã Carvalho.....	196
Futebol.....	198
Aulas de Piano	200
Os Expedicionários.....	202
Os Promotores de Justiça.....	205
Piquira.....	207
Jornais de Itanhandu.....	208
Dobrado Itanhandu	216
Henrique Beltrão e o Nosso Hino.....	218
Sociedade Brasileira de Eubiose.....	220

Antigas Farmácias	222
Clubes de Serviço.....	224
Funcionários.....	226
Cidade.....	228
Avicultura.....	230
Electrica.....	234
Poetas Ainda.....	237
O Rio Verde.....	243
Retrato	245
Vida.....	248
Laticínios	250
1926.....	252
Rua Sete.....	254
Sino Cinquentenário.....	256
Minha Cidade.....	258
Segunda Parte.....	261
Os Homens.....	263
João Baptista Scarpa.....	265
Ary Carneiro.....	269
D. Othon Mota.....	271
Pai João	273
Siá Olinda	275
“Seu” Joaquim Rezador	278
D. Clarinda Lopes e Siá Carlota.....	279
Os Shows.....	281
D. Hortência Pontes Martins.....	283
Belmiro Bustamante.....	284
Sebastião Mafra.....	285
Aníbal Carneiro.....	286
Careca.....	287
Odila e Gyrça.....	288
Alfredo Passos.....	289
Antônio Francisco dos Santos.....	290
Dr. Heitor Palombini.....	291
Os Ordine.....	293
Antônio Scarpa	295

Vicente Vasconcelos Portas.....	296
Rua Dr. Olavo Gomes Pinto.....	297
Sr. Agnelo e Rosalina.....	300
Fernando Costa	302
Ignácios Bustamante.....	304
Maria Angelina Moreira da Silva.....	305
Mazinho.....	307
Tonico Motta.....	308
Henrique Scarpa.....	310
Emília Pereira	311
Amador Guedes.....	312
Dr. Charlier e Madame Marguerite.....	314
Nonna	316
Álvaro Magalhães e D. Cornelinha.....	317
Dr. José de Lourdes Salgado Scarpa.....	318
Professor Brito.....	320
Cegueira.....	322
Três Mulheres.....	326
Dr. Homero Mafra	329
Manoel da Silva Costa.....	332
Meu Avô Delfim.....	337
Dr. José Antônio S. Grilo.....	342
Oscar Guedes.....	343
Prof. Sousa Nilo e Da. Mindoca.....	344
Semiana Alkmin.....	352
Minha Avó Ritinha.....	354
Siá Dita.....	356
Sr. Cardoso.....	357
Lili – Maria Cunha Carneiro.....	358
Retratos.....	359
Chica	360
Álvaro Cunha	361
Marocas.....	362
Dr. Sílvio de Almeida.....	363
Dr. Fonseca e D. Maria Luiza.....	365
Tonites.....	367
João Leal.....	369
Dona Dita.....	370

João Mendes e D. Elvira.....	373
Raul De Paula e A Primeira Semana Ruralista.....	375
D. Iaiá – Maria Vilhena de Moraes.....	377
Zequinha Pinto.....	378
Custódio Pinto e Alexandre Costa.....	379
José Carneiro Santiago	380
José Carneiro Filho.....	382
Meu Pai.....	383
Delphim Pinho Filho.....	384
Isaura Rennó Pinho, Minha Mãe.....	388
Tancredo Neves	391
Elegia a Tancredo Neves.....	394
Governador Hélio Garcia.....	396
Esse Homem	397
Recado Final.....	400
Canção Nº 2 - Luís de Camões.....	403
Dilza Pinho Nilo - Biografia.....	404
Ilustrações Constantes da Primeira Edição	407
Colaboradores da Edição Comemorativa do Centenário.....	415

Dilza Pinho Nilo era mineira de Itanhandu, primogênita entre os cinco filhos do casal Delphim Pinho Filho e Isaura Rennó Pinho.

Estudou no Grupo Escolar Felipe dos Santos e no Ginásio Sul-Mineiro, onde cursou o ginásial, e o curso normal na Escola Fernando Costa.

Era casada com Dr. Rubens Sousa Nilo, com quem teve cinco filhos: Nancy, Suely, Luciano, Luiz Paulo e Cláudio Rubens.

Obras Publicadas:

- LONGA MARGARIDA – Crônicas de ontem e hoje. Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1965.
- O VENTO VIROU A ESQUINA – Crônicas. Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1972.
- JEITO DE AMAR – Crônicas. Editora Artenova, Rio de Janeiro, 1976.
- CONVIVÊNCIAS – Poemas. Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.
- ANJO-HOMEM – Poemas. Shogun Arte, Rio de Janeiro, 1984.
- PÁSSARO DE PEDRA – 1ª edição, MG, Gama Artes Gráficas, Belo Horizonte, 1986.
- PIPAS E PORÕES – Crônicas. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1988.
- POUSO EM TRÊS TEMPOS – Poemas. Edições Cuatiara, Belo Horizonte, 1991.



**O TEMPO É UM PEDAÇO DA VIDA.
COM ELE FOMOS BRINDADOS E O
DEVEMOS FAZER RENDER EM
OBRAS, EM ATOS E PALAVRAS.**

Dilza Pinho Nilo



ISBN: 978-65-00-79198-3

